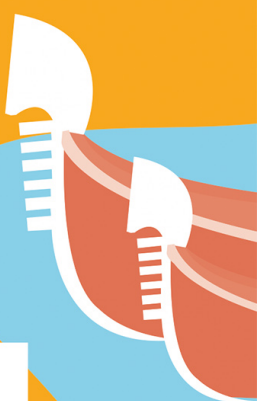




ALEXANDRA POTTER



TU ÉS O TAL QUE EU *não* QUERO

*A maioria das mulheres sonha em encontrar o homem perfeito.
Lucy só se quer livrar dele...*



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ALEXANDRA POTTER

TU ÉS O TAL QUE EU *não* QUERO

*A maioria das mulheres sonha em encontrar o homem perfeito.
Lucy só se quer livrar dele.*



Índice

Ficha Técnica
Dedicatória
Agradecimentos
Prólogo
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezassex
Capítulo Dezassex
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezanove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Epílogo
Publicidade

Confissões de Uma Quarentona na M*rda
Biografia

Ficha Técnica



CHÁDISCINO

livros com senso sentido

Título: *Tu És o Tal que Eu Não Quero*

Autoria: *Alexandra Potter*

Editor: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2023 Edições Chá das Cinco, Lda.

Título original You're The One That I Don't Want © Alexandra Potter, 2010. International Rights Management: Susanna Lea Associates. Tradução da edição publicada no Reino Unido por Hodder & Stoughton, uma empresa do grupo Hachette Livre UK

Tradução: *Joana Chaves*

Revisão: *Idalina Morgado*

Design da capa: *Maria do Mar Rodrigues*

Data de Edição E-Book: *setembro, 2023*

Fotografia da autora: *Rhian Ap Gruffydd*

isbn: 978-989-710-614-9

Chá das Cinco é uma chancela do Grupo Saída de Emergência

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

Tel e Fax: 214 583 770

Acompanhe as nossas novidades em

www.sde.pt

[facebook](#)

[instagram](#)

e [twitter](#)

Dedicatória

Para o meu querido *Barney*

Agradecimentos

Um agradecimento à minha maravilhosa agente, Stephanie Cabot. Um grande obrigado a Sara Kinsella e Isobel Akenhead e a todos na Hodder, pelo seu apoio e entusiasmo. Um obrigado, como sempre, à minha mãe e pai e à minha irmã, Kelly, que foram absolutamente extraordinários. Eu não poderia de todo dedicar-me a esta atividade da escrita, sem vocês!

Obrigada também ao meu fantástico grupo de amigos, de ambos os lados do Atlântico: por me encorajarem nos bastidores, fazendo-me sorrir, dando-me inspiração e nunca me mandando calar, quando começo a falar de enredos, personagens e prazos...

E, por último, uma menção especial ao *Barney*, que se senta ao meu lado enquanto escrevo. Nunca existiu melhor musa. Que venha de lá o próximo, amigo!

Veneza, Itália, 1999

O calor do verão cria uma névoa tremeluzente, por entre a qual Veneza surge como um Canaletto ganhando vida. A cúpula da catedral de São Marcos ergue-se acima dos edifícios em tons pastel, com a sua pintura descascada e elegância envelhecida. *Vaporetti* zumbem. Turistas aglomeram-se. Na multidão, crianças correm pela praça, dispersando os pombos; homens de fatos elegantes e óculos escuros de marca sentam-se a fumar um cigarro; um guia com o seu guarda-chuva fala de História a um grupo de turistas alemães.

E dois jovens. Eles traçam um caminho indolente pela calçada, o braço dela em volta das ancas de ganga dele, o braço deste pendendo solto sobre o sardento ombro despido daquela. Ela come um gelado e ri-se de alguma piada que ele diz, enquanto sopra no seu cigarro, agitando os braços em volta e fazendo caretas.

Sou eu e o Nathaniel. Acabámos de sair da cama há uma hora e passamos o domingo em Veneza, como sempre passamos os nossos domingos em Veneza: bebendo um *espresso*, comendo gelado e perdendo-nos pelo emaranhado de vielas que cruzam o labirinto de canais. Estive aqui todo o verão e ainda me perco. Deixando a praça, viramos uma esquina, depois outra e mais outra, e deparamo-nos com um mercado que vende coloridas peças de vidro de Murano e máscaras venezianas.

— Olha, que tal esta?

Volto-me para ver o Nathaniel a segurar uma máscara sobre o rosto. Tem umas imensas plumas rosa e está coberta de lantejoulas douradas. Ele faz uma vénia absurdamente exagerada.

— Fica-te bem — gracejo.

— Estás a fazer pouco de mim? — Ele tira a máscara da cara e franze o sobrolho.

— De ti? Nunca! — Rio-me de indignação fingida enquanto ele me faz cócegas no nariz com uma pluma.

— Pensei em comprá-la para a minha mãe. — Ele volta a pô-la no lugar e pega noutra. Desta vez, é uma máscara grotesca com um longo nariz em gancho e olhos redondos. — Então e esta?

— Não, a primeira. Definitivamente. — Estremeço.

— *Sure?*

— *Sure.* — Tento imitar o seu sotaque americano, mas o meu arranhar de Manchester faz-me soar ridícula e ele ri-se da minha fraca tentativa.

— O que faria eu sem ti? — Ele sorri. — Embora ache que precisamos de trabalhar nessa tua pronúncia americana.

— É melhor do que a tua pronúncia britânica! — protesto eu.

— *Awright, luv, let's 'ave a butcher's* — responde ele numa mixórdia de Cockney e

Lancashire, e eu desato a rir-me enquanto ele me silencia com um beijo. — Mau? — Ele finge-se magoado.

— Terrível — digo eu com simulada seriedade enquanto ele se vira para pagar a máscara.

De pé, numa mancha de sol, sorrio feliz para mim mesma. Por um instante, observo-o, a fumar o seu cigarro, tentando regatear com o vendedor. Depois, desviando o olhar, deixo que vagueie distraidamente pelo mercado. Não tenciono comprar nada — já tenho todas as minhas lembranças —, mas não há mal nenhum em ver...

O meu olhar recai sobre uma banca. Aninhada num recanto sombrio, não é bem uma banca, mais uma mesa de abrir, mas é o velho homem por detrás que atrai a minha atenção. Usando um chapéu de feltro coçado e uns grossos óculos de aros negros equilibrados na ponta do nariz, ele perscruta algo sob um pequeno foco de luz. Curiosa, escapo-me de Nathaniel e vagueio até lá para ver o que ele está a fazer.

— *Buon pomeriggio bello come sei oggi?*? — Ele levanta o olhar.

Sorrio timidamente. Sou uma nulidade em línguas. Mesmo depois de três meses em Veneza a estudar Arte Renascentista, o meu italiano ainda só se estende a «por favor», «obrigada» e «Leonardo da Vinci».

— *Inglese?*

— Sim. — Aceno com a cabeça, os meus olhos encontrando os seus.

Brilham com malícia. — O que faz uma rapariga assim bonita aqui sozinha? — Ele sorri, revelando dentes manchados por um vício de quarenta anos. Estende a mão para o cigarro, aceso num cinzeiro ao lado, e dá uma passa satisfeita.

— Oh, não estou sozinha. — Abano a cabeça e aceno a Nate, que espera pelo embrulho da sua máscara. Colocando-a debaixo do braço, aproxima-se com vagar e desliza despreocupadamente o braço sobre os meus ombros.

— Ah, ser jovem e estar apaixonado! — O velho homem abana a cabeça em aprovação enquanto eu e Nate nos entreolhamos, os nossos rostos abrindo-se num sorriso embaraçado. — Tenho a coisa perfeita para vocês.

Voltamo-nos e vemo-lo a estender-nos o que parece ser uma moeda antiga.

Olho para o homem, ligeiramente confusa. — Hum... obrigada. — Sorrio, perguntando-me o que ele estará a querer fazer e então, subitamente, encaixo. Oh, céus, ele está a tentar dar-nos dinheiro. Parecemos assim tão miseráveis? Pronto, somos estudantes e o Nate parece um pouco desleixado com os seus *jeans* rasgados e o meu vestido já viu melhores dias, mas ainda assim. — Na verdade, estamos bem — começo a explicar apressadamente e estou a ponto de puxar pelo braço do Nate para longe dali quando o velho coloca a moeda numa pequena máquina e a parte ao meio.

Observo, enquanto ele abre um furo em cada metade, pelo qual faz passar um pedaço de couro. Depois, segura-as triunfantemente, balançando-as como pendentes. — Para vocês. — Sorri. — Porque são como essa moeda — explica. — Duas metades de um todo.

Fito as bordas irregulares das metades de moeda, como duas peças de um *puzzle*.

Sozinhas, são apenas meia moeda partida, mas, juntas, formam um todo perfeito.

— Oh, que romântico — murmuro eu, voltando-me para Nathaniel, que me observa com uma expressão divertida. Sinto um rasgo de embaraço. — O que foi? Não achas que é? — Guincho, espetando-lhe as costelas.

— É claro que é. — Ele ri-se. — De qualquer modo, não estou sempre a chamar-te «a minha outra metade»?

— Só três mil libras — diz o velho.

Volto-me, vendo a sua mão estendida, expectante.

— Até mesmo o romance tem um preço — graceja Nathaniel, puxando da carteira.

Eu ali a pensar que o homem estava só a ser romântico quando durante todo esse tempo apenas nos queria vender algo, dou-me conta, sentindo-me tola. A sério, como sou idiota. Contudo, antes que pudesse protestar, o Nathaniel passa-lhe uma nota e enfia um dos pendants pela cabeça.

— Vês, agora nunca nos podemos separar — brinca ele, colocando a outra metade em volta do meu pescoço. — Onde quer que vás, eu vou também.

Apesar da sua tentativa de humor, sinto-me instantaneamente esmorecer. Daqui a poucas semanas, iremos deixar Itália e voltar para as nossas universidades, o que me aterroriza. Desde que nos conhecemos que conto os dias até termos de nos separar.

— Então? — Ao ver a minha expressão, Nate abraça-me. — Nós conseguimos contornar a cena da longa distância — tranquiliza-me, adivinhando de imediato o que me vai na cabeça. — Escrevemos. Eu posso ligar...

Penso nos meus alojamentos de estudante em Manchester. Nem sequer tenho rede fixa, quanto mais móvel, e as cartas podem parecer românticas nos livros, mas na vida real não vão substituir o aninhar do meu rosto junto ao seu pescoço, partilhar uma imensa taça de *gelato* de pistácio com ele numa tarde de domingo ou rir-me da sua terrível pronúncia inglesa.

— Acho que sim. — Aceno com a cabeça, tentando parecer forte. Não quero estragar o presente remoendo no futuro, mas é como se uma grande nuvem negra pairasse ali no ar, à espera de se abater.

— Se quiserem estar juntos, podem estar sempre juntos.

Volto-me, vendo o velho italiano a observar-nos pensativo.

— Receio que não seja assim tão simples... — enceto, mas ele interrompe.

— Não, é muito simples — diz firmemente. — Querem estar juntos?

Nathaniel empina a cabeça para o lado, como que a ponderar. — Hum... o que é que achas? — indaga em tom provocador e eu dou-lhe um soco de brincadeira. — Bem, parece-me que é um sim. Queremos. — Ele sorri, voltando-se para o vendedor.

— Bem, então... — O velho encolhe os ombros e dá uma passa no seu cigarro.

— Nós temos de voltar para casa — explico.

— Onde é casa?

Nathaniel abraça-me com mais força. — A Lucy vive em Inglaterra...

— E o Nate é da América — termino eu.

— Mas estão em Veneza — contrapõe ele, aparentemente inabalável. — Aqui, não precisam de dizer adeus. Podem estar juntos para sempre.

Afinal, é um velho gentil, decido eu. E um tanto romântico à moda antiga.

— Quem dera! — Forço o riso e aperto a mão do Nate. — Mas é impossível.

Inesperadamente, o italiano solta uma gargalhada retumbante. — Não! Não! Não é *impossível* — brada ele, batendo na mesa com a palma da sua mão. — Não conhecem a lenda da Ponte dos Suspiros?

Nathaniel franze o olhar. — Está a falar da ponte de Veneza?

— Sim. É isso! Exatamente essa! — exclama com excitação.

— Porquê? Que lenda é essa? — pergunto eu, subitamente intrigada.

Qual mágico à espera de um rufar de tambores, antes de revelar o coelho, o velho faz uma pausa para criar um efeito dramático. Só quando ficamos os dois calados e imóveis, ele começa a falar.

— A lenda é muito famosa — diz ele num tom grave. A sua voz denota aquele tipo de respeito assombrado e sussurrado, reservado às igrejas e museus, e quase tenho de reprimir uma risada. — Diz que quem se beijar debaixo da ponte ao pôr do sol, numa gôndola, quando tocam os sinos da igreja...

— Bem, não nos facilitam a coisa — murmura-me Nathaniel jocosamente ao ouvido, mas afasto-o.

— Sim? — insisto, voltando-me para o velho homem. — O que acontece?

Demorando-se no seu cigarro, exala uma nuvem de fumaça. Esta desliza-lhe para diante do rosto, como uma cortina de fumo. Quando se dissipa, os seus olhos escuros encontram os meus e, não obstante o calor sufocante, um calafrio percorre-me de repente a espinha e sinto a pele dos braços a arrepiar. Ele inclina-se para mais perto, a sua voz quase um sussurro. — Viverá um amor eterno. Ficarão juntos para sempre e nada — os seus olhos deslizam para Nathaniel, depois de volta para mim —, *nada* jamais os separará.

— Nada? — repito, a minha voz mal se ouvindo.

— *Niente*. — Ele assente com a cabeça, o rosto pleno de convicção. — Ficarão unidos para sempre, por toda a eternidade.

Rio-me nervosamente, pressionando o pendente contra o calor do meu peito.

— Então, gosta? — Ele aponta para o colar.

— Oh... hum... sim. — Aceno com a cabeça, recompondo-me.

Ele sorri e estende-nos o troco, e quando lhe pego, os seus dedos de lixa roçam os meus.

— *Grazie* — murmuro, conseguindo pronunciar uma das poucas palavras que conheço em italiano.

— *Prego*. — Ele sorri graciosamente, inclinando o chapéu.

Então, Nathaniel lança o seu braço em volta de mim, viramos costas e começamos a afastar-nos por entre o mercado, mas apenas tínhamos dado alguns passos quando ouço o

velho italiano a chamar-nos: — Lembrem-se, *niente* — e olho para trás. O curioso é que ele já lá não está. Desapareceu, engolido pela multidão. Como se se tivesse simplesmente dissipado no ar.

¹ No original, em italiano, referindo-se a pequenos barcos a vapor. (N. de T.)

² No original, em italiano: *Boa-tarde, bela, como está hoje?* (N. de T.)

³ *Grazie e Prego* (abaixo), em italiano no original, correspondendo a *Obrigada* e *De nada*, respetivamente. (N. de T.)

Capítulo Um

*Todos procuram a sua alma gémea.
Faça o nosso Teste do Amor e descubra:
Ele é o Tal?*

Céus, estas coisas são tão estúpidas.

Analiso o questionário da revista. Há uma foto de um casal que se olha nos olhos, todos melosos, decorada com cupidos desenhados e corações. Ora, *por favor*. Como se pudéssemos saber se ele é «o Tal», respondendo a umas tantas perguntas tolas de escolha múltipla.

Como, por exemplo:

Eu e o meu namorado somos como...

- a) o Batman e o Robin
- b) a Posh e o Beckham
- c) queijo e *pickles*

A sério, que ridículo!

Sou acotovelada por alguém a tentar espremer-se no espaço minúsculo ao meu lado. Olhando para cima, apercebo-me de que parámos numa estação. Lanço o olhar pela carruagem apinhada. É sexta-feira à tarde, hora de ponta, e sento-me esborrachada no Metro, a folhear as páginas de uma revista que encontrei no meu lugar. As portas fecham e quando o comboio arranca com um soluço, volto à revista. E àquele questionário idiota.

Com indiferença, viro a página. Um artigo sobre a celulite. Franzo o sobrolho.

Pensando melhor, talvez um questionário parvo não seja assim *tão* mau. Afinal, será certamente mais divertido do que ler sobre como livrar-se de umas coxas com pele casca de laranja, reflito eu, espreitando a secção dedicada ao *detoxing*. Embora, para ser franca, acho que ninguém *se consegue* livrar de umas coxas com pele casca de laranja. Toda a gente tem celulite. Até as supermodelos!

Bem, pelo menos é o que gosto de dizer a mim mesma.

Observo de perto a granulada foto de *paparazzi* do rabo coberto com biquíni de Kate Moss, o qual foi ampliado um milhão de vezes. Para dizer a verdade, não vejo nenhuma ondulação de pele. Nem grande rabo. Com efeito, ao olhar para esta foto, não sei se a Kate Moss *terá* sequer rabo.

Subitamente, dou-me conta do que estou a fazer. Estou sentada. Em público. No metropolitano de Nova Iorque. Com o nariz encostado à foto da bochecha esquerda de um rabo. Ou será a direita? Recomponho-me. Por amor de Deus, Lucy. E achavas que o questionário era ridículo?

Apressadamente, volto a ele. Reparo que não foi preenchido. Oh, que se lixe! Ainda tenho mais cinco estações.

Procurando na minha mala, tiro para fora uma esferográfica.

Pronto, vamos lá...

1. Quando pensa nele, sente borboletas?

a) Sim, sempre

b) Às vezes

c) Nunca

Bem, não lhe chamaria propriamente borboletas. Na verdade, já passou tanto tempo que as borboletas provavelmente se desenvolveram e voaram para longe. Agora é mais uma dor. Não como aquela horrível dor de dentes com que fiquei quando arranquei a massa no cinema com uma mistura de caramelos... Estremeço com a memória. Não, esta é mais como uma pontada. Aquela pontada ocasional.

Opto por b) Às vezes.

2. Há quanto tempo gosta dele?

a) Há menos de seis meses

b) Há um ano

c) Há mais de um ano

A minha mente volta atrás. Conhecemo-nos no verão de 1999. Eu tinha 19 anos. O que dá... Enquanto o meu cérebro faz os cálculos, sinto um baque de constatação. Rapidamente seguido de um gancho de esquerda de autodefesa.

Okay, são dez anos. E depois? Dez anos não é nada. A minha mãe já conhece o meu pai há quarenta anos.

Pois, mas a tua mãe é casada com ele, interpõe uma vozinha dentro de mim.

Ignorando-a, rodeio apressadamente a opção c). Pronto. Próxima questão.

3. Consegue ver-se a casar com essa pessoa?

a) 100%

b) 50%

c) Zero

Bem, esta é fácil. Zero.

Com efeito, diria que as probabilidades de casar com ele são abaixo de zero. Mas tudo tranquilo. Não há qualquer problema. É simplesmente como as coisas são, e pronto.

Está bem, no passado, *sou capaz* de ter pensado nisso. E talvez por um momento eu

me tenha imaginado num vestido branco (aliás, mais um vestido de chita com renda antiga, de mangas compridas e decote em coração) e ele de chapéu alto e fraque, com o seu desalinhado cabelo louro e os velhos e coçados *Converse* a espreitar por baixo. A dançar a nossa primeira dança sob as estrelas, ao som de *No Woman, No Cry*, a nossa música favorita de Bob Marley. A partir em lua de mel na sua velha caravana VW...

Voltando à realidade, reparo que estive distraidamente a rabiscar um coração em volta do a) 100%. Merda! Porque fiz tal coisa? Perturbada, agarro na caneta e começo a riscar furiosamente por cima. Não que isso queira dizer alguma coisa. Não é nada que esteja no meu subconsciente.

Subitamente, reparo que fiz tanta força que rasguei a página.

4. Os seus amigos pensam que está obcecada por essa pessoa?

O meu corpo retesa-se na defensiva.

Penso nele de vez em quando, mas não diria que sou *obcecada*. De todo. Enfim, não o ando a perseguir ou coisa assim. Ou a inundá-lo de mensagens no Facebook. Ou a pesquisá-lo incessantemente no Google.

Está bem, confesso. Pesquisei-o uma vez no Google.

Talvez duas vezes.

Pronto, está bem, perdi-lhe a conta ao longo dos anos. Mas e depois? Quem nunca chegou a casa e pesquisou no Google sobre alguém que amam?

Esperem — acabei de dizer a *palavra começada por A*?

Do nada, o meu estômago volta-se ao contrário como uma panqueca. Reponho-o de imediato no lugar. Não queria de maneira nenhuma dizer isso! É este estúpido questionário — faz-me pensar todo o tipo de coisas.

Circulo b) Não.

Enquanto o comboio número seis prossegue o seu caminho para fora do centro, eu continuo a percorrer as questões. Estas tornam-se progressivamente mais absurdas, mas ajuda a passar o tempo. De facto, já estou na última questão...

10. Que filme descreve melhor a vossa relação?

a) *Love Story*

b) *Breve Encontro*

c) *Pesadelo em Elm Street*

... quando ganho subitamente consciência da informação lá no alto — «Forty-Second Street, Grand Central» — e apercebo-me de que estou na minha estação.

Enfiando a revista na mala, começo educadamente a tentar abrir caminho pela carruagem apinhada. É claro que ninguém me presta atenção. Desde que me mudei de

Londres para Nova Iorque há poucas semanas, comecei a notar que todos os meus «*Oh, peço desculpa*», «*Dá-me licença?*» e «*Como disse?*» caíam no vazio.

Não é que os nova-iorquinos sejam indelicados. Pelo contrário, descubro que são das pessoas mais amigáveis e calorosas que já conheci. Simplesmente, a nossa maneira terrivelmente britânica de pedir desculpa por tudo tem zero efeito. Eles não compreendem porque pedimos desculpa. Para ser sincera, metade das vezes, *eu* não compreendo porque peço desculpa. É simplesmente uma coisa que fazemos. Um hábito. Como entrar no Facebook a cada cinco minutos.

Por exemplo, ontem, eu estava a atravessar a rua quando um homem colidiu comigo, entornando o café por cima de mim. E imaginem — fui *eu* quem pedi desculpa! Sim, eu! Um mil vezes! Quando foi totalmente culpa dele. Ele estava a falar no seu *mobile*, sem olhar para onde ia.

Desculpem, no seu telemóvel — sim, porque agora estou em Nova Iorque.

Ao pensar nisso, sinto um formigueiro pela espinha acima. Não consigo evitar. Sempre que me apanho a olhar para os arranha-céus que se erguem acima da minha cabeça, ou a descer a Broadway a caminho do trabalho, ou a chamar um desses inconfundíveis táxis amarelos (o que fiz uma única vez, porque estou tesa, mas mesmo assim), parece que me encontro dentro de um filme. Estou aqui há seis semanas e ainda não acredito que é real. Quase espero ver a Carrie, a Miranda, a Charlotte e a Samantha a valsarem de braço dado, na minha direção.

Ao sair da estação de Metro, paro junto à passadeira para estudar o pequeno mapa desdobrável de Manhattan, que guardo na minha mala. Algumas pessoas têm uma espécie de GPS integrado, um pouco como os gatos. Podemos largá-las em qualquer lugar que conseguem encontrar sempre o caminho para casa. Eu não. Perco-me na Tesco. Certa vez, passei mais de meia hora a vaguear pelo bar de saladas à procura da caixa de saída. A sério. Desde aí, nunca mais fui capaz de encarar salada de couve.

Viro o mapa ao contrário, depois de novo. Estou baralhada. Combinei tomar uma bebida depois do trabalho, mas não faço a menor ideia de onde fica o bar. Semicerro os olhos sobre a grelha de ruas. Tudo parece bastante simples *em teoria*, mas na realidade estou constantemente a perder-me. Como se já não fosse difícil o suficiente, aqui em Nova Iorque, pode haver uma Street Qualquer Coisa Este e uma Street Qualquer Coisa Oeste. O que é uma completa confusão. Quero dizer, como se vai saber qual é qual?

Olhando para um lado e outro da rua em frustração, desisto e faço a minha rima. Estou continuamente a ficar espedrada no meio da rua e a fazer uma rima. Como aquela: — Nunca Atua a Tremida Pua.

— Desculpe?

Volto-me, vendo outro peão ao meu lado, à espera para atravessar. Olha-me intrigado, a testa franzida debaixo do boné de basebol.

Oh, meu Deus, eu disse-o em voz alta?

— Hum... — balbucio embaraçada. — Nunca... hum... atravessar a temida rua —

consigo articular precipitadamente, apontando o boneco vermelho — até o boneco dizer que é seguro.

Ele fita-me, inexpressivo. — Claro — responde, duvidoso.

Tem um daqueles sotaques nova-iorquinos de vogais bem prolongadas e reparo que carrega consigo o que parece ser uma grande câmara de vídeo e um microfone peludo. Caramba, o que será que anda a fazer? Provavelmente, está a fazer um filme ou uma cena bem fixe.

Ao contrário de mim, que recito rimas ridículas e papagueio sobre o Código da Luz Verde, apercebo-me, com as faces a ruborescer. Sentindo-me completamente *não*-fixe, desvio o olhar e rezo para que o sinal mude. — Pronto, *agora* podemos atravessar — anuncio eu com um palpitar de alívio e, lançando-lhe um sorriso constrangido, afasto-me propositadamente a passos largos por entre a multidão.

Como podem perceber, isto é o que acontece com Nova Iorque. A cidade tem uma energia extraordinária que atrai todas essas pessoas interessantes. Viramos uma esquina e podemos deparar-nos com um *set* de filmagens, ou uma banca a vender algum tipo extravagante de bijuteria, ou um grupo de artistas de rua a fazer incríveis coreografias de *hip-hop*. Nunca sabemos o que vai acontecer.

Por vezes, noite dentro, quando olho para o Empire State Building iluminado de múltiplas cores, sinto um vibrar de excitação. De antecipação. *Magia*. Quase tenho de me beliscar. Para uma rapariga vinda das profundezas de Manchester, é uma cena de conto de fadas.

Só que neste conto de fadas em particular falta uma coisa.

Caminhando por uma série de restaurantes, passo os olhos pelos casais, cúmplices em torno de uma refeição romântica. Tratando-se de uma quente tarde de verão, os restaurantes abriram as portas de par em par, transbordando as suas mesas para a rua. Sinto um aperto.

Que afasto rapidamente.

Algum tempo atrás, houve uma espécie de príncipe, mas não acabámos a viver felizes para sempre. No entanto, como referi antes, estou bem com isso. Foi há muito tempo. Segui em frente. Na verdade, desde aí, já andei com carradas de tipos diferentes.

Bem, talvez não *carradas*, mas uns tantos. E alguns deles foram bastante agradáveis. Como, por exemplo, o meu último namorado, o Sean. Conhecemo-nos numa festa e namorámos uns meses, mas nunca foi nada de muito sério. Enfim, ele era bem divertido e o sexo não era mau. Simplesmente...

Bem, tenho esta teoria. Todos sonham em encontrar a sua alma gémea. É uma busca universal. Por todo o mundo, milhões de pessoas procuram o verdadeiro amor, o seu *amore*, a sua *âme soeur*, aquela pessoa especial com quem passarão o resto da sua vida.

E eu não sou diferente.

Só que não acontece a todos. Alguns passam toda a vida à procura e nunca encontram

essa pessoa. É uma questão de sorte.

Se, por algum milagre, tiverem a sorte de encontrar a Tal, façam o que fizerem, não deixem fugir essa pessoa. Porque não terão outra oportunidade. As almas gémeas não são como os autocarros; não haverá outra a passar dentro de poucos minutos. Por isso se diz «a Tal».

Enfim, se houvesse carradas delas, dir-se-ia «as Cinco» ou «as Cem» ou «as Infinitas».

Por isso, talvez para mim a oportunidade tenha passado. Porque, vocês estão a ver, eu *tive* essa sorte. Eu encontrei o Tal, mas depois perdi-o. Eu estraguei tudo, ou ele estragou tudo. No fim de contas, isso não interessa verdadeiramente. Os detalhes não são importantes.

Além de que não é que eu seja *infeliz*. Como é aquela frase? É melhor ter amado e perdido, do que nunca ter amado. Para dizer a verdade, já raramente penso nisso.

E contudo...

Por vezes, quando menos espero, algo me faz recordar. Dele. De nós. De há muito tempo. Pode ser tão aleatório como um questionário numa revista ou tão inconsequente como uma mesa de restaurante na rua. E, por vezes, não consigo evitar perguntar-me como seria a minha vida se as coisas tivessem resultado. E se ainda estivéssemos juntos? E se tivéssemos vivido felizes para sempre? E se, e se, *e se...*?

Por vezes, tento mesmo imaginar como seria vê-lo de novo. O que é de loucos. Passou tanto tempo, que duvido sequer que o reconhecesse. Provavelmente, poderia passar por ele na rua sem saber quem era.

Oh, quem estou a querer enganar? Reconhecê-lo-ia num instante. Mesmo numa multidão.

E querem saber mais? Lá no fundo, sei que se o voltasse a ver, sentiria exatamente o mesmo.

Seja como for, é muito pouco provável, não é?, penso, contendo-me. Passaram dez anos desde a última vez que o vi. Uma década inteira. Um novo milénio. Quem sabe onde ele está ou o que faz...?

Adiante, um letreiro néon interrompe-me os pensamentos. *Scott's*. É isso! É o bar! Sentindo um palpar de alívio, apresso o passo nessa direção.

Como eu disse, só temos uma oportunidade e eu tive a minha.

E afastando o pensamento da minha mente, empurro a porta para a abrir.

O interior está tenuemente iluminado, preenchido por uma clientela pós-laboral. Detenho-me à entrada. É um daqueles bares muito fixos de Nova Iorque, que vimos em filmes e na televisão. Várias mesas comprimem-se lá dentro e, estendendo-se a todo o comprimento, há um balcão de madeira escura polida, com reluzentes adereços em latão e centenas de diferentes garrafas de bebidas alcoólicas empilhadas por filas.

Sentada muito direita ao balcão, está uma rapariga de fato às riscas. Ela fala animadamente para o seu *BlackBerry*. Com o seu cabelo louro de corte curto e elegante e a imponente pasta de couro preto pousada num banco de bar ao seu lado, ela projeta uma figura verdadeiramente intimidante no meio da descontraída clientela de início da noite. Pensem no Michael Douglas como Gordon Gekko no *Wall Street* e, depois, imaginem uma versão feminina e ainda mais imponente.

É a minha irmã mais velha, Kate. Tem mais cinco anos do que eu, mas podiam ser vinte, pela forma como manda em mim como se eu fosse uma criança. Mas ela está habituada a mandar em pessoas. Tem não um, mas *dois* assistentes a trabalhar para si.

É quase sócia de uma importante firma de advogados, aqui em Manhattan, especializada em fusões e aquisições. Pessoalmente, não faço a mínima ideia do que *são* fusões e aquisições, muito menos tenho a capacidade de compilar relatórios de cem páginas sobre isso e ganhar casos de milhões de dólares.

Mas a minha irmã sempre foi o cérebro da família. Ela passou sete anos a estudar para ser médica e, depois, assim que se diplomou, mudou de ideias e tirou advocacia. Como se não fosse nada de mais.

Juro que passo maiores agonias a decidir que sandes comer ao almoço.

A Kate ficou com toda a inteligência e eu com toda a criatividade. Pelo menos é o que a minha mãe gosta de me dizer, embora por vezes me pergunte se não terá apenas sido para me fazer sentir melhor, depois de fracassar em mais um teste de matemática. Enquanto os logaritmos me desconcertavam (e ainda me desconcertam — alguém me pode dizer exatamente *o que* é um logaritmo?), desenhar e pintar eram uma coisa natural, pelo que acabei na Faculdade de Belas-Artes.

Três gloriosos anos salpicados a tinta mais tarde, licenciiei-me e mudei-me para Londres. Tinha todos aqueles grandes sonhos. Eu ia ter uma espantosa carreira como artista. Ia fazer exposições em galerias por todo o país. Ia ter o meu próprio estúdio num *loft* superfixe em Shoreditch...

Bem, na realidade, não, não ia.

Para começar, fazem ideia de como são proibitivos os *lofts* em Shoreditch?

Não, eu também não fazia. Pois, deixem que vos diga. Custam uma verdadeira *fortuna*.

Não teria sido tão mau se eu vendesse os meus trabalhos artísticos. Enfim, pelo menos aí teria juntado umas poupanças. Durante uns oitenta anos, mas, ainda assim, seria

possível.

Mas a verdade é que nunca vendi nenhum dos meus quadros. Pronto, está bem, vendi um, mas foi ao meu pai por 50 libras e só porque ele insistiu em fazer-me a minha primeira encomenda.

Que se revelou ser, também, a última. Passados seis meses a afundar-me cada vez mais em dívidas, tive de pôr de lado a pintura e procurar um emprego. Consequentemente, os meus sonhos de ser artista acabaram por ser apenas isso. Sonhos.

Mas é capaz de ter sido melhor assim. Eu era jovem, ingénua e irrealista. Provavelmente, nunca teria conseguido.

Pedindo licença por entre a multidão, abro caminho até ao bar.

Depois disso, trabalhei como temporária por uns tempos, mas era bastante má. Não sei datilografar e as minhas competências de arquivo são nulas, mas finalmente tive sorte e consegui um emprego numa galeria de arte em East End. De início, era simplesmente a rececionista, mas, com os anos, subi a pulso desde atender o telefone a trabalhar com novos artistas, organizando exposições e ajudando compradores com as suas coleções. Depois, há uns meses, ofereceram-me a oportunidade de trabalhar numa galeria em Nova Iorque.

É claro que aceitei logo. Quem não aceitaria? Nova Iorque é onde reside o mundo artístico, neste momento, e em termos de carreira era uma oportunidade fantástica.

Só que, para ser totalmente sincera, essa não foi a única razão porque decidi arrumar a minha tralha, deixar o meu apartamento partilhado e voar três mil milhas para o outro lado do Atlântico. Foi em parte para esquecer o meu mais recente rompimento, em parte para fugir à perspetiva de mais um horrível verão britânico, mas sobretudo para arrancar a minha vida de um certo marasmo.

Não me interpretem mal — adoro o meu trabalho, os meus amigos, a minha vida em Londres. Só que... Bem, ultimamente tinha aquela sensação. Como se faltasse alguma coisa. Como se estivesse à espera de que a minha vida começasse. À espera de que alguma coisa acontecesse.

O único problema é que não sei exatamente o quê.

A minha irmã continua focada no seu *BlackBerry* e ainda não me viu a caminhar na sua direção. Desde que cheguei, tenho ficado com ela e o Jeff, o marido. Eles têm um apartamento de dois quartos em Upper East Side e tem sido ótimo. Tem sido também *desafiante*, digamos assim. Colocando-o da seguinte forma, nunca fiquei numa caserna militar, mas tenho a sensação de que seria semelhante. Simplesmente, sem o soalho de madeira *wenge* polido e a TV de ecrã plano.

Assim que lhe disse que vinha para cá, ela enviou-me uma lista das regras da casa. É ao ponto a que a minha irmã é organizada. Ela traça listas perfeitamente ordenadas, que vai riscando, uma a uma, com canetas de sublinhar especiais. Não que lhe chame maníaca...

Bem, não na cara dela, pelo menos.

Na realidade, somos totalmente opostas em tudo. Ela é loura; eu sou morena. Ela gosta de economizar; eu gosto de gastar. Ela é superarrumada; eu sou terrivelmente desordenada. Não que eu não tente manter as coisas arrumadas e no sítio — na verdade, estou *sempre* a arrumar, mas por alguma estranha razão isso só parece deixar tudo ainda mais desordenado.

A Kate é também uma fanática dos horários, enquanto eu nunca chego a tempo. Não sei porquê. Eu tento verdadeiramente ser pontual. Já tentei todos os truques — pôr o alarme quinze minutos mais cedo, adiantar a hora nos meus relógios, usar dois relógios de pulso —, mas acabo sempre por chegar tarde.

Como agora, por exemplo.

Como que planeado, ouço o meu telefone a soar, indicando que recebi uma mensagem. Apressadamente, tiro-o do bolso. Vou revelar-vos um segredo. Tenho um pouquinho de medo da minha irmã.

Clico no pequeno envelope no ecrã.

Mais cinco minutos e estás feita.

Ou, melhor, bastante medo.

— Estás atrasada.

Enquanto me deixo cair no banco de bar ao seu lado, ela nem levanta os olhos do *BlackBerry*. Em vez disso, continua a responder a um *e-mail*, uma prega vincada a meio da testa, como as que lhe vincam as pernas das calças.

A Kate veste sempre calças. De facto, acho que a única vez que *não* a vi a usá-las foi no dia do seu casamento, há cinco anos. E foi só porque a mãe ficou toda chateada quando soube que ela ia vestir um fato de calças («Mas é da Donna Karan», protestou a minha irmã) e disse que os vizinhos iam pensar que a filha era lésbica. O que é um pouco ridículo, considerando que ela ia casar com o Jeff.

— Eu sei, desculpa — digo apressadamente, dando-lhe um beijo na cara. — Já sabes como é... sou um desastre com direções.

— E horários — relembra ela, clicando em «enviar» com o polegar, depois voltando-se para mim.

Parece pálida, apesar de o Sol brilhar lá fora e estarem 24 graus. Mas a Kate raramente sai à rua. Durante a semana, está sempre à secretária do seu gabinete climatizado e aos fins de semana...

Bem, geralmente está também à secretária.

— Declaro-me culpada. — Aceno com a cabeça, simulando uma expressão arrependida. — Quanto vou apanhar? Dois anos? Cinco?

Ela sorri, contra a sua vontade. — Bem, não é a minha área de especialização, mas vejamos... Não há condenações anteriores? Circunstâncias atenuantes? — Ela martela os dedos sobre o balcão. — Provavelmente, safas-te com uma advertência e um compromisso

de bom comportamento.

— Só isso? — Agora, rio-me.

— Mais uma multa — acrescenta ela, erguendo a sobancelha.

— Uma multa? — Franço a testa. — De quanto?

— Hum... — Ela toca na ponta do nariz com o indicador, como sempre faz quando pensa. — Três bebidas. A dez dólares a bebida. Penso que 30 dólares devem chegar. — A minha irmã sorri-me com malícia. — Mais a gorjeta, é claro.

Ela é inegavelmente uma dura negociadora. Agora sei como vence aqueles casos de milhões de dólares.

— Espera... três bebidas?

— Tu, eu e a Robyn — explica.

— Oh, ela está aqui? — digo, surpreendida, procurando-a em volta.

— Foi à casa de banho. — Kate gesticula para o fundo do bar, onde, nesse momento, vejo uma rapariga alta de cabelo encaracolado e rebelde, vestindo um cafetã em *tie-dye*, surgir do compartimento das mulheres. O seu rosto abre-se num imenso e excitado sorriso quando me descobre.

— *Queriiiiiiida!* — guincha ela, acenando freneticamente, enquanto corre ao nosso encontro, aparentemente alheia às pessoas com que esbarra, avançando direita a mim. Tipo a versão humana de um míssil termoguiado.

Observo, divertida. Umas boas-vindas ligeiramente diferentes das da minha irmã, até então.

Lançando os braços, ela envolve-me numa névoa de óleo de patchouli e um tilintar de pulseiras de prata, empilhadas pelos seus antebraços sardentos acima, como molas de brincar.

Quem visse a Robyn a saudar-me, pensaria que somos amigas de toda uma vida, mas conhecemo-nos há apenas uma semana, quando respondi ao seu anúncio de alguém com quem partilhar o apartamento. Mudei-me para lá este fim de semana. Depois de algumas semanas de regras de casa da minha irmã — «1) Uso de escova de dentes elétrica não permitido após as 22h00». Aparentemente, isso acorda-a, porque ela gosta de se deitar às 21h30, para se conseguir levantar às 5h00 para ir ao ginásio. Pois, exatamente. *Cinco da manhã* —, eu sabia que era tempo de me mudar e arranjar o meu próprio espaço.

Bem, talvez «espaço» não seja o termo correto. «Arrumo de vassouras» seria uma descrição mais exata. Nova Iorque pode ser excitante, mas vem com uma etiqueta de preço avultada e, com o meu salário, só consigo pagar três metros quadrados num prédio de quatro andares sem elevador, em Lower East Side.

Ainda assim, o aspeto mais importante é que é todo meu. Bem, da Robyn, na verdade. Mais, adivinhem? Consigo ver o Empire State Building da minha janela!

Enfim. *Mais ou menos*. Não é exatamente da janela do *meu* quarto. A vista da janela do meu quarto é uma parede de tijolo, umas escadas de incêndio e alguns *graffiti* bastante interessantes. Mas consegue ver-se do quarto da Robyn. Se nos pendurarmos para fora da

janela e semicerramos um pouco os olhos. Está definitivamente lá. Garanto.

— Achei que não ias conseguir — arquejo, libertando-me finalmente.

— O meu último cliente cancelou — explica ela, ainda a sorrir.

Os Americanos, notei, passam muito tempo a sorrir, mas ainda não percebi se estão realmente felizes ou se é um pretexto para mostrarem os dentes. A Robyn tem uns dentes brancos e perfeitos. Como teclas de piano.

— Disse que tinha medo de agulhas. O que tornou as coisas um tanto problemáticas, sendo eu acupuncturista.

— O que é que há com os homens e umas picadinhas? — ironiza Kate.

Abafo uma gargalhada, mas Robyn é alheia ao sentido de humor da minha irmã. — Não sei — diz ela com sinceridade, o rosto tornando-se sério. — Talvez os homens tenham um limiar muito mais baixo no que se refere à dor. As mulheres suportam a agonia do parto... as dores menstruais...

— A depilação à brasileira com cera — interpõe a minha irmã.

— Para não falar da dor emocional que as mulheres sofrem — continua Robyn, ignorando-a e tagarelando, indiferente. — Nós sentimos as coisas muito mais profundamente... Como, por exemplo, no outro dia, eu estava a ver televisão e havia toda uma rubrica dedicada à alimentação emocional...

Olho de relance para a minha irmã. De sobranceiras erguidas, ela fita Robyn com um misto de horror e incredulidade. Sinto uma pontada de preocupação. A minha irmã não é o tipo de pessoa com quem se fala de emoções. Ela não se emociona verdadeiramente. A única vez que a vi ligeiramente perturbada foi quando teve 99% num exame de Química.

— O marido tinha fugido com a melhor amiga dela e ela ganhou 91 quilos a comer *cupcakes*. Conseguem acreditar? Ficou tão devastada, que usou os *cupcakes* como forma de bloquear a dor. Eram *cupcakes red velvet* ao pequeno-almoço, *cupcakes* de chocolate duplo ao almoço, *cupcakes* de manteiga e limão ao...

— Então e o que vamos beber? — pergunto, intrometendo-me e mudando de assunto, antes que todas morrêssemos de sede.

— Um *whisky sour* — diz a minha irmã, sem hesitação.

— Robyn? — Tendo captado a atenção do *barman*, volto-me para ela, expectante.

— Hum... não faço ideia. — Arqueja, inspirando ar pela primeira vez em cinco minutos. — Deixa-me pensar. O que é que me apetece...? — Inclinando a cabeça, ela enrola pensativamente um caracol escuro em volta do dedo. — Algo doce...

— Um *lemon drop*? — sugere o *barman*, sorrindo amplamente.

Ela franze o nariz. — ... mas não demasiado doce.

— Nesse caso, que tal um *mojito*?

— Uuh! — Ela solta um gritinho de excitação. — Adoro *mojitos*!

— Ótimo. — O *barman* pega numa mão cheia de menta e agarra no almofariz e pilão.

— Mas não esta noite — acrescenta ela, passado um instante, e abanando a cabeça decidida.

O *barman* pousa o pilão, cerrando o maxilar.

— Esta noite, apetece-me algo um pouco diferente — continua ela alegremente. Atrás de nós, forma-se uma fila, mas ela tagarela, completamente indiferente.

— Talvez um martíni? — O *barman* passa-lhe um *menu*. — Temos muitos tipos diferentes. Como o *ginger martini*.

— Hmm, parece delicioso... — arrulha ela.

O *barman* lampeja um olhar de alívio.

— ... mas o de romã, também — diz ela, percorrendo o *menu*. — Caramba, são tantos e parecem todos deliciosos. Oh, vejam, e este com líchias? A que é que sabe?

— Líchias — diz, impassível, a minha irmã.

Robyn levanta os olhos, sobressaltada. — Aliás, sabem que mais, acho que vou beber um copo de vinho — diz ela apressadamente, passando o *menu* ao *barman*. — Um branco qualquer. Não sou esquisita — acrescenta, evitando o olhar fixo da minha irmã.

— Eu bebo uma cerveja. — Sorrio. Nunca fui muito de *cocktails*. Deixam-me *demasiado* tocada.

— É para já. — O *barman* pega num *shaker*.

— Oh, só mais uma coisa... — Nas pontas dos pés, Robyn debruça-se subitamente sobre o balcão e estuda o *barman* sob as luzes. — Como se chama?

Fico boquiaberta. Caramba! Ouvi dizer que as mulheres americanas são confiantes no que toca a convidar homens para sair, mas isto é tão, enfim, *descarado*.

— Brad. — Ele sorri, exibindo-se com uma pequena imitação de Tom Cruise em *Cocktail*, com o *shaker*. — Porquê, também quer o meu número?

O rosto de Robyn cai em desapontamento. — Não, obrigada. — Recuando do balcão, ela suspira. — Só se o seu nome fosse Harold.

— Quem é o Harold? — pergunto, confusa.

— Eu não sei. — Ela encolhe os ombros. — Esse é o problema.

— Se procuras uma pessoa desaparecida, tenho bons contactos na Polícia de Nova Iorque — sugere Kate, prestável.

— A minha irmã é casada com um polícia — explico.

— A sério? — Os olhos de Robyn arregalam-se. — Que excitante!

— Nem por isso. — A minha irmã ri-se. — Tu não conheces o Jeff.

— Ou o Harold — lembra o *barman*, que tem estado a ouvir a conversa. Parece vagamente contrariado em ter sido preterido por um perfeito estranho, com um nome de tio idoso.

— Ainda não, mas sei que ele anda por aí — diz Robyn, perfeitamente convicta. — Disse-me uma *médium*.

— Tu consultaste uma *médium*? — Kate fita-a, incrédula.

— Há um ano — assente Robyn, de rosto sério. — Disse que eu ia encontrar a minha alma gémea e que tenho de estar atenta a um Harold. — Ela procura o grande pendente de cristal rosa em volta do pescoço e aperta-o com firmeza. — No que toca ao amor, tenho de

pôr toda a minha fé e confiança no poder do universo.

Olho de relance para a minha irmã. Ela esforça-se por conter o cinismo.

— E ela disse como era esse Harold?

Robyn faz uma pausa e olha furtivamente em volta para se certificar de que ninguém está a ouvir, como se receasse que alguém à escuta roubasse essa informação ultrassecreta e encontrasse o Harold primeiro. Satisfeita por a costa estar livre, sussurra num tom conspiratório: — Alto, moreno e atraente.

Pelo canto do olho, vejo o *barman* inchar o peito.

— Ora, aí está uma surpresa — comenta Kate com ironia, revirando os olhos.

— Aqui têm, minhas senhoras — interrompe o *barman*, colocando três bebidas no balcão à nossa frente. — São 28 dólares.

— Eu pago — digo eu, alcançando a minha mala. — É a minha vez. — Começo a vasculhar o interior pela carteira, mas está tão atulhado de coisas que não a consigo encontrar. As malas grandes podem *parecer* modernas, mas na realidade acabamos por transportar uma montanha de inutilidades.

Tiro para fora uma embalagem de *brownies* de chocolate, um *gloss* para os lábios coberto de algodão, o meu passe do Metro... Caraças! Tem de estar algures por aqui. Equilibrando a mala no meu colo, inclino-a para um dos lados para ver melhor quando esta de repente cai ao chão, lançando o seu conteúdo.

— Oh, bolas, deixa-me ajudar — exclama Robyn. Baixando-se, ela tateia em volta, ajudando a apanhar a minha tralha. — Ooh, o que é isto?

Lanço-lhe uma olhadela, vendo-a a segurar na revista que eu estava a ler no comboio. — Oh, não é nada — digo, estendendo a mão para a alcançar, mas demasiado tarde... ela já virou para a página do questionário.

Começa a ler em voz alta: — «Todos procuram a sua alma gémea. Faça o nosso Teste do Amor e descubra: Ele é o Tal?»

Ela fita-me, os seus olhos arregalados de excitação. — Uau, adoro estas coisas!

— Porque é que isso não me surpreende? — diz Kate, pagando ao *barman* por mim.

Lanço-lhe um olhar agradecido. — É só um bocado disparatado — digo eu, sentindo as faces ruborescer de embaraço.

— Mas tu preenchestes-o! — contesta Robyn, agitando-o como prova.

Oh, céus! Agora, sinto-me uma perfeita idiota.

— Estava aborrecida no Metro, sabes como é. — Tento manter um tom casual, não olhando para a minha irmã. Uma vez, quando eu era adolescente, ela apanhou-me a ler secretamente o meu horóscopo e o do Ricky, na escola, por quem tinha uma paixão desde sempre. Ela gozou comigo durante meses, depois disso.

Anos mais tarde, nada mudou.

— Dá cá isso, que eu deito fora. — Solto uma leve risada e estendo a minha mão, mas Robyn está debruçada sobre a revista, a cabeça inclinada, os olhos semicerrados de concentração.

— Então, qual foi o teu resultado? Ele era o Tal? — Ela levanta os olhos, o rosto ávido de expectativa.

— Ouve, lamento desiludir-te, mas «o Tal» é coisa que não existe — rejeita a minha irmã. — Isso é treta.

O rosto de Robyn ensombra-se, como uma criança de 6 anos a quem acabam de dizer que a Fada dos Dentes não existe. — Mas tu és casada — protesta veementemente. — Então e o teu marido?

— Então? — replica Kate, impassível. — Adoro o Jeff, não me interpretes mal, mas não diria que ele é a minha alma gémea.

— Não? — questiona Robyn num tom abafado.

— Não. — A minha irmã encolhe os ombros, displicente, e dá um gole na sua bebida. — Embora lhe chame muitas outras coisas — acrescenta, soltando um riso gutural.

Robyn parece abatida. — Então e tu, Lucy? — Ela volta-se para mim, desesperada. — O que achas? Acreditas no Tal, não acreditas?

Hesito. — Bem, hmm...

— Oh, desculpa! — Robyn bate subitamente com a sua mão na testa. — Mas que insensível que estou a ser. — Ela olha-me, o seu rosto cheio de remorsos. — A tua irmã referiu que tinhas rompido com alguém recentemente. Não pensei.

— Estás a falar do Sean? Oh, ele não foi nada de muito sério — tranquilizo-a eu, rapidamente.

— Ele não era o Tal? — diz ela conscientemente, recusando-se a encarar a minha irmã.

A minha mente faz surgir uma imagem de Sean com os seus *Crocs* roxos. Mesmo que as coisas tivessem sido perfeitas, aqueles *Crocs* estariam sempre entre nós. — Não, não era o Tal. — Rio-me, mas lá no fundo sinto aquela pontada familiar.

— Bem, não te preocupes — encoraja ela, batendo-me suavemente na mão. — Estou certa de que o vais encontrar.

Sorrio com tristeza. — Aí é que está. Eu já o encontrei.

Ouve-se um sonoro gemido da Kate. — Oh, por favor, não o Tipo da Ponte!

— O nome dele era Nathaniel — replico, lançando um olhar rápido à minha irmã.

Ela revira os olhos de impaciência. — Lucy, quando é que o vais esquecer e seguir adiante?

— Eu segui adiante — disparo, na defensiva. — Tive montes de namorados.

— Continuas presa àquele rapaz.

— Não continuo nada!

— Então, porque respondes a esse questionário estúpido?

— E depois? Isso não significa nada!

— Quase nada!

A cabeça da Robyn move-se para a frente e para trás, entre mim e a Kate, como se fosse uma partida de ténis. — Então, meninas! — grita, estendendo as mãos cingidas a

prata, para acabar com o que está em risco de se tornar uma das nossas brigas de irmãs.

Acreditem, é algo em que *ambas* somos boas.

— Alguém se importa de me pôr a par?

Trocamos olhares. Com reserva, Kate volta de novo a atenção para a sua bebida.

Resto eu.

Hesito.

— E então? — Robyn olha-me, expectante.

— Oh, não é nada — murmuro com indiferença.

— Não me pareceu de todo que fosse nada — observa Robyn, erguendo as sobrancelhas. — Vá, dá-me todos os detalhes suculentos.

Penso em resistir, mas a cerveja traça um caminho morno dentro de mim e consigo sentir as minhas defesas a enfraquecer.

— Preciso de te lembrar que espeto agulhas em pessoas como profissão? — Ela dispara-me o seu olhar mais ameaçador, que não podia ser *menos* ameaçador, mas ainda assim.

Engulo com dificuldade, a minha mente recuando. — Foi no verão de 1999. Eu tinha 19 anos e estava a estudar Arte em Veneza, Itália. — Começo a falar apressadamente, despejando as palavras. A minha vontade é despachar logo tudo. — O nome dele era Nathaniel, tinha 20 anos, um americano no programa de verão de Harvard a estudar os pintores renascentistas. Depois, eu regresssei a Inglaterra e ele à América...

— Saltaste a parte da ponte — interrompe a minha irmã.

Quebrado o meu *momentum*, lanço-lhe um olhar furioso, mas ela finge estar focada na sua bebida, como se não tivesse dito nada.

Volto-me de novo para a Robyn. — Desculpa, estou a precipitar-me. Primeiro, devo contar-te como tudo começou. — Enquanto a memória flui de volta, o meu estômago começa a agitar-se vertiginosamente e respiro fundo para firmar a minha voz. — Deixa que te conte a lenda da Ponte dos Suspiros...

— Oh, que romântico! — Robyn solta um sonoro suspiro.

Quando termino de contar a história, ganho consciência do bar. Com os cotovelos apoiados no balcão, queixo pousado nas mãos, Robyn tem uma estranha expressão sonhadora no rosto. Como se estivesse num tipo de transe.

Não é a única, apercebo-me, reparando em várias pessoas ao longo do balcão que interromperam as suas conversas e se inclinam à escuta. Ao ver a minha cativada plateia, sinto uma pontada de constrangimento e olho em volta embaraçada, apercebendo-me de um grupo de raparigas sentadas a uma mesa atrás de mim, esperando, expectantes.

— E então, beijaram-se debaixo da ponte? — pergunta uma delas, os olhos traçados a rímel bem abertos.

Posso sentir as minhas faces a arder do embaraço. Nunca fui muito de falar em público e agora, de repente, aqui estou eu, a discursar para um bar inteiro de Nova Iorque.

— E então? — incita a amiga ruiva, apertando o seu copo de martíni contra o decote, em antecipação.

A minha mente vagueia de volta àquele fim de tarde, todos esses anos atrás. — Nós não tínhamos dinheiro suficiente. Naquele tempo, estávamos completamente tesos...

Há um audível gemido de desapontamento.

— ... mas o Nathaniel subornou um gondoleiro local com um pouco de erva — concluo, sorrindo face à memória do jovem italiano na sua camisola listada, pedrado e risonho.

— E ele levou-vos?

Ouçoo uma voz masculina e volto-me para ver um homem corpulento tipo banqueiro, de camisa desabotoada e gravata afrouxada. A esperança no seu rosto é tangível.

— Parem de interromper. Deixem-na terminar a história — silencia outro alguém em voz forte.

— Então, encontrámo-nos ao pôr do sol... — continuo, uma imagem do céu tom de tangerina surgindo-me na mente. Fora um entardecer tão extraordinário. Traços multicolores tinham iluminado o céu numa explosão de cor, banhando os milenares edifícios de Veneza de um brilho flamejante. Vi muitos pores do sol antes e depois, mas jamais algum pareceu tão especial. — ... e ele levou-nos até ao canal.

Consigo ver a mão de Nathaniel a ajudar-me a entrar na gôndola, sinto o seu braço em volta do meu ombro enquanto nos aconchegamos nas desgastadas almofadas de veludo, ouço a água a bater contra as margens do canal.

— Quando os sinos começaram a soar, alcançámos a ponte...

Por um breve instante, estou lá de volta. Os ecos distantes da vida veneziana enchem o ar quente do entardecer e eu olho para Nate e ele desvia-me o cabelo da cara e rimo-nos como dois adolescentes apaixonados. Porque é isso que somos: dois adolescentes apaixonados.

— Achas que isto vai mesmo funcionar? — pergunta ele, os cantos dos olhos enrugados enquanto sorri.

Com o riso preso na garganta, fito os seus olhos azul pálido, as manchas cinza-escuro em torno da íris, as pestanas louro-claro. Quero absorver cada detalhe. Não quero esquecer nada.

— Espero que sim. — Sorrio de volta, aninhando o nariz contra o seu pescoço e inspirando o odor leve e quente da velha *t-shirt* e blusão de camurça em segunda mão. Apesar do calor da tarde, ele insistiu em usá-lo, como sempre.

— Não achas que é um esquema qualquer do velho e que vamos ser assaltados debaixo da ponte?

— Assaltados? — Rio-me, sacudindo a cabeça. — Por quem?

Ele gesticula para o gondoleiro e simula uma expressão assustada.

— És doido — digo, entre risos.

— Dizes isso agora, mas... — Ele encosta a boca ao meu ouvido e sussurra: — Nunca viste *O Padrinho*? — Ele arrasta o dedo pela garganta e emite um som estrangulado.

Desato a rir-me e atinjo-o nas costelas.

— Au! — gane ele, afundando-se contra a almofada. — Tens aí um gancho esquerdo implacável. Preciso de ter cuidado. — Ele agarra-me o pulso.

— Hã-hã — assinto, encontrando o seu olhar.

— Muito, muito cuidado. — Ele começa vagarosamente a desenrolar-me os dedos, estendendo a minha palma e traçando as linhas aí desenhadas com as pontas dos seus dedos.

Recosto-me para trás, apreciando a sensação dos seus dedos a roçar os meus, sentindo a mudança do humor, como uma brisa de verão. O seu toque é leve, macio, suave, contudo, o efeito em mim é como um milhar de *volts* a percorrer-me as veias. Agora sei o que querem dizer quando falam de eletricidade entre duas pessoas. É como se alguém me tivesse acabado de ligar à corrente. Sinto-me viva. Como se tivesse passado os primeiros dezanove anos da minha existência adormecida e só quando conheci Nathaniel, finalmente despertei.

— Ei, consegues ouvir isso?

A voz de Nate traz-me de volta. A cabeça inclinada, os seus olhos perscrutando o ar em volta, um sorriso estendendo-se lentamente no rosto.

— O que... — Começo a falar, mas ele põe um dedo sobre os meus lábios.

— Chhhiu, ouve.

O ar morno do entardecer envolve-nos com a sua maciez almofadada, os seus odores de vinho tinto, *pizza* fresca, cigarros e *aftershave*, mesclados com os sons de música, vozes, uma mulher num apartamento acima de nós a lavar a loiça...

E mais outra coisa.

À distância, consigo ouvir outra coisa. Escuto com mais atenção. Será...? Poderiam

ser...?

— *Sinos* — murmuro, sentindo uma emoção súbita. Olho de novo para Nate. Os seus olhos brilham de excitação.

— É agora. — Ele sorri e o meu estômago liberta uma profusão de borboletas. — *Está a acontecer.*

Com o suave repicar de sinos transportado pela brisa, olhamos para cima, adiante, para a ponte. Majestosamente arqueada sobre o canal, cintila sob a luz dourada, o seu mármore branco uma tela virgem para o sol poente. Manchas de escarlata misturadas com reflexos de castanho-avermelhado e amarelo-ocre criam um tremeluzente arco-íris na água. Flutuamos lentamente na sua direção, ambos preenchidos de antecipação, emoção, riso, amor...

Mais perto e mais perto...

E então o gondoleiro começa a entrar na sombra e nós deslizamos devagar por baixo da ponte. Centímetro a centímetro, a centímetro. Temos apenas segundos. Os nossos olhos encontram-se. Os nossos risos calam-se. O gracejar para. *Tudo se detém.*

Naquela fração de segundo, tudo abranda. Como num filme em câmara lenta, a imagem congela. Sou só eu e o Nate. Nós os dois. As únicas pessoas que existem no mundo inteiro.

Duas metades de um todo... Do nada, a voz do velho italiano surge na minha cabeça e sinto um arrepio percorrer-me a espinha. *Viverão um amor eterno. Ficarão juntos para sempre e nada jamais vos poderá separar.* Enquanto as suas palavras ecoam em mim, o ar torna-se subitamente mais fresco e fico com os braços em pele de galinha.

Algo mudou. Há uma energia. Uma certeza. Uma sensação poderosa a toda a minha volta, que não consigo descrever. Parece... como que...

Olho para Nate. Ele inclina-se para mim... Os sinos repicam... O céu flameja... e o ar comprime-se de tal forma no meu peito, que sinto que vou explodir com a pura euforia do momento, com ele a puxar-me para perto, com ele a dizer-me que me ama.

Magia. É o que parece.

Parece magia.

— E?

Volto a mim, vendo o *barman* inerte atrás do balcão, a agarrar os manípulos da cerveja, enquanto espera ansiosamente.

Um brilho morno envolve-me. — E beijámo-nos — respondo simplesmente.

Foi como se todo o bar tivesse estado de respiração suspensa. Em simultâneo, há uma exalação sonora de vertiginoso alívio. Há mesmo uma leve onda de aplausos e alguém, algures, solta um grito.

— O que aconteceu então? — Robyn arqueja, com excitação. Ela parece deliciada. Tal como o resto da plateia, dou-me conta, olhando em volta. Todos, ao que parece, adoram uma história de amor.

Faço uma pausa, ordenando os meus pensamentos. Sinto o momento a esvair-se

fugaz, dissipando-se de volta ao passado, engolido pelo presente. Como a própria Venezuela, a desaparecer rapidamente água adentro.

— Bem, era o fim do verão. Então, ele voltou para Harvard e eu voltei para Manchester — digo sem emoção. — Houve uma quantidade de cartas, o raro telefonema quando o podíamos pagar... Nessa altura, as chamadas transatlânticas eram muito caras e eu não tinha *Internet*. — Sorrio, com tristeza. — Namorámos à distância durante quase um ano... — Interrompo-me. Consigo perceber todos avidamente à espera do desfecho. Do eminente felizes para sempre.

O meu estômago dá um nó.

— E então? — A ruiva do copo de martíni está quase apoplética.

Subitamente, sinto um enorme peso de responsabilidade pelas esperanças de todos. Não os quero desapontar. Não os quero deixar ficar mal. E, contudo...

Sinto um aperto na garganta. Mesmo agora, passado todo este tempo, não consigo pensar sobre aquilo, sem essa sensação de esmagamento no peito. Essa sensação de não conseguir respirar. Como se nadasse debaixo de água e os meus pulmões fossem rebentar.

Lembro-me como se fosse ontem. Tinha acabado de me licenciar e estava a dormir no sofá de uma amiga em Londres, enquanto procurava um estúdio para alugar. Lembro-me de ver miosótis no parque a caminho de casa, de me perguntar se haveria miosótis na América, pensando, enquanto me baixava para apanhar um, como prensaria as suas bonitas pétalas azuis e as enviaria a Nathaniel.

A minha amiga gritou por mim enquanto eu abria a porta da entrada. De pé, no corredor, ela estendeu-me o telefone, com um sorriso luminoso e excitado no rosto. Era ele, Nathaniel, o meu namorado americano a ligar. Apressei-me para ela e arrebatei-lhe o telefone, procurando desemaranhar os fios enrolados na minha mão, ofegante de excitação por falar com ele, contar-lhe as minhas novidades, ouvir a sua voz.

Mas no instante em que o ouvi, eu soube. Naquela fração de segundo, simplesmente soube.

Voltando à realidade do bar, respiro fundo para firmar a minha voz trémula e digo o mais displicentemente que consigo: — Rompemos. Ele casou com outra.

A plateia arqueja. Robyn lança a mão sobre a boca. Uma outra rapariga parece totalmente arrasada.

— Não pode ser! — expele o *barman*, incrédulo.

A minha irmã, que tem estado silenciosa, assente, em parte por simpatia, em parte porque já ouviu essa história milhões de vezes. — Pode — diz ela, num tom inexpressivo, respondendo por mim. — Vi-o no *New York Times*. Ocuparam uma página inteira.

Há um nítido inspirar em torno do bar. Sentindo todos os olhos sobre mim, concentro-me na minha cerveja, engolindo as bolhas ambarinas e tentando bloquear as emoções, que rodopiam dentro de mim... Ele a dizer que lamentava, que aquela coisa da longa distância não estava a resultar e que tinha conhecido outra pessoa, que nunca tivera a intenção de me magoar, mas acontecera tudo tão rapidamente... Eu a largar o telefone, sentindo as

pernas a ceder, enquanto desmoronava numa pilha no corredor, sentindo que o meu coração se partira ao meio, como aquele estúpido pendente da moeda que ele me comprara...

Pronto, para já aí! Endireito-me bruscamente. Estou a deixar-me levar ao pensar em tudo isso de novo. Está tudo no passado e é no passado que vai ficar.

— Bem, isso é o que acontece quando se acredita em ingénuos contos de fadas sobre o amor eterno — digo, recompondo-me apressadamente. E, pousando o copo, forço um sorriso animado. — Certo, quem quer mais uma bebida?

O fim de semana vem e vai num turbilhão de mudança e desfazer de malas. São necessárias várias viagens para levar tudo do apartamento da minha irmã para o da Robyn — e, acreditem, teriam sido precisas muitas mais se não fosse a minha irmã e as suas listas obrigatórias. De prancheta na mão, ela organizou tudo com uma precisão militar, o que não é fácil, considerando que as minhas duas malas se tinham convertido em cerca de oito sacos do lixo cheios de tralha. Juro que parecia magia. Quanto mais emalava, mais encontrava para emalar. Correção: mais a minha irmã encontrava para emalar.

Parecia uma cena do *CSI*, a passar o apartamento a pente fino, descobrindo meias à toa debaixo de radiadores, a minha escova de dentes na cozinha (não me perguntem, também não faço ideia de como foi aí parar), um DVD de Pilates faça-você-mesmo no leitor. Comprei-o num impulso de entusiasmo. Segundo a frase publicitária na contracapa, num piscar de olhos, o inestético rolo por cima dos meus *jeans* seria aparentemente transformado no que a animada e supertonificada instrutora designava como «espartilho de aço».

Digo «aparentemente», porque, acreditem, duas semanas depois, não há nada por baixo da minha *t-shirt* que se assemelhe sequer *vagamente* a um espartilho, de aço ou de não aço. Admito que só o fiz uma vez. Duas, contando com o passar à frente nas partes chatas.

Para ser sincera, esperava secretamente esquecê-lo «por acidente» e deixá-lo em casa da minha irmã. Contudo, não estava a contar com os talentos de cão pisteiro de Kate e, antes que desse por isso, ele foi ejetado do seu esconderijo e adicionado à minha montanha de bagagem.

Felizmente, a Robyn estava disponível para me ajudar a desempacotar tudo do outro lado. A sua abordagem era ligeiramente diferente da da minha irmã. Mais na linha de:

1. Rasgar o saco do lixo.
2. Lançar tudo pelo chão fora.
3. Depois, passar horas a pegar aleatoriamente em coisas, com gritinhos de «Ooh, o que é isto?» (o meu novo banho de espuma *Butter Frosting*, da Sephora — Caramba, como *adoro* a Sephora. É a minha nova casa espiritual), «Uau, posso experimentar?» (um lenço de pescoço de lantejoulas prateadas que comprei há séculos e nunca usei, mas que insisto em levar comigo para onde quer que vá, para o caso de me dar, *alguma* vez, um desejo incontrolável por um lenço de lantejoulas prateadas) e «Oh, meu Deus, esta és mesmo tu?» (os meus velhos álbuns de fotografias, em particular uma foto minha adolescente na fase gótica, em que era só *eyeliner* líquido e cabelo pintado de preto).

A Robyn, descubro rapidamente, é o que descrevem delicadamente nos romances como «eloquente». Na vida real, significa que ela nunca para de falar. Nem por um instante, ao longo do fim de semana, ela parece tomar fôlego. Se não é comigo, com a mãe em Chicago ou os inúmeros amigos, é com os seus dois adorados cães, *Jenny* e *Simon*, que a seguem para onde quer que vá, a cabeça inclinada para o lado, os olhos suplicantes, à espera de guloseimas caídas dos seus bolsos.

São ambos cães vadios, que ela resgatou de um abrigo. *Simon* é baixo e gordo e ronca como um porco. *Jenny* é mais fininha e peluda e tem a mandíbula inferior terrivelmente saliente. Robyn adora-os como se fossem seus filhos. De facto, pela maneira como cuida deles, quase se diria que os deu à luz. Quando *Simon* não está a fazer acupunctura para a sua anca artrítica, ou *Jenny* a tomar ervas chinesas para as suas alergias, estão sentados no sofá a receber coceguinhas na barriga e a ver *chat shows* na televisão.

Munida de uma taça de pipocas e do controlo remoto, ela escuta solenemente enquanto o anfitrião e o convidado discutem a infidelidade, enxuga as lágrimas durante uma entrevista a um casal que perdeu o seu gato com cancro e dá uma palmada ao sofá quando uma atriz surge vestindo uns *skinny jeans* e anuncia que perdeu nove quilos. Em quarenta e oito horas, cobrimos sexo, amor e perda de peso. Quando chega de novo a manhã de segunda-feira, é um alívio deixar para trás os *chat shows* e ir trabalhar. Embora Robyn me garanta que o programa desta noite sobre um homem que casou com um urso pardo será «imperdível».

O meu trabalho é numa galeria de arte no SoHo chamada *Número Trinta e Oito* e, com a minha nova morada, posso agora ir a pé, o que significa mais vinte minutos na cama.

Bem, era essa a ideia.

Só que, na prática, o meu terrível cumprimento de horários é tornado pior, dormindo além do alarme e tornando esses vinte minutos extra em quarenta.

O que significa que tenho de correr feito louca com as minhas sandálias de meter o dedo (o que é uma coisa sem lógica nenhuma. A sério, já *tentaram* correr de sandálias?).

— Bom-dia. — Alisando o meu cabelo húmido do duche, empurro a porta de vidro da galeria. O coração martela-me dentro do peito, um sinal claro de que preciso de fazer aquele DVD, se não pelo meu pneuzinho, para não ter nenhum ataque cardíaco antes dos 35.

— Lucy! — retumba uma voz possante vinda do escritório, anunciando a chegada da Sra. Z, a minha patroa, também conhecida como Marsha. Pela potência das suas cordas vocais, qualquer um seria perdoado por esperar alguém com mais de um metro e oitenta de altura e noventa quilos. Ao invés, ela é uma diminuta mulher loura que não deve medir mais de metro e meio, apesar dos seus saltos altíssimos e o seu cortiço cuidadosamente montado, que se ergue mais de dez centímetros acima do couro cabeludo numa pilha dourada.

— Que bom ver-te! — Vestida de *Chanel* dos pés à cabeça, ela precipita-se pela

galeria adentro, o seu maltês miniatura a arrancar-lhe os calcanhares. Alcançando-me, agarra-me firmemente o rosto com os seus dedos revestidos de diamantes e deposita dois vigorosos beijos de batom em cada face.

É assim que ela me recebe todas as manhãs. Um tanto diferente do breve «Olá» a que me habituei da parte de Rupert, o meu antigo patrão em Londres, mas também ele foi educado em Gordonstoun e colega do Príncipe Carlos. Ele costumava andar pela galeria como se continuasse com o cabide por baixo do casaco e usava no dedo mindinho um daqueles anéis com o seu brasão de armas ancestral ou algo do género.

Sempre que alguém usando um assim ia à galeria, ele tateava o seu, como se fosse uma espécie de código secreto e eles pudessem comunicar telepaticamente através dos anéis do mindinho.

Marsha é a antítese dessa mentalidade tradicional de anel de mindinho do sistema de classes britânico. Ela não é dada a subtilezas, chamando a uma *serviette* guardanapo ou dizendo «O quê?» em vez de «Perdão» (tudo lições que aprendi com Rupert, que parecia assumir a responsabilidade de servir de Henry Higgins à minha Eliza Doolittle).

Em vez disso, tudo são extremos e exageração. Porquê chamar espada a uma espada quando se lhe pode chamar uma coisa completamente diferente? E de preferência chocante. Ela fala com pontos de exclamação e está sempre a presentear-me com uma das suas mirabolantes histórias, seja sobre uma sobremesa magnífica («A tarte de maçã estava incrível!»), os seus três ex-maridos («Ele era horrível, digo-te, *horrível!*») ou sobre a vez em que foi presa («Eu disse ao agente policial: porque não lhe posso partir as janelas? Ele partiu-me o coração. Trata-se de justiça!»).

Como queijo de sabor forte ou *Marmite*, ama-se ou detesta-se a Marsha.

Felizmente para mim, é a primeira.

— Tens fome? Tomaste o pequeno-almoço? — Sem esperar pela resposta, ela mergulha na sua imensa mala *Louis Vuitton*. Retira do interior um gigantesco saco de papel cheio do que aparenta ser todo o conteúdo de uma padaria. — Comprei *bagels*. De sésamo, sementes de papoila, cebola...

— Obrigada, mas fico bem com um café. — Sorrio, procurando a máquina do café. — Na verdade, nunca fui uma pessoa de pequenos-almoços.

Marsha fita-me como se lhe tivesse acabado de dizer que era um alienígena vindo de outro planeta. — Tu não tomas pequeno-almoço? — Os seus olhos esgazeados de espanto.

Dito isto, a Marsha tem sempre um certo olhar de espanto. De início, achei que ela era permanentemente surpreendida pelas coisas, mas agora percebi que isso se deve às suas sobranceiras, bastante mais subidas do que o normal, resultado, suspeito eu, de um «trabalho de retoque».

Que nos Estados Unidos não se refere a nenhuma remodelação de casa, mas a uma série de ajustes e acertos feitos por um homem de bata branca, num luxuoso endereço da Fifth Avenue.

— Bem, não, geralmente, não.

Marsha abana a cabeça violentamente. — Mas isso é horrível! — exclama, batendo com o seu punho no balcão para maior ênfase. — *Horrível!*

Juro que se poderia pensar que ela acabou de saber que toda a sua família tinha morrido no mar, não que uma colaboradora saltara o pequeno-almoço.

— Não, a sério, não tem problema. Não tenho muita fome — tento explicar, mas Marsha não quer saber disso.

— Tu tens de comer, Lucy! — insiste ela, num tom dramático.

Abro a boca para protestar. Acreditem, eu como. As minhas coxas comprovam-no. Lembram-se daquele filme *Estamos Vivos*, em que os sobreviventes de um acidente aéreo tiveram de se comer uns aos outros para sobreviver? Pois bem, esses passageiros teriam vivido meses à custa das minhas coxas. Anos, provavelmente.

É inútil tentar salientá-lo a Marsha, apercebo-me, ao olhar para a expressão determinada da minha patroa. Rendo-me e pego num *bagel* de sementes de papoila. Marsha parece encantada.

— É importante manteres as tuas forças, pois temos um dia muito, *muito* atarefado, hoje. Temos novos quadros a chegar de um artista extraordinário da Colômbia. As cores! — Ela estala os lábios contra as unhas escarlata.

À menção dos quadros, sinto o familiar frémito de excitação que sempre me invade quando vejo obras de um novo artista. Uma espécie de tremular no estômago, como quando era pequena e corria escadas abaixo no Dia de Natal, vendo todos os meus presentes aos pés da árvore. Um sentimento de antecipação, seguido da descoberta de algo novo e maravilhoso.

Estou certa de que os quadros serão extraordinários. A avaliação de Marsha no que respeita a maridos e janelas partidas pode ser questionável, mas no que toca à arte, ela tem ótimos instintos.

Olho em volta da galeria. Ela dirige este espaço há mais de vinte anos, desde que o conquistou num acordo de divórcio ao seu segundo marido, um abonado magnata do imobiliário. Segundo admissão da própria, não tinha quaisquer antecedentes formais artísticos, tendo caído simplesmente nesse meio, comprando o que a cativava, o que lhe despertava um sorriso e, face à sua abordagem nada ortodoxa, aquilo que era totalmente único.

Quando pensamos em galerias de arte, pensamos comumente naqueles imensos e imponentes *lofts* em branco com múltiplos pisos, mas a *Número Trinta e Oito* está alojada na cave convertida de uma casa urbana. A maioria das pessoas passa por ela a caminho das lojas de *design* de grande nome, sem nunca lhes ocorrer olhar para baixo na calçada, através do gradeamento, para as nossas montras. Nunca reparam numa espantosa pintura abstrata de um novo artista ou numa série de impressionantes litografias que fazem parte da nossa mais recente exposição.

Mas se por acaso nos descobrem e retiram uns instantes da sua ocupada agenda para espreitar lá dentro, vão querer voltar. Porque ao contrário dessas enormes e austeras

galerias, assim que se entra na *Número Trinta e Oito* e se ouve a música troante, percebe-se que esta é toda uma nova forma de experienciar a arte.

Esqueçam o silêncio e falar em voz sussurrada — Marsha acredita em ter música a tocar (e ela tem um gosto eclético. Na semana passada, foi *La Bohème*, hoje é Justin Timberlake), a par de café acabado de fazer e uma máquina de pipocas. «É como no cinema», anuncia ela ao público curioso que entra e se depara com a opção de açúcar ou sal nas pipocas. «Aqui, podem evadir-se, divertir-se, usar a imaginação!»

A paixão de Marsha pela arte tem paralelo com o seu desejo de a tornar acessível a todos. «Lembrem-se, não é preciso pagar para ver» é o seu mantra. E o seu entusiasmo é tanto, que as pessoas não conseguem evitar deixar-se seduzir. Nas poucas semanas em que estou aqui a trabalhar, reparei em habituais que vêm cá só para conviver e apreciar a arte, sem qualquer pressão para comprar. Não é como nenhuma outra galeria particular em que tenha trabalhado.

— E eu decidi...

Volto a focar-me em Marsha enquanto ela faz uma pausa para um silencioso rufar de tambores.

— Sim? — Preparo-me. Estou rapidamente a aprender a esperar o inesperado.

— É tempo de fazermos um evento. Exibir o nosso talento. Abrir as nossas portas de par em par. — Ela estende os braços. — Voar face a esta terrível recessão! — Curvando o lábio, ela rosna-me.

— Uau, hum... fantástico — digo com entusiasmo, pestanejando levemente. — É uma excelente ideia!

Sinto uma secreta pontada de alívio. A atitude magnânima da minha patroa em relação à arte pode ser louvável, mas nós não somos o MoMA ou a Whitney. Temos efetivamente de *vender* algumas obras para continuarmos abertos. Nas seis semanas em que aqui estou a trabalhar, as vendas têm tardado ao ponto de nenhuma e comecei a inquietar-me um pouco com o meu emprego.

Só o consegui porque Rupert conhece Marsha dos seus tempos do *Estúdio 54*, nos anos setenta, quando viveu aqui por um breve período. Quando ele soube que ela precisava de um par de mãos extra, sugeriu-me. Ele sabia que eu não recusaria a oportunidade de trabalhar numa galeria de Nova Iorque. «Além disso, devo um enorme favor à Marsha», confidenciara-me ele de forma misteriosa, recusando ser questionado.

Não que o tenha tentado. Para ser sincera, só o saber de que Rupert, no seu *navy blazer* de botões dourados e anel do mindinho, costumava abanar o capacete numa discoteca de fama mundial, já era informação suficiente.

— Vamos ter vinho, champanhe... — prossegue ela, depois franze a testa —... bem, talvez não champanhe, mas podemos ter vinho frizante. — Graças aos seus generosos acordos de divórcio, Marsha é uma mulher bastante endinheirada, mas é também frugal. — Enfim, quem vai notar a diferença?

As pessoas que gastam milhares de dólares em obras de arte, sou tentada a dizer, mas

ela já seguiu adiante.

— E comida, temos de ter montes de comida — diz ela, deitando a mão a um *bagel*, depois pensando melhor e voltando a pô-lo no lugar. Apesar do seu desejo para que todos os outros comam, acho que nunca vi nada passar além dos lábios suspeitosamente inflados de Marsha.

— Está a pensar em canapés?

Marsha olha com desconfiança para mim.

— Como, por exemplo, miniquiches — sugiro eu. — Ou talvez *sushi*. Lá em Londres, servimos *sushi* e *sake* numa exposição e foi um grande sucesso — tento eu, de modo encorajador. — Na verdade, recebemos inúmeros elogios.

— Não. — Ela abana a cabeça, depreciativamente. — Vamos servir *spaghetti* com almôndegas.

Por um momento, penso ter ouvido mal.

— *Spaghetti* com almôndegas? — repito, incrédula. A ideia de convidar o público a um requintado evento de galeria e servir esparguete é bastante inédito no mundo artístico. Tento imaginar Rupert a comer esparguete enquanto admira uma aguarela com a *Lady*. Não sei das Quantas.

Estranhamente, não consigo.

— Sim, faço-o eu mesma. Com a minha receita especial — diz Marsha, em tom decisivo. — O meu *spaghetti* com almôndegas e molho de tomate picante é famoso. — Dá-se uma pausa. — O quê? Não acreditas?

Volto a mim, descobrindo Marsha a fitar-me, indignada.

— Oh, hum, sim, é claro que acredito! — protesto apressadamente. — Parece-me delicioso!

De braços cruzados, ela espia-me, as narinas dilatadas. Lembra-me um pouco um touro, quando parte em debandada. Sei-o porque cresci ao pé de uma quinta, onde havia um touro que quase espezinhou até à morte um caminhante, quando este ousou atravessar o seu pasto.

Neste preciso momento, sinto-me um pouco como o caminhante.

— O meu favorito — acrescento. — Aliás, se alguém me dissesse: «Lucy Hemmingway, só poderás comer uma coisa para o resto da tua vida», não seria chocolate ou um gelado *Chunky Monkey* da *Ben & Jerry*. Não, não.

Ponho uma mão na anca e abano o dedo teatralmente, sentindo-me de súbito como quando fiz de Annie na peça da escola.

«Dinâmica», foi como o jornal local me descreveu. A minha mãe tem o recorte numa moldura na casa de banho do andar de baixo, ao lado de uma fotografia minha como Annie. O que é bastante infeliz — eu de aparelho e uma cabeleira encaracolada ruiva aos 13 anos não é uma bela visão, nem algo que deseje ver cada vez que uso a sanita.

Foi a razão por que passei toda a minha adolescência a despachar rapidamente namorados porta fora, apesar das suas bexigas a rebentar.

— Não. Sabe o que seria, Sra. Z? — indago, abrindo efusivamente os braços.

Agora, estou em pleno modo de pantomima, completado por gestos de mãos e expressões faciais exagerados. Diverte-me bastante. Talvez o teatro amador me tivesse servido.

Isto é, se fosse realmente capaz de representar.

— Não. Conta-me — sussurra Marsha, em expectativa.

— *Spaghetti* com almôndegas! — proclamo eu, com dramatismo. — Nada mais nada menos que *spaghetti* com almôndegas e molho de tomate picante! — Bem. Se calhar entusiasmei-me *demasiado*.

— Oh, Lucy! — Procurando a minha mão, ela aperta-a na sua mão pequenina, que está encrustada de diamantes, cortesia dos seus ex-maridos. — Se não trabalhasses para mim, implorava-te que casasses com o meu filho mais novo, Daniel. Nada me faria mais feliz.

— Oh... hum, obrigada. — Sorrio, insegura, sem saber como aceitar aquele elogio.

Marsha descobriu o meu estatuto de solteira no espaço de trinta minutos do meu primeiro dia de trabalho. Por volta do meio-dia, já tinha indagado todo o meu histórico de relacionamentos desde a escola primária e, ao final do dia, declarara-os a todos uns idiotas.

— Vocês fariam um casal perfeito — diz ela, vasculhando dentro da sua imensa mala e tirando para fora uma coisa tipo serpentina, que ela abre como um acordeão. Está repleta de fotos da sua família. — Vê só! Aqui está ele! — Ela empurra uma foto na minha direção.

Observo-a e o meu rosto congela instantaneamente, em choque.

— Eu sei, é bonito, hem? — Ela sorri, interpretando erradamente a minha reação. — Repara só nestes olhos verdes! E esse sorriso! Alguma vez viste um sorriso assim?

— Hum... uau — consigo articular, tentando encontrar um ângulo positivo.

Depois, desisto.

Bem, sinceramente. Não sou fútil. Sei que a aparência não é tudo e que é a personalidade que conta, mas, enfim...

— E arquiteto também! — Marsha está tão inchada, que receio que possa explodir de orgulho materno.

— Uau — repito eu. O meu vocabulário, ao que parece, ficou reduzido a uma palavra. Não que Marsha se tenha dado conta, note-se. Ela está demasiado ocupada a sorrir à foto do filho e a poli-la com a manga.

— Mas como sou tua patroa, seria inapropriado tentar juntar-te com o meu filho. — Ela solta um suspiro profundo e sentido. — Nunca se deve misturar o negócio com o prazer.

— Compreendo — assinto gravemente enquanto por dentro sinto uma onda de alívio.

— Lamento sinceramente. — Ela continua a abanar a cabeça.

— Tudo bem. A sério, eu compreendo. — E tento parecer o mais pesarosa que consigo, ao mesmo tempo que abafio um risinho que ferve por dentro. — Eu sobrevivo.4

A todo o momento, vou começar a cantar Gloria Gaynor.

— É um crime uma rapariga como tu estar sozinha. Um crime! — repete ela, batendo apaixonadamente com o punho na mesa da receção. — Mas não te preocupes — assegura-me, rapidamente. — Deixa isso comigo.

Sinto uma pontada de alarme. — Deixar o quê?

— Eu casei o meu irmão e três dos meus primos. A minha família chama-me Marsha «a Casamenteira».

Oh, meu Deus, isto não pode estar a acontecer. Já é mau o suficiente ter amigos a tentar «casar-me», *mas a patroa?*

— Até arranjei alguém para a Belinda, a filha da minha irmã. Uma simpática professora de Brooklyn. E essa foi difícil — confessa ela, baixando a voz. — A rapariga é vegana e recusa-se a depilar as pernas. Eu disse-lhe: «Belinda. Compra uma lâmina de barbear!»

Estou que nem um coelho encandeado por faróis.

— Acredita, os teus dias de solteira estão contados — promete ela, lançando-me um sorriso triunfante.

Fito-a, atordoada. Nunca quis tanto ser parte de uma dupla, como nesse momento.

— Hum... fantástico — consigo pronunciar. — Sorte a minha!

Ela sorri, consoladora. — Bem, não substitui o meu Daniel, mas é o melhor que posso fazer. — Então, lançando um último olhar demorado ao seu querido filho, ela fecha a serpentina de fotos. — Pronto, chega destas coisas do amor. Temos de trabalhar!

Felizmente, não tenho tempo para pensar sobre o meu «por um triz» com Daniel ou com quem mais a Marsha me vai tentar «casar», já que o resto da manhã é consumida num turbilhão de atividades preparando as coisas para o evento da galeria.

Há uma imensidão de cenas a fazer. Fiel a si mesma, Marsha quer impulsivamente que tudo aconteça no momento e a data é definida para esta sexta.

— *Esta sexta?* — Guinchei em pânico.

— Queres antes quinta? — foi a resposta dela.

E a parte assustadora é que não acho que ela estivesse a brincar.

Assim, enquanto ela ressoa pela galeria nos seus saltos de doze centímetros, disparando instruções, eu começo a organizar. Primeiro de tudo, traço uma lista:

1. Fazer lista de convidados.
2. Enviar convites.
3. Redigir material promocional.
4. Contratar serviço de *catering*.
5. Contratar pessoal.
6. Pendurar quadros prontos a expor.

Enfim, posso não ter nascido com o gene da organização como a minha irmã, Kate, mas não sou *totalmente* incapaz na matéria. Pronto, admito, prefiro ter um pincel a um rato de computador na mão e, sim, continuo a escrever só com dois dedos (oh, está bem, com *um* dedo) e é certo que, até há bem pouco tempo, pensava que uma *spreadsheet* era aquela cena tipo cortina por baixo da cama (ao que parece, chama-se saia, o que sejamos francos é um nome um pouco parvo para isso. *Spreadsheet* — lençol envolvente, à letra — faz muito mais sentido); mas não é assim tão difícil escrever tudo aquilo que temos para fazer e depois ir assinalando, à medida que é feito.

Satisfeita comigo própria, volto a fixar o ecrã do computador e a minha lista impecavelmente delineada. Aliás, só um instante, deixem-me retroceder nessa ideia. Eu tenho de fazer todas essas coisas? Até ao final desta semana?

Raios!

6. Pânico.

Mas não exatamente agora. Terá de esperar para mais tarde, uma vez que é hora de almoço, apercebo-me, ao ver a cabeça de Marsha a assomar do escritório para me lembrar de que é altura de comer. *De novo*. Juro que podia acertar o meu relógio por ela. Ao bater da uma, ela manda-me ao *Katz's*, o nosso pronto a comer local, para a sua encomenda

habitual. Embora com a sua diminuta silhueta tamanho zero e cintura de cinquenta e seis centímetros, eu tenha uma leve suspeita de que é *Valentino*, o seu maltês, que come a maior parte.

O *Katz's* é uma instituição em Nova Iorque, aqui instalado desde sempre. Para os turistas e novatos na cidade como eu, ele é famoso pelo orgasmo fingido de Meg Ryan em *Um Amor Inevitável*. Aconteceu em pleno pronto a comer. Há mesmo uma seta a apontar para a precisa mesa em que foi filmado.

— Meu Deus, adoro aquela cena. — Tirando uma senha, volto-me para Robyn, que acabou de aparecer entre marcações para vir ter comigo com um conjunto de chaves, que mandou fazer para o apartamento. Ela trabalha na Healing Arts, não longe daqui, em Chinatown.

— Os homens não. — Ela sorri, tirando também uma senha e seguindo-me até ao balcão, onde, como sempre, há uma longa fila. — Têm medo. As mulheres que o fingem são como a Fada dos Dentes. Não somos reais.

Rio-me. A Robyn consegue ser muito engraçada.

— Dito isso, nunca tive de o fingir.

Paro bruscamente de rir. — Não? — A minha voz surge um pouco mais aguda do que o pretendido.

— Eu não. — Abanando a cabeça decisivamente, ela inclina-se para mais perto. — Eu sou como um gatilho sensível. — Ela estala os dedos e eu salto ligeiramente.

— Um quê? — pergunto, confusa.

— Tu sabes, reajo à mais pequena estimulação — diz ela, alegremente. — E tu? — Ela fita-me nos olhos com aquela confiança feliz e cintilante, que os Americanos parecem destilar pelos poros.

— Oh, hum... Algumas vezes — minto eu, puxando os óculos escuros para trás na cabeça e mexendo no cabelo, como sempre faço como evasiva. Bem, não vou admitir aqui à Menina Gatilho Sensível que não me lembro da última vez que tal aconteceu, não é? — Enfim, às vezes, quando estou um tanto cansada.

— Já tentaste a massagem sensual? — sugere ela, prestável.

Essa é outra faceta dos Americanos — são sempre tão totalmente sinceros. Com conterrâneos britânicos, esta conversa já teria resvalado para piadas obscenas e gozação, como naquela tarde recente que passei com Kate numa livraria às risadinhas sobre as ilustrações de *The Joy of Sex*. Ela ia comprá-lo como presente de casamento para uns amigos, mas depois de ver as imagens de um tipo *hippy* de barba comprida e pernas escanzeladas, ficou com receio de que pudesse ter um efeito negativo na vida amorosa deles. Em vez disso, acabou por lhes comprar um conjunto de facas de carne.

Contudo, sou uma adulta, não uma adolescente. Devia ser capaz de ter uma conversa sobre orgasmos e sexo, sem me sentir imatura e ter de fazer piadas idiotas, digo-me com firmeza. Quero dizer, não sou assim tão infantil.

— Pode ajudar-te verdadeiramente a entrar no clima.

— Qual clima? O clima do «armor»? — gracejo eu.

O olhar resolutivo de Robyn não vacila. — Sabes, tenho umas ervas chinesas que podes tomar para isso.

— Para o quê? — digo eu, fingindo estudar a ementa, embora passadas seis semanas de almoço rápido, já a saiba de cor.

— Perda de interesse pelo sexo, falta de libido...

— Não há nenhum problema com a minha libido — riposto, corando depois com embaraço. — Obrigada, mas está tudo bem, a sério.

— Sabes que é importante estar em contacto com a nossa sexualidade — prossegue ela, com naturalidade. — Vocês, Britânicos, podem ser tão rígidos. Nunca se vão vir com essa atitude.

— Eu venho-me. — Arquejo, com indignação.

A fila de pessoas diante de mim volta-se para me fitar. Sinto as minhas faces arder como beterrabas. — Simplesmente, há algum tempo que não tenho sexo extraordinário — sibilo na defensiva, arrastando os pés para a frente.

— Tu e eu, querida — murmura uma empregada de cinquenta e tais, empurrando para passar com um tabuleiro de sopa.

— Algum tempo, quanto? — insiste Robyn, parecendo preocupada.

— Oh, tu sabes...

Dez anos, entoa uma vozinha na minha cabeça. Dez anos desde Itália. Desde Nathaniel. Desde que tiveste sexo extraordinário, excepcional, arrebatador.

— Uns meses — digo com firmeza. Ora, isto é ridículo. Devo ter tido bom sexo orgásmico desde aí. Então e o Sean...? Ou, antes disso, o Anthony... Ou mesmo aquela aventura com o tipo escocês nas minhas férias a Espanha, quando tinha 25 anos. Não me recordo do nome dele, mas recordo-me de que fazia um ruído curioso quando estava no ato, tipo um *chiar*...

Oh, céus! É verdade. Passaram dez anos. Dez anos sem um orgasmo.

Bem, *não em rigor*.

— A masturbação não conta, já agora — diz Robyn, interrompendo os meus pensamentos.

— Não?

A esperança na minha voz é audível.

— Nã-nã. — Ela abana a cabeça, os olhos cintilando de divertimento. Depois, subitamente, um pensamento parece ocorrer-lhe e o rosto enche-se de compreensão. — Oh, meu Deus, é *ele*, não é? — diz numa voz abafada. — Ele foi a última vez.

— Quem? — Tento fazer-me de parva. Sou terrível. Annie foi o meu único papel de jeito.

— O tipo de Itália. O teu amor eterno. *O Tal*.

Dito assim, parece ainda mais ridículo. Parece patético.

— Não sejas tola. Ele não é o meu amor eterno. — E solto uma risadinha desdenhosa.

— Mas tu disseste...

— Ó menina!

A nossa conversa é interrompida por um forte berro e olho para cima, vendo um homem carrancudo atrás do balcão a fitar-me de cenho carregado. É o mesmo homem carrancudo que me serve todos os dias. Nunca o vi sorrir ou o ouvi grunhir mais de duas palavras. Ele sacode a cabeça. Isso, já aprendi, é a minha deixa para pedir.

— Uma *pastrami on rye* — respondo. Sinto uma pontada de prazer. Caramba, ouçam só... pareço uma verdadeira nova-iorquina. *Pastrami on rye*. Pensar que não há muito tempo estava eu em Londres a comprar uma sandes no supermercado local.

O homem carrancudo grunhe e começa a trincar grandes pedaços de *pastrami*.

— Oh, e uma *tuna melt* — acrescento.

As *tuna melts*, descobri eu, são *das* coisas mais deliciosas. Quem diria que queijo derretido com atum poderia resultar numa combinação tão sedutora?

Ele faz cara feia, escrevinha algo num pedaço de papel, que enfia por uma portinhola, e regressa à pilha de *pastrami* que trinchou.

— Obrigada. — Sorrio alegremente e viro-me para trás, para Robyn, que está com dificuldades em decidir o que pedir. — Ouve, eu disse muita coisa na outra noite — explico eu, num tom indiferente. — Como que ele se casou com outra, recordas-te?

Ela fita-me por um momento, como se me avaliasse. — Sabes que se não consegues sentir um orgasmo, pode ser porque ainda estás apaixonada por outra pessoa — diz ela, incisiva.

— Que parte de «casou com outra» não entendeste? — replico eu, igualmente incisiva.

Ela abre a boca para protestar, depois pensa melhor e solta um relutante suspiro de derrota. — Que pena! Era uma história tão romântica — diz ela, com tristeza.

— Também o *Romeu e Julieta* — riposto, enquanto avançamos para a caixa registadora — e não terminou igualmente muito bem. — Passo o meu talão ao caixa.

— São 22 dólares e 45 cêntimos — diz ele, registando.

— Não nos vimos já antes?

No meio do meu vasculhar à procura da carteira, levanto os olhos para ver Robyn a lançar um sorriso de anúncio de pasta de dentes ao homem atrás da caixa registadora. Bem, digo homem, mas não deve ter mais de 20 anos. Desajeitadamente alto, de cabelo escuro e um bigode «penugem de adolescente», ele sorri nervosamente.

— Vimos? — pergunta, incerto. Parece ligeiramente assustado. Como se estivesse prestes a ser castigado por fazer alguma coisa.

— É Harold, certo?

— Hum... não, é Anthony. Deve ter-me confundido com alguém.

— Oh, desculpe, erro meu. — Ela sorri apologética e volta-se para mim. O sorriso evade-se de imediato do rosto. — Bolas, ele até era giro.

— Então, ainda não desististe?

— É claro que não! — Ela parece atônita por eu colocar sequer a questão. — Se ele é o meu destino, não vou parar de procurar até o encontrar. Porque se estou à procura da minha alma gémea, a minha alma gémea está algures por aí à minha procura. — Os seus olhos verdes faíscam de determinação. — Sei que provavelmente pensas que estou louca...

— Não, não penso nada — protesto eu, talvez demasiado prontamente.

— ... mas, por vezes, temos de ter um pouco de fé. Confiar no universo. Acreditar no poder do pensamento positivo e das leis da atração. É como em *O Segredo*. Alguma vez o leste?

— Não, acho que não...

— Bem, eu li, de uma ponta à outra — prossegue ela —, e comprei o DVD. Extraordinário! Preparei um quadro de visualização e tudo.

— Isso o que é?

Robyn vira-se para mim, incrédula. — Tu não sabes o que é um quadro de visualização?

— Hum...

Sinto-me como quando tinha 10 anos no recreio da escola e alguém me perguntou se eu sabia o que era uma ereção.

— ... não exatamente. — Tento fazer *bluff*. — Devia saber?

— Oh, meu Deus. Completamente! — clama ela, os olhos imensos. — Um quadro de visualização é uma ferramenta visual que ativa a lei universal da atração para começar a manifestar os nossos sonhos na realidade.

— Certo, estou a ver. — Assinto com a cabeça, não vendo de todo.

Bastante como quando eu tinha 10 anos e perguntei à minha irmã o que era uma ereção e, depois de se rir até não poder mais, ela me explicou que era o que se chamava a um pénis quando ficava duro.

Só que eu não sabia o que era um pénis.

— É basicamente muito simples. Pegas numa placa de espuma e recortas imagens ou palavras de revistas ou de onde quiseses e fazes uma colagem de tudo aquilo que ambicionas na tua vida — diz ela com entusiasmo. — Até que é divertido. Devias experimentar.

— Hmm... talvez. — Não quero ferir os seus sentimentos, mas sinceramente. Um questionário numa revista é uma coisa, mas um *quadro de visualização*? À minha irmã dava-lhe uma síncope. — Só que não é bem o meu género.

— Lucy, tens de parar de ser tão negativa — repreende-me ela.

— Não estou a ser negativa — protesto. — Eu sou britânica. Nós não somos adeptos de quadros de visualização ou livros de autoajuda. Pelo menos, não publicamente — acrescento, pensando nos poucos que tenho escondidos na minha estante.

— Pois, deviam. — Robyn estala a língua e lança-me um olhar piedoso.

—Desculpe, menina?

O caixa estende-me o troco.

— Oh, obrigada. — Aceitando-o, volto a guardá-lo na carteira. — Desculpa, mas simplesmente não acredito nessas coisas — declaro, voltando a encarar Robyn.

— Esse é que é o teu problema. — Encolhe os ombros. — Tu não acreditas.

Tirando do balcão o saco com a comida, abraço-o contra o peito numa atitude um tudo-nada defensiva.

— Nem tudo pode ser explicado ou compreendido, sabes, Lucy? — Aconchegando um molho de caracóis atrás da orelha, ela fita-me, rogativa. — Por vezes, temos de confiar no poder misterioso do universo, numa energia maior, numa força espiritual, em algo que nos ultrapassa a mim e a ti. — Os seus olhos cintilam e o seu rosto revela tal convicção que, por um instante, quase sinto o meu ceticismo vacilar. — Tens simplesmente de acreditar. E eu acredito que neste imenso mundo, entre todos esses milhares de milhões de gente, se duas pessoas estão destinadas a estar juntas, elas vão acabar juntas...

Enquanto ela fala, algo tremula lá no fundo. Aquela parte de mim que costumava acreditar também, que costumava pensar que eu e o Nate estávamos destinados a ficar juntos, que neste mundo imenso eu tinha encontrado a minha alma gémea.

— Segundo as leis da atração, atraímos aquilo em que mais pensamos. E, nesse caso, é só uma questão de esperar que o Harold apareça.

Mas tu enterraste essa parte de ti há muito tempo, digo firmemente a mim mesma, afastando o pensamento para longe da minha mente. Não te lembras?

— Então, diz-me — formulo eu, dando a volta à conversa. — Se tens estado este tempo todo à espera do Harold, quanto já passou para ti?

Sem perder um segundo, ela recita: — Treze meses, dezoito dias e... — relanceia para o relógio — aproximadamente dez horas. Digo-te, é bom que o Harold se despache e marque presença em breve.

Revirando os olhos, vira-se para o homem carrancudo que continua à espera de que ela faça o pedido. — Aliás, esqueça o frango. Levo o que ela vai levar. — E voltando-se para mim, solta uma gargalhada rouca. — Sempre quis dizer isto aqui.

De volta à galeria, sou recebida por uma pilha de caixotes de madeira e um tapete de bolinhas de esferovite brancas, que escaparam da sua embalagem e se espalham pelo chão fora. Atolada no meio de tudo isso, ergue-se Marsha, agitando os braços em volta como um pássaro incapaz de voar. Ela rodopia ao contrário quando me ouve entrar.

— Voltaste! — exclama, excitada. Está ligeiramente ofegante, o rosto coberto de um brilho de transpiração. O seu cortiço dourado, contudo, mantém-se intocado. — Tenho excelentes notícias!

A ansiedade ataca-me. Oh, céus, o que será agora? Só estive ausente meia hora.

— A sério? — Preparo-me para o que se segue, que, com Marsha, pode ser tudo.

— Enquanto não estavas, algo maravilhoso aconteceu. Um homem veio e comprou toda a nossa coleção Gustav.

— O quê? Toda a coleção? — É realmente extraordinário. A coleção Gustav consiste em diversas grandes obras de um artista alemão, cujos quadros valem milhares de dólares.

— Tudo! — Marsha abre os braços num ímpeto. — Aconteceu tão rapidamente. Ele entrou, olhou em volta por uns minutos e, depois, pumba! — Bolas de esferovite voam pelo ar.

— *Pumba?*

— Ele disse que queria comprar tudo. Assim, sem mais. Nem sequer perguntou o preço.

— Uau! — Tento imaginar comprar uma coleção de arte inteira sem perguntar o preço, mas não consigo. Na verdade, não consigo imaginar comprar *seja o que for* sem primeiro saber quanto custa. Verifico até o preço do champô, antes de o pôr no cesto de compras.

Por outro lado, não sou alguém que compre arte. Sou alguém que está sempre no limite do descoberto, em atraso nas prestações de crédito e a ficar sem dinheiro antes do final do mês. Tentei aprender a orçamentar, mas também tentei aprender a tocar piano e sou uma perfeita nulidade em ambos.

Enfim, o que quer exatamente dizer «balancear o livro de cheques»? E porque havia de o querer fazer?

— Caramba, que ótimas notícias — digo eu, sentindo uma pontada de alívio por, finalmente, termos vendido alguma coisa.

— E pagou com um American Express Black — revela Marsha, com aquele tipo de admiração sussurrada que usáramos ao ver a Madonna no nosso Starbucks local.

— Isso é bom? — pergunto, inocentemente, empoleirando-me num banco e desembrulhando a minha *tuna melt*.

Marsha parece horrorizada. — És solteira e não sabes essas coisas?

— Hum... não. Devia? — indago, dando uma dentada.

Ela inspira marcadamente. — Lucy! Como é que vais encontrar um marido rico se não sabes o que procurar?

— Eu não estou à procura de um marido rico — contraponho, os meus princípios feministas revoltando-se de indignação.

— Pff! — solta com desdém. — Todas as mulheres procuram um marido rico.

Engulo com dificuldade. — Nenhum dos meus namorados era rico — replico em minha defesa. — Na verdade, no caso do meu último namorado, eu é que pagava tudo!

Ah-ah! Lá está.

A expressão de Marsha é de incredulidade. — E achas que isso é uma coisa boa?

Colocado dessa forma, posso sentir os meus princípios feministas a fraquejar ligeiramente. — Bem... hum... isso dá-nos independência.

Estão a ver? Eu sabia que havia uma boa razão para não namorar com um homem rico.

— Independência? — Marsha enxota a palavra como uma mosca irritante. — Que

disparate é esse de independência?

As minhas faces ruborizam.

— Tu tens de esquecer todas essas parvoíces — prossegue ela, com firmeza. — Tens de esquecer o romance e a química e o tamanho do seu... — Ela interrompe-se e encurva o dedo mindinho.

Consoo sentir as minhas faces, já vermelhas, intensificar de tom. Não estou acostumada a ter este tipo de conversas com uma patroa. Eu e o Rupert costumávamos falar sobre os preços do imobiliário em Londres e sobre o que tinha acontecido em *EastEnders*.

— Tu tens de procurar três coisas.

— Eu sei, eu sei, personalidade, bom sentido de humor... — começo a recitar, mas Marsha interrompe-me com um ronco de escárnio.

Ela faz uma expressão de desgosto. — Não, não, não. É muito simples. Cartão de crédito, relógio, sapatos.

Observo, perplexa, enquanto ela as conta pelos dedos.

— Número um: o cartão de crédito. Nada de Visa ou MasterCard. — Ela torce o nariz, como se houvesse um mau cheiro. — Só American Express. E não é verde!

— Porquê? Qual é o mal do verde? — pergunto, antes que me possa impedir.

— Porque é o preto que queres — diz ela, com firmeza. — O preto não tem limite de crédito. O preto é perfeito para quando quiseses ir às compras à *Bergdorf Goodman*.

Abro a boca para lhe dizer que nunca fui às compras à *Bergdorf Goodman*, mas depois penso melhor.

— Número dois: o relógio. — Ela faz uma pausa. — *Rolex* ou *Cartier* são ambos excelentes.

— Então e um *Swatch*? — indago, relanceando para o meu próprio. É de um plástico amarelo-vivo e tenho-o desde sempre.

— Um *Swatch* é um prédio de quatro andares sem elevador em Queens — alerta ela, num tom sombrio.

— Oh, certo. — Assinto com a cabeça e tapo rapidamente o meu relógio com a manga.

— Três: os sapatos. — Ela cruza os braços e fixa-me com um olhar de suspeição. — Que sapatos usava o teu último namorado?

Oh-oh.

— Uns *Crocs* — arrisco, cautelosamente.

Marsha parece prestes a ter um ataque cardíaco. — Aqueles sapatos plásticos de jardinagem? *Com furos*?

Sinto as faces ruborizar de embaraço. E nem era eu a usá-los.

— Têm de ser cosidos à mão. De couro. E italianos.

Acho que nunca *conheci* sequer alguém que usasse sapatos de couro italianos cosidos à mão. Bem, à parte o Rupert, mas ele é *gay*. Daí a sua paixão por Pat Butcher.

— Então e o amor? — proponho eu. — Não deveria fazer parte da lista?

— Acredita, se encontrares um homem com todos esses três, vais apaixonar-te por ele — doutrina ela, lançando a mão a um quadro pendurado na parede. — Muito bem, agora dá-me uma ajuda. Temos de empacotar isto rapidamente. Ele quer tudo entregue, hoje.

— Hoje? — Lanço um olhar rápido a todos aqueles caixotes, o meu anterior entusiasmo esmorecendo ligeiramente. — Ele não pode esperar até amanhã? — Sinto um beliscar de irritação. Quem é que esse tipo pensa que é, chegando aqui com o seu American Express preto e achando que é o dono disto tudo?

Olho em volta para as nossas paredes agora quase despidas. Dito isto, parece que de certa forma é.

— E quero que acompanhes a entrega e te certifiques de que tudo chega lá em condições — continua Marsha, ignorando o meu último comentário. — Eu ia, mas tenho de visitar a minha tia Irena. Ela vai mudar-se para um lar. Um dos bons, não dos maus. Eu disse-lhe: Irena, isso custa mais que o meu apartamento em Park Avenue. — Ela revira os olhos. — Seja como for, vais ter de ir sem mim. Sozinha — anuncia, num tom sombrio.

Subitamente, faz-se luz. Ela está a tentar arranjar-me um par.

— Oh, não, Marsha... — começo a protestar, mas ela não me deixa terminar.

— Número quatro: aliança. Ele não usava aliança. — Os seus olhos cintilam de malícia e parecendo absolutamente satisfeita consigo mesma, passa-me um rolo de plástico de bolhas.

Ao final da tarde, todas as pinturas foram cuidadosamente empacotadas e estão a ser carregadas num camião para o transporte. Quando o último caixote de madeira desaparece pelas traseiras do camião, Marsha volta-se para mim.

— Então, o porteiro irá assinar pelas pinturas, mas elas têm de ser entregues na *penthouse* do cliente. Terás de esperar com as pinturas até que o cliente chegue. Por questões de segurança, entendes?

— Mas se alguém já assinou, seguramente...

Marsha silencia-me com uma palma da mão aberta. — Tu tens de esperar — repete, num tom não negociável.

Fico calada. Sei que não vale a pena tentar argumentar. Ela está determinada a fazer de casamenteira, reflito eu, subindo relutantemente para o lugar da frente do camião, ao lado do condutor. E depois do próprio filho, Daniel, não tenho ilusões.

— Tudo pronto?

Um forte sotaque nova-iorquino interrompe a minha espiral descendente até ao desânimo geral de estar sozinha, a chegar aos 30 e à mercê de bem-intencionados amigos, parentes e agora a minha patroa, que me querem emparelhar com seja o que for que tenha um pénis e pulsação.

Levanto os olhos.

Sinto o meu espírito animar. Estava tão distraída que não reparara no condutor até ali, que é bem interessante, na verdade. Tem a cabeça rapada, olhos castanho-escuros e os dentes mais brancos dos dentes. De facto, são tão brancos que quase parecem irradiar luz, em contraste com a sua pele escura. E vejam-me estes braços! Os meus olhos deslizam por bíceps que saltam para fora da sua *t-shirt* como dois enormes melões, enquanto ele agarra o volante. Caraças! Acho que nunca vi braços como estes na vida real. Parecem roubados ao *Rambo* ou *Rocky* ou um desses filmes do Stallone, e ele exibe uma tatuagem espantosa de um dragão.

Raios, estou a olhar fixamente.

— Hum, sim... tudo pronto. — Sorrio alegremente.

— Lucy.

Sou bruscamente chamada à realidade, deparando-me com Marsha na janela do meu lado, uma expressão de desaprovação no seu rosto. Sem pensar, olho de relance para os pés do condutor. Ele usa uns *Nike*.

Bem e depois? Eu não estou à procura de um marido, penso, indignada, espreitando o seu pulso vazio e reparando que não usa relógio. Nem os outros usavam, apercebo-me, antes de reparar que ele *usa* uma aliança.

Lá se vai a minha pequena paixão.

— E não te esqueças de me ligar — instrui ela. — Quero saber que tudo chegou em segurança.

— Eu ligo — respondo, obediente, enquanto o condutor liga a ignição.

— E certifica-te...

Felizmente, a sua voz é abafada pelo motor a pegar ruidosamente.

Acenando adeus, enquanto o camião se afasta, observo a sua silhueta a ficar cada vez mais pequena no espelho lateral e, pela primeira vez hoje, permito-me sentir uma pontada de excitação. Não consigo acreditar. Eu. Lucy Hemmingway. Com o encargo exclusivo de algumas das melhores obras de arte. A representar a galeria. É uma tremenda responsabilidade e uma excelente oportunidade para subir mais alto na carreira.

Mais. Vou ter a possibilidade de ver o interior de uma *penthouse* da vida real, em Nova Iorque! Com porteiro e tudo!

Sorrindo para mim mesma, desço o vidro da janela e observo Manhattan lá fora, enquanto eu e umas pinturas de milhares de dólares iniciamos viagem até à zona nobre da cidade.

O trânsito está muito lento e exige muito parar e arrancar e praguejar do meu condutor, que pendura um braço para fora da janela, gritando com taxistas e gesticulando, até chegarmos ao parque. Pelo caminho, sou brindada com o comentário contínuo de Mikey, o meu condutor, que é rico em histórias curiosas sobre cada zona que atravessamos.

— O SoHo é SoHo porque fica a sul de Houston e a zona vizinha é Tribeca, cujo nome deriva do seu formato: *Tri-angle Be-low Ca-nal*, está a ver? Costumava ser só armazéns abandonados, até o Robert de Niro criar o Festival de Cinema de Tribeca. Greenwich Village é simplesmente chamado Village. Foi sempre um oásis boémio. Está a ver aquele café ali na esquina? Era onde o Jack Kerouac e o Bob Dylan costumavam parar.

Está quente e húmido e eu olho para fora da janela, vendo Manhattan a passar lentamente por nós.

— Agora, Union Square. Caraças, isso era terrível, cheio de traficantes, mas agora limpou a sua imagem por completo. Ali, foi onde Roosevelt nasceu. Incrível, hem? Agora, Chelsea, é famosa por ser onde o Sid Vicious matou Nancy Spungen.

Enquanto avançamos rumo à zona nobre da cidade, os velhos armazéns de tijolo revestidos de escadas de incêndio em ferro fundido, que se prendem como hera, dão lugar a elegantes construções de arenito com degraus amplos e maçanetas de latão polido. Feixes de luz solar brilham pelos intervalos dos edifícios que se erguem mais adiante e as fachadas do comércio mudam de lojas de desconto, mercados movimentados e livrarias ecléticas para requintadas lojas de marca e restaurantes de luxo.

Os bairros aprimoram-se, tal como as pessoas. Dos tipos maltrapilhos, com os seus *jeans* colados à pele, *piercings* e *t-shirts White Stripes*, a arrastar-se por lojas de discos em segunda mão em Canal Street, para as mãos louras de rabo de cavalo com os seus carrinhos de bebé de tração às quatro rodas e cafés para levar em Upper West Side e as hordas de praticantes de *jogging* e patinadores a ziguezaguear para dentro e fora de

Central Park.

— E, finalmente, chegamos à base...

Por entre uma fanfarra de buzinas, o caminhão oscila, detendo-se tremulante à porta de um imponente e moderno arranha-céus, com vista sobre o parque.

— Chegámos? — Baixando a cabeça, tento espreitar para cima.

— Chegámos, pois — assente Mikey, exibindo-me um imenso sorriso. Ele relanceia para o edifício e solta um assobio. — Grande luxo!

Olho para o toldo verde-escuro, o quadrado de carpete que transborda para o pavimento exterior e a porta de latão e vidro polido, pela qual um porteiro de uniforme se apressa a receber-nos.

Caramba! É como chegar ao Savoy ou coisa do género.

— Tem a certeza que isto não é um hotel? — grito a Mikey, que já saltou para fora do caminhão e iça a porta de trás com ruidoso estardalhaço.

Ele ri-se da minha reação. — Nã. É assim que alguns vivem, menina.

Sinto uma nervoseira. Céus, isto é seriamente chique. Descendo com nervosismo do caminhão, puxo para baixo a saia e aliso rapidamente o cabelo, que se armou todo com o calor. Essa é uma outra diferença entre mim e a minha irmã, Kate. Enquanto ela tem cabelo louro liso e denso, o meu é fino e escuro.

Juro que tenho o tom de cabelo mais aborrecido do mundo. Nunca vou esquecer a primeira vez que o pintei. Tentei achar a correspondência numa paleta de cores, na Boots, daquelas com pequenas madeixas de cabelo para comparação, e sabem que mais? Não era sequer castanho-avelã ou castanho-escuro, era «castanho normal». Pode haver descrição mais deprimente?

Daí que toda a minha vida o tenha pintado. Já fui «caramelo», «canela», «azeviche» e todos os tons de permeio, incluindo um período duvidoso na casa dos 20 em que pensei experimentar algo diferente e o pintei de «rosa-pastilha elástica». Presentemente, uso um mais sensato e maduro «castanho-avelã».

— Boa-tarde. São da galeria?

Volto-me, deparando-me com o porteiro. Vestindo um uniforme verde-escuro, completo com um chapéu de pala e luvas brancas, ele acena vigorosamente com a cabeça.

— Olá, sim — digo eu, sorrindo alegremente para dissimular os nervos, antes de me aperceber de que ele não está a sorrir, enquanto eu estou de dentes arreganhados como uma louca. Rapidamente, faço corresponder a minha expressão ao marcado formalismo da sua. — Lucy Hemmingway... hum... coordenadora sénior.

Acabei de o inventar. Eu não tenho propriamente um título.

— Estou aqui para supervisionar a entrega e instalação de uma coleção de obras de arte.

Quero parecer superprofissional. Como alguém no perfeito controlo de qualquer situação. Alguém eficiente, organizado e, bem, basicamente como a minha irmã.

Eu não — repito, não — quero parecer alguém cuja abordagem de resolução de

problemas é ignorar algo e esperar que desapareça, que organiza listas apenas para as perder e que, certa vez, clicou em «responder a todos» a um convite de aniversário de uma amiga, perguntando-lhe se ainda fazia sexo com o ex.

— Ah, sim. — O porteiro assente em modo grave. — Recebi instruções sobre a sua vinda. — Empurrando os seus óculos de meia-lua mais para cima no nariz, ele desvia os olhos para os quadros, que são descarregados para um carrinho por Mikey. — Devo conduzi-la à *penthouse*.

O meu estômago agita-se levemente. De novo aquela coisa da *penthouse*. Pode-se tirar uma rapariga do seu acanhado apartamento de uma cama em Earl's Court, mas não se pode tirar o acanhado apartamento de uma cama dessa rapariga.

— Se me quiser acompanhar.

Com Mikey encarregue de empurrar o carrinho, eu sigo obedientemente o porteiro pela porta de entrada e penetro num amplo átrio em mármore, complementado por uma fonte de água gotejante, sofás de costas acolchoadas em couro e jarras imensas preenchidas por aquele tipo de arranjos florais de ar exótico que sabemos custar uma verdadeira fortuna.

— O elevador fica em frente.

Tento parecer totalmente indiferente e não impressionada, mas a minha cabeça gira de um lado para o outro como uma coruja. É um pouco diferente do meu átrio, com a sua pista de obstáculos de bicicletas, carrinhos de bebé e pilhas de correio para transpor. E isso é *antes* de começarmos sequer a subir os três lanços de escadas até ao meu apartamento e da Roby. Escadas, aliás, tão íngremes que fazem os degraus das pirâmides maias em Chichén Itzá, no México, parecer canja.

— Ena, que luxo. — Mikey assobia atrás do carrinho. — Deve haver umas quantas celebridades a viver aqui, certo?

— Receio não estar autorizado a revelar esse tipo de informação — replica o porteiro, com rigidez.

Mikey lança-me um olhar e articula com os lábios: «*Madonna*».

Esboço um sorriso, sem querer, abafando uma risadinha.

Adiante de nós, reparo num elevador, cujas portas estão prestes a fechar-se. — Oh, vejam — digo, gesticulando —, mesmo a tempo. — Apresso-me a alcançá-las, mas o porteiro detém-me.

— A *penthouse* tem o seu próprio elevador privado.

— Tem?

Ele dobra a esquina, onde um outro elevador nos aguarda.

Caneco! Há o luxo e, depois, há o *luxo*.

Talvez Mikey tenha razão. Talvez a Madonna viva *mesmo* aqui.

Fervilhando de antecipação, entro no elevador. É um tanto apertado lá dentro e temos de nos embrulhar uns nos outros, enquanto a porta desliza para se fechar. O porteiroprimeiro botão com um cerimonioso golpe do seu dedo enluvado de branco e começamos a

mover-nos para cima, subindo progressivamente mais e mais. Sinto um baque no estômago, à medida que ganhamos velocidade. Céus, estamos mesmo a subir bem alto, não? Agora os meus ouvidos até começam a estalar.

Tento engolir para os desbloquear. Não, continuam tapados. Eu sei, talvez se bocejar... Escondendo-me atrás da minha mão, esboço alguns bocejos exagerados, mas nada. Os meus ouvidos continuam completa e totalmente bloqueados. Tanto que não ouço nada.

Pelo canto do olho, reparo no porteiro. Ele olha-me, expectante, da maneira como as pessoas nos olham quando nos fazem uma pergunta e aguardam a nossa resposta. Bolas! Tentando parecer o mais natural possível, lanço-lhe o que espero ser um sorriso confiante de alguém que sabe exatamente o que está a fazer e não o de alguém que não ouve absolutamente nada, com os ouvidos a estourar feito loucos.

A sério, eram capazes de pensar que nunca ando de elevador.

E não andas, entoa uma vozinha. Tu odeias elevadores.

Os meus nervos agitam-se. Com tudo o que tem acontecido, tenho conseguido bloqueá-lo, mas agora sinto a familiar ansiedade a insinuar-se. Mesmo assim, não é nada de mais. Não é que seja fóbica ou coisa do género. Simplesmente, prefiro usar as escadas.

Desde que ficaste presa num elevador na escola de Artes e tiveste de ser resgatada pelos bombeiros.

Sinto um rasgo de pânico, mas ignoro-o. Está tudo bem. Perfeitamente bem. Aquele era um reles velho elevador na associação de estudantes da universidade metropolitana de Manchester. Aqui, estamos em Nova Iorque. O berço dos arranha-céus. As pessoas usam elevadores o tempo todo.

Os elevadores são os mesmos, só que com roupa americana e tu tens medo de elevadores. Tens pesadelos com cabos que se partem e tu a mergulhares para a tua morte.

Abrando a minha respiração e olho fixamente em frente. Estou a ser ridícula. Aposto que se contasse a um nova-iorquino que tenho medo de elevadores, ele ia pensar que eu sou louca.

Olho para Mikey de relance para me tranquilizar, mas ele fita os próprios pés e murmura algo baixinho. Reparo que ele tem uma pequena cruz dourada ao pescoço. Que agarra com força.

Raios.

Isso não é bom. Isso não é bom. Isso...

O elevador detém-se bruscamente e as portas abrem-se.

Uau.

O meu medo evapora-se instantaneamente quando me deparo com a mais deslumbrante vista sobre Central Park. Estendendo-se diante de mim, até onde a vista alcança, há um imenso tapete de árvores. Interminável, como se alguém tivesse simplesmente largado um vasto pedaço da paisagem rural inglesa no meio de Manhattan.

— Do caraças!

Enquanto saímos para o apartamento, com as suas imensas janelas do chão ao teto, volto-me para Mikey. De olhos esbugalhados, ele agarra o carrinho como que para se apoiar. — Não me dou bem com alturas. Fico zozzo — murmura ele rispidamente, uma expressão nauseada no rosto, enquanto fita lá fora a linha do horizonte e os sobranceiros arranha-céus com que agora convivemos, ombro a ombro.

— Recomendaria deixar os caixotes aqui no *hall* de entrada — diz o porteiro em pano de fundo. — Assim, não causarão obstrução.

— Claro, boa ideia — anui Mikey. E de imediato começa a descarregar os caixotes, numa tentativa impaciente de sair dali.

— É muito importante não causar obstrução — prossegue o porteiro num tom sombrio. — Regulamentos contra incêndios, compreendem?

— Hum, sim. — Aceno com a cabeça distraidamente, os olhos deslocando-se em volta. Céus, este lugar é gigantesco.

Caramba. *Quem vive num lugar assim?*

— Incêndios? — repete Mikey. A sua voz soa um tanto estrangulada. — Alguém acabou de falar em «incêndios»? — Ele começa a descarregar mais depressa, os seus bíceps ressaltando como pistões.

E o branco. Tudo é branco, reparo eu, relanceando em volta para os tapetes brancos, os sofás brancos, as paredes brancas. Fico nervosa só de olhar. Como se fosse sentir um súbito impulso de arremessar um copo de vinho tinto por todo o lado.

Não que costume arremessar copos de vinho tinto por todo o lado, mas sou conhecida por entornar coisas ocasionalmente. Não que seja desastrada, simplesmente...

Oh, quem quero eu enganar? Se eu vivesse aqui, teria de investir em ações do Vanish.

Seja como for, não preciso de me preocupar com isso, reflito, pensando na minha atafalhada caixa de sapatos no centro da cidade, com os seus esquemas de cores discordantes e mistura eclética de Oriente-mais-Occidente-mais-bazar. O que já é alguma coisa, suponho.

— Eu gosto de arte, sabe?

Arrasto o meu olhar de volta ao porteiro. — Oh, é mesmo? — Anuo, polidamente.

— Van Gogh, esse é o meu favorito — confidencia. — Tem alguma coisa dele? — Sacode a cabeça na direção das pinturas.

— Hum, não. — Sorrio, apologetica.

O rosto do porteiro fecha-se em desapontamento.

— Pronto, já terminei aqui — interrompe Mikey, endireitando-se. Desenterrando uma fatura do seu bolso de trás, ele estende-ma para que a assinhe.

— Ótimo. Obrigada. — Escrevinho a minha assinatura e passo-lha de volta.

— Certo, vou sair daqui para fora. — Mergulhando de volta para o elevador, fica junto à porta fechada com o seu carrinho, à espera do porteiro. Lembra-me o cão dos meus pais quando está na hora de ir à rua e ele se senta ao pé da porta, desesperado por sair.

— Se me dá licença, menina... — Aclarando a garganta, o porteiro ajusta o seu

chapéu de pala e entra a passos largos no elevador, como um piloto subindo para o seu *cockpit*. — Qualquer problema, é só chamar. — Ele ataca o botão com a sua mão enluvada de branco. — Subo de imediato. — E, dito isso, ele e Mikey desaparecem atrás da porta deslizante.

Ouçõ o zumbido do elevador enquanto desce, tornando-se gradualmente mais e mais distante. Depois, desaparece.

5 No original, *south*. (N. de T.)

6 Em português, triângulo abaixo do canal. (N. de T.)

Muito bem, então e agora?

Sozinha na *penthouse*, fico imóvel por um momento, olhando à minha volta. O proprietário pode demorar uma eternidade a regressar. O que vou fazer agora?

Do nada, vem-me uma imagem do Macaulay Culkin em *Sozinho em Casa*, a correr freneticamente de divisão em divisão, abrindo armários e saltando em cima das camas.

Não que vá fazer tal coisa, é claro. Sou uma mulher profissional de 29 anos, não uma criança de 8.

Dito isso, adorava bisbilhotar rapidamente... Hum, quero dizer, dar uma olhadela... pelo lugar.

Timidamente, aventuro-me pelo corredor entrando na espaçosa sala, ainda maravilhada com a incrível vista de trezentos e sessenta graus. Bastante diversa da que se vê do meu apartamento, reflito, contemplando o Empire State, que está mesmo ali, como se alguém o tivesse deslocado especificamente — um nada para a esquerda, um nada para a direita — para que ficasse no centro exato da janela.

Pensar que tinha ficado toda excitada com o meu torcicolo de pescoço para apanhar o mais ténue vislumbre da janela da Robyn. Sinto um lampejo de embaraço. Isto é como ter lugares de primeira fila.

Extasiada, viro as costas à vista e continuo em volta em bicos de pés, mas dei apenas alguns passos quando sou atingida por um pensamento. Moradas sofisticadas como esta têm provavelmente sistemas de segurança supertopo de gama. E se houver câmaras de vigilância e eu estiver a ser monitorizada? E eu estou em cima de um tapete felpudo imaculadamente branco com as minhas velhas sandálias encardidas... Olhando para baixo, com horror, para os meus pés, dou rapidamente um passo atrás. Só que um dos meus pés ficou como que agarrado. Esperem, o que...

Pastilha elástica.

No tapete felpudo branco.

Raios!

Pondo-me de joelhos, ataco rapidamente o borrão ensebado e cinzento com os meus dedos. Ugh. Está tão pegajoso e nojento. Tento fazer mais força, mas fundiu-se com o tapete e não quer sair. Sinto uma pontada de pânico. Caraças! Já sei, talvez se eu usar a minha tesoura das unhas... Vasculho na minha mala. Transporte tanta porcaria comigo, que provavelmente tenho... Ah-ah, aqui está!

Começo a escavar os tufos de pelo com uma das lâminas. Se eu raspar esses... Meticulosamente, trabalho cada tufo de pelo, raspando cada um deles, até que, uns minutos depois, só restam uns poucos pedacinhos teimosos. Já sei, e se eu os cortasse? Ninguém irá reparar. Ficará como novo...

Raios. Um buraco.

Fiz um buraco!

Com o coração a bater descompassado no peito, interrompo a minha poda frenética e fito o tapete com horror. O buraco fita-me de volta. Oh, meu Deus, Lucy! Deixam-te sozinha cinco minutos *e é isto que acontece?*

Numa tentativa desesperada, procuro disfarçá-lo com os dedos, mas não adianta — há definitivamente um espaço onde deveria haver mais tufos de pelo. Quase como uma pelada.

De repente, tenho uma ideia. Já sei! E se eu lhe fizesse um penteado?

Usando os dedos, deito-me ao trabalho tentando dar forma aos tufos, mas não é fácil. Eles estão sempre a voltar para trás e tenho de os achatar com a mão e, depois, enrolar-lhes mais uns fios... Exasperada, continuo a puxar um tufo para aqui e para ali, até que, finalmente, parece que o consegui cobrir. Boa, agora só tem de se manter assim.

Remexendo de novo dentro da minha mala, tiro para fora a minha latinha de laca para o cabelo e dou ao tapete uma generosa borrifadela. Perfeito. Nem se dá pela diferença.

Triunfante, examino o meu trabalho manual. Sinto-me bastante satisfeita comigo mesma. Desastre evitado! Ainda assim, talvez devesse simplesmente sentar-me e esperar que o proprietário chegue a casa, penso por descargo de consciência. Provavelmente, será mais seguro. Afinal de contas, não quero mais acidentes.

Palpando o caminho descalça até ao sofá, empoleiro-me cautelosamente na ponta de uma almofada, com todo o cuidado para não a deformar. Um leque de revistas está impecavelmente estendido na mesinha de apoio à minha frente, mas resisto à tentação de as folhear. Não vou tocar em nada, lembrem-se? Vou simplesmente ficar aqui sentada e esperar que o proprietário chegue. Não vou mover um músculo.

Em vez disso, olho para os títulos de relance: *Variety*, *Hollywood Reporter*, *Vanity Fair*... *Quem mora nesta penthouse pertence provavelmente à indústria cinematográfica.* Sinto um palpar de excitação. Céus, será que é alguém famoso? Eu a pensar que era um qualquer velho banqueiro desinteressante, mas talvez fosse um influente realizador. Ou mesmo um ator.

Não, Marsha ter-me-ia contado, digo-me rapidamente.

Não teria?

Intrigada, lanço os olhos em redor à procura de pistas, mas não vejo quaisquer fotos ou *bibelots* ou correspondência por abrir. Pergunto-me se haverá alguma coisa no resto do apartamento...

Aguento uns cinco segundos.

Depois, a minha curiosidade leva a melhor e levanto-me do sofá, deslocando-me na ponta dos pés até aos quartos. Há caixas espalhadas por todo o lado. Isso explica tudo. Quem quer que more aqui acabou de se mudar, concluo, armada em detetive. Sinto uma súbita sensação de afinidade pelo meu cliente misterioso. Pergunto-me se também será novo na cidade.

Deito uma olhadela furtiva ao interior dos armários embutidos. Uma elegante fila de fatos pende perfeitamente ordenada, em diferentes tons de cinza. Por baixo, vários pares

de sapatos. Pego num. É couro. Embora contrariada, não resisto a espreitar a sola. «*Made in Italy*.» Sinto um lampejo de excitação. O que é, evidentemente, ridículo, digo-me prontamente. Como se me importasse onde os sapatos dele são feitos.

Pondo-o rapidamente de volta, espreito ambas as casas de banho — amplas, brancas e em mármore, vazias à parte uma escova de dentes elétrica e uma série de estojos de lentes de contacto descartáveis — e dou por mim na cozinha de marca.

Olho em volta, com nervosismo. A minha falta de capacidades culinárias é uma piada recorrente na família. A Kate chama ao meu estilo de cozinhados «um, dois, três, plim!», em referência ao som do micro-ondas quando está pronto. O que é um *pouco* severo (uma vez, fiz uns bolinhos de *Rice Krispies* e ficaram deliciosos). Admito que acho as cozinhas um tanto assustadoras. Enfim, estão repletas de equipamento interminável, utensílios e ingredientes, com os quais não faço a mais pequena ideia do que fazer.

Como esta cozinha, por exemplo. É aterradora. Bancadas em aço inoxidável, engenhocas ultramodernas, um fogão intimidante com milhões de diferentes manípulos e botões. Chama-se *Wolf*. Pode ser mais assustador? E, depois, há aquele absolutamente colossal frigorífico. Para que diabo se precisa de um frigorífico desse tamanho? Deito uma olhadela lá para dentro. Não há nada nas prateleiras, à parte umas poucas garrafas de água com gás, um saco de laranjas biológicas, um balde de iogurte grego com 0% de gordura e quinoa.

Quinoa? O que é isso? Leio a embalagem. «Um cereal antigo, repleto de benefícios e nutrientes.»

Caraças, quem quer que viva aqui é seriamente saudável. Onde é que está o chocolate? As sobras de *takeaway*? A *Coca-Cola Diet*?

Hum, no teu frigorífico, Lucy.

Sentindo uma pontada de culpa, fecho apressadamente a porta. Comprarei uns cereais antigos da próxima vez que for às compras, digo-me com firmeza. Ainda assim, o chocolate não é *não-saudável*. Li uma vez um artigo numa revista sobre como era rico em ferro e... Dá-me uma branca. Bem, seja como for, já li esse artigo há séculos.

Deixando a cozinha, vagueio de volta à sala de estar, para retomar a minha posição no sofá. O tédio começa a corroer-me. Não encontrei nada de extraordinariamente interessante e a novidade da *penthouse* começa a desvanecer-se. Além de que estou bastante cansada. Foi um longo dia. Agora, só queria ir para casa, tomar um banho e aninhar-me no sofá a ver o episódio do homem que pensa ser um urso pardo, que a Robyn gravou. Ri-me quando a Robyn me falou sobre isso, mas agora começa a parecer apetecível.

Soltando um bocejo, percorro com cautela de novo o corredor quando reparo numa estante. Não a vi antes, mas como tudo o resto no apartamento, ainda está vazia. Ao lado dela, uma série de caixas de cartão meio abertas. Sem dúvida cheias de livros, reflito, ajoelhando-me e levantando a aba da caixa para deitar uma olhadela.

Não que haja grande coisa para ver. Tal como pensei, simplesmente pilhas de livros.

Distraidamente, folheio uma série de autobiografias políticas, diversos guias de viagens, uma série de John Grishams de cantos dobrados, um livro sobre pintores renascentistas... Detenho-me, o meu interesse despertado. É um livro de capa dura bastante pesado e, puxando-o para fora, pouso-o no colo e começo a passar as páginas. *Michelangelo, Leonardo da Vinci, Botticelli...*

Os meus olhos saltam de pintura para pintura. É como ver fotografias de velhos amigos. Em algumas, o trabalho do pincel é incrível; noutras, é a luz; umas são demasiado sentimentais ou demasiado religiosas.

Quando viro a página, o meu coração sobressalta-se.

Retrato de um Músico, de Ticiano.

Fito o rosto que me fita de volta, a minha mente recuando até à primeira vez que vi aquela pintura. Eu tinha 19 anos e vagueava pela *Gallerie dell'Accademia*, em Veneza, com um guia e os obrigatórios auriculares que não funcionavam, quando me deparei com ele, escondido num canto escuro.

Fora amor à primeira vista.

Com o longo e desordenado cabelo escuro afastado do rosto, a barba, olhos inquietantes, expressão emotiva, testa larga e olhar resolutivo, era dos homens mais atraentes que alguma vez tinha visto.

E ainda por cima, músico! O que era tão típico em mim. Tive sempre um fraquinho por músicos. Mostrem-me um homem com pelos na cara e uma guitarra, que eu mostro-vos a mais completa das paixões. O Evan Dando dos Lemonheads, o trágico Kurt Cobain e até mesmo o Thom Yorke dos Radiohead, todos me deixam de joelhos a tremer.

A minha mente rebobina. Lembro-me como se fosse ontem, de pé numa pequena mancha de luz do Sol, a fitá-lo, hipnotizada, e a pensar que tinha encontrado o meu homem ideal e que pena era que não fosse real. Fazia parte do meu curso de História da Arte — não a parte da luxúria — mas a razão por que me encontrava em Itália naquele verão. Só lá estava há poucos dias e já me tinha apaixonado um milhão de vezes — pelos imensos pratos de *pasta* de trufa preta, os edifícios de tom ocre desvanecido e as deslumbrantes *piazzas*, o som da água a embater suavemente nas margens dos canais...

E, agora, por aquela pintura.

— Um tipo interessante, hem?

Tinha sido ouvir uma voz atrás de mim que me fez, finalmente, arrastar os olhos para longe. Senão, quem sabe quanto tempo teria ficado ali parada, maravilhando-me com a mestria de Ticiano como pintor e saboreando a deliciosa frescura da galeria, depois do calor escaldante do meio-dia lá fora. Aquelas poucas palavras, ditas com um sotaque americano, fizeram-me perceber que não estava sozinha e tinha-me voltado, esperando...

Na verdade, até hoje, não sei bem o que tinha esperado. Nada, realmente. Só mais um turista com a sua câmara e guia na mão. Afinal de contas, a cidade estava repleta de milhões deles. Quando muito, fiquei provavelmente um pouco irritada por ser interrompida nos meus devaneios.

E foi quando vi o Nathaniel pela primeira vez.

Cabelo longo, desgrenhado. Louro. *Jeans e t-shirt. Uns All-Stars Converse.*

E simplesmente soube.

Na fração de segundo que os meus olhos levaram a percorrê-lo, parado nas sombras, a poucos passos de distância, com as mãos enfiadas nos bolsos e um sorriso preguiçoso no rosto, fui acometida por algo tão inesperado, tão súbito, tão diferente de tudo o que já experimentara. Como um raio. Um sentimento de certeza tão poderoso, que até vacilei.

Os italianos chamam-lhe *colpo di fulmine*. Amor à primeira vista.

Foi o que aconteceu. Ele era o Tal.

Que barulho é esse?

Voltando abruptamente à realidade, levanto a cabeça do livro. Consigo ouvir um zumbido. Uma espécie de lamento agudo... Confusa, inclino a cabeça para um dos lados, tentando perceber de onde vem. Vem dali, do átrio, decido, relanceando para os caixotes de pinturas empilhados contra a parede e o elevador ao fundo.

Oh, caraças.

O elevador.

É daí que vem.

Mal o pensamento me tinha atingido quando reparo na luz ao lado a soar.

Sinto um lampejo de pânico. Raios, raios, raios! Deve ser ele. O cliente. *Está de volta!*

Pondo-me de pé de um salto, o livro cai do meu colo ao chão com um baque tremendo e eu agarro-o atabalhoadamente, ao mesmo tempo que endireito a saia e tento prender o cabelo atrás das orelhas. Quero parecer adequadamente profissional e composta e não como alguém que andou a bisbilhotar pelo apartamento na última hora.

Enfiando à pressa o livro de volta na caixa, viro-me para ver as portas a abrir. Tudo bem, nada de pânico. Está tudo controlado. Age simplesmente com normalidade. Sim, certo, com normalidade.

Só que o problema é que não há nada sequer de *remotamente* normal em estar na *penthouse* de um estranho quando este surge no seu elevador privado.

Vislumbro o porteiro primeiro, o familiar faiscar do seu uniforme verde-escuro e, depois, surge uma figura atrás dele. Alto, com umas ligeiras entradas, de fato e óculos escuros, ele olha para baixo, para alguma correspondência na sua mão, enquanto sai do elevador. Observo o porteiro a entrar de novo no elevador para descer, depois volto a fitar o proprietário da *penthouse*.

— Olá — apresento-me rapidamente, tentando não soar tão nervosa como me sinto. — Sou da galeria.

Subitamente consciente da minha presença, ele levanta a cabeça e faz deslizar os óculos escuros sobre a cabeça. Quando o faz, vejo um clarão de surpresa nos seus olhos. Olhos azul pálido com manchas cinza-escuro em torno da íris.

É como se um camião de dez toneladas tivesse colidido contra o meu peito.

Oh, meu Deus, não pode ser.

Simplesmente, não pode ser.

Nathaniel?

— Lucy?

Por breves instantes, acho que vou desmaiar. Enquanto a minha mente entra em queda livre, tento dizer a mim mesma que me enganei. Não é ele; é um efeito da luz. Quero dizer, deve haver milhões de pessoas por aí com manchas cinza em torno da íris, certo?

Certo?

Mas não há engano naquela voz. É a mesma voz que ouvi naquele dia na galeria. Foi aquela voz que me fez virar a cabeça e apaixonar à primeira vista.

— Caramba, Lucy, és mesmo tu?

Foi também aquela voz que acabou comigo ao telefone.

— Olá, Nathaniel.

Visei um tom descontraído, calmo e controlado, mas resultou um tanto inexpressivo e empertigado. Ainda assim, são palavras. Ditas em voz alta. O que é melhor do que ficar completamente emudecida com o choque e que é, realmente, como me sinto.

Aliás, retiro o que disse. Não tenho a certeza de sentir seja o que for. É como se todo o meu corpo tivesse ficado subitamente entorpecido, e eu notasse uma estranha sensação de flutuar, como quando tirei as amígdalas e o anestesista me disse para começar a contar para trás.

— És mesmo tu! Por um momento, achei que estava a ver coisas. — O seu rosto abre-se num sorriso, criando vincos nos cantos dos olhos.

Esses são novos, não consigo evitar pensar para mim mesma. Antes, ele não tinha vincos nos olhos. E o cabelo... está muito mais curto e começou a recuar nas têmporas.

— Pensei, não pode ser, é impossível!

Consigo ouvi-lo a falar, vejo-o a gesticular, mas é como se estivéssemos separados por uma barreira invisível, uma espécie de escudo impenetrável entre nós e, em vez disso, fito aquela silhueta de fato cinzento diante de mim com uma certa incredulidade desprendida.

Ele parece diferente. Mais velho. Foram-se o blusão de cabedal de loja de segunda mão e o longo e desgrehado cabelo louro; e os traços arredondados de adolescente desapareceram, revelando malares aguçados e um queixo bem mais quadrado. Mas continua a ser o Nathaniel. *Continua a ser o Nate.*

Quando esse pensamento me incendeia a mente, o meu coração sobressalta-se. Reprim-o rapidamente. Não, nem penses, digo a mim mesma, com firmeza. Não te ponhas com ideias.

— Desculpa, não te deixei dizer nem uma palavra, não foi? — Ele ri-se, pousando a correspondência e passando os dedos pelo cabelo. — Conta-me, como estás? O que tens feito? O que estás aqui a fazer?

Subitamente, dou-me conta de que, apesar do dispendioso fato de marca e ar de homem de negócios bem-sucedido, ele está nervoso. Bem, deve ser um choque para ele

também, chegar do trabalho e encontrar-me à espera no átrio de sua casa, dez anos depois. Como um fantasma do passado.

— Trouxe as tuas obras de arte — consigo articular.

— As minhas quê? — Confuso, ele relanceia distraidamente para os caixotes empilhados em perfeita ordem ao canto, não parecendo perceber.

— A coleção Gustav — continuo eu, mantendo a minha voz estável. Céus, é tão bizarro. Como se um robô se tivesse apoderado do meu corpo e eu estou aqui, rígida, a falar sobre arte numa estranha voz automatizada, quando a Lucy real lança os braços ao alto e guincha *Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus*, em *loop*.

Por um instante, ele parece fitar os quadros em total perplexidade. Depois, subitamente, a testa desfranze-se e ele volta-se para mim numa espécie de momento «eureka». — Tu trabalhas na galeria — diz ele, devagar, e eu começo a ver tudo a encaixar no devido lugar.

— Sim, transferei-me há pouco tempo de um espaço de exposições em Londres. — Aceno com a cabeça, ainda na minha personificação do R2-D2. — Sou coordenadora sénior.

Bem, da primeira vez com o porteiro tinha soado impressionante.

— És? — Nathaniel parece ligeiramente atordoado.

— É um excelente trabalho — acrescento rapidamente, de súbito sentindo a urgência de me justificar. — Organizo exposições, trabalho de perto com novos artistas, trato com os clientes...

— Então e a tua própria pintura? Pensei que...

— Oh, isso foi há muito tempo — digo num tom indiferente, interrompendo-o e olhando para baixo para estudar os meus pés, que de repente se tornaram verdadeiramente interessantes. — Enfim, então e tu? — pergunto, mudando de assunto. — O que tens feito ultimamente?

O que tens feito ultimamente? Oh, meu Deus, Lucy, que pergunta patética é essa? Parece que estás pendurada na cerca do jardim, a passar o tempo com o vizinho do lado. Não a falar com o teu primeiro amor, que não vês há dez anos, mas em quem nunca deixaste de pensar.

Pronto, não pensei nisso.

— Oh, tu sabes, isto e aquilo — diz ele, a boca contraindo-se. Os seus olhos cintilam de divertimento enquanto procuram os meus e eu sinto algo agitar-se no fundo de mim. Como cubos de gelo quando começam a derreter. Alterando-se, fragmentando-se, dissolvendo-se.

— Bem, deve ser um isto e aquilo bastante bem-sucedido — replico, gesticulando em volta para a *penthouse*.

— Oh, isto. — Ele encolhe os ombros com modéstia. — É só um aluguer.

— Oh, a sério? — digo eu, tentando soar indiferente, como se arrendar *penthouses* gigantescas em Manhattan fosse algo que eu própria fizesse regularmente. Quando não

estou ocupada a arrendar um quarto numa minúscula caixa de sapatos no centro da cidade, é claro.

Por dentro, contudo, não consigo evitar sentir uma pontada de insegurança. Céus, ele é obviamente um figurão importante enquanto eu continuo tesa ao final de cada mês.

— Tenho vivido em LA, mas agora estou a mudar-me para aqui em trabalho — acrescenta, em explicação.

— Não me digas que estás na indústria cinematográfica — digo, com uma onda de entusiasmo, antes de sentir as faces a ficar vermelhas. — Reparei nas revistas. — Aponto vagamente para a sala.

— Televisão. — Ele parece quase apologetico. — Sou produtor.

— Uau, isso é excelente! — Tento soar convincente, embora não faça a mínima ideia se é excelente ou não. Seja como for, parece importante.

Todos querem sempre trabalhar na televisão, não é? Bem, exceto eu. A arte foi sempre a minha cena.

— Sim, é fixe... — Ele assente, depois hesita.

Há uma pausa desconfortável e, por instantes, ficamos ali parados no átrio, a olhar um para o outro. Posso sentir o espaço entre nós adensar-se de perguntas e emoções.

— Desculpa, acabei de me aperceber de que nem te ofereci uma bebida ou alguma coisa — esboça ele, apologetico, massajando as têmporas.

— Oh, não te preocupes — digo apressadamente.

— Receio não ter grande coisa, à parte umas *Evian*.

E aquela coisa estranha da quinoa, penso eu, recordando o pacote no frigorífico.

— Ouve, porque não saímos e vamos tomar uma bebida? — sugere ele, de repente. — Para pormos a conversa em dia como deve ser?

Sou apanhada de surpresa. Ir tomar uma bebida? *Eu e o Nate?*

— Oh, hum... — Perturbada, tento empatar. — Não sei bem...

— Há um lugar porreiro aqui na esquina — continua ele com entusiasmo. — Vá lá, que dizes?

Ele olha-me, expectante, um grande sorriso na cara e, do nada, sinto uma onda de indignação. Meu Deus, não posso acreditar. Ele acha que eu vou simplesmente trotar daqui com ele até um bar para uma conversazinha agradável. Depois do que aconteceu? Devia dizer-lhe para se pôr a milhas.

Devia, mas é claro que não o vou fazer.

— Deixa-me só ir buscar a minha mala.

Imaginei este momento milhões, biliões de vezes: voltar a dar de caras com ele. O que eu diria, como eu estaria, exatamente como seria. Eu estaria fabulosa, *é claro*. Usaria os meus *jeans* justos. Estaria num bom dia de cabelo (bem, não tenho verdadeiramente bons dias de cabelo. Tenho dias de pelo-menos-não-está-crespo e caramba-a-minha-franja-ainda-não-se-retorceu). Oh, e estaria de braço dado com um homem espantoso.

Não que acredite que seja preciso estar com um tipo para me sentir bem comigo mesma, mas, enfim, já chega de princípios feministas. Se damos de caras com o amor da nossa vida que casou com outra, podem acreditar que não vamos querer estar sozinhas e a usar a nossa desmazelada roupa de trabalho ou um par de sandálias que nos fazem as pernas parecer atarracadas.

Sentada num banco de bar, passo a mão pelas pernas, constrangida. Ugh, estão todas eriçadas. Que é quando me dou conta de que me esqueci de as rapar.

— Quero dizer, quais são as probabilidades?

Puxando a saia para baixo, olho do outro lado do balcão para Nathaniel. Com as mangas da camisa enroladas para cima, ele senta-se à minha frente, abanando a cabeça de incredulidade.

Estamos num pequeno *bistro* francês, na esquina da rua dele, a beber vinho tinto. Normalmente, não bebo vinho tinto. Na verdade, não gosto. Fiz aquilo que se faz quando se está um pouco nervoso e se diz que se bebe o mesmo que a outra pessoa vai beber. Pelo que o Nathaniel pediu uma garrafa.

O que levou uns vinte minutos, já que ele queria provar tudo no *menu* primeiro, rodopiando cada um dentro do copo e cheirando. Obviamente, ele sabe bastante sobre vinho, ao contrário de mim. Eu não sei coisa nenhuma.

— É um bocado coincidência — anuo eu, dando um grande gole de vinho.

Sinto-me ridiculamente nervosa. Como se fosse um primeiro encontro.

Rapidamente, varro esse pensamento.

— Só um bocado. — Ele concorda, revirando os olhos. — É incrível. Sempre me perguntei se alguma vez te voltaria a ver.

— A sério? — A minha voz sai num guincho.

— Bem, sim — diz ele, olhando para baixo, para o copo de vinho, embaraçado.

O meu peito comprime-se e o estômago precipita-se naquele mergulho estranho. Ele pensou em mim. Durante todo este tempo, ele pensou em mim. Sinto uma onda de validação. Todo este tempo, sempre me perguntei. *Sempre esperei*.

— Alguma vez pensaste em mim? — Ele levanta os olhos e estuda-me longamente, perscrutando.

O meu estômago dá outra volta completa.

— Às vezes. — Encolho os ombros, tentando soar desprendida.

OK, isto é mentira, mas não vou admitir a verdade agora, pois não? Que não consigo parar de pensar nele.

— É mesmo? — Ele parece agradado. — Pensei que me terias esquecido por completo.

— Acredita que tentei. — Consigo esboçar um meio sorriso e ele cora.

— Pois, não me portei muito bem no final, pois não?

— Oh, não sei. — Bebo mais um gole de vinho, apreciando a sensação da sua lenta descida até ao estômago, apaziguando os meus nervos agitados. — Éramos muito jovens e

as relações à distância nunca funcionam, não é? Foi simplesmente daquelas coisas. Inevitável, mesmo. E acabar com alguém nunca é fácil. — Hum, espera lá! Desde quando desenvolvi esta atitude tão madura?

— Eu fui um cretino, sejamos sinceros. — Ele esboça um sorriso arrependido.

— Está bem, foste um cretino. — Eu anuo em acordo.

Ele ri-se, o rosto enrugando-se e, embora a contragosto, não consigo evitar rir-me também. É estranho, mas passado todo este tempo, todos estes anos, todas as incertezas, a antiga ferida parece diluir-se e sou só eu e o Nate sentados num bar, como dois velhos amigos a tomar uma bebida. Talvez seja verdade que o tempo é uma boa cura.

Ou talvez seja simplesmente o vinho tinto.

— Então... — diz ele.

Observo-o a dedilhar o pé do seu copo de vinho, como se pensasse a fundo em alguma coisa. Então reparo. *Ele não está a usar aliança.* Atinge-me como uma flecha. Algures nos recessos da minha mente, recordo-me vagamente de Marsha o referir, mas não lhe prestei muita atenção — ela estava a falar de um estranho. Pelo menos, eu *pensava* que ela estava a falar de um estranho.

Fito o seu dedo despidido. Talvez a tenha tirado e se tenha esquecido de a voltar a pôr. Ou pode tê-la perdido. Ou talvez seja daqueles que não a usam.

Mesmo enquanto penso todas essas coisas, enterrada profundamente dentro de mim, uma irrupção de esperança explode no meu peito como fogo de artifício.

— Diz-me...

Volto à realidade, descobrindo-o a observar-me.

— ... há quanto tempo estás em Nova Iorque?

A conversa parece ter-se desviado de terreno perigoso e voltado às cortesias. Sinto uma pontada de alívio.

— Não há muito, apenas algumas semanas. — Bebo um trago de vinho.

Não o deixes perceber que estás a olhar para o seu dedo da aliança, entoa uma vozinha na minha cabeça. Sobressaltada, afasto rapidamente os meus olhos.

— Uau, então és nova na cidade como eu. — Ele sorri. — E o que achas até agora?

— Adoro. — Sorrio, estendendo o meu copo, enquanto ele o atesta.

É muito importante não lhe perguntar se é casado. Tenho de parecer desinteressada. Como se não estivesse de todo curiosa. Como se nunca tivesse pensado nisso todos estes anos.

— Sim, é uma cidade fantástica. Venho cá de visita muitas vezes em trabalho, mas nunca vivi aqui antes.

— Ah, sim?

Ou nunca tivesse tentado pesquisar no Google a mulher dele para ver como ela era.

— Sim, por isso estou excitado por explorar, por ter uma ideia real da cidade, em vez de ser um mero turista.

E não encontrei nada. Nem uma mísera foto. Enfim, seria de pensar que ela estivesse

— E então, que tal a vida de casado?

É como um míssil *Exocet*. Disparado sem aviso da minha boca, parte direito a ele e despenha-se no balcão do bar. Por um instante, tenho a estranha sensação de estar completamente desligada, uma observadora, uma espetadora inocente.

Depois, atinge-me.

Oh, meu Deus, eu não acabei de dizer aquilo. Eu não acabei de dizer aquilo.

Porra. Porra. *PORRA*.

Há uma pausa enquanto Nathaniel bebe um trago do seu vinho. É como o momento entre a queda e o impacto. Aquela aturdida fração de segundo em que nos preparamos para o inevitável.

Pousando o copo, ele olha-me nos olhos.

Por favor, não digas que é maravilhosa. Cruzo os dedos debaixo do balcão. Enfim, podes dizer que é boa e que estás feliz e tudo isso e eu ficarei contente, a sério que ficarei, mas não repitas sem parar como é maravilhosa, como *ela* é maravilhosa.

— Vamos divorciar-nos.

Agora é a vez dele de lançar um míssil. *Bum*. Assim mesmo.

Olho, incrédula, para ele. Eu estava preparada para uma dezena de diferentes respostas, mas não essa. *Nunca* essa.

— Céus, lamento — digo apressadamente, procurando, atabalhoada, algo apropriado que dizer, mas por dentro sou abalada pelo choque. E por outra coisa. Um secreto tremor de alegria, que assoma como uma réplica depois de um terramoto.

— Obrigado. — Ele sorri, entristecido. — É melhor assim. Eu e a Beth nunca nos devíamos ter casado sequer.

O meu rosto nem vacila. Tento não parecer realmente interessada, mas cada célula do meu corpo é como um recetor perfeitamente sintonizado.

— Conheci a Beth quando ela era caloirra na universidade e ela era o total oposto de mim: ruidosa, confiante, a vida e alma de qualquer festa... Discutíamos como loucos.

Quando ele me conta essa informação, tento imaginá-lo. *O Nate? A discutir como louco?* Mas não consigo. Ele foi sempre tão brando, tão descontraído. Acho que nunca o vi perder a paciência.

— Estivemos casados só um ano e, depois, ela saiu de casa. Olhando para trás, devíamos ter acabado tudo na altura, suponho.

— Porque não acabaram? — deixo escapar, depois, detendo-me, acrescento apressadamente: — Quero dizer, se não se entendiam.

— Não sei. Suponho que não quisesse desiludir ninguém. Fizemos um casamento em grande... — A voz some-lhe, constrangida.

— Eu sei. Apareceste no *New York Times*.

— Tu viste? — Ele parece surpreendido e embaraçado.

Como eu, por admitir tê-lo visto.

— A minha irmã, Kate, viu. Ela vive aqui, sabes? Ela mostrou-mo.

A verdade é que ela rasgou a notícia e enviou-ma por correio, com a argumentação de que era melhor eu conhecer todos os factos. Secretamente, eu sabia que ela esperava que, ao ver a fotografia do seu casamento, eu parasse finalmente de chorar por ele, seguisse adiante e o esquecesse. E resultou. Mais ou menos.

— Pareceu-me um bonito casamento. — Sorrio vivamente e esvazio o meu copo.

Juro que acabei de me tornar na *Miss* Maturidade. Olhem só para mim! Toda calma e descontraída e nem um pouquinho que seja ciumenta ou perturbada. É espantoso. Sinto-me nobre. Magnânima.

Um bocadinho tocada, apercebo-me subitamente.

— Foi um grande casamento. — Ele acena com a cabeça. — Foram trezentos convidados, no Ritz-Carlton em São Francisco.

— Uau — murmuro, não pela dimensão da sua lista de convidados, mas porque não consigo acreditar que estou aqui sentada, a falar do casamento do Nate, *com o Nate*. É simplesmente tão bizarro.

— Acredita, acho que nem sabia quem metade deles eram. Ainda não sei — continua ele, abanando a cabeça. Pegando no seu vinho, ele olha para mim, pensativo. — Seja como for, chega sobre mim. Então e tu? Quem é o sortudo?

Sinto as faces ruborizar e por um breve instante penso em inventar um, depois decido dizer a verdade. Nunca fomos de joguinhos, eu e o Nate, não faz sentido começar agora. — Não existe — digo, desviando o olhar e fitando o meu copo vazio.

— O quê? — Agora é ele que parece incrédulo. — Porque não?

Porque nunca te esqueci, porque nunca ninguém chegou perto, porque tu és o Tal, sussurra uma vozinha dentro de mim.

Em vez disso, encolho simplesmente os ombros. — Acho que ainda estou à espera da pessoa certa.

Todo aquele vinho num estômago vazio está a fazer-me sentir zonha e o bar começa a oscilar lentamente. Erguendo os olhos, encontro os dele.

— Inteligente — assente, parecendo pensativo. — Eu devia ter feito o mesmo.

Instala-se uma pausa enquanto nos entreolhamos. Nenhum de nós fala. Será só de mim ou algo está a acontecer aqui? *Será que algo vai acontecer aqui?*

Algures no meu corpo, uma ténue pulsação desperta.

— Alguma vez voltaste a Veneza?

O meu peito comprime-se e sinto o ar prender-se na garganta. — Não, nunca — consigo articular, tentando manter a voz firme. — E tu?

Os seus olhos não deixaram os meus.

— Um milhão de vezes — responde ele, serenamente.

O meu coração sobressalta-se. *Pois, não imaginei isto.* Sinto uma onda de emoção e, por uma fração de segundo, é como se estivesse suspensa no limiar de alguma coisa, imaginando o que ele dirá a seguir, que rumo irá tomar.

— Casei com a mulher errada, Lucy.

A sua voz é baixa, mas clara e serena. Sinto-me cambalear. Oh, meu Deus, não posso acreditar... Não posso acreditar... Ao ouvir a sua surpreendente confissão, sinto-me chocada, atónita, atordoada e, contudo...

E, contudo, há uma outra coisa... lá bem no fundo... um arrebatador sentimento de calma, inevitabilidade, *destino*.

— Cometi o maior erro da minha vida quando te perdi e nunca deixei de o lamentar. Pensei em ti durante anos. Perguntando-me onde estarias, o que farias, se alguma vez te voltaria a ver. Às vezes, imaginava mesmo voltar a ver-te, dar de caras contigo na rua...

Estou a ouvi-lo a falar, mas podia ser eu a falar. Podia ser a minha voz a dizer as mesmas coisas. Porque isso foi exatamente o que fiz todos estes anos. É como se ele estivesse a ler o meu diário, a falar da minha vida e, contudo, foi a vida dele também. Todo este tempo, vivemos vidas paralelas, sem nunca o sabermos.

— Foi de loucos. Até fui ver um psicanalista uma vez, por causa disso.

Sou chamada de volta à realidade. — Um psicanalista?

— Bem, eu estava em LA. — Ele parece envergonhado. — Estava deprimido por causa do trabalho, mas passei o tempo todo a falar sobre ti.

Minúsculos dardos de alegria picam-me a pele, arrepiando-me dos pés à cabeça. Nunca ousei imaginar que ele pensaria em mim. Assumi que nunca mais voltara a pensar e que há muito me tinha esquecido. Contudo, enquanto eu estava em Londres a pensar nele, ele estava em LA a pensar em mim.

— Ouve, sei que isto parece estúpido, mas... — A voz some-se-lhe. Ele hesita, depois fita-me de volta, os seus olhos procurando os meus. — Acreditas em almas gémeas?

Os nossos olhos prendem-se. O coração martela-me no peito. Sinto-me zozza. Bebi demasiado vinho. É tudo demasiado. Está tudo nebuloso. No entanto, naquele instante, alguma coisa lampeja tão nítida, tão inequívoca, tão absolutamente certa, que não tenho dúvidas.

— Sim — murmuro. — Sim, acredito, Nate.

E, então, acontece.

Inclinando-se para mim, ele procura a minha mão e, entrelaçando os dedos nos meus, puxa-me para si, devagar, gentilmente. Fechando os olhos, mergulho nele. É como se nada tivesse mudado. Ele é o mesmo, o seu cheiro é o mesmo e, quando os seus lábios tocam os meus, é como se os anos se diluíssem e estivéssemos de volta àquela gôndola em Veneza...

O seu beijo é o mesmo, também.

Um raio de sol filtra-se pela brecha dos estores, aquecendo-me as pálpebras, arrancando-me do mais profundo dos sonos. Enevoadá, abro os olhos, esperando ver uma colcha indiana bordada semeada de roupas abandonadas, chocantes paredes escarlate e pilhas de tralha. Em lugar disso, sou saudada por uma vista de branco imaculado. Uma paisagem ártica de lençóis lavados, paredes despidas e hectares de carpete vazia.

Por uma fração de segundo, pergunto-me onde diabo estou.

Depois, recordo-me.

É a manhã seguinte e eu estou no quarto do Nate. Na cama do Nate. *Com o Nate.*

Enquanto o assimilo, lanço a minha mão para o outro lado do vasto colchão. Só que ele não está lá. Momentaneamente, sinto-me petrificar. Inseguranças brotam no interior, antes de ganhar consciência de um ténue som sibilante. Vem da casa de banho privativa. É claro. O Nate deve estar no chuveiro. Fechando os olhos, afundo-me de novo debaixo do edredão. Aninhada no meio daquelas mornas e macias profundezas, espreguiço-me e volto a enrolar-me como um ponto de interrogação, apreciando a frescura dos lençóis de linho, o imenso e espesso colchão, as mais macias almofadas de penas, a memória da última noite... É como estar num hotel superluxuoso.

Pronto, já chega da cama, Lucy. *Então e o sexo?*

Um arrepio deliciado percorre-me a espinha, enviando pequenas ondas de choque por todo o meu corpo. Como alguém com um segredo maravilhoso, quero abraçar as memórias contra o peito para não mais as soltar. Mantê-las guardadas cá dentro e pensá-las uma e outra vez, saboreando-as, revivendo-as, momento por momento de deleite.

Foi espantoso e, contudo, perfeitamente natural, como se nunca nos tivéssemos separado. Tudo se encaixou simplesmente. Como duas peças de um *puzzle*, deslizámos simplesmente de volta ao lugar. É o que recordo acima de tudo, porque o resto das minhas memórias são difusas. Enevoadá pelo desejo e pelo álcool, recordo vagamente voltarmos à *penthouse*, beijarmo-nos no átrio, peças de roupa a serem tiradas, até que subitamente estávamos os dois despídos e a cair na cama. A sensação da pele contra a pele, a boca dele, os dedos, as suas coxas...

Coro com a memória, o estômago a tremular com as sensações a inundar-me o corpo, a minha pele ainda a formigar. Um *flashback* dos nossos membros entrelaçados e outro e mais outro e mais outro e...

— Lucy?

A voz de Nate traz-me de volta e abro os olhos para o ver aos pés da cama, usando só uma toalha. O seu corpo musculado ainda escorre de gotículas de água e observo um pingão deslizar-lhe entre os peitorais, sobre os abdominais definidos, descendo até ao umbigo.

Mesmo com a ressaca, o meu corpo reage. É difícil não o agarrar e arrastar para debaixo dos lençóis comigo. Na verdade, talvez devesse.

Oh, meu Deus, o que é que me deu? Desde quando me tornei uma ninfomaníaca do sexo?

Desde ontem à noite, entoa uma vozinha. O sexo com o Nate foi sempre fantástico e a noite de ontem comprovou que nada tinha mudado. Sinto uma dor nas virilhas, só de pensar. Pronto, tudo bem, vai com calma, Lucy, vai com calma.

Mais fácil dizer do que fazer, estando completamente nua e na cama dele.

— Como te sentes? — Calcando sem ruído o tapete fofo, ele senta-se na beira da cama e, suavemente, desvia-me o cabelo da cara, o seu rosto enrugando-se num sorriso.

Excitada. Feliz. *Apaixonada*.

Enquanto o pensamento dispara no meu cérebro, sinto uma pontada de alarme. Calma aí. Mais devagar. Foi só uma noite, lembrás-te? Ele pode ter ficado com dúvidas. Pode ter mudado de ideias. Pode estar a pensar que isto foi um grande erro.

— Com um pouquinho de ressaca — digo, tentando soar desprendida, enquanto a minha pele se arrepia sob o toque da ponta dos seus dedos. — E tu?

— Muito bem — assente, os seus olhos encontrando os meus. — Mesmo muito bem.

Dá-se uma pausa e os nossos olhares cruzam-se e, nesse instante, eu sei que tudo o que ele disse ontem à noite se mantém. Nada mudou. Ele sente o mesmo. Sinto um explodir de euforia, que faz ruir as minhas defesas.

— Sim, eu também — replico suavemente.

Um sorriso desenha-se no rosto dele. Parece agradado e mais do que um pouco aliviado. É então que me apercebo de que, provavelmente, estava tão nervoso quanto eu, se não mais. Afinal, ontem à noite, foi ele quem me abriu o seu coração, confessando ter cometido o maior erro da sua vida ao perder-me, perguntando-me se acredito em almas gémeas.

O meu estômago dá um salto.

— E então, queres alguma coisa? Tens fome?

— Hum. — Solto um pequeno bocejo. — Que horas são?

— Seis.

Todo o meu corpo se retrai, como se tivesse sido arrastada para debaixo de um chuveiro de água gelada. — *Seis?* — Gemo de choque.

— Na verdade, passam quase dez minutos — corrige Nate, obviamente não percebendo o trauma na minha voz.

Eu? Acordada? Às 6h da manhã? Normalmente, estou inconsciente até às 8h30. Meio-dia se for fim de semana. Não me consigo lembrar da última vez que estive acordada às seis da manhã.

Aliás, sim, consigo. Eu tinha 23 anos e estava numa discoteca em Ibiza, a diferença é que ainda não me *tinha* deitado.

— E se te fizesse um sumo fresco?

— Oh... hum... sim, por favor. Parece-me bem. — Sorrio. Está bem, é um bocado cedo para mim, reprimo outro bocejo, mas agora estou acordada e que melhor motivo para

permanecer acordada do que um Nate semidespido?

— Muito bem, é para já. — Aliviando o peso sobre a cama, ele estende a mão para uns pequenos óculos de aros metálicos na mesinha de cabeceira, que põe na cara.

Caramba, ele agora usa óculos, apercebo-me. Subitamente, recordo os estojos vazios de lentes de contacto na casa de banho. Isso explica-o, reflito, procurando habituar-me a este novo Nate de ar sério.

— Acredita, é sumo acabado de espremer. Tenho uma máquina de sumos. — Ele sorri, inclinando-se e dando-me um beijo.

Céus, ele continua podre de giro, com ou sem óculos, penso para mim, sentindo a sua boca quente sobre a minha.

— Eu levanto-me e ajudo-te — murmuro, começando a sair da cama, mas ele empurra-me de volta suavemente.

— Relaxa. Eu trato disso. — A sua boca retorce-se de diversão. — Sei o quanto gostas de ficar na cama... Acho que nunca saímos da cama em Itália, pois não? — Ele lança-me um olhar e eu sinto uma onda de deleite. Então, ele não esqueceu aquelas manhãs preguiçosas que passámos em Itália, deitados em concha durante horas na minha minúscula cama individual, a ouvir o mundo a passar do outro lado da janela.

— Verdade, mas posso fazer café — sugiro eu e, à menção do café, as minhas papilas gustativas fazem *plim*, despertas. Adoro o meu café da manhã. É o meu ritual sagrado. Nada se pode intrometer entre mim e o meu *latte* forte.

— Desculpa, não tenho café. — Ele esboça uma expressão apologetica.

— Oh, sim, é claro — assinto, recordando que ele acabou de se mudar. Provavelmente, precisa de uma tonelada de coisas. — Bem, não há problema, eu posso ir comprar algum... — começo, mas ele interrompe-me.

— Na verdade, eu não bebo café.

Por um instante, fito-o, simplesmente incrédula, voltando-me memórias de nós a vaguear pelas ruelas de Veneza e a beber *espressos* sem fim. Acho que vivemos todo o verão à conta disso.

— Tu não bebes café? — consigo articular, finalmente, num tom rouco.

— Não, deixei de beber — diz ele com naturalidade. — A cafeína é verdadeiramente nociva. Sabias que é mais viciante do que a nicotina?

— Hum... não... a sério?

— Absolutamente. — Ele acena com a cabeça, o rosto sério. — Também devias deixar de beber, Lucy. Vais sentir-te muito melhor.

E, com isso, desaparece para fora do quarto, deixando-me deitada na cama. *A cama do Nate*. Um sorriso de felicidade abre-se no meu rosto. Ainda não consigo acreditar. Que estamos aqui, juntos, depois de todo esse tempo. É espantoso. Nada mudou entre nós e, contudo...

Quando penso no café, sinto um leve desconforto. Nem tudo é o mesmo com o Nate. Rolando sobre a barriga, enterro a cabeça na almofada. Pergunto-me o que mais terá

mudado.

— De certeza que não queres que peça ao meu motorista para te dar boleia até ao centro?

Menos de uma hora depois, eu e o Nate descemos juntos no elevador, a par do mesmo porteiro de uniforme que encontrei aqui ontem. Sinto um lampejo de embaraço. É como o caminho da vergonha, só que num elevador. Mas se me reconhece, não o deixa transparecer. Em vez disso, fita discretamente os seus sapatos impecavelmente polidos.

— Não, a sério, eu fico bem. Vou de Metro.

— Tens a certeza que ficas bem? — Nate fita-me, o seu rosto marcado de preocupação. Ele trocou os óculos por lentes de contacto e os seus olhos azul pálido procuram os meus.

— Sim, tenho a certeza — digo eu e não consigo evitar rir-me. — Vou direita à galeria e começo a trabalhar cedo. Tenho montanhas de coisas para fazer. Vamos organizar uma exposição na sexta.

— Eu estou convidado?

— É claro. — Sorrio. — Se quiseres vir.

— Tenta impedir-me. — Ele sorri-me de volta e, lançando o braço à volta da minha cintura, puxa-me para si. Sinto um morno fulgor por dentro. Não me lembro de me sentir tão feliz. Como se alguém me tivesse simplesmente mergulhado em felicidade derretida.

As portas do elevador abrem-se com um *plim* e, enquanto saímos para o átrio, o braço de Nate mantém-se firme em volta da minha cintura. Bem como o sorriso estampado no meu rosto. Todo o trajeto, através das portas rotativas e até ao passeio e ao radiante sol do despontar da manhã.

— Uau, que linda que fica a cidade — exalo eu, sentindo uma onda de euforia. Olhando através do parque, vem-me um súbito impulso de me levantar assim cedo todas as manhãs. — A partir de hoje, vou levantar-me às seis, todos os dias — declaro com firmeza.

— É mesmo? — Nate fita-me, divertido. — Às seis da manhã?

— Sim, definitivamente. — Assinto com a cabeça, tentando reprimir um bocejo.

— Então, isso quer dizer que te vais querer deitar cedo logo?

Volto-me para ver Nate a olhar expectante para mim e sinto uma pontada de desânimo. Ele está a usar isso como desculpa. Obviamente, ele não me quer ver esta noite, percebo subitamente. O que não tem qualquer problema, é claro, digo-me rapidamente. Quero dizer, estou com ele neste momento e estive com ele toda a última noite, por isso, tudo bem se não me quiser ver também esta noite. Não fico desapontada nem nada do género.

— É que, sabes, eu esperava que pudéssemos jantar juntos hoje. — Desenlaçando o braço, ele volta-se para mim. — Mas vou estar todo o dia no estúdio em gravações, por isso, talvez só possa acontecer bastante tarde.

Como um papagaio de papel apanhado por uma rajada de vento que o faz voar alto, sinto um ímpeto de alegria.

— Bem, talvez não *todos* os dias — digo. — Na verdade, estava a pensar falhar amanhã.

— Fixe. — Ele abre um sorriso. — Vejo-te logo, então. — E dando-me um beijo, em cheio na boca, cruza apressadamente o passeio e desaparece no luxuoso *Lincoln* preto que o aguarda.

Flutuo em direção ao centro numa bolha de felicidade, sorrindo a perfeitos estranhos, oferecendo os meus últimos dez dólares a um homem pintado a *spray* prateado e vestido como a Estátua da Liberdade, e pensando na noite de ontem.

Fragments da nossa conversa servem de música de fundo, enquanto deslizo pelos torniquetes e para o interior da estação de metropolitano. Não ouço o ressoar do comboio, o chiar dos travões ou o baque das portas a deslizar, enquanto subo a bordo. Tudo se dilui, como num filme com o som tornado baixo, e tudo o que consigo ouvir é a voz de Nate. *Cometi o maior erro da minha vida quando te perdi e nunca deixei de o lamentar.*

Enquanto o comboio ronca em direção à cidade, olho para a escuridão do túnel, a minha mente flutuando para trás. *Pensei em ti durante anos. Perguntando-me onde estarias, o que farias, se alguma vez te voltaria a ver.*

Até que, finalmente, chego à minha paragem e saio e subo as escadas, para dentro da cacofonia do ruído da cidade. *Às vezes, imaginava mesmo voltar a ver-te, dar de caras contigo na rua.*

Sigo pelas ruas movimentadas, esquivando-me ao tráfego, peões, cafés de rua, e agora estou aqui na galeria e empurro a porta. *Acreditas em almas gêmeas?*

— Lucy!

Subitamente, o som volta, no máximo do volume, e ouço a voz de Marsha projetada contra mim.

— O que estás aqui a fazer? É tão cedo!

Envergando o seu habitual imaculado conjunto *Chanel* preto, diamantes e penteado desafiante da gravidade, ela senta-se imobilizada atrás da mesa da receção, com um *pain-au-chocolat* meio comido numa mão e um *frappuccino* gelado com espirais de natas batidas na outra. Parece um ladrão apanhado a meio do ato.

Limpando apressadamente as manchas de chocolate à volta da boca com uma unha escarlate, ela larga o pastel e o *frappuccino* como se fossem artigos de contrabando e tilinta até mim nos seus vertiginosos saltos. *Valentino* trota a seu lado, perfeitamente coordenado, com uma coleira de diamantes e casaquinho preto a condizer.

— Pensei em começar a trabalhar na exposição de sexta — digo eu, a minha voz abafada, enquanto ela me agarra e me dá a habitual saudação de dois beijos de batom. — Levantar cedinho.

Pronto, isso não é *exatamente* verdade, mas não lhe posso contar do Nate, posso?

— Estás a usar a mesma roupa!

— Hum... desculpe? — Mas, pensando melhor, talvez não tenha escolha.

— A mesma roupa de ontem! — Os seus olhos percorrem-me como um *scanner*. —

Ficaste fora a noite passada? — insiste ela. — Estiveste com o cliente?

— Bem, na verdade... — começo, as minhas faces enrubescendo. Oh, raios, fui apanhada. Ela sabe que passei a noite com o Nate e isso parece verdadeiramente pouco profissional. Sinto uma pontada de pânico. Como é que lhe vou explicar isto?

— Ah-ah! Eu sabia!

Mas se eu pensava que ela ia ficar zangada comigo, não podia estar mais enganada. Batendo as suas mãos ossudas de júbilo, ela sorri, delirante. — Vais vê-lo de novo?

— Esta noite. Vai levar-me a jantar — desabafo, antes que me possa impedir. Não consigo manter cá dentro. Quero simplesmente contar a alguém. Correção: quero contar a toda a gente.

O rosto de Marsha ilumina-se como uma lâmpada de 100 *watts*. — O que é que eu te disse? — Ela lança-me um sorriso triunfante. Depois, a sua expressão torna-se séria. — Olhaste para os sapatos dele?

Por um instante, observo-a, confusa. Depois, percebo. É claro. A *checklist*.

— *Made in Italy* — digo, recordando o meu bisbilhotar inicial e sentindo um leve lampejo de embaraço.

A Marsha, porém, não tem tais reservas. Ela não poderia ficar mais entusiasmada se lhe tivesse oferecido um bilhete de lotaria premiado.

— Lucy, isso é *incrível*. — Ela arqueja num tom abafado.

O que é um tanto exagerado. Enfim, os sapatos têm o hábito de ser italianos, até os meus, mas ainda assim sinto um ridículo palpitar de prazer que o Nate corresponda aos itens da sua *checklist*.

— E o relógio? — Ela aproxima-se mais, os olhos arregalados.

— Hum...

Não me recordo sequer se ele estava a usar relógio, mas também não era para o pulso dele que eu olhava, reflito, a minha mente dardejando para uma parte *totalmente* diferente do seu corpo.

— Não tenho a certeza — digo vagamente, mas se esperava fazer Marsha desistir, engano-me.

— Não te preocupes — diz ela, determinada. — Vai correr lindamente. Mais do que lindamente! Acredita, eu nunca me engano quando se trata de arranjar um par. Consegui até casar a Belinda, a filha da minha irmã, uma vez resolvido o assunto da depilação.

Agora sei porque ela tem tido tanto sucesso como casamenteira: esta mulher é como o Jason Bourne numa missão.

— Bem, a questão é essa, está a ver, é que não precisa de fazer... — Tenho de lhe explicar sobre mim e o Nate, sobre como já nos conhecemos, sobre tudo.

Mas Marsha não está a ouvir. Ela agita os braços fininhos em volta como hélices e despeja efusivamente: — Oh, isto é maravilhoso! Maravilhoso! —, antes de os voltar a colocar nas minúsculas ancas e me fitar num tom acusatório. — É ou não é maravilhoso?

— Bem, sim... mas... — Eu tento de novo, depois detenho-me. Oh, que se lixe. Porquê explicar? Encontrei o Nate de novo e isso é fantástico... não é preciso explicação.

Abrindo um imenso, deliciado e extasiado sorriso, anuo, feliz. — Sim, é bastante tremendamente maravilhoso!

O sorriso nunca me deixa o rosto. Trago-o o dia todo comigo, como o sorriso pintado de um palhaço, enquanto flutuo, sonhadora, pela galeria. Nada consegue trespassar a minha boa disposição. Nem a impressora encravada que decide mastigar a minha lista de convidados e encher a minha saia de tinta. Nem o casal com a criança pequena que interpreta erradamente a placa de «Por favor, não tocar», como se dissesse «Por favor, toca em tudo com os teus dedos imundos e gordurentos». Nem mesmo o homem carrancudo atrás do balcão do *Katz's*, quando vou buscar o nosso pedido habitual da hora de almoço. Tudo e todos são maravilhosos. A vida é maravilhosa.

Até o meu cabelo parece maravilhoso.

Bem, certo, talvez não *maravilhoso*, mas menos tufado e definitivamente mais brilhante.

Ao longo de todo o dia, o meu telefone apita como um monitor cardíaco, com o Nate a enviar-me mensagens. Textos engraçados, textos sedutores, textos românticos — mais alguns textos sugestivos que me enviam corada para a casa de banho para responder secretamente. Marsha pode ser a patroa de mente mais aberta com que já trabalhei, mas, ainda assim, há certas coisas que não consigo fazer à frente dela, e escrever «Despido com natas batidas» é uma delas.

Flutuo todo o caminho do trabalho até casa. Sigo alheia ao uivar das sirenes da Polícia e ao tráfego enlouquecido da hora de ponta e quando alguém me pisa um pé, mal reparo. Nem reparo nos três lanços de escadas que subo geralmente a ofegar, maldizendo a minha má condição física. Em lugar disso, aninhada no meu pequeno mundo, chamado Planeta Nathaniel, deslizo por eles acima sem esforço, até que aqui estou, a destrancar a porta do meu apartamento.

Descubro a televisão ligada e a Robyn no sofá com o *Simon* e a *Jenny*. Um braço tornado de pulseiras acena por cima das costas das almofadas. — Chegaste mesmo a tempo. É aquele novo programa de culinária.

— Oh, meu Deus, não consigo acreditar! — desabafo eu, deixando-me cair no sofá.

— Hoje, vão focar-se nos *soufflés*.

— É incrível. — Abano a cabeça.

— O quê? Um *soufflé*? — Virando-se do ecrã para olhar para mim, Robyn detém-se subitamente. A sua testa franze-se. — Lucy, estás bem? Pareces estranha.

Abraçando os meus joelhos contra o peito, fito o vazio, com uma expressão aluada no rosto. — Fiz sexo. Foi espantoso. Acho que estou apaixonada.

A Robyn parece alguém que levou uma pancada na cabeça. Ela ataca o botão de pausa do comando. — Espera, espera, espera — brada ela. — Mais devagar. Vamos recuar aqui um instante. — Aconchegando os caracóis atrás das orelhas, ela fixa-me com os seus flamejantes olhos verdes. — Sexo? Paixão? *Com quem?* — indaga ela.

— O Nathaniel — respondo eu, sonhadora.

Os seus olhos alargam-se como pratos de jantar. — Queres dizer, *o Tal*. — Ela arqueja, numa espécie de assombro sufocado.

Anuo, sentindo um palpar de contentamento. — O Tal — repito, sentindo uma onda de felicidade.

Há uma inspiração profunda e a Robyn põe-se de pé num repente, como algo saído de *O Exorcista*, os braços agitando-se, os olhos revirando-se, as narinas dilatando-se. *Simon* e *Jenny* saltam do sofá a gemer.

— Oh, Lucy, caramba! — guincha ela. — Não posso acreditar! Quero dizer, na verdade, posso — diz precipitadamente, como se argumentasse consigo mesma. — É o poder do universo a juntar-vos. Eu soube, assim que ouvi aquela história... tu e o Nathaniel foram feitos para estar juntos. É o destino. — Apertando o cristal em volta do seu pescoço, ela continua, sem fôlego: — Vá, conta-me, o que aconteceu?

E então conto-lhe, tudo pela ordem errada, e ela faz-me um milhão de perguntas, tentando preencher as lacunas, enquanto eu salto para o duche, depois saio e começo a arranjar-me.

— Espera um segundo, então ele já não está casado?

— Separado, a divorciar-se — explico, enrolando o cabelo numa toalha e entrando descalça no quarto. Ligo o emaranhado de luzes decorativas em torno do meu guarda-roupa e acendo a minha vela de aromoterapia.

— E ele mudou-se para Nova Iorque?

— De LA, sim. Ele está a gravar aqui uns programas de televisão. Ele é produtor — acrescento, com uma ponta de orgulho.

— O que é que faz um produtor? — pergunta Robyn, tentando desimpedir um espaço na cama para se sentar, depois desistindo e sentando-se de qualquer maneira.

— Hum... produz. — Encolho os ombros, deitando a mão ao creme hidratante. Não faço ideia do que faz um produtor, mas soa impressionante. — Oh, Robyn, foi simplesmente espantoso. — Suspiro, revestindo com pequenas porções de creme as minhas maçãs do rosto. — *Ele* foi espantoso.

— Uau, que romântico. — Ela suspira, sonhadora.

— Pois é. — Concordo com a cabeça, tirando a toalha e enfiando o meu velho roupão de fios repuxados. — Sabes que ele me perguntou se eu acreditava em almas gémeas.

— Não perguntou nada!

— Perguntou.

Trocamos olhares. Robyn parece ter morrido e ido parar ao Céu. — Caramba, Lucy — exclama ela, o seu rosto inundado de felicidade. — Eu disse-te, só tens de acreditar. É tudo o que tens de... — Ela detém-se e contorce-se, desconfortável. — Ai, acho que me senti em cima de algo pontiagudo. — Fazendo um trejeito, põe a mão por baixo da colcha bordada. — O que é isto?

— Não sei. O quê? — digo, distraída, sem sequer olhar. Tendo desenterrado uma pinça da minha gaveta da roupa interior, começo a arranjar as sobrancelhas.

— Hum... é uma espécie de pendente, acho eu.

— Oh, junta-o só ao resto da quinquilharia. — Gesticulo vagamente na direção do toucador, que está semeado de vernizes de unhas, moedas soltas, uma série de blocos de desenho... Faço uma nota mental para o adicionar à lista de coisas para arrumar, quando tiver um minuto. Só que nunca pareço ter um minuto.

— É feito de um pedaço de moeda.

A meio de uma puxadela de pinça, congelo. Espera, não pode ser...

— Onde é que está? — Arquejo, girando, o meu coração batendo forte.

Robyn repara na minha expressão e, subitamente, a moeda, muito literalmente, cai.

— Oh, céus, esse é...?

— O meu colar. — Arquejo, agarrando-o quando cai dos dedos dela. Incrédula, traço o rebordo partido com o meu polegar. — Pensei que o perdera há anos. Onde é que o encontraste?

— Aqui, em cima da cama.

— Mas isso é impossível. — A minha mente precipita-se, alucinante. Só me mudei para Nova Iorque há seis semanas e não podia estar de forma alguma nas minhas malas. Certo, a minha ideia de fazer malas é menos «condensar dentro de» e mais «enfiar tudo dentro», mas, mesmo assim, eu teria reparado num colar desaparecido anos antes. Em especial, *este* colar. — Quero dizer, as coisas não aparecem simplesmente assim — murmuro, abanando a cabeça, incrédula.

Desconcertada, olho para Robyn, esperando vê-la tão perplexa quanto eu, mas em vez disso, os seus olhos brilham de excitação. — Não vês? É a lenda. — Ela arqueja, o seu rosto abrindo-se num sorriso de êxtase.

— A quê? — Franzo a testa em confusão, não compreendendo.

— A lenda da Ponte dos Suspiros — responde ela impacientemente. — Está a cumprir-se!

Quando ela o diz, um morno sopro de vento entra pela janela aberta, fazendo tremular a vela aromática e ondulando o pedaço de tecido de sari vermelho e dourado que serve de cortina. Enquanto os fios dourados cintilam e dançam, um arrepio sobe-me pela espinha e, pelo infinitésimo instante, a minha imaginação incendeia-se...

Depois, assim rapidamente, o sopro de vento aquietar-se e a minha imaginação é extinta.

— Não sejas tola — contraponho. — Sou só eu a ser desarrumada, sem nunca saber onde está nada. Estou sempre a perder coisas.

Por dentro, porém, sinto-me agitada. A sério, o que é que me deu? Estás só nervosa com logo à noite, digo-me firmemente. É o que é. Os nervos fazem-nos pensar todo o tipo de disparates.

— Seja como for, passemos a coisas mais importantes — digo, enfiando apressadamente o pendente da moeda na minha mala.

— Oooh, tipo, o signo do zodíaco dele — entusiasma-se Robyn. — Não me digas.

Aposto que ele é Carneiro.

— Não. — Arquejo de novo, agarrando num emaranhado de roupas. — Tipo, o que vou vestir?

Passou uma hora e já experimentei tudo o que tenho pendurado no guarda-roupa, que não é muita coisa, pois pareço ter uma aversão a cabides, preferindo em vez disso a abordagem das costas da cadeira. Mais tudo o que está amarrotado em cima da cama, quando as costas da cadeira ficam muito cheias. Mais tudo o que pertence à Robyn, apesar de ela ser uns quinze centímetros mais alta e uma entusiasta do *tie-dye*.

E continuo de roupão.

— Oh, céus, o que é que eu vou vestir? — gemo eu em desespero, pela enésima vez.

— Então e isto? — diz Robyn, com vivo entusiasmo.

A sério, a mulher é extraordinária. Agora sei porque foi escolhida para a equipa de *cheerleaders* na faculdade. Mesmo face à derrota, ela mantém-se espantosamente otimista.

— Fica excelente com *leggings*.

Interrompendo o remexer de uma pilha de *tops* que criaram borbotos ou têm uma misteriosa nódoa na frente ou que parecem ter encolhido com a lavagem, deito-lhe uma olhadela. Ela segura uma coisa terrível tipo blusa púrpura em *tie-dye*, que parece igual a todas as outras peças de roupa que já me mostrou do seu armário.

— É engraçada, mas...

— Mas o quê?

— Não estou muito segura em relação ao *tie-dye* — digo cautelosamente. Ou ao facto de parecer uma tenda púrpura sem forma, penso.

— Qual é o problema do *tie-dye*?

Qual é o problema do tie-dye? Quero responder-lhe, mas tenho de ter tato. A Robyn passa as férias a viajar pelos cantos mais remotos do globo e o seu guarda-roupa é testemunho disso. Esqueçam as grandes marcas da moda. O seu estilo é uma mistura eclética de túnicas de seda bordadas de pequenas aldeias de montanha na China, casacos de tecelagem de uma tribo em África e calças largas de pescador da Tailândia. E uma profusão de *tie-dye* da Índia. No outro dia, vislumbrei a sua roupa interior no estendal e vi que também *isso* era *tie-dye*.

— É preciso ser-se uma pessoa muito especial para o usar. Quero dizer, em ti fica fantástico — despejo, vendo Robyn corar com o elogio —, mas eu acho que preciso de algo que seja um pouco mais... — procuro as palavras certas — ... afirmativo.

— Certo, estou a ver — assente Robyn, pensativa. Sentada de pernas cruzadas em cima da cama, ela torce o nariz em concentração, a minúscula tacha na sua narina cintilando sob as luzes decorativas. — Afirmativo de que tipo?

— Não sei bem. Algo que seja feminino, mas não juvenil. — Em desespero, começo a atacar de novo o monte de roupa nas costas da cadeira.

— Algo *sexy*. — Robyn sorri com malícia.

— Mas não vulgar — acrescento rapidamente, sentindo uma pontada de pânico. —

Quero que ele pense, Uau.

— Ele já pensa, Uau — assevera-me ela.

Lanço-lhe um olhar agradecido.

— A sério, ele ama-te como tu és! — exclama ela. — Podias usar um saco do lixo, que ele ia continuar a achar-te fantástica.

— Na verdade, não é má ideia — resmungo, segurando alto um par de *leggings* pretas, que ficaram lassas nos joelhos. — Temos algumas destas?

No final, opto por um vestido de seda lilás, que comprei no eBay no ano passado. É feito de seda franzida (pelo que é *suposto* estar enrugado) e cinjo-o na cintura com um cinto fabuloso que peço emprestado à Robyn.

— Amazon — diz ela, apertando as fiadas de contas multicores em volta da minha cintura.

— Também estiveste no Amazonas? — questiono, impressionada. Céus, a Robyn já esteve em todo o lado.

— Não, é da Amazon de Chinatown — diz, num tom casual. — Eles vendem de tudo lá. — Recuando, ela mira-me de cima a baixo em avaliação.

— Que tal estou? — pergunto, apontando o corpo ao espelho por cima do toucador. Consigo ver o torso e pouco mais.

— Estás perfeita — diz ela, o rosto abrindo-se no mais branco e dentífrico dos sorrisos. — Simplesmente perfeita.

— Não demasiado chique?

— Lucy, ele vai levar-te a um dos melhores restaurantes de Manhattan!

— Oh, por favor! — Sinto um palpitar de excitação e de alarme. O Nate tinha-me mandado por mensagem o nome do restaurante e, quando o contei à Robyn, ela fitara-me simplesmente excitada e sussurrara «Oh, uau, Lucy», vezes sem conta, até que lhe implorei que parasse, porque me estava a deixar nervosa.

— A que horas é a reserva?

— Hum... — Pegando no telemóvel, percorro as mensagens. O Nate enviou-me dezenas delas hoje, cada uma devidamente lida e analisada pela Robyn com larga aprovação. — Nove e trinta — digo eu, encontrando finalmente a mensagem certa.

— Mas já passam vinte minutos das nove — diz Robyn, relanceando para o meu despertador.

— *O quê?* — Lanço um olhar de pânico ao mesmo relógio. — Não pode ser.

Vejo os números digitais deslizar para as nove e vinte e um.

— Raios, vou chegar atrasada!

— Não tem problema. Apanha um táxi — diz ela, calmamente.

— Não posso. Estou tesa. Ainda estou a tentar liquidar aquela conta do Visa. — Em pânico, agarro na minha mala.

— Lucy! É o teu destino! — Ela arqueja. — Não o podes pôr em espera enquanto apanhas o maldito metropolitano.

Na verdade, posto dessa forma...

— Toma vinte dólares para o táxi — diz Robyn, desenterrando uma nota do seu pequeno porta-moedas bordado. — E não aceito um não como resposta.

Dou-lhe um abraço agradecido. — Obrigada. O que é que eu faria sem ti?

— Não faço ideia. Agora vai e diverte-te — grita-me ela enquanto me precipito para fora do quarto.

Depois, volto a entrar a correr. — Esqueci-me dos sapatos — explico, sem fôlego. Agarrando nos meus saltos favoritos, corro descalça para fora do apartamento, escadas abaixo e para a rua para chamar um táxi.

Segundo o meu guia turístico de Nova Iorque, há treze mil táxis «amarelos» registados em Manhattan. Além disso, há todos esses outros veículos de aluguer privados e limusinas e carros pretos; não sei exatamente quantos, mas são muitos. O que significa que há básica e literalmente dezenas de milhares de táxis a perambular pela cidade.

E, contudo, não consigo achar um maldito deles!

Quinze minutos depois, ainda estou no passeio. À espera. *OK*, nada de pânico, deve haver um táxi algures, tem de haver, digo-me, fazendo desesperadamente sinal a todos os carros que passam na esperança de que um deles possa ser um táxi.

Oh, olha, há um que parou! Finalmente! Fantástico!

Sinto uma faísca de alívio, rapidamente seguida por outra coisa.

Hum, aliás, não, não é nada fantástico. Não é de todo um táxi. É um qualquer homem sinistro dentro de um carro. Que agora me faz um gesto grosseiro.

Ugh... Saltando rapidamente da berma, marcho apressadamente na outra direção — não assim tão simples em saltos de oito centímetros — e continuo a perscrutar o tráfego por um clarão amarelo. Mas nada. O nó no meu estômago estreita-se. Raios! Vou chegar atrasada. Tipo, verdadeiramente atrasada. Tipo, «de arruinar o meu jantar romântico com o Nate».

Tão prontamente quanto esse pensamento me veio à cabeça, vejo um relampejar de amarelo.

Espera, *aquilo é...*?

Do nada, um táxi surge e dá uma guinada para junto de mim. Oh, meu Deus, donde surgiu este? Por um instante, fito-o imobilizada de espanto enquanto larga os seus passageiros no passeio ao meu lado e liga a luz. Enfim, como pode ser? Num instante não estava lá e no outro...

Lucy, por amor de Deus, entra simplesmente.

— East Fifty-Seventh Street, por favor — digo ao motorista, saltando para o interior. Céus, ouçam só, pareço uma verdadeira nova-iorquina. Depois, sorrindo satisfeita para mim mesma, não consigo resistir acrescentar: — E prego a fundo.

A Robyn tinha razão — é superchique.

Ao chegar ao restaurante na zona nobre da cidade, o *maitre d'* no seu uniforme conduz-me pela sala de jantar intimista, com a sua luz suave e um murmurado tilintar de talheres, até uma mesa à luz de velas resguardada num canto. E ao Nathaniel, de ar imaculado no seu fato cinza-escuro.

Ele fala com alguém no seu *iPhone*. Vê-me e sorri.

O meu estômago volta-se ao contrário, como uma panqueca.

— Desculpa, Joe, posso ligar-te mais tarde? — Depois, sem perder um segundo, diz-me, aprovador: — Uau, estás deslumbrante!

— Obrigada. — Sorrio, as minhas ansiedades quanto ao que vestir desvanecendo-se. Não sei porque estava tão nervosa. O Nate viu-me com os seus boxers e uma *sweatshirt*, o cabelo arrepanhado para trás e sem ponta de maquilhagem. Admito que foi há uns dez anos, mas mesmo assim. — Desculpa o atraso.

— É bom saber que nada mudou — diz ele, levantando-se e dando-me um beijo.

Sinto um repuxar de saudade. Sim, ele tem razão. Nada mudou.

— Então, como foi o teu dia?

Arrancada ao meu devaneio lascivo, vejo o empregado de mesa puxar a cadeira para eu me sentar. — Oh, já sabes — digo, sentando-me.

— Atarefado? Também o meu. — Nate assente, consolador, embora não fosse exatamente o que eu quis dizer. Para ser sincera, passou tudo num enevoar de borboletas e de antecipação por esta noite. — Estivemos todo o dia a gravar. Foi bastante cansativo.

— O que estiveste a gravar? — Conhecendo o Nate, será provavelmente algum drama ou documentário sobre história ou política, que foi no que se licenciou em Harvard.

— Um *reality show*.

— Um *reality show*? — Sinto um golpe de surpresa, seguido de algo que se assemelha a uma pequena pontada de desilusão. O que é ridículo. Enfim, não há nada de mal com os *reality shows*.

— Sei o que estás a pensar: «O que faz o Nate a produzir *reality shows*?» Mas em termos de níveis de audiência...

— Não, de todo — protesto, rapidamente. — Eu adoro *reality shows*!

Pronto, é um bocado mentira. Não me lembro da última vez que vi um.

— A sério? — Nate parece agradado. — Qual é o teu favorito?

Raios.

— Hum... céus, há tantos — digo eu, vagamente. — É difícil escolher.

— Nunca conseguiste decidir — diz ele com um sorriso e procura a minha mão, do outro lado da mesa. — Lembras-te de Itália e dos gelados?

Os seus dedos quentes envolvem os meus e sinto um embaçar morno.

— Bem, havia tantos sabores e eram todos tão deliciosos — protesto, pensando em como o costumava fazer esperar, enquanto eu provava uma colher de cada um dos sabores. Entretanto, ele escolhia sempre baunilha. — Dito isso, o melhor gelado que alguma vez provei não foi em Itália. Foi em Paris, num café pequenino ao pé do Sacré-Coeur.

— Quando é que estiveste em Paris?

— Na última passagem de ano.

— Ei, também eu!

— Não acredito!

Entreolhamo-nos.

— Oh, meu Deus, que coincidência! Viste o fogo de artifício?

— Sobre a Torre Eiffel, sim. — Ele acena com a cabeça, o rosto abrindo-se num

sorriso. — Foi bastante incrível, não foi?

— Aquela parte em que dispararam foguetes dos lados...

— ... e, depois, toda a torre explodiu ao bater da meia-noite — termina ele e, a seguir, simplesmente fitamo-nos, incrédulos.

— Tu estavas lá — diz ele, passado um momento.

— Também tu — murmuro eu.

O meu estômago agita-se enquanto a minha mente recua. Pensar que estivemos tão perto, que estivemos na mesma cidade na mesma altura, a ver o mesmo fogo de artifício explodir no mesmo pedaço de céu — simplesmente, não o sabíamos.

— Uau, isso é de loucos — diz Nate, sorrindo. — Tu e eu, os dois em Paris no ano passado na véspera de Ano Novo. Mas que grande coincidência. — Ele ri-se perante tal absurdo.

— Pois é — concordo e, ignorando o meu estômago oscilante, rio-me também. — Que total coincidência!

Passados alguns instantes, o empregado volta para anotar o nosso pedido. Tudo na minha estadia soa delicioso, embora haja uma série de coisas de que nunca ouvi falar e tenha de pedir ao empregado para me explicar. Não estou acostumada a comer neste tipo de restaurantes. Comparado com o meu italiano local em Londres, com as suas toalhas de mesa em xadrez vermelho e branco e música de fundo estilo valsa, este é um mundo totalmente diferente.

Esforço-me por não parecer intimidada e escolho uma *pasta* de cogumelos selvagens, enquanto Nate opta por peixe e uma salada verde. — E uma garrafa de champanhe — diz ele, lançando-me um sorriso do outro lado da mesa.

As minhas entranhas dão uma volta completa. — O que estamos a celebrar? — sussurro quando o empregado se vai.

— A minha decisão de entrar numa galeria. — Ele sorri e, depois, olha-me pensativo, como se tivesse muita coisa a acontecer na sua cabeça. — Eu não ia entrar, mas se não o tivesse feito...

— Então, o que te fez entrar?

— Não sei. — Ele encolhe os ombros. — Foi totalmente ao acaso. Nunca vou àquela zona da cidade, mas estava a caminho de um almoço de negócios e tinha uns cinco minutos para gastar, por isso, andava só por ali. Na verdade, quase passei sem ligar, mas depois...

— Depois o quê? — perguntei, interessada.

— Não sei bem. — Ele enrug a testa. — De repente, senti um desejo de entrar. Foi realmente estranho. — Ele abana a cabeça, descartando a ideia, depois ri-se. — Acredita, normalmente não ando por aí a comprar obras de arte dispendiosas na pausa do almoço. Geralmente, é só uma salada.

Rio-me e, nesse instante, o empregado reaparece com a garrafa de champanhe, que abre devidamente com um hábil golpe de pulso e serve em duas flutes.

— Um brinde a Veneza — diz Nate, passando-me um copo.
— À galeria.
— A nós — acrescenta suavemente, sustentando o meu olhar enquanto faz tinir a sua flute contra a minha.

Um arrepio percorre-me a espinha e eu bebo um trago, saboreando a sensação das bolhinhas frias a efervescer na minha língua.

Sinto-me como num sonho, como se me beliscasse e fosse despertar de volta na minha antiga vida. Em vez de estar aqui com o Nate, num restaurante fabulosamente requintado, a bebericar champanhe e a fazer olhinhos um ao outro por cima da mesa.

Subitamente, somos interrompidos pelo seu *iPhone* a tocar. Ele relanceia para o ecrã, depois franze a testa. — Desculpa, Lucy, importas-te que atenda esta chamada? É trabalho.

— Não, tudo bem, força — digo eu, alegremente.

Ele lança-me um olhar grato, depois atende. — Olá, John. Então, conforme discutimos ontem, com base no episódio-piloto, eu veria isso como um programa de distribuição direta e, obviamente, ia querer o cargo de produtor executivo e crédito...

Quando ele começa a falar de negócios, eu sorvo mais um gole de champanhe e observo o restaurante à minha volta. É um público abastado. Na sua maioria casais, e na sua maioria mais velhos, as mulheres parecendo todas idênticas, com o seu bronzeado dos Hamptons e penteado profissional com secador, enquanto os homens têm todos cabelo grisalho e fato feito à medida. Embora haja ali um casal com um ar bastante diverso, reparo, avistando um homem com a barba por fazer, ao canto, de óculos escuros.

Solto um leve ronco de escárnio. Francamente, quem usa óculos escuros dentro de um restaurante? Quem é que ele pensa que é? O Bono?

Distraidamente, observo enquanto ele se move ligeiramente para o lado e o vislumbro melhor.

Oh, meu Deus, é o Bono!

Sinto uma súbita excitação. Não posso acreditar. Uma pessoa famosa, a jantar no mesmo restaurante que eu! Pois, é o que há de tão fantástico em vir aos sofisticados restaurantes de Manhattan. Isto não aconteceria no meu italiano local em Earl's Court.

— Está bem, põe-me em Cc no *email* e eu ligo-te amanhã. Obrigado, John. — Desligando, Nate volta-se para mim. — Desculpa.

— Oh, não faz mal. — Eu sorrio, depois inclino-me sobre a mesa e sussurro: — Sabes que mais, o Bono está sentado atrás de ti!

Esperava que o Nate ficasse excitado e tentasse espreitar, mas, em vez disso, ele encolhe desinteressadamente os ombros e diz: — É mesmo? — e pega na flute de champanhe.

— Sim, tenho praticamente a certeza de que é ele. — Aceno com a cabeça, lançando um outro olhar dissimulado sobre o ombro do Nate. — Enfim, parece exatamente igual a ele.

— És uma grande fã dos U2?

— Bem, não propriamente, mas vi-os em concerto uma vez e foram fenomenais.

— Sim, também eu. Um amigo meu ganhou bilhetes para o último espetáculo de três noites em Dublin e levou-me com ele. Já foi há alguns anos.

— Junho de 2005. A *tournee* Vertigo — termino eu, antes que me possa impedir.

— Uau, és mesmo fã! — Ele ri-se.

Eu fito-o, atónita. — Eu estive lá.

— Desculpa? — Ele olha-me como se me tivesse ouvido mal.

— O meu namorado levou-me a esse mesmo concerto. Bem, não era propriamente meu namorado — acrescento apressadamente. — Saímos só algumas vezes juntos e...

— Estás a brincar!

— Não, a sério, éramos totalmente incompatíveis. Ele era de ir a festivais e de tomar alucinogénios. Pronto, uma vez comi uns bolinhos de haxe, mas foi só porque achei que eram bolinhos a sério...

— Estou a falar do concerto — interrompe Nate e eu coro.

— Oh, sim, pois. — Abano a cabeça, incrédula. Primeiro, a passagem de ano em Paris e agora isto... É quase como se estivéssemos destinados a voltar a encontrar-nos. Como se todos estes anos tivéssemos circum-navegado o globo, indo aos mesmos lugares ao mesmo tempo, mas sem nunca nos encontrarmos.

Até agora.

— Qualquer um poderia pensar que me tens andado a seguir — diz ele, penetrando os meus pensamentos, sorrindo.

— Ou que me tens seguido a mim — protesto, indignada. Céus, estou a ficar como a Robyn. É claro que é apenas uma coincidência. Deviam estar milhares de pessoas naquele concerto.

— Já agora, aquele não é o Bono — confia ele, os seus olhos cintilando de diversão.

— Não é? Como é que sabes? — Olho para lá, vendo que se está a levantar para se ir embora e sinto um lampejo de embaraço, ao perceber que é totalmente outra pessoa. — Bem, a semelhança era impressionante — digo, num tom explicativo.

— Suponho que aches que aquela é a Madonna sentada ali ao canto, também — brinca ele.

— E ao lado dela está o Brad Pitt — digo com uma sonora risada.

— Chhhiu. — Ele franze ligeiramente a testa e gesticula com a mão para que eu mantenha a voz baixa. — Menos volume.

— Oh, desculpa. — O meu riso desaparece de imediato e sinto-me um pouco desconfortável. Como se acabasse de ser repreendida. Ainda assim, posso tornar-me um pouco tola ou ruidosa quando estou tocada e este champanhe subiu-me diretamente à cabeça. O que acontece sempre que bebo de estômago vazio, reflito, sentindo um clarão de alívio quando o empregado chega com a nossa comida.

— Mmmm, isto está divina! — digo, provando uma deliciosa garfada de *pasta*. —

Queres provar um bocadinho?

— Não, obrigado. Estou a tentar evitar os hidratos de carbono — declara Nate, atacando a sua salada verde.

— Então, não podes comer *pasta*? — indago, tentando momentaneamente imaginar a vida sem macarrão com queijo e não conseguindo.

— Ou batatas ou pão. — Ele anui, espetando uma folha de alface. — E praticamente todos os produtos de pastelaria.

— Então, nada de biscoitos? — guincho eu.

— Bem, de qualquer forma não ia comer bolachas. Estão cheias de açúcar refinado.

— Certo, sim. — Concorde, procurando não pensar em todos os pacotes de bolachas que devorei ao longo da minha vida. — Sem dúvida.

— Quando penso no que costumávamos comer em Itália. — Ele revira os olhos e abana a cabeça. — Toda aquela *pizza* e gelado. Quero dizer, consegues imaginar comer isso agora?

Não tenho de imaginar — é basicamente tudo o que eu e a Robyn comemos. O nosso apartamento está semeado de caixas de *takeaway* da Domino's e embalagens vazias de *Ben & Jerry*. Sinto uma pontada de alarme. E se o Nate quiser ir a minha casa?

— Céus, não — digo e, estremecendo levemente, faço uma nota mental para me escapar até à casa de banho e mandar uma mensagem à Robyn para se livrar das provas. Para o caso de...

— Desde que fui viver para LA, adotei um estilo de vida muito mais saudável — continua ele, pousando o garfo e inclinando-se para mim por cima da mesa. — Faço caminhadas pelos *canyons*. Corro na praia...

Imagens em câmara lenta de um Nate musculado a correr pela praia vêm-me de súbito à mente e sinto uma pontada de lascívia.

— Que tipo de coisas gostas de fazer?

— Eu? — Regresso subitamente do meu devaneio, para o ver a olhar-me expectante.

— Sim, para te manteres em forma. — Ele sorri.

Nada. Absolutamente nada.

Raios. Pensa em alguma coisa rápido. Não quero parecer o tipo de pessoa indolente, que se senta no sofá todas as noites a ver televisão e a comer bolachas. Bem, não *todas* as noites.

— Oh... hum... adoro andar de patins...

Bem, «adorar» é um pouco forte. Fui andar uma vez em Hyde Park e não sabia como parar. Acabei por me esbarrar contra um grupo de turistas franceses. Não muito bom para as relações anglo-francesas.

— ... e ioga.

Fiz uma, talvez duas vezes, mas, ainda assim, adoro a *ideia* de fazer ioga.

— Uau, a sério? Também eu — diz Nate, parecendo agradado. — Devíamos fazer

uma sessão de ioga juntos.

Oh, bolas.

— Bem, não sou grande coisa — digo, apressadamente. De facto, para dizer a verdade, da última vez que fui fazer ioga, quase dei cabo das costas ao tentar tocar nos dedos dos pés.

— Não te preocupes, eu posso ajudar-te. Estudei com um grande mestre em LA — diz ele, esticando-se do outro lado da mesa para a minha mão e oferecendo-me um sorriso, que me faz sentir estranha por detrás dos joelhos. — Aliás, talvez devêssemos fazer umas sessões privadas juntos, só tu e eu.

Instantaneamente, consigo sentir as minhas reservas a desvanecer-se, ao imaginar-me a mim e ao Nate a fazer saudações ao Sol juntos todas as manhãs, a sair para um sumo acabado de espremer a seguir, envergando todo aquele equipamento fabuloso para exhibir os nossos espantosos corpos aprimorados pelo ioga. A minha mente parte sozinha em devaneio... Imaginem só, podíamos fazer aqueles retiros de fim de semana ou ir viver para uma praia na Índia e passar os nossos dias a entoar «*Ommmmm*».

Não que queira particularmente viver numa praia na Índia e entoar «*Ommmmm*», mas seja como for.

— Parece-me excelente — concordo, sorrindo, sonhadora.

— Parece, não parece? — Ele sorri e ficamos silenciosos, fitando-nos um ao outro por cima da mesa, com um olhar inocente, como dois adolescentes apaixonados. Verdadeira e horivelmente embaraçoso.

Absolutamente fantástico, contudo.

O resto da noite escapa-se numa névoa indistinta de comida deliciosa, champanhe gelado e sedução. Saltamos o café e a sobremesa, já que o Nate não o bebe nem a come; em vez disso, ele convida-me a voltar a sua casa para um último copo. Pelo brilho nos seus olhos, é bastante óbvio que não está a falar de uma caneca de chocolate quente.

Sinto um frémito de excitação enquanto ele pede a conta.

Embora os profiteroles de chocolate com molho quente soassem de morrer.

— Estás bem? — pergunta ele, acariciando o meu cabelo, enquanto me encosto a ele no banco de trás do táxi, de volta à sua *penthouse*.

— Sim, ótima — anuo. Consigo sentir a robustez da sua coxa pressionada contra a minha, através do meu franzino vestido de seda. Passaram poucas horas desde que estivemos juntos na cama, mas já parece ter sido há séculos.

— Com sono? — Correndo os seus dedos por baixo do meu cabelo até à nuca, ele desliza-os lentamente para a minha clavícula.

Engulo com dificuldade. — Não — respondo, tentando manter a minha voz firme. Parece a viagem de táxi mais longa de sempre. Inundada de álcool e de antecipação pelo que se avizinha, cada sinal vermelho demora um tempo infindo, cada paragem uma eternidade. Movo a mão para o seu colo, sentindo o intumescer por baixo. Ele estremece

levemente e a respiração adensa-se. — E tu?

— Não, também não. — Ele desliza a mão para dentro do meu vestido e sinto um arrepio percorrer-me até às virilhas.

Meu Deus, como isto é surreal, nós a termos uma conversa perfeitamente normal, ao mesmo tempo que não conseguimos manter as mãos afastadas um do outro.

É também o maior intensificador de desejo.

— Então, se não estamos com sono, o que havemos de fazer? — pergunto inocentemente, enquanto lhe desentalo a camisa e deslizo as pontas dos dedos para baixo da sua cintura.

— Hum, não sei bem — diz ele, ainda continuando o jogo. — Podíamos ver um DVD.

A respiração prende-se na minha garganta. — Que filmes tens? — consigo articular. O meu corpo inteiro pulsa e preciso de todo o meu autocontrolo para não exigir fazer sexo com ele ali mesmo, no banco de trás daquele táxi.

Eu sei. *O que pareço?*

— Oh, estou certo de ter alguma coisa que te agrada... — A sua voz cala-se, a respiração quente e irregular contra o meu ouvido.

— A sério? — digo com intensidade.

— A sério. — Ele arqueja, a sua voz tremulante.

Depois, subitamente, estamos a estacionar junto ao edifício dele e o Nate paga o táxi e entramos pelas portas giratórias e cruzamos o átrio. Estou tão inebriada de desejo que mal reparo no porteiro ou na viagem de elevador. Tudo o que tenho consciência é do corpo do Nate perto do meu, do seu doce aroma almiscarado, do som da sua respiração, curta e urgente contra o meu pescoço.

Então, as portas abrem-se e entramos no apartamento e dizemos boa-noite ao porteiro e ficamos apenas os dois, finalmente sós.

— Sabes, não me apetece muito um DVD. — Viro-me para ele, sentindo todo o meu corpo capaz de explodir a qualquer momento.

— O que te apetece então? — Ele olha-me, desafiante.

Não consigo. Já não consigo fazer mais este jogo.

— Isto — digo, puxando-o para mim e beijando-o. Ontem à noite, eu estava tão inebriada do vinho tinto que o sexo foi um pouco difuso. Apanhada no redemoinho de o voltar a ver, de estar de novo com ele, tudo pareceu acontecer demasiado rápido.

Mas agora ia ter uma gloriosa repetição, para o caso de me ter falhado alguma coisa, reflito, sentindo um arrepio de prazer enquanto ele me beija por trás e me puxa para o chão.

Depois, ficamos simplesmente ali deitados, entorpecidos. Banhada num morno enevoar, descanso a minha cabeça no seu peito, escutando enquanto as nossas respirações abrandam para o normal. Por um tempo, nenhum de nós fala, depois, virando a cabeça, ele

beija-me suavemente na face e diz em voz baixa: — Tenho uma coisa para te mostrar.

— Oh, eu acho que já vi tudo — digo, erguendo uma sobrancelha e sorrindo.

Ele estala a língua em reprovação. — Não, não viste. — Sorri, levantando-se.

Nu, desaparece por instantes, enquanto eu fico deitada na carpete branca, desconhecida e contente. Espreguiço-me como um gato e solto um bocejo. Sinto-me sonolenta, exausta, saciada.

— Encontrei isto hoje — diz ele, reaparecendo. — Pensei que o tinha perdido há anos, mas apareceu assim do nada. — Apoio-me nos cotovelos e fito-o, enquanto ele se dobra para me beijar. — Um pouco como tu, hem?

Olho para ele, confusa. De que é que ele está a falar? Então, reparo que ele tem algo à volta do seu pescoço. Um pendente. *Metade de uma moeda.*

O meu coração sobressalta-se e sinto uma onda de espanto, incredulidade, excitação... e de outra coisa. Isto deve ser mais do que mera coincidência. Deve ser o Destino.

— Bem, é curioso que fales nisso... — Rolando ao contrário, lanço o braço e procuro a minha mala, que está jogada no chão, junto com as minhas roupas. Com os dedos, tateio pelo interior, até que finalmente a encontro. A minha metade do colar.

— Olha! — Triunfante, coloco-o em volta do pescoço e trocamos olhares de deleite.

— Ei, será que ainda... — Inclinando-se para mim, ele puxa delicadamente o meu colar e coloca-o junto ao dele. As duas metades encaixam no lugar, como duas peças de um *puzzle*.

— É um encaixe perfeito — murmuro eu.

— Estás a falar do colar ou...? — Ele ergue as sobrancelhas num tom sugestivo.

— Nate! — Rio-me e golpeio-o a brincar.

— O que é que foi? — Ele ri-se, depois cala-se, pensativo, correndo um dedo pelo meu ombro. — Sabes, agora que te voltei a encontrar, nunca mais te vou largar.

— Sim, pois — brinco eu, mas por dentro sinto um explodir de felicidade.

— Não, estou a falar a sério. — Os seus olhos azuis procuram os meus e ele fita-me longamente. — Tu nunca te vais livrar de mim.

— Ora aí está uma coincidência... — Soerguendo-me, puxo-o para baixo contra mim. — Tu também nunca te vais livrar de mim.

O resto da semana escapa-se numa montagem sonhadora de jantares românticos em alguns dos melhores restaurantes de Nova Iorque, um passeio de carroça puxada por cavalos em Central Park, um espantoso *bouquet* de lírios brancos entregues no trabalho...

É tudo o que uma rapariga poderia sonhar e ainda mais. E o mais espantoso é que, desta vez, não está a acontecer a outra pessoa. A uma qualquer celebridade sobre quem leio numa revista no Metro ou a uma amiga de uma amiga de que ouço falar ao beber um copo com as minhas amigas solteiras, mas a mim. A *mim*. Lucy Hemmingway.

Enfim, quem havia de pensar que, poucos dias atrás, eu me arrastava na minha vida normal, fazendo coisas normais, como queixar-me da minha celulite à Robyn e lavar a minha roupa à mão e, depois — *zás* —, encontro de novo o Nate e tudo muda. Não que a minha vida fosse terrível antes, porque não era de todo. Simplesmente... Bem, deixem que o coloque desta forma, já não ando a pensar na celulite ou na lavagem da roupa à mão.

Agora, estou demasiado ocupada a sorrir, quando mais uma mensagem melosa dá sinal no meu telemóvel, ou a ficar deitada feliz nos braços dele, depois de fazermos sexo pela milésima vez.

Quanto à minha celulite... o curioso é que acho que o Nate nem reparou!

Aninhada no nosso pequeno mundo chamado «Nate e Lucy: População 2», é como se mais ninguém ou mais nada existisse. Na verdade, é tudo o que consigo fazer a cada manhã, para me arrastar para fora da sua *penthouse* e apanhar o Metro para o centro da cidade para ir trabalhar. Eu quero ser como o John e a Yoko e preguiçar na cama durante uma semana, embora os meus motivos sejam *ligeiramente* menos nobres. Bem, dez anos é *muito* tempo perdido a recuperar.

Dito isto, assim que entro na galeria, mudo automaticamente para o modo de trabalho. Pairar por aí num estado de espírito inebriante e romântico pode ser maravilhoso, mas consome-nos toda a energia e não conseguimos fazer nada e há imenso que fazer, já que esta sexta é o evento da galeria. Apaixonar-me e ter a minha primeira inauguração de galeria em Nova Iorque para organizar, tudo na mesma semana, é um pouco intenso, mas eu estou à altura do desafio. Trocando para cá e para lá entre Lucy modo-apaixonado e Lucy modo-trabalho, como o Super-homem, só que sem capa.

Até sexta-feira, tudo na minha lista foi assinalado como concluído com a minha caneta de sublinhar novinha em folha. A minha irmã, Kate, foi sempre fã de canetas de sublinhar. Traz marcadores de todas as cores na sua mala de mão — ao contrário de mim, que nunca encontro uma caneta, acabando geralmente a vasculhar em vão até encontrar um velho pedaço partido de grafite que costumava usar para desenhar. Desta vez, porém, estou determinada a ser mais organizada.

Fazer lista de convidados: *feito*. Enviar convites: *feito*. Elaborar material promocional: *feito*. Contratar serviço de *catering*: *feito*. Contratar pessoal: *feito*. Pendurar quadros prontos a expor: *feito*. Agora, só precisamos que seja um sucesso, digo para mim

mesma, sentindo uma pilha de nervos quando começam a chegar os primeiros convidados.

— Bem-vindos à *Número Trinta e Oito*. — Eu sorrio, conferindo o nome na minha lista. — Percorram a galeria à vontade e apreciem as obras artísticas. Se tiverem alguma questão, o meu nome é Lucy e terei todo o gosto em ajudar.

Pânico: *confere*.

Vinte minutos mais tarde e a galeria fervilha de gente. É um fim de tarde quente e abafado em Nova Iorque e as portas foram abertas de par em par. As pessoas deambulam pelo interior e transbordam para fora para o passeio.

É um público diversificado. Marsha compôs uma lista de convidados eclética, desde artistas de ar sombrio usando *Birkenstocks* e óculos à Elvis Costello, até algumas das celebridades de Nova Iorque, incluindo vários modelos de ar pubescente, um ou outro ator e inúmeros homens mais velhos com dentes impossivelmente brancos e mulheres impossivelmente delgadas, que escorrem diamantes e malinhas de mão de marca. E todas parecendo suspeitamente ter comprado o rosto na mesma loja que Marsha, reparo eu, observando-as a soprar beijos com os seus lábios estranhamente inflados.

— Uau, mas que talentosa, isto está fabuloso!

Levanto os olhos, vendo Robyn a saltitar na minha direção, o seu cabelo a esvoaçar solto e um largo sorriso desenhado no rosto. Mal a vi toda a semana, pois tenho ficado em casa do Nate, e é ótimo vê-la. Ela veste um cafetã bordado e umas calças de pescador, tudo em *tie-dye*, e os mais compridos e oscilantes brincos que alguma vez vi.

— E estás fantástica! Adoro o cabelo! — Lançando os braços à minha volta, ela dá-me um abraço sufocante. — A cor fica-te excelente!

— Obrigada. — Sorrio. Em honra da ocasião, fui a um salão à hora de almoço e mudei o tom do meu cabelo de um aborrecido castanho-avelã para um ousado groselha-escuro.

— O Nathaniel já o viu? — pergunta, excitada.

O que ela realmente quer dizer é, o Nathaniel já *foi visto*? Toda a semana, ela esteve morta por conhecê-lo, mas tenho-o mantido debaixo dos lençóis até esta noite.

— Ele está um pouco atrasado no estúdio, mas eu apresento-te assim que ele chegar — prometo eu.

— Fixe. Mal posso esperar. — Ela sorri. — Bem, vou agarrar numa bebida, antes que morra de sede. Queres alguma coisa?

— Oh, não, eu estou bem. — Abano a cabeça. — É melhor não beber no trabalho.

— OK, bem, volto já.

Enquanto ela desaparece na multidão, eu volto à minha lista de convidados. Mais pessoas chegam e ainda há mais para chegar, incluindo a minha irmã e o marido, Jeff, embora me tenham deixado uma mensagem a dizer que iam chegar tarde. Um compromisso qualquer. Não me posso queixar. Conhecendo-a, será provavelmente alguma cena de advogados megaimportante de muitos milhões de dólares. Em comparação, a

minha é simplesmente um pequeno evento de galeria.

— Querida, desculpa chegar tarde.

Os meus pensamentos são interrompidos por uma voz familiar e eu levanto a cabeça, vendo Nate. Instantaneamente, o meu estômago dá a sua habitual volta completa. — Conseguiste — digo eu, experimentando um ímpeto de felicidade, enquanto ele se inclina e me dá um beijo.

— À justa. Tivemos um pesadelo no estúdio.

— Oh, está tudo bem? — Sinto uma pontada de preocupação.

— Por agora — assente, verificando o seu *iPhone*. — Houve um problema com o apresentador de um dos programas em que estou a trabalhar. Ele está armado em total *prima donna*, fazendo todo o tipo de exigências. — Ele detém-se e fita-me. — Espera, tu estás diferente.

Sinto uma onda de prazer. Ele reparou no meu novo cabelo.

— O que é que achas? — Faço um rápido movimento sedutor com a mão.

A testa dele franze-se. — Lucy... o teu cabelo está *púrpura*?

— Chama-se «groselha ousado» — gaguejo eu. — Não gostas?

Ele observa-me como se o ponderasse cautelosamente. — Bem, é certamente interessante — diz ele, mas por dentro sinto-me desapontada.

Ele odeia. Ele odeia o meu cabelo.

— Não é fantástica a cor?

Ouvindo uma voz, giro sobre mim mesma para ver Robyn reaparecer com uma bebida, os seus olhos arregalados de excitação, enquanto nos abarca, a mim e ao Nate.

— Robyn, este é o Nate — digo, fazendo rapidamente a apresentação e desviando o tema do meu cabelo. — O meu namorado — acrescento.

Bem, não consigo resistir. Só de o dizer provoca-me uma faísca de felicidade.

— Uau, estou tão contente por te conhecer! — Com uma taça de champanhe numa mão, ela lança a outra em volta dele. — Ouvi tudo sobre ti!

— A sério? — Nate parece divertido. — Tudo? — Ele lança-me um olhar por cima do ombro dela em *tie-dye* e eu coroo.

— Sobre Veneza e a ponte e a lenda. — Soltando-o do seu aperto de um só braço, ela recua e fita-nos, com um imenso sorriso emotivo no rosto. — Olhem só para vocês dois. Formam um casal tão bonito.

Coro enquanto Nate me aperta o ombro.

— Não, a sério — continua ela, o rosto tornando-se subitamente solene —, vocês estão destinados a ficar juntos. Sabem que existe uma força exterior que nenhum de nós compreende, uma energia maior do que vocês ou do que eu... — Ela faz uma pausa, depois baixa a voz para um sussurro, como se nos contasse um segredo. — Acreditem quando vos digo isto, o destino é uma coisa extraordinária e este é o vosso destino. Este caminho foi traçado para vocês. É predestinação. Vocês são simples marionetas e é o Destino que puxa os cordelinhos e...

O tinnir do telefone de alguém interrompe, bruscamente, o monólogo de Robyn e Nate.
Leva a mão ao bolso do peito.

— Desculpem, com licença. — Tirando para fora o *iPhone*, ele relanceia para o ecrã.
— Não se importam? Tenho de atender. É do estúdio.

— Não, não, força — enxota-o Robyn, voltando à sua habitual amplitude vocal, que é sonora-no-limiar-de-ainda-mais-sonora.

Ligando o seu auricular *Bluetooth*, ele afasta-se. — Olá. Sim, fala Nathaniel Kennedy...

— Uau, Lucy, ele é espetacular. — Robyn arqueja assim que ele fica fora do alcance da voz.

— Achas? — digo eu, tentando ser modesta, quando obviamente sei que ele o é.

— Absolutamente. — Ela olha-me, subitamente comovida como se estivesse prestes a explodir em lágrimas. — Oh, querida, estou tão feliz por ti. — Abraçando-me, ela afasta-se a fungar. — Desculpa, fico tão emocionada... É só que... — Ela enxuga os olhos com a manga do seu cafetã e dá um pequeno soluço. — Eu volto já. Vou só buscar um guardanapo. — Empurrando-me a sua bebida, ela vira-se e vejo-a correr apressada por entre a multidão. Enquanto isso acontece, avisto a minha irmã. Carregando uma pasta e envergando um fato de trabalho escuro e uma expressão incomodada, não podia parecer mais deslocada numa inauguração de galeria da moda se o tentasse.

— Olá, Kate. — Aceno para lhe chamar a atenção e, ao ver-me, ela muda de direção e aproxima-se. — Ainda bem que conseguiste...

Mas ela corta-me logo a palavra. — Aquele é quem eu penso que é? — pergunta ela, contornando as cortesias e sacudindo a cabeça na direção de Nate, que continua a falar para o seu *iPhone*.

Oh, raios.

Sinto um pesado baque. A questão é que não tive a oportunidade de contar à minha irmã sobre o Nate. Não é que o tivesse esquecido. É mais... Pronto, eu evitei totalmente dizer-lhe. Ela deixou-me uma meia dúzia de mensagens de *voicemail* esta semana, mas eu escrevi-lhe respondendo simplesmente que estava ocupada com trabalho. E estava ocupada com trabalho. Isso é inteiramente verdade. Tenho estado superocupada com trabalho.

Também tenho estado superocupada a apaixonar-me pelo Nate, mas não lhe podia dizer isso. Ela não é exatamente um membro filiado do Clube de Fãs do Nathaniel Kennedy.

— Hum... sim, é ele — confesso, evitando o contacto visual.

— O Tipo da Ponte! — Ela arqueja, incrédula.

— Ele chama-se Nathaniel — digo eu, na defensiva.

— Eu podia chamar-lhe muitas coisas — replica ela, com um tom áspero na voz — e a maioria não é elogiosa.

Sinto o queixo firmar-se e endireito os meus ombros, como sempre faço quando estou

prestes a discutir com a Kate.

— Como, por exemplo, *casado*.

— Ele está a divorciar-se — esclareço eu, rapidamente. — Ele e a mulher estão separados. Ele agora vive aqui, em Nova Iorque.

Kate estreita os olhos e fixa-me com aquele tipo de olhar que aterroriza os vice-presidentes de firmas de advogados por toda Manhattan. — Tu não o andas a ver de novo, pois não, Lucy? — indaga ela, num tom de fazer tremer homens de barba feita.

Pela expressão do meu rosto não há, obviamente, necessidade de responder.

— Oh, meu Deus, andas a vê-lo. — Ela arqueja, incrédula.

— Nós estamos apaixonados — digo eu simplesmente, tentando reprimir um sorriso de felicidade e falhando.

— *Apaihonados?* — Ela cambaleia para trás, como se tivesse levado um tiro. — Desde quando?

— Desde que eu tinha 19 anos — digo, sorrindo com consternação.

Kate emite um grunhido. — Lucy, tu não o vês há dez anos. As pessoas mudam.

— Pois bem, ele não mudou! — disparo, um tanto irritada. Caramba, a minha irmã mais velha é sempre tão negativa. — Está bem, ele já não bebe café e faz ioga e...

— Ioga? — pasma-se Kate.

— Qual é o mal do ioga? — questiono eu. — Faz muito bem. Estamos a fazer sessões particulares juntos.

— *Tu? A fazer ioga?* — De repente, ela desata à gargalhada. — Lucy, tu nem consegues tocar nos dedos dos pés.

— Consigo, sim. *Quase* — admito, amuada, pensando no dia de ontem e na minha primeira sessão e do Nate com o Yani, o nosso instrutor de ioga. Ele tinha um longo cabelo escuro, envergava umas esvoaçantes vestes brancas e não parava de falar de conhecimento e de espiritualidade e de descobrir a nossa alma interior. Infelizmente, a única coisa que descobri é que tenho um corpo que não se dobra. Mas como diz o Yani, é tudo uma questão de prática.

— De qualquer forma, o ioga tem que ver com o espírito, não com o corpo. Talvez devesses experimentar — sugiro eu, disparando um olhar a Kate.

A minha irmã olha-me de volta, como se eu fosse um alienígena. — Hum, desculpa lá, esse robô que roubou a minha irmã, pode devolvê-la, por favor?

— Se vais fazer troça o tempo todo...

— Ora, *Luce*!

— Não, não há nenhum «Ora, Luce» — refuto, acalorada. — Estamos juntos de novo e desta vez é para sempre e não há mais nada a dizer.

Interrompo-me, rubra, e Kate fica em silêncio. — Ouve, eu não te quero estragar o momento — diz ela, num tom bem mais brando —, mas estás certa disto?

— Nunca estive tão certa — respondo, determinada. Depois, não me consigo conter e arquejo, excitada. — Oh, Kate, é agora. É a sério. Ele é o Tal! Ele *foi* sempre o Tal.

Sinto-me como quando éramos pequenas e nos aconchegávamos juntas debaixo dos lençóis, a partilhar os nossos segredos.

Mas não há nenhum lampejo de excitação no rosto de Kate, desta vez. Em lugar disso, ela fita-me simplesmente, inexpressiva e abre a boca para dizer alguma coisa, depois pensa melhor e suspira. — Fico só preocupada, mais nada.

— Então, não fiques. — Procuo a mão dela. — Eu estou verdadeiramente feliz, Kate. Olha para mim. Quando foi a última vez que me viste assim feliz?

Ela faz uma pausa, pensativa, depois ergue uma sobrancelha. — Quando tiraste uma foto com o Daniel Craig?

— Sabes que ainda a tenho como fundo de ecrã. — Sorrio, pensando da vez em que dei de caras com ele em King's Road, em Londres, e a Kate nos tirou uma foto com o seu telemóvel. Eu, de dentes arreganhados como uma louca. Ele, simplesmente impressionante de tão *sexy*. — Vai alternando entre essa e a imagem dele a sair do mar em calções de banho.

— Sorte a tua. O meu fundo de ecrã é o Jeff. — Ela sorri, contrariada. — Embora, graças aos céus, não em calções de banho.

Solto uma risada. Ao contrário da minha irmã, o Jeff tem zero força de vontade no que toca a dietas e exercício. Ele gosta de se descrever como fofinho. No entanto, a Kate está sempre a chateá-lo para se inscrever no ginásio. — Como está o Jeff? Ele está aqui?

— Sim, está ali.

Os meus olhos giram para o outro lado da galeria, onde vejo Jeff a pairar em volta de *Ruído Branco*, uma pintura abstrata de um dos nossos novos artistas, e a perscrutá-la inseguro.

— Caramba, ele perdeu peso — digo eu com surpresa, enquanto Kate lhe acena.

— Perdeu? — Ela examina-o a caminhar na nossa direção, depois encolhe os ombros. — A mim, parece-me igual.

— Não, está definitivamente mais magro. O que aconteceu? Conseguiste, finalmente, que ele se inscrevesse no ginásio?

Kate grunhe, divertida. — De todo. A ideia de exercício para o Jeff é esticar-se para o controlo remoto. Não é, querido? — diz ela quando ele se junta a nós.

— Completamente. — Ele sorri, tendo aprendido há muito a concordar com o que quer que Kate diga. Dando-lhe um beijo na face, ele volta-se para mim. — Bela exposição, Lucy. — Abraça-me. — Embora confesse que não sei muito sobre arte. Parece-me tudo um monte de rabiscos sem sentido. — Ele encolhe os ombros, apologético.

— É pintura abstrata. — Rio-me. Eu e a minha irmã podemos não concordar em muita coisa, mas se há coisa em que concordamos, é na sua escolha de marido. Se tivéssemos de procurar «bom tipo» no dicionário, encontraríamos uma foto do Jeff, um irlandês-americano com um coração de ouro.

— Ah, então é assim que se chama. — Ele sorri bem-humorado.

— Lucy! Aqui estás tu!

Somos interrompidos por Marsha, que exhibe um vestido em padrão de leopardo e um corcovo que parece ter assumido proporções de arranha-céus, especialmente para esta noite.

— Esta é a Sra. Z, que dirige a galeria — explico a Kate e Jeff, que a contemplam com uma expressão levemente perplexa. — A minha patroa — digo com os lábios, por cima do penteado desta.

— Olá! Que bom conhecê-los. — Ambos entram em ação e prestam-se a apertar-lhe a mão, mas está cheia de *spaghetti* com almôndegas. Todo um tabuleiro. Fiel à sua palavra, ela passou toda a semana a preparar a sua famosa receita, que serve em tacinhas juntamente com champanhe falso.

Literalmente, reflito eu, observando-a a enfiar o tabuleiro debaixo dos narizes deles.

— *Spaghetti* com almôndegas e o meu molho especial de tomate picante? — anuncia ela radiante, embora seja mais uma instrução do que uma questão.

— Oh, não, obrigada. Nós vamos jantar a seguir... — começa Kate, mas Marsha interrompe-a.

— Disparate. *Pasta* é a entrada perfeita. Prove. — Com o seu atrevimento característico, ela empurra-lhe uma taça.

Kate lança-me um olhar. É provavelmente a primeira vez que a vejo parecer assustada com alguém. Muda, ela aceita, juntamente com uns talheres.

— E para si, que está demasiado magrinho — continua Marsha, voltando-se para Jeff.

— Oh, isso não sei. — Ele ri-se, parecendo confuso, enquanto ela lhe passa um guardanapo e uma taça bem atestada. — Uau, mas que grande dose.

— A minha famosa receita é *incrivelmente* deliciosa — diz ela, agitando os braços e quase perturbando o seu tabuleiro. — Não é incrivelmente deliciosa, Lucy?

— Oh, sim, incrivelmente deliciosa — repito, anuindo apressadamente.

— Não tens fome, Luce? — entoa Kate.

Esta é mesmo a minha irmã, absolutamente nenhuma lealdade.

— Bem, na verdade... — empato. Até aqui, consegui evitar o famoso *spaghetti* com almôndegas picantes, andando às voltas e estando ocupada e, por uma fração de segundo, penso que o meu tempo se esgotou, já não consigo escapar mais, quando sou salva pela visão de mais pessoas a chegar. — Oh, vejam, mais convidados! — E acenando com a minha lista de convidados como um salvo-conduto de saída da prisão, apresso-me a fugir.

É claro, não posso voltar até a costa estar livre, pelo que, uma vez conferidos os novos convidados na minha lista, vou à procura de Nate. Encontro-o a caminhar para a frente e para trás, gesticulando no ar e falando consigo mesmo. Pelo menos, penso que fala consigo mesmo, até que reparo numa minúscula luz azul a piscar na sua orelha e percebo que está a usar o seu auricular de *Bluetooth* e está ao telefone.

Ainda.

Reprimo um ímpeto de desapontamento. Tem estado ao telefone com o estúdio toda a noite e mal falei com ele. Porém, suponho que seja o que implica ser um importante produtor de televisão, digo-me. Vendo-me, ele lança-me um olhar apologetico e eu

devolvo-lhe um «Não te preocupes». Tudo bem. Tenho muito que fazer, de qualquer forma.

Dando meia-volta, entro de novo na galeria. Continua bastante movimentada e socializo um pouco, converso com alguns jornalistas, aperto uma quantidade de mãos. Organizar eventos não é um dos meus pontos fortes e, pronto, admito, uma série de *emails* falharam, porque os enviei às pessoas erradas, e depois houve a confusão com a empresa de *catering*.

Bem, digo confusão, mas a culpa não foi minha. Como é que eu ia saber que a *Dedos Lambidos de Prazer* não era uma empresa de *catering*? Quando a pesquisei na *Internet*, falavam de «*catering* para todas as suas necessidades», pelo que lhes enviei um *email* a pedir a lista de preços e recebi um *menu* de serviços *completamente* diferente do que estava à espera.

Mesmo assim, tenho de admitir que fiz aqui um trabalho bastante bom. Embora muitos deles estejam mais interessados na comida e bebida à borla, do que nas obras artísticas. Às vezes, é como se nem reparassem nelas, reflito, incrédula, olhando com admiração para as espantosas pinceladas e caleidoscópio de tonalidades que expomos nas paredes, e sentindo uma familiar saudade de voltar a pintar, de criar, de deixar a minha imaginação correr com o pincel...

Mas isso sou só eu a ser tola, decido, varrendo rapidamente o pensamento. Afinal de contas, eu tentei, lembram-se, e vejam onde isso me levou: falida e desempregada. Não, isto é muito melhor. Desta forma, consigo trabalhar numa fantástica galeria em Nova Iorque e organizar eventos como este. Quero dizer, sou ou não uma afortunada?

Percorro a multidão com um sentimento de satisfação. Praticamente todos os que convidámos estão aqui. Há amigos de Marsha e importantes negociantes de arte, aquela supermodelo cujo nome não me recordo, um jornalista de um jornal nacional... Espera, quem é aquele?

Os meus olhos pousam num tipo com boné de basebol, para fora do qual ressalta um tufo de cabelo escuro encaracolado. Enverga uma larga *t-shirt* verde-tropa e uns *jeans* com rasgões em ambos os joelhos. Examino a minha lista e percorro os nomes, mas estão todos confirmados. Exceto Jemima Jones e ele não se parece muito com a Jemima Jones.

Observo-o por uns instantes. Ele deambula por ali despejando taças de champanhe, sem sequer um olhar passageiro pelas obras de arte.

Sinto uma pontada de irritação. Eu conheço o género.

Esqueçam os penetras de casamentos. Este é um penetra de galerias.

— Desculpe.

Quando lhe toco no ombro, ele salta, entornando o champanhe, e vira-se como se tivesse sido apanhado a fazer algo que não devia.

Que é o caso.

— Hum, sim? — responde ele. Reparo que tem molho de esparguete na sua *t-shirt*.

— Peço desculpa, mas acho que não o assinalei na lista de convidados.

Sorriso, educadamente.

— Lista de convidados?

— Sim, de todas as pessoas convidadas — digo, incisivamente, agitando a minha prancheta.

Ele não diz nada. Fita-me simplesmente, como se estivesse a pensar em alguma coisa.

Mexo-me, incomodada. — E o seu nome é...? — relembro.

— Ei, não a vi já antes, algures? — Estreitando os olhos, ele agita um dedo na minha direção.

Eu dou um passo atrás e olho-o de lado. Há algo de vagamente familiar nele, mas não contudo... — Não, não me parece. — Abano a cabeça, depreciativamente.

Há uma pausa e então...

— O boneco! — diz ele, triunfante.

— Desculpe?

— Você disse-me para não atravessar, antes de aparecer o boneco. — Ele sorri.

— Não sei do que... — Interrompo-me quando subitamente me recordo.

Oh, céus, é ele! A semana passada. Quando eu corria para me encontrar com a Kate e a Robyn no bar. O homem, quando eu ia a atravessar a rua. O homem do microfone peludo e da câmara de vídeo. O homem a quem recitei a minha estúpida rima do Nunca Atua a Tremida... Certo, já chega. Encolho-me perante a memória. Nada fixe.

— Oh, sim, eu lembro-me — digo, tentando soar totalmente despreocupada.

— Bem me parecia. — Agora, ele sorri-me abertamente e os seus olhos enrugam-se e cintilam. Reparo que tem uns olhos muito brilhantes, muito azuis, e as pestanas mais longas que já vi.

Apercebendo-me de que o estou a fitar, desvio bruscamente o olhar.

— Olá! Chamo-me Adam. — Ele estende a mão.

Ignoro-o e baixo os olhos para a prancheta. — Não tenho nenhum Adam na lista.

— Eu sei. Estava só a passar por aqui. — Ele encolhe os ombros, apologeticamente.

— Bem, esta é uma exposição privada. Apenas por convite. — Sublinho estas palavras, mas ele simplesmente sorri, como se fosse tudo verdadeiramente divertido.

— Está a expulsar-me?

Eu vacilo. Sinto-me subitamente como um segurança. — Bem, se o quiser pôr nesses termos.

— OK, OK. Não há problema, eu vou. — Ele esvazia a taça. — Cumprimentos ao chef, já agora. Fantástico *spaghetti* com almôndegas! — Limpando a boca ao guardanapo, ele pousa a taça. — Mas para a próxima arranjem champanhe autêntico.

Encaro-o. É preciso ter lata!

— Vemo-nos por aí.

— Não me parece — murmuro em voz baixa, observando-o dar meia-volta e desaparecer por entre a multidão.

— Quem era? — Uma voz aos meus ouvidos faz-me saltar e viro-me, vendo Nate ao

meu lado.

— Oh... hum... ninguém — balbucio, sentindo-me perturbada. — Um tipo qualquer. — Mudo rapidamente de assunto. — Como estás? Tudo bem?

— Uma espécie de pesadelo no estúdio, mas agora está resolvido. — Ele sorri, passando o braço pela minha cintura. — E tu?

— Oh, tudo bem. — Anuo distraidamente. Sinto-me nervosa. Embora seja provavelmente de esperar. Afinal de contas, é não só uma grande noite para a galeria, como é também a minha aparição oficial com o Nate, enquanto casal.

— Só bem? — indaga ele, a testa franzida, e quando olho nos seus olhos, recordo subitamente todos os anos que passei a sonhar com ele, a pensar que o tinha perdido, perguntando-me o que aconteceria se o voltasse a encontrar.

E agora estamos juntos de novo e ele está aqui, com o seu braço à minha volta.

E eu a dizer que estou bem. Mas estou maluca ou quê?

Sorrindo, estico-me e dou-lhe um beijo. — Não, está tudo perfeito.

Bem, talvez não *tudo*.

Para ser sincera, teria preferido que o *iPhone* do Nate não tivesse continuado a soar a cada cinco minutos durante o resto da noite e ele não tivesse de desaparecer para atender chamadas do estúdio.

E foi um pouco aborrecido, quando depois debandámos todos para um pequeno restaurante chinês na esquina e o Nate não quis comer nada do *dim sum* que pedi para os dois. Ou do frango agri-doce. Ou do arroz frito. Algo a ver com os valores de MSG e de aditivos, ao que parece, o que foi uma pena, porque os seus vegetais mistos ao vapor não me pareceram nem de longe tão deliciosos.

Enfim, não que tivesse grande importância, é só um comentário. Como o que dizia o meu bolinho da sorte: «Nunca acontecerá nada entre ti e o teu amante.» Mas que peso tem uma série de chamadas e uns pratos de *dim sum* entre almas gémeas?

Estamos todos sentados em volta de uma grande mesa — eu e o Nate, a Kate e o Jeff, a Robyn e a Marsha, que traz com ela o filho, Daniel. Felizmente, é evidente assim que o conheço que ele é daquelas pessoas que não são fotogénicas, já que em carne e osso é bastante atraente.

Ao perceber que a Robyn é solteira, Marsha arregaça de imediato as suas mangas de casamenteira e, antes que déssemos por isso, ela e Daniel estão sentados lado a lado, enquanto Marsha mantém todos entretidos com as suas histórias absurdas, incluindo aquela sobre o marido número dois e um tubo de supercola, apesar de o filho se tornar escarlate e lhe implorar que parasse.

E então, antes que déssemos por isso, é tarde e todos dizemos adeus. Eu e o Nate apanhamos um táxi para o apartamento dele, apesar de o meu ficar a poucos passos de distância, mas, como ele diz, porquê ficar no meu minúsculo apartamento partilhado quando temos a sua *penthouse* só para nós? Assim, somos só nós.

E mais um milhão de caixas, noto, ao sair do elevador e me deparar cara a cara com mais uma caixa enorme, que acabou de ser entregue. Juro, assim que ele desempacota uma, surge uma nova.

— Oh, ótimo, chegou — diz ele.

— Mas que diabo está aí dentro? — Eu arquejo, espremendo-me para passar pelo gigantesco monólito de cartão, entalado no corredor.

— A minha elíptica — diz ele, como se eu devesse saber o que é uma elíptica.

E é claro que sei. Mais ou menos. Nada.

— Oh, certo — assinto, com vivacidade. — Excelente.

Pousando as chaves e o telefone na mesa, ele despe o casaco e pendura-o nas costas de uma cadeira. Entretanto, eu deslizo para fora dos meus sapatos e massajo os pés doridos. Normalmente, por esta altura, estaríamos a arrancar a roupa um ao outro, mas estou exausta. Foi um longo dia.

— Com sono? — Nate apanha-me a esfregar os olhos.

— Hum... só um pouquinho. — Sorrio e reprimo um bocejo.

Bem, não o quero desencorajar por completo, pois não? Quem sabe, posso recuperar energias num instante. O Nate parece ter esse efeito em mim. Nesta última semana tornei-me praticamente ninfomaníaca.

Despindo o vestido, vou descalça até à casa de banho para lavar os dentes. Uns segundos depois, o Nate junta-se a mim de boxers na casa de banho e, por um instante, ficamos lado a lado a escovar os dentes. Como um verdadeiro casal, penso eu, sentindo um palpitar de contentamento ao ver-nos refletidos no espelho por cima do lavatório.

Que é quando reparo nos boxers do Nate que me fitam de volta.

Não, não acredito...

Até aqui, tenho estado demasiado ocupada a arrancá-los, e nunca os vi bem, mas agora estou a ver.

E têm bananas.

— Não são bananas, são crescentes de lua — corrige ele quando gozo com isso.

— Onde é que os arranjaste? — pergunto eu a rir.

— Não sei. — Ele encolhe os ombros, bochechando. — A Beth comprou-mos.

Sinto uma pontada. Beth é a ex-mulher do Nate.

— Ela comprou-te uns boxers inauditos? — digo eu na brincadeira, mas a minha voz sai mais aguda do que o habitual. Não sei o que é mais horrorizante, que a sua mulher os tenha comprado ou que ele os use.

— Ela comprou toda a minha roupa. Tratou de tudo isso. — Enxaguando, ele limpa a cara a uma toalha e começa a tirar as lentes de contacto.

— Bem, acho que está na altura de comprares uns novos — sugiro, tentando soar leve e tranquila, ao mesmo tempo que estou a magicar como me livrar dos que ele está a usar. — Que tal uns *Calvin Klein*?

— Porquê? Estes são confortáveis — reclama ele.

Deslizando o meu braço em torno da sua cintura, afago-lhe o pescoço por trás. — Ficarias verdadeiramente *sexy* com uns boxers *Calvin* — murmuro eu, sugestivamente.

— Qual é o problema destes?

— Nate, têm ananases desenhados.

— Crescentes de lua — corrige ele, amuado, desprendendo-se de mim e voltando a descalço para o quarto.

Eu deixo o assunto cair e termino na casa de banho, mas há uma nítida mudança na disposição e quando subo para a cama ao lado dele, não põe o braço à minha volta nem me puxa para ele, e eu não me aninho nem pouso a cabeça no seu peito.

E não há nem ponta de sexo.

Em vez disso, ficamos deitados em lados separados da cama, fingindo que está tudo normal.

— Estou verdadeiramente cansado. Acho que vou dormir — diz ele, passado um

momento.

— Também eu — digo, embora agora esteja perfeitamente desperta.

— Certo, então, boa-noite.

— Boa-noite.

Depois, ele rola para o outro lado, apaga a luz e o quarto cai na escuridão. E assim, do nada, as coisas já não parecem tão perfeitas.

Devo ter adormecido, porque a próxima coisa de que me dou conta é que estou a ser acordada por um estranho zumbido.

Hã, o que é isso?

Ensonada, desviando o cabelo da cara, inclino ligeiramente a cabeça na almofada para tentar ouvir melhor.

Zzzzz, baque. Zzzzz, baque. Zzzz...

Donde vem isso? Abafado e monótono, é como uma espécie de estranha música de fundo. Por instantes, penso que são os vizinhos de cima. No meu apartamento de Londres, os vizinhos de cima costumavam chegar da discoteca na sexta à noite e continuavam a *rave* em volume máximo. Aposto que é isso, só que...

Estamos numa *penthouse*. Não há vizinhos de cima.

Desorientada, forço um olho a abrir, como se pudesse ver realmente o que está a provocar aquele monótono ruído latejante. As cortinas continuam corridas e o quarto está na mais completa escuridão — as únicas coisas aqui sou eu e o Nate.

E, então, percebo. Deve ser o Nate a rressonar.

Não que ele rresse habitualmente, mas segundo a minha experiência, tudo o que um homem tem de fazer é rolar de costas e é como se alguém ligasse, de repente, o triturador de resíduos. Estendendo a mão, vou empurrá-lo para se virar.

Mas ele não está lá.

Desconcertada, sento-me. Onde é que ele foi? Torço a cabeça e olho na direção da casa de banho privativa. Talvez esteja lá, mas não, não ouço nada e ele não se pode ter levantado para ir fazer o «número dois», senão haveria uma fresta de luz por baixo da porta. Isso foi outra coisa que aprendi sobre os homens. Por alguma razão, que nunca me foi explicada, eles têm sempre de se sentar e ler uma revista, enquanto *tratam do assunto, por assim dizer*.

Quero dizer, *porquê?* Pensem em todos os lugares à escolha para pôr em dia o material de leitura, tipo, enrolados no sofá ou deitados na cama ou na relva no parque. Imensos lugares agradáveis. Mas não. Tem de ser o atoleiro.

Ainda medito sobre esse ponto enquanto deslizo para fora da cama e visto o roupão pendurado atrás da porta. É um daqueles maravilhosos roupões fofos brancos que vemos nos hotéis de luxo e que não tem absolutamente qualquer semelhança com o meu velho e andrajoso, que está coberto de fios repuxados.

Nota para mim própria: lembra-te de o esconderes quando o Nate eventualmente for

lá a casa.

Abrindo a porta do quarto, sigo descalça até ao corredor e deparo-me com o Sol a erguer-se sobre o horizonte de Manhattan, o que desencadeia dois pensamentos: 1) Céus, que maravilha e 2) Raios, é supercedo.

Um bocejo digno de um hipopótamo apodera-se de mim e, distraída da vista, desvio a atenção da janela. O ruído é ainda mais intenso aqui e aquilo é...?

Sentindo uma onda de preocupação, detenho-me para escutar.

Alguém ofegante?

Alguns no arquivo da minha mente, a memória desencanta uma história que ouvi uma vez de uma amiga que surpreendeu o namorado, quando ele estava a ver um filme. Digamos assim, não era o tipo de filme que alugamos no nosso Blockbuster local. Era *daquele* tipo de filmes.

Oh, céus! O alarme assalta-me enquanto vejo uma imagem do Nate...

Recomponho-me rapidamente. Pronto, nada de pânico. Sou uma mulher do mundo. Andei por aí. Bem, não *exatamente* por aí, mas já vi porno. Uma vez, por acidente, e por uns dois segundos. Foi há uma eternidade e eu estava num hotel com os meus pais e carreguei no botão errado do comando. Não sei quem ficou mais embaraçada, eu ou a minha mãe.

Mas, tudo bem. Não tenho qualquer problema com isso. Desde que não queira que eu me sente a ver com ele, penso, recordando-me subitamente de uma carta que li uma vez numa coluna de correio sentimental e sentindo uma pontada de ansiedade. Já sei, digo-lhe que estou ocupada, que preciso de fazer um chá ou atualizar o meu Facebook ou alguma coisa.

Mentalizando-me, estampo na cara uma expressão do que espero ser uma espécie de total-espírito-aberto-e-uma-vez-fiz-sexo-vestida-de-enfermeira-mas-mais-esta-última-hipótese e encaminho-me para a sala. O ofegar torna-se cada vez mais intenso. E agora há um tipo de *gemido*.

Oh, porra. Engulo com dificuldade. Descontraí, Lucy.

Acreditem, nunca me senti menos descontraída. Envergo um roupão fofo e tenho o cabelo pintado de púrpura e estou prestes a surpreender o meu namorado, enquanto ele...

— ... e devíamos repensar totalmente a nossa estratégia de abordagem do canal com o episódio-piloto...

Está ao telefone e a soprar e a bufar para cima e para baixo numa gigantesca máquina de exercício preta.

Paralisada, fito-o por um momento. Eu estava preparada para todo o tipo de coisas, mas isto? Boquiaberta, observo-o. De face vermelha e a suar profusamente, ele agarra-se aos manípulos como se não houvesse amanhã, as pernas a bombar. Está também despido, à parte os seus boxers de bananas, um auricular de *Bluetooth*, os óculos e uns ténis muito grandes e muito brancos.

Inesperadamente, um pensamento dispara na minha mente.

Ele não me agrada.

Atinge-me, dura e intensamente, no estômago.

Mal o apercebo, afasto-o. Quero dizer, quem é que *tem* um ar atraente quando está a fazer exercício? Eu pareço horrível!

Bem, se fizesse exercício.

— Então?

Sou chamada de volta à realidade vendo o Nate a observar-me.

— Só um instante, Joe. — Ele ofega enquanto eu faço uma espécie de aceno rápido.

— Levantaste-te cedo.

Assinto sem convicção. — Também tu.

— Bem, agora que a minha elíptica chegou, quero voltar à minha rotina habitual — sopra ele, em explicação.

Então era isso a grande caixa, compreendo, observando enquanto ele carrega num botão e toda a cena se começa a inclinar.

— E também tinha de fazer uns telefonemas para o escritório de Londres.

— Num sábado?

— A televisão nunca para — grunhe ele, apertando mais os manípulos e bombando intensamente os braços. — São vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Observo a rampa ficar cada vez mais íngreme, enquanto ele continua em passos largos.

— Seja como for, é melhor retornar. — Ele gesticula para o auricular.

— Oh, certo, sim, é claro. — Aceno com a cabeça. — Eu vou fazer um... — Estou prestes a dizer «café», pela força do hábito, depois lembro-me de que o Nate não o bebe. — ... sumo — termino.

— Ótimo. Há aipo no frigorífico. — Sem fôlego, ele interrompe-se para limpar a cara com a toalha. — Penso que é capaz de haver também beterraba.

— Fantástico. — Sorrio.

Aipo? Beterraba?

Com o sorriso ainda afixado na cara, deixo-o a soprar e a bufar e vou descalça até à cozinha, depois detenho-me quando assimilo a enormidade do que acabei de sugerir. Eu. Numa cozinha. A usar uma dessas maquinetas.

Ao relancear em volta para todos aqueles aparelhos alinhados na bancada, a minha confiança abandona-me. Parecem aparelhos de tortura perversa. *São* aparelhos de tortura perversa, reflito, recordando a primeira e única vez que tentei usar um abre-latas eletrónico. Foi com uma cena tirada do *Massacre no Texas*. Podem crer, ainda tenho a cicatriz no polegar que o comprova.

Levo alguns minutos a localizar a máquina de fazer sumos. Para ser sincera, não sei como me poderia ter escapado com um nome como *Hércules*. É um enorme monstro prateado e, por instantes, encaro-o com apreensão, depois encho-me de coragem. *OK*, isto parece assustador e complicado, mas quão difícil pode ser? Vou fazer um sumo, por amor

de Deus. Arregaçando as mangas do roupão, abro o frigorífico e agarro no aipo e na beterraba.

Enfim, não é ciência aeronáutica.

Dez minutos mais tarde, arrependo-me profundamente dessa afirmação.

Desmantelei a máquina, há pedaços dela por todo o lado e continua sem funcionar. Olho para ela, desmembrada em cima da bancada, ao lado de um aipo biológico de arbolorento e uma beterraba disforme. A sério, seria mais provável eu construir um foguetão, do que fazer sumo.

Por exemplo, o que é esta parte? Pegando numa peça da máquina, examino-a com curiosidade. É como uma roda dentada com uma parte ondeada na ponta. Pego noutro pedaço. Esta peça é redonda e tem um buraco. Olho para as duas peças sem perceber nada. Agora sei porque chumbei a Física.

No entanto, há esperança. Folheando o manual de instruções, que consegui localizar numa gaveta, vou ao Capítulo Um: Primeiros Passos. Vês, não é assim tão mau, digo para mim mesma animadamente. Tenho as instruções: «1) Pegue no coador de rede (parte A) e fixe-o ao extrator de polpa (parte B), certificando-se de que o bloqueio de segurança (parte C) está colocado e a calha de alimentação extra (parte D) está em posição.»

E eu que achava que montar armários do IKEA era difícil.

— Então, como te estás a entender? — grita o Nate da sala e eu reteso-me.

— Lindamente — grito de volta. — Está quase. — Raios.

Agarrando freneticamente em diferentes peças, consigo voltar a montar o *Hércules* e pego no aipo e na beterraba. Diz para «alimentar um por um», mas eu não tenho tempo para isso e enfio tudo ao mesmo tempo e ligo a máquina.

No exato momento em que clico no interruptor, avisto mais uma peça da máquina a espreitar ao lado da tostadeira. Oh, o que fará essa peça?

Ugh.

Subitamente, a pergunta é respondida quando sou pulverizada de pedaços de aipo e beterraba. O sumo começa a esguichar por todo o lado, por cima das bancadas, por cima de mim, por cima de tudo... Mergulho sobre a máquina, tentando desligá-la. Só que não consigo ver onde está o interruptor, pois agora tenho sumo de beterraba nos olhos e a máquina produz um ruidoso som de trituração e estremece, e eu estou a ficar ensopada e...

— Cristo!

Abruptamente, a máquina fica silenciosa e eu giro sobre mim, vendo o Nate. Espicado no meio da cozinha, ele segura o fio da máquina, o seu rosto horrorizado.

— Parece que houve aqui um banho de sangue!

Confusa, assimilo a visão. Parece um filme de terror. Para onde quer que se olhe, as paredes escorrem de líquido vermelho. Que foi projetado pelas bancadas, pelo frigorífico de aço inoxidável, pelo fogão, pelos utensílios... e, depois, há a polpa do aipo. Grumos verdes dele, partículas dele, pequenos restos dele, por toda a sua cozinha encantadora

pura.

E por mim.

— Que diabo se passou?

— Hum... eu-eu estava a ter uma pequena dificuldade com a m-máquina de sumos — gaguejo eu, em choque. Mortificada, começo a tentar limpar os respingos de polpa da minha cara com a manga do roupão.

— A sério? — Rasgando umas folhas de papel de cozinha, ele passa-mas.

— Faltava uma peça.

— Queres dizer a tampa?

O tom da sua voz faz-me arrepiar levemente.

— Céus, ouve, desculpa. Eu limpo tudo. — Agarrando num pano da loiça, começo freneticamente a tentar limpar.

— Provavelmente, vai arruinar as bancadas de mármore.

— Oh, meu Deus, a sério, desculpa!

— O mármore é poroso, sabes?

— Ai é? Caraças! — Limpo mais rapidamente. — Embora seja um bocado idiota fazer uma superfície de trabalho porosa, não? — Não consigo evitar comentar em voz alta, como reflexão tardia.

— Bem, não é suposto afogá-lo em sumo de beterraba — contrapõe ele.

— Eu sei. Desculpa! Foi um completo acidente.

E já pedi desculpa três vezes, apetece-me acrescentar.

Há uma pausa e, depois, ele suspira. — Pronto, não te preocupes. Não tem grande importância. — Escolhendo o caminho por entre os detritos, ele abre o frigorífico e tira uma garrafa de *Evian*. — Já me tinha esquecido de como és desastrada.

Bruscamente, sinto-me desconfortável. Certo, admito que não sou a mais coordenada das pessoas, mas mesmo assim.

— O que queres dizer com isso? — replico, rígida, parando de limpar a bancada.

— Em Itália, não te lembras de estar sempre a tropeçar?

— Já tentaste andar de salto alto na calçada? — riposto, tentando não soar na defensiva e soando defensiva.

— Ou a partir coisas.

Olho, incrédula, para ele. — Nunca me vais fazer esquecer daquele vaso, pois não?

— Era caro. Era vidro de Murano.

— Não o deixei cair de propósito. — Arquejo. — A culpa foi toda daquela aranha. Apareceu do nada e era enorme, com aquelas pernas compridas pretas e peludas. — Estremeço ligeiramente. — Seja como for, comprei-te outro vaso.

— É verdade. — Ele anui. — Mas eram todos soprados individualmente à mão. Não havia dois iguais.

— Não posso acreditar que ainda usas isso contra mim. Foi há dez anos!

— Estou só a dizer. — Ele encolhe os ombros, desenroscando a garrafa de *Evian* e

bebendo um gole.

Olho para ele encostado ao frigorífico, a gargarejar despreocupadamente água, enquanto eu estou aqui ensopada em sumo de beterraba e coberta de pedaços peganhentos de polpa de aipo, a esfregar a cozinha dele, e sinto uma pontada de desconforto. Aliás, é mais do que uma pontada — é uma grande dose de fúria.

— Pois, não o digas — disparo eu.

Ele para de beber e fita-me duramente. — Esta trapalhada não é culpa minha.

— Não, é minha. Eu sei, sou desastrada. — Virando costas, continuo furiosamente a limpar a bancada.

— Bem, se fosses um pouco mais cuidadosa... — contrapõe ele.

— Se comprasses sumo embalado como uma pessoa normal — digo, acalorada.

Ele franze o rosto. — Oh, então agora a culpa é minha.

— Não, estás simplesmente armado em condescendente.

Instala-se um silêncio, enquanto eu e o Nate nos fitamos em fúria.

— Bem, vou tomar um duche — diz ele, rispidamente, depois de uma pausa. — Tenho trabalho para fazer hoje.

É como um gancho de pugilista. É fim de semana. Fizemos planos para o passarmos juntos.

Vacilo ligeiramente, depois recomponho-me rapidamente. — Sim, eu também tenho que fazer — digo rigidamente. — É só acabar de limpar e vou-me embora.

Então, antes que ele diga seja o que for, viro bruscamente as costas e começa a esfregar o lava-loiças.

Pronto, tivemos a nossa primeira discussão.

Mas tudo bem. Todos os casais as têm. É perfeitamente normal.

Na verdade, não é de todo uma coisa má. É uma coisa *boa*, digo com firmeza a mim mesma. Discutir é saudável. Significa que somos verdadeiramente um casal. Uma vez li numa revista que isso é realmente um sinal positivo para a relação.

Oh, quem diabo quero enganar?

É horrível. Sinto-me horivelmente.

Uma hora ou assim mais tarde, desço a passos largos a Fifth Avenue tentando dar sentido àquela súbita reviravolta. Depois de terminar de limpar a cozinha até não restar um respingo de beterraba ou pedaço de polpa verde e a bancada de mármore ficar impecável, tomei um duche, vesti-me e saí do apartamento. Nem sequer fiquei à espera de que o meu cabelo secasse, reflito, relanceando para o meu reflexo nas montras de uma loja.

E imediatamente desejando não o ter feito. A minha franja já fez *ping!*, com o calor, e há pontas espetadas para fora por todo o lado. E é um facto. Parece realmente púrpura. Consternada, suspiro tristemente e desvio rapidamente o olhar.

O Nate nem disse adeus. Estava ao telefone quando eu saí e simplesmente acenou com a cabeça. E nem sequer foi um aceno amigável, do tipo «Adoro-te, querida» — foi um aceno indiferente, do tipo «Não interessa». Nunca pensei verdadeiramente muito em acenos, até àquele momento. Sempre assumi que um aceno era basicamente igual a qualquer outro aceno. Até aí. E, acreditem, esse não é o tipo de aceno que é positivo numa relação.

Reprimindo as lágrimas de raiva, continuo a descer a Fifth Avenue. Normalmente, estaria a espreitar para todas as resplandecentes lojas, deliciando-me a ver as montras e a pensar: olhem para mim, estou em Nova Iorque! Mas agora mal merecem um relancear. Em vez disso, fito vagamente para baixo o pavimento coberto de pastilha elástica, remoendo a discussão na minha cabeça e pensando: por favor, não olhem para mim. Acabei de discutir com o meu namorado e sou capaz de desatar a chorar a qualquer momento.

Não vais nada chorar, Lucy, digo-me rispidamente. Tu estás zangada, lembras-te?, e precisas de continuar zangada.

Limpando os olhos com brusquidão, inspiro fundo algumas vezes. O Nate estava a comportar-se como um idiota presunçoso, paternalista e hipócrita. Ali a dar-me sermões enquanto usava aqueles criminosos boxers de bananas! (Não acredito nem por um segundo que fossem crescentes de lua.) Desastrada, a sério! A culpa foi toda da máquina.

Contudo, talvez não devesse ter deixado a tampa aberta, reflito, sentindo uma semente de dúvida. Tento ignorá-la e continuar a andar, mas rapidamente cresce para uma pontinha de arrependimento. Quero dizer, a falha *foi* minha. Expulso-a rispidamente da minha mente, mas está rapidamente a tornar-se em culpa. Céus, a cozinha estava uma completa

bagunça.

Com efeito, quando chego ao limite do parque, tudo o que sinto é o mais completo remorso. Faço uma pausa à entrada e descanso contra o gradeamento. A culpa é inteiramente minha. Se eu não fosse uma perfeita inútil e tão cabeça-dura, teríamos provavelmente pela frente um maravilhoso sábado juntos a fazer um piquenique no parque.

Em vez disso, estou aqui sozinha, a olhar para todos os outros casais na relva a fazer precisamente isso, penso, lastimosa.

Não sei quanto tempo teria ficado ali, a sentir pena de mim mesma, se alguém não tivesse passado a bebericar um café. Sentindo o cheirinho, as minhas papilas gustativas entram de imediato em ação.

Não admira que me sinta miserável, apercebo-me, avistando um Starbucks do outro lado da rua e apressando-me nessa direção. Não bebi o meu café da manhã. Com efeito, passei toda esta semana sem café, porque tenho ficado no apartamento do Nate e ele não o bebe. Não me senti nada melhor, contudo. Na verdade, para ser sincera, tenho tido uma dor de cabeça persistente toda a semana. O Nate diz que é por estar viciada na cafeína e que estou a sentir o efeito da abstinência, que só tenho de perseverar e vou sentir-me como uma nova pessoa.

O que está muito certo. Só que o que acontece é que eu não quero sentir-me como uma nova pessoa. Quero sentir-me como a minha velha pessoa, que costumava beber café e não tinha uma dor de cabeça persistente.

— Um *latte* com café duplo, por favor — digo, sorrindo alegremente à mulher atrás do balcão. Cheguei à conclusão de que há dois tipos de pessoas neste mundo: aquelas que bebem café e aquelas que não bebem. E não sei bem se se pode juntar os dois tipos, reflito, enquanto ela passa o meu pedido.

Pensando melhor... sinto uma pontada secreta de desafio. — Café triplo.

Quinze minutos mais tarde e estou a sair para a rua bebericando o meu café. Sinto-me muitíssimo melhor. O Sol brilha, está um dia maravilhoso e eu não tenho de ir trabalhar.

Muito bem, então e agora?

Ainda é cedo e consigo sentir o dia inteiro que se estende à minha frente. Podia ir para casa, mas a Robyn está no seu círculo de tambores e não me apetece muito ficar num apartamento vazio: eu, o *Simon* e a *Jenny* e pilhas de roupa para lavar à mão. Podia ligar à minha irmã, mas ela estará no ginásio ou no escritório ou a fazer ambas as coisas. Ou podia...

Fico em branco.

Isto é ridículo. Eu estou em Nova Iorque! A *Big Apple*! A cidade que nunca dorme! Há montanhas de coisas para fazer. Tenho estado tão ocupada desde que cheguei, que ainda não tive tempo de fazer verdadeiramente nenhuma dessas cenas turísticas. Podia subir ao Empire State, fazer um passeio de barco pela Estátua da Liberdade, ir a Times

Square.

Todas as coisas que eu queria fazer com o Nate.

Subitamente, o meu desafio afunda-se um pouco e, por uma fração de segundo, penso em ligar-lhe ou talvez mandar-lhe uma mensagem. Depois, mudo de ideias. Já sei, talvez ele me tenha enviado uma mensagem. Talvez eu não tenho ouvido o toque. A esperança cintila e tiro rapidamente para fora o meu telemóvel, relanceando para o ecrã.

Não. Nenhuma mensagem de texto. Nenhuma chamada não atendida. Nada de nada.

Por um momento, fito o meu telefone, sentindo-me triste. Depois, impulsivamente, desligo-o. Caso contrário, vou estar sempre a verificá-lo o dia todo. Atirando-o com firmeza para dentro da mala, bebo uma grande golfada de café. Preciso de fazer alguma coisa que me anime. Como saquinhos de papel pardo atados num fio fizeram para a Julie Andrews. Só que no meu caso as minhas coisas favoritas não são gotas de chuva em rosas; são galerias de arte. Assim que entro pela porta, é impossível sentir-me triste ou deprimida. Rodeada de todas aquelas ideias, toda aquela imaginação, toda aquela criatividade, os meus problemas parecem dissipar-se e eu perco-me. É como ser criança de novo.

Quando vivia em Londres, perdi a conta ao número de horas, dias, semanas provavelmente, que passei na National, na Portrait Gallery e no Tate Modern. E antes disso, ao crescer em Manchester, a Art Gallery da cidade era o meu refúgio de adolescente. As galerias de arte são para mim o que os *Manolo Blahnik* são para a Carrie Bradshaw. Vou lá quando estou feliz e quando estou triste. Quando me sinto sozinha ou quando quero estar só. Sem falar que são a cura perfeita para um coração partido.

Como hoje, decido repentinamente, sentindo-me galvanizada. Hoje é o dia perfeito para me perder numa galeria e que melhor lugar do que aqui em Nova Iorque? A cidade está repleta delas. Já visitei algumas desde que aqui estou, mas ainda nem arranhei a superfície. Mais, estava a guardar o melhor para o fim: o Museu de Arte Moderna é indiscutivelmente a melhor galeria de Arte Moderna do mundo.

Sinto um agitar de excitação. Sim, é o que vou fazer. Fantástica ideia! Revigorada, lanço-me em passos largos. Depois, atinge-me um pensamento. Não faço absolutamente ideia para onde vou.

Estaco a meio do passeio e vasculho na minha mala. Desenterrando o meu guia turístico de bolso, procuro a morada: 11 West 53rd Street, entre a Fifth e Sixth Avenues. *OK*, isso é fácil.

Mais ou menos.

Faço uma pausa, insegura. Acho que é para aquele lado... mas também podia ser para aquele lado... ou mesmo para aquele. Raios. Penso em fazer a minha pequena rima do «Nunca Atua a Tremida Pua», depois penso melhor. Vê só onde isso te levou da última vez.

— Tem uns trocos?

Uma voz próxima de mim interrompe-me os pensamentos e olho para o lado e vejo

um sem-abrigo sentado num pedaço de cartão, a beber uma cerveja. Ele estende uma velha e amassada caneca de poliestireno, contendo umas poucas moedas.

— Oh, sim, claro... — Esvaziando os meus bolsos, encontro duas notas de 1 dólar e enfio-as na caneca. — Já agora, por acaso sabe o caminho para o Museu de Arte Moderna?

Pois, eu sei que é uma possibilidade remota, mas ainda assim.

Ele observa-me por baixo das suas sobrancelhas desgrenhadas, depois grunhe: — Quer dizer o MoMA?

— Oh, hum... sim, o MoMA.

Para aprenderes a não julgar, Lucy Hemmingway.

— Deixe-me ver... — Ele coça a longa e esfarrapada barba.

— Será para ali? — pergunto, esperançada, apontando para o outro lado da rua.

Ele fita-me como se eu fosse ligeiramente aparvalhada. — Não, é para ali — rosna ele, apontando numa direção totalmente diversa. — A uns dois quarteirões, fica para a direita.

— Fantástico. Obrigada. — Eu sorrio.

— De nada. — Ele acena com a cabeça, depois chama-me: — Ei, ó dona!

Descendo a rua, viro-me. Dando um gole de cerveja, ele lança-me um sorriso desdentado.

— Veja os quadros do Rothko. São incríveis.

Uau.

É praticamente tudo o que consigo pensar quando avisto as três imensas bandeiras vermelhas com «MoMA» a esvoaçar sob a brisa do verão. *Uau*. A entrar no impressionante edifício moderno de vidro, com o seu espantoso *hall* de entrada repleto de luz, a colossal escadaria em plano aberto e paredes inteiramente de janelas. *Uau*. Aos cinco pisos recheados de pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, fotografias... e todo o tipo de coisas extraordinárias. *Uau*. É como estar num outro mundo. Assim que passo da movimentada rua lá fora para os refrescantes e alvos espaços abertos no interior, é como se entrasse em Narnia. Um mundo onde o tempo se imobiliza e mais nada importa.

Nem mesmo discussões com o namorado.

Passo o resto do dia a vaguear de sala em sala, simplesmente a absorver tudo. Um dos espaços é totalmente redondo e contém uma exposição circular de luz mutante, onde se entra para se admirar as cores sempre a mudar. É bonita e divertida, e faz-me rir ver mesmo um bebé numa cadeirinha de empurrar a gostar, o seu olhar encantado com os azuis que se tornam verdes, que se tornam amarelos, que se tornam vermelhos e, depois, soltando um sonoro gargarejo de aprovação.

Uma outra sala está inteiramente coberta de desenhos rabiscados, uma outra de suaves penas brancas, uma outra com uma cidade completa feita de latas recicladas. Depois, há todas as pinturas: os Matisse, Pollock, Dalí, Rothko... Detenho-me diante de um deles e

— sorrio. O sem-abrigo tinha razão. São incríveis.

Perdida no meu mundo, perco a noção do tempo, até que de repente levanto a cabeça e reparo como ficou movimentado. Quando cheguei, tinha acabado de abrir e estava vazio, mas agora há todo o tipo de pessoas. Grupos de alunos de escola, uma senhora de idade, algumas mães com os seus bebés, um *punk* com a sua crista Mohawk, um bando de turistas japoneses com as suas obrigatórias câmaras, uma série de estudantes a fazer esboços...

E ele, de novo.

O penetra de galerias.

Estaco de repente. O que é que ele está a fazer aqui? Não há comida nem bebida à borla. Observo-o por um instante, tentando perceber o que ele está a fazer, quando inesperadamente ele se vira e me vê, olhando diretamente para mim.

Raios.

Mergulho para trás de uma colossal escultura de dois cubos equilibrados um sobre o outro, mas é demasiado tarde.

— Ei, é você de novo!

Finjo não o ter ouvido e concentro-me em examinar a escultura. Como se estivesse tão absorta nesta espantosa peça artística que não o tivesse ouvido. Com sorte, talvez se vá simplesmente embora.

Ele vem direito a mim e espeta-me um dedo.

Ou talvez não.

— Desculpe? — Viro-me e olho para ele, ofendida. Ele usa o mesmo boné de baseball e os mesmos *jeans* com os dois grandes rasgões nos joelhos, mas trocou a *t-shirt* de verde para uma branca lisa de decote em «V».

Não que eu tenha realmente reparado no que ele vestia ontem à noite ou coisa parecida.

— Da galeria, ontem à noite. Você expulsou-me.

— É mesmo? — Eu franzo a testa e examino-o, como se não fizesse ideia de quem ele é, depois simulo ter uma espécie de compreensão lenta. — Oh, sim...

Honestamente, a minha representação é pavorosa. Annie foi o meu único papel de jeito.

— Bem, desta vez não me pode pôr na rua. — Ele sorri e, procurando no bolso dos *jeans*, abana um bilhete na minha direção.

— Comprou um bilhete para entrar aqui? — Observo-o por um momento. Parece definitivamente verdadeiro. — Você gastou vinte dólares para entrar numa galeria de arte?

Estou impressionada. Talvez o tenha interpretado mal. Talvez ele não esteja só interessado nas borlas.

— Eu não disse que *comprei* um bilhete — corrige ele. — Eu disse tinha um bilhete.

— Não pagou por ele?

— Não, foi de graça. Um amigo deu-mo.

— Ah-ah, eu devia ter calculado — contraponho eu, subitamente fazendo sentido. — Mas sabe que aqui não há comida nem bebida grátis — não consigo evitar de acrescentar. Ele parece ligeiramente ofendido. — Eu não procuro só comida e bebida grátis. — O quê, veio realmente aqui para ver arte? — digo, num tom sarcástico. — Na verdade, não. Vim pelos filmes gratuitos. — Filmes gratuitos? — Por momentos, penso que ele veio ao lugar errado. — Há uma exposição especial sobre o Tim Burton. E estão a exhibir algumas das suas obras iniciais. Você sabe, como o *Eduardo Mãos de Tesoura*, *Ed Wood*, *O Grande Peixe*...

Olho para ele, estupefacta. — Você veio aqui para ver filmes de graça? — Não são uns filmes quaisquer — replica ele, soando ofendido. — São filmes de um dos maiores realizadores. Quero dizer, o homem é um génio, a forma como ele filma, o trabalho de câmara, a forma como ele explora o filme.

— Mas isto é o MoMA. — Arquejo. — E? — Ele encolhe os ombros. — Então, está a dizer-me que nem sequer olhou para um Dalí ou um Rothko ou um Pollock?

Ele olha-me inexpressivo. — São artistas — digo com ar sério. — Oh, imaginei que sim. — Ele sorri timidamente. — Bem, já que sabe tanto sobre eles, porque não me faz uma visita guiada?

O pedido apanha-me de surpresa. Parece quase uma provocação. — E se eu não o fizer? — Provavelmente, vou para casa, pôr o sono em dia. — Ele boceja e espreguiça-se. Vacilo. Parte de mim quer que ele se vá. Estou a passar um bom bocado sozinha e a última coisa que me apetece, neste momento, é fazer-lhe uma visita guiada. Uma outra parte de mim, contudo, não o pode deixar ir embora sem olhar para nenhuma destas espantosas obras. Seria um crime.

Que fique claro, porém, que essa é a única razão. Não tem nada que ver com a sua estranha mistura de cromice e petulância. Ou com a maneira como ele me intriga. Ou com aqueles imensos olhos azuis dele e as suas incrivelmente longas pestanas.

Trata-se simplesmente de arte. Mais nada. Ponto final. — Está bem, siga-me.

— Este é intitulado *A Persistência da Memória* e é a sua obra surrealista mais famosa, que introduz a imagem dos relógios derretidos, simbolizando a irrelevância do tempo.

Diante do quadro de Salvador Dalí, volto-me para o meu ávido aluno. Também conhecido como Adam, ele lembrou-me, para o caso de eu me ter esquecido.

Não tinha.

— Uau, impressionante.

— Sim, é extraordinário, não é? — comento, os meus olhos cintilantes.

— Gosta mesmo destas cenas, hem?

Sinto as faces enrubescer de embaraço. — *OK*, admito; por vezes, deixo-me levar um pouco pelo entusiasmo.

— Um pouco? — Ele sorri.

Sorrio também, timidamente.

— Como é que sabe tanto sobre arte?

— É uma coisa de que sempre gostei, desde que era pequena e pintava com os dedos. A minha escolha de tela, na altura, eram as paredes da sala dos meus pais. — Sorrio com a recordação.

— Então, seguiu Artes?

Assinto com a cabeça. — Eu era terrível na escola, chumbei a todos os exames, menos Artes, mas a faculdade foi diferente. Comecei a pintar a tempo inteiro e foi espetacular. Pela primeira vez, estava a fazer algo em que me saía bem, algo que eu compreendia, está a perceber?

— Estou a perceber. — Ele acena com a cabeça, em concordância. — Então e o que aconteceu depois da faculdade?

— Mudei-me para Londres para ser pintora, mas não resultou, por isso, arranjei trabalho numa galeria — digo despreocupadamente.

— Mas não sente falta? De pintar, quero dizer.

— Todos os dias — digo suavemente, antes que me possa impedir. — Mas tudo se resolveu pelo melhor — acrescento rapidamente e, contudo, mesmo enquanto o digo, parece que o estou a tentar convencer. Ou estarei, na verdade, a convencer-me a mim?

Olho para Adam. Ele estuda-me intensamente, com uma expressão reflexiva no rosto e, sentindo-me constrangida, sugiro alegremente: — Porque não vamos ver alguns Rothko? — e afasto-me bruscamente do Dalí.

— Devia seguir a sua paixão, sabe? Se a sua alma está na pintura, nunca será feliz simplesmente a trabalhar numa galeria.

Sinto uma pontada defensiva. — Não é «simplesmente a trabalhar numa galeria» — replico prontamente. — Eu adoro o meu trabalho.

— Eu sei, não quis dizer... — começa ele a desculpar-se. — Ouça, peço desculpa, acho que passei das marcas.

Agora, é a minha vez de me desculpar. — Oh, não, não diga isso. — Abano a cabeça. — Sou eu. Estou simplesmente supersensível. — Sorrio, desconfortável. — Seja como for, ainda me custa a crer que nunca tenha admirado arte — digo, mudando o foco de novo para ele.

— O cinema é arte — riposta ele, calmamente.

Isso faz-me parar de repente. Não o tinha pensado dessa forma. — Então, é um grande aficionado dos filmes?

— Só um bocadinho. — Sorri. — Estou a estudar cinema na NYU.

Enquanto passamos à sala seguinte, lanço um olhar de lado. — A sério? Parece interessante.

— E é, muitíssimo. — Faz uma pausa, por um instante. — Adoro lá estar.

— Uau. — Observo-o com renovada curiosidade, depois estudo-o intrigada. — Não é um bocadinho velho de mais para ser estudante?

— Provavelmente, no sentido tradicional — assente. — Mas acho que nunca se é velho de mais para aprender. É aí que ficamos velhos, quando deixamos de nos fascinar pelas coisas, quando deixamos de querer aprender e explorar...

Quando ele começa a falar, o seu rosto ganha vida e sou subitamente recordada de alguém.

— ... sobretudo quando é algo por que temos uma grande paixão e para mim são os filmes. — O seu rosto franze-se num sorriso. — Eu fiz o oposto de si. Passei diretamente da faculdade a um emprego numa revista. Eu escrevia críticas de filmes. Era um emprego muito bom. Podia ver todos os novos filmes, ir a todas as conferências de imprensa, entrevistar os atores. Ainda faço muita coisa para eles, agora, como *freelancer*. Há bem pouco tempo, fiz uma entrevista filmada com a Angelina para o *website* deles.

— Não acredito!

— Ah, isso chamou-lhe a atenção, não foi? — Ele ri-se. — Não, não é verdade. Foi uma entrevista com um espantoso novo realizador mexicano, mas de alguma forma achei que não fosse ter o mesmo efeito.

— Talvez tivesse — protesto, fingindo-me ofendida.

— Interessa-se por filmes? — Ele olha-me com curiosidade.

— É claro. Toda a gente gosta de filmes.

— Então, qual é o seu realizador favorito?

Faço uma pausa. — Hum... — A minha mente está em branco. Não sei nomes de realizadores, pois não? Oh, céus, devo saber. Rápido, pensa num. — Scorsese — despejo. É o primeiro nome de realizador que me vem à cabeça. É o *único*.

— Uau, a sério? — Ele parece impressionado. — Nunca diria que era uma rapariga de tipo Scorsese.

Sinto-me simultaneamente aliviada e inesperadamente satisfeita.

— Qual acha que foi o seu melhor filme?

— Bem... hum... há tanto por onde escolher — digo eu, vagamente. — Quero dizer, é difícil eleger um favorito... — Espero poder ficar por aí e deixá-lo indefinido, mas ele continua a fitar-me, o rosto pleno de interesse.

Ele espera uma resposta.

Oh, porra.

Freneticamente, arranco a parte do meu cérebro que tem «Filmes» escrito nela, mas está preenchida de comédias românticas com a Jennifer Aniston e alguns filmes estrangeiros bastante maus que um ex há muito esquecido costumava fazer-me ver. Bem, esquece isso, tenta aquela coisa da associação. Scorsese é um homem. Ele é italiano...

— *O Padrinho!* — digo, triunfante. Vê! Eu sabia que o sabia.

— Esse é do Coppola — diz Adam, com um lampejo de diversão.

O meu triunfo dura pouco. — Oh, a sério? — Estou para lá de embaraçada.

— Mas consigo perceber porque pensou que fosse. Italiano, Máfia, violência... — Ele está a falar com ar sério, mas a boca torce-se levemente. — Enfim, é fácil confundir dois dos maiores realizadores do mundo.

— Está bem, está bem. — Sorrio, constrangida. — Sei que mereço por o importunar com a arte, mas não sei nada sobre filmes exceto alugar DVD e ir ao cinema. E, mesmo aí, vejo qualquer coisa. Geralmente, estou mais interessada nas pipocas.

— Talvez pudéssemos negociar.

Fito-o, interrogativa.

— Você ensina-me sobre arte e eu ensino-lhe sobre filmes.

— Bem, não sei...

— Pronto, diga-me, qual é o seu filme favorito?

— Oh, isso é fácil. — Sorrio. — Qualquer coisa em que entre o Daniel Craig.

Ele lança-me um olhar horrorizado. — Deve estar a brincar! Esse é o seu critério para ir ver um filme? Se for com o Daniel Craig? Que, já agora, não é grande ator. O último Bond foi bastante deprimente.

— Eu não vou ver a representação dele. — Sorrio e Adam revira os olhos em desespero.

Tirando o seu boné de basebol, o tufo de cabelo preto salta para fora. Ele coça a cabeça, incrédulo. — Então, só para esclarecer. Nunca viu nenhum dos clássicos. Então e o *Citizen Kane*, *A Barreira Invisível*, alguma coisa dos irmãos Coen...?

Eu fito-o, inexpressiva.

— Caramba, vou ter muito trabalho pela frente.

— Você? — digo, indignada. — Então e eu? O que é que você sabe sobre o Cubismo, a Arte Conceptual, o Impressionismo...?

Agora é a vez de ele parecer perdido.

Há uma pausa e, depois, ambos abrimos um sorriso. — Muito bem, negócio fechado — assinto.

— Negócio fechado. — Ele sorri, enquanto apertamos a mão.

— Então, agora que já teve a sua primeira lição de arte, quando começo a aprender sobre filmes? — indago.

— Quando é que está livre para a semana? — Ele olha-me, entusiástico. — Vou levá-la a ver um filme fantástico, um dos meus favoritos. Mas o acordo é que você tem de tratar das pipocas.

Ele ri-se e sorri-me, mas eu paro. Dito desta forma, parece que vamos ter um encontro e, por um instante, considero dizer-lhe que tenho um namorado. Mas isso vai simplesmente fazer-me parecer arrogante. Como se achasse que ele gostava de mim, que não acho, *obviamente*.

— Na verdade, não sei bem — respondo eu.

Bem, é a resposta mais sincera, não? Não sei bem. Eu planeava passar a maior parte do meu tempo livre com o Nate, mas depois tivemos a discussão.

A discussão. Subitamente, apercebo-me de que não pensei nisso o dia todo. Seguido de outro pensamento. Também não pensei no Nate o dia todo.

— Por outras palavras, você tem um namorado. — Ele sorri e eu viro cor de beterraba.

— Mais ou menos — ouço-me dizer, antes que me possa impedir.

Mais ou menos? Hã, espera um minuto, Lucy. É do Nate, o amor da tua vida, de que estás *mais ou menos* a falar. Desde quando é que ele se tornou *mais ou menos* teu namorado?

Sinto uma pontada de surpresa e de remorso, tudo misturado. Procuro retroceder rapidamente.

— O que eu quis dizer...

A minha voz é subitamente afogada pelo lamento de uma sirene e o anúncio sonoro de que a galeria vai fechar. *Já?* Olho para o meu relógio, chocada. O dia passou a correr.

— Bem, é melhor apressar-me — diz Adam, interrompendo os meus pensamentos.

— Oh, sim... eu também — assinto, mas é como se o ambiente descontraído tivesse sido quebrado por uma estranheza que não estava lá antes.

— Adeus!

— Hum... adeus — murmuro.

Ele caminha a passos largos, atravessando a galeria. Observo enquanto ele se vira brevemente e acena, depois desaparece. E, subitamente, atinge-me.

Já sei quem ele me lembrou há pouco. Foi de mim.

Quando ligo o meu telefone, descubro que tenho oito chamadas não atendidas e uma, duas, três... começo a contar enquanto todos aqueles pequenos envelopes surgem com um *bip*... seis mensagens de texto.

Todas do Nate.

Tás bem?

É hora de almoço. Onde estás?

Desculpa, querida. Fui um cretino. Liga-me. Bjs

Olá, querida. Ainda estás zangada comigo? Adoro-te. Bjinhos

OK, estás obviamente a ignorar-me. Se quiseres falar, sabes onde estou.

São 6 da tarde. Onde raio estás? Eu não tenho tempo para estes joguinhos. Para de ser tão infantil.

À medida que as mensagens avançam, é um pouco como do início de uma relação — amável e amigável — ao momento do loucamente-apaixonado, até terminar na parte disruptiva da raiva e irritação. As minhas emoções seguem o mesmo arco. Começo por me sentir agradada e aliviada e a pensar: oh, não é maravilhoso, o Nate? Mas quando chego à mensagem número seis, estou de novo zangada e indignada.

O que faz dois de nós, reflito, ao ouvir uma das suas mensagens de voz irritadas.

Ligo-lhe de imediato.

— Porque é que não atendes o telefone? — questiona ele, assim que responde à chamada.

Fico rígida. — Desliguei-o. Estava no MoMA.

— Todo o dia? — Ele soa incrédulo.

— Bem, não tinha outros planos — não consigo evitar de retorquir, depois, não querendo discutir, acrescento: — Seja como for, lamento não ter ouvido as tuas chamadas.

Há um silêncio e depois: — Sim, eu também lamento — contrapõe ele, a sua voz suavizando. — E que tal o MoMA?

— Espetacular — digo entusiasmada, depois controlo-me. Não quero soar como se tivesse tido um dia demasiado bom. — Quero dizer, a arte foi espetacular, não o dia em si...

— Senti a tua falta — diz ele, parecendo arrependido. — Sentiste a minha falta?

— É claro — respondo automaticamente. Só que agora, ao dizer aquelas palavras, ocorre-me que não senti de todo falta dele. Para ser sincera, não pensei nele uma única vez. Mas isso foi apenas porque estava rodeada daquelas pinturas tão incríveis e simplesmente perdi a noção de tudo o resto, digo-me com firmeza. Não teve nada que ver

com o Adam.

Adam? O nome dele apanha-me de surpresa. Porque é que ele me surgiu assim na cabeça? O que tem ele a ver com o que seja?

— Então, quando vens para casa? — pergunta o Nate, interrompendo os meus pensamentos.

Sinto um morno fulgor. Veem, estamos de volta ao trilho. Foi só uma discussão parva. Nada mais.

— Bem, eu estava a ir ao meu apartamento. Tenho de dar de comer à *Jenny* e ao *Simon*.

— *Jenny* e *Simon*?

— Os cães da minha colega de apartamento — explico eu, apercebendo-me de que evidentemente ele não sabe nada deles, porque nunca esteve no meu apartamento. — Ela está fora todo o dia num curso e só volta tarde.

— Certo, bem, um produtor meu amigo vai organizar uma pequena festa. Nada de muito extravagante, só algum pessoal da televisão...

Só algum pessoal da televisão? Sinto um lampejo de excitação nervosa.

— ... perguntava-me se gostarias de ir.

— Parece-me divertido — ouço-me dizer.

— Fixe. — O Nate parece satisfeito. — Dá-me a tua morada. Vou-te buscar daqui a uma hora.

Uma hora. Sessenta minutos. Três mil e seiscentos segundos.

Só isso?

Para correr para casa, quase ter um ataque cardíaco a trepar por três lanços de escadas acima, alimentar os cães, arrastá-los em volta do quarteirão e quase os matar por asfixia na tentativa de os impedir de snifar cada poste de candeeiro. Depois, saltar para o chuveiro, rapar as pernas, cortá-las às tiras, exfoliar, hidratar, secar o cabelo com secador, experimentar o meu supernovo bálsamo alisador, perceber que o supernovo bálsamo alisador é uma total vigarice e, em vez disso, apanhar o cabelo para cima. Depois, aplicar maquilhagem, tentar uns olhos esfumados como vi numa revista, ficar como se tivesse passado por três *rounds* com o Mickey Rourke, agonizar sobre o que vestir, depois vestir a única coisa que encontro sem estar amarrotada.

Finalmente, atacar o apartamento arrumando tudo, abandonar o arrumar e enfiar tudo debaixo da cama ou atrás do sofá, saltar até ao teto quando a campainha soa, entrar em pânico, inspirar fundo várias vezes e receber o Nate à porta com ar composto e absolutamente relaxado.

— Estás bonita — diz ele, aprovador, enquanto entra e me dá um beijo. Depois, salta para trás, quando o *Simon* e a *Jenny* aparecem a correr, as caudas a abanar, para o receber.

— Não te preocupes, eles são superamigáveis. — Sorrio perante a sua expressão apreensiva.

— Estas calças acabaram de vir de limpar a seco, só isso. — Dobrando-se, ele varre uns tantos pelos das pernas do seu fato, onde os cães o tinham roçado. A *Jenny*, pensando que ele se baixara para lhe fazer festas, recompensa-o com uma grande lambidela cheia de baba. — Ugh. — Ele levanta-se tipo mola, com ar enojado.

— Ooh, desculpa! — Apressadamente, tento enxotar os cães de volta à sala.

— Tens toalhitas antibacterianas? — pergunta ele, limpando a cara com a mão.

— Não, acho que não...

— Onde é a tua casa de banho?

— Ao fundo do corredor, à direita...

Antes que consiga terminar, ele passa por mim e ouço as torneiras a começar a correr no máximo.

— Está tudo bem? — Fechando os cães na sala, apresso-me pelo corredor para encontrar a porta da casa de banho escancarada e o Nate inclinado sobre o lavatório, a lavar a cara.

— Sim, tudo bem. — Com a cara a escorrer, ele procura em volta uma toalha.

Que é quando me apercebo de que na minha pressa enlouquecida de arrumar o apartamento, esqueci-me por completo da casa de banho. Através do vapor, os meus olhos fazem uma verificação rápida e recaem sobre as várias toalhas ensopadas que larguei no chão, juntamente com os diferentes produtos que usei, todos sem tampa. Até mesmo a lâmina *Bic* ali pousada na prateleira, cheia de espuma de barbear e pelos, reparo, sentindo uma onda de mortificação.

Vem-me um *flashback* da casa de banho impecavelmente limpa do Nate, com as suas imaculadas toalhas brancas enroladas e ordeiramente empilhadas nas prateleiras, como algo saído de uma *Elle Décor*.

Oh, céus, ele deve pensar que sou uma desleixada do pior.

— Vou buscar-te uma limpa — digo, recolhendo rapidamente as toalhas do chão e enfiando-as no cesto da roupa suja. Abro o roupeiro, mas está vazio. Raios. Onde estão todas as toalhas? Então, lembro-me. Tenho umas cinco penduradas nas costas da minha cadeira no quarto. — Hum, desculpa, parece que já não temos.

— Não te preocupes, estou praticamente seco, de qualquer forma — diz ele, num tom ligeiramente irritado. — Pronta?

— Quase. É só terminar a maquilhagem. — Tendo removido a minha fracassada tentativa de olhos esfumados, depois de me aperceber de que parecia *Ling Ling*, o panda gigante, preciso de aplicar um pouco de rímel.

— Tiveste uma hora. O que andaste a fazer? — Ele ri-se, mas deteto uma pontada de irritação.

Ou talvez seja só a minha pontada de irritação, apercebo-me, ao resistir ao impulso de enumerar a longa lista de tudo o que andei a fazer num pânico louco para não me atrasar. Em vez disso, digo alegremente: — Queres alguma coisa para beber, enquanto esperas?

— Água seria fantástico.

— Não tenho água engarrafada. É água da torneira, pode ser? — Começo a encaminhar-me para a cozinha.

— Não tens? Bem, nesse caso, deixa estar. — O Nate torce o nariz. — Já me conheces... eu só bebo água mineral.

— Oh, é claro. — Anuo, sentindo-me um pouco estúpida. Passámos ao minúsculo corredor e dou-me subitamente conta de que parece bem mais atulhado e apertado do que o costume.

— Credo! O que é isto? — Ele bate numa máscara de madeira esculpida, pendurada na parede.

— É da minha colega de apartamento — digo apressadamente, endireitando-a. — Acho que é suposto afastar os maus espíritos.

— A sério? — Ele estuda-a com uma sobrancelha subida.

— Bem, vou só agarrar na minha mala e podemos ir. — Quanto mais depressa sairmos daqui, melhor, digo para mim mesma, abrindo a porta do meu quarto. Mergulho lá dentro e procuro atabalhoadamente o meu rímel. Aplico-o no táxi a caminho da festa.

— Então, este é o teu quarto?

Volto-me, vendo o Nate à porta, os seus olhos relanceando em volta, assimilando tudo.

— Hum, sim, é este. É um bocado pequeno... e não tem muito espaço de arrumação — acrescento apressadamente, apanhando-o a mirar as pilhas de roupa nas costas da cadeira —, mas gosto dele. — Continuo em busca do meu rímel.

— É muito... colorido — diz ele, escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Bem, eu sempre adorei a cor.

Porra, onde está o raio do rímel? Olho para a minha maquilhagem, toda espalhada sobre o toucador. Tem de estar em algum lugar.

— Tens definitivamente muita tralha, considerando que só te mudaste para Nova Iorque há poucas semanas.

Levanto os olhos do toucador para ver o Nate a fitar as minhas estantes, amontoadas de fotografias, revistas, velhos cadernos de esboços e a minha coleção de conchas do mar, para a qual ainda não achei um lugar.

— O que é isto?

Observo, enquanto ele distraidamente pega numa revista e a folheia, franzindo o rosto. — Respondeste a um tipo de questionário...

Subitamente, encaixo. Ele encontrou *aquele* questionário. Sinto um clarão de embaraço.

— Oh, isso? — digo, tentando soar casual, ao mesmo tempo que lho arranco rapidamente. Ontem, ter-lho-ia provavelmente mostrado, ter-me-ia rido sobre aquilo — enfim, o Nate teria provavelmente achado engraçado —, mas agora...

Pelo canto do olho, avisto o rímel em cima da cama e salto sobre ele.

Agora, algo mudou. De alguma forma, não me sinto igual.

— É só um monte de disparates — declaro, sem lhe dar importância, e, atirando-o para o cesto de papéis, pego na minha mala. — Pronto, vamos.

A festa já está em pleno andamento quando chegamos. Bem, digo «pleno andamento», mas na realidade é só um monte de pessoas de pé a beber *vodka martinis* e a falar de televisão. E com «falar de televisão» não quero dizer comentar sobre quem pensam vai ganhar o *Dança com as Estrelas*, mas discutir os meandros da produção, a escalada dos orçamentos e os números de audiências.

Exceto eu, parece que todos aqui pertencem à indústria e, embora no caminho para ali eu tivesse imaginado um evento realmente glamoroso, é na verdade um bocado aborrecido. De facto, a dada altura, enquanto me debato por acompanhar uma conversa sobre planeamento de produção, a minha mente vagueia e vejo-me a pensar quando poderemos ir-nos embora. Relembro-me rapidamente de que estou em Nova Iorque e numa festa da televisão com o Nate. Há alguns meses, esse teria sido o meu cenário de sonho e agora quero ir para casa, vestir o meu pijama e enrolar-me no sofá. Quero dizer, Lucy!

Forço-me a focar-me na conversa.

— Como eu estava a dizer, é tudo uma questão de integridade — pronuncia Brad, um homem baixinho de fato cintilante, que coloca continuamente o braço à volta da minha cintura, a pretexto de me desviar dos empregados, e depois deixando ficar a mão. Não quero o Nate repare. Ele está demasiado ocupado a apresentar a sua nova ideia para um *reality show*.

— Sem dúvida — assente Nate, o seu rosto sério.

Enfim, por favor. Ele está a falar de um concurso, não de um documentário premiado.

— Com licença — digo educadamente, tentando libertar-me.

— Porquê, o que é que eu fiz? — diz Brad com uma risada, grandemente divertido com a sua própria péssima piada.

— Sempre um gozão, Brad. — Nate sorri, alinhando com o humor de balneário.

— Seja como for, contem-me — interpõe Brad, lançando-nos um largo sorriso, a mim e ao Nate —, como é que se conheceram?

— Em Itália. Ambos estávamos a estudar Arte — explico eu. À memória de Veneza, sinto um familiar arrepio.

— Oh, a sério? Então é uma artista?

Faço uma pausa, subitamente abalada com a pergunta. — Fui, por um breve momento — digo em voz baixa.

— Depois percebeu que tinha de viver no mundo real e arranjou um emprego como deve ser. — Nate ri-se.

As suas palavras atingem-me. — Algo do género. — Anuo, forçando um sorriso, mas por dentro é como se algo se quebrasse de repente e, à primeira oportunidade, dou uma desculpa de ter de passar na casa de banho e deixo-os a rir.

Conseguindo escapar, deambulo até ao outro extremo da sala. A festa está a acontecer num espetacular *loft* em Tribeca, todo ele em tijolo e tubagens expostas, e mobiliário *super trendy* espalhado em volta como peças de arte. Falando de arte, há algumas obras fabulosas nas paredes, sem dúvida, todas originais. Segundo o Nate, o proprietário é uma figura de topo num dos canais televisivos, o que não me diz grande coisa, a não ser que trabalhar na televisão parece tornar as pessoas muito ricas.

Depois de umas poucas tentativas de conviver, que me fazem dar conta de que todos falam uma outra língua e que eu não falo TV, vejo-me lá fora na varanda a conversar com um dos empregados. O seu nome é Eric e ele toca guitarra numa banda de *heavy-metal*. Depois de vinte minutos a contar-me tudo sobre a sua mais recente atuação e sobre como passou toda a noite a abanar a cabeça junto às colunas, ele tem de sair para servir canapés e eu encaminho-me para a casa de banho.

Desta vez é genuíno — preciso mesmo de ir — e, encontrando a porta não trancada, empurro para a abrir, deparando-me com dois tipos de costas viradas para mim, um deles debruçado sobre o lavatório. É bastante óbvio que está a consumir cocaína, já que, quando eu passo, ele se levanta de repente. É o Brad. E com ele, percebo subitamente, o Nate.

— Oh! — Sentindo uma mistura de choque e embaraço, fico ali paralisada por um momento, enquanto eles se viram e me veem. Depois, caio em mim.

— Desculpem — deixo escapar, antes de voltar a sair.

— Dá-me um segundo, Brad — diz Nate e segue-me rapidamente para o corredor. — Onde é que vais? — Ele fita-me, a testa enrugada.

— Estou cansada. Acho que me vou embora.

— Eu vou contigo.

— Não, tudo bem. Tu ficas. Estás obviamente ocupado.

Nate franze as sobrancelhas. — Ora, Lucy, não faças disto um bicho de sete cabeças.

Olho para ele e, de repente, vejo alguém que não conheço. Este não é o Nate de cabelos longos, pacato, que dá umas passas de erva. Este é o Nate empertigado, viciado no trabalho, obcecado por exercício, que diz que o café é nocivo e, porém, está nas casas de banho de uma festa com um verme de fato cintilante a fazer sabe-se lá o quê.

— Essa não é a questão. Tu és aquele que não se cala com o ser saudável. Enfim, nem água da torneira bebes — riposto, pensando no que acontecera mais cedo.

— Isso é totalmente diferente.

— Não, não é. — Abano a minha cabeça. — Estás a ser um hipócrita.

— E tu estás a fazer uma cena — sussurra ele, silenciando-me e relanceando em volta para os outros convidados da festa para ver se alguém nos ouviu.

Fico de pelos eriçados, mas impeço-me de retaliar. — Ouve, não quero discutir de novo. Vamos esquecer isto. — Começo a vestir o casaco e viro-me para sair, mas o Nate segue-me.

— Lucy, espera. Deixa-me despedir de umas pessoas e eu vou contigo.

— Tudo bem. Fica. Eu apanho um táxi para casa.

Ele dispara-me um olhar como se dissesse: *Não me faças isto diante de todas estas pessoas.*

— Dá-me só cinco minutos.

Acabo por lhe dar mais de vinte, enquanto espero à porta, observando-o a circular pela sala, envolvendo-se nas conversas, rindo-se das piadas. Em vários pontos, estou prestes a sair sem ele, e parte de mim deseja que o tivesse feito, porque quando finalmente se junta a mim e entramos para um táxi, nenhum de nós está na melhor das disposições.

— Ficamos sempre no teu apartamento... porque não podemos ficar no meu, para variar? — questiono quando ele dá ao motorista a sua morada.

— O quê? Preferes ficar no teu do que no meu? — Ele dispara-me um olhar do outro lado do banco de trás. Quando antes estaríamos aninhados juntos no meio, agora estamos sentados em pontas opostas. Não seria preciso nenhum especialista em linguagem corporal para perceber que se passa alguma coisa.

— Qual é o problema do meu apartamento? — Sinto uma pontada de irritação.

— Bem, nem sequer se pode comparar, não é? — Ele ri-se levemente e ergue uma sobrancelha.

Se eu estava irritada antes, agora estou verdadeiramente incomodada. — Não, por favor, força. Estou interessada — digo, cruzando os braços, expectante.

Ele solta um suspiro de impaciência. — *OK*, então, um é uma *penthouse* com uma vista sobre o parque e o outro é um quarto andar sem elevador, com vista sobre *graffiti*.

— Acontece que eu gosto — digo, ríspida.

— Pois, eu não. — Ele encolhe os ombros.

— Pois, eu não gosto particularmente do teu apartamento — riposto eu.

— Como podes não gostar?

— De todo aquele branco, para começar. Eu gosto de toques de cor.

— Toques de cor? — Nate grunhe. — No teu apartamento, parece que explodiu toda uma fábrica de cores.

Solto um arquejo de indignação.

— E quanto àquelas cenas de vudu...

— Quais cenas de vudu? — questiono acaloradamente.

— Como aquela máscara. — Ele faz um trejeito.

— Isso não é vudu! — exclamo. — Seja como for, pelo menos há coisas interessantes lá dentro. O teu apartamento é tão minimalista, que não tem praticamente nada, à parte aquela máquina epilética.

— É uma elíptica — corrige ele, bruscamente — e, já agora, não te fazia mal começares a usar uma.

— E o que quer isso dizer?

— Bem, não faria mal às tuas coxas, não é? Se te quiseses ver livre dessa celulite.

Inspiro profundamente. É como um gancho de boxe.

— E fizeste um buraco no meu tapete — continua ele, com um rápido soco no queixo.

— O quê? — Ainda estou a recuperar do comentário anterior.

— Tenho câmaras de vigilância integradas no sistema de alarme.

Raios, bem me parecia que ele devia ter câmaras de vigilância. Que mais terá ele gravado?

— É um tapete verdadeiramente caro.

— Por amor de Deus, foi um acidente. — Arquejo na defensiva.

— Como com a máquina de sumos? — Ele fita-me.

O meu queixo firma-se, desafiante. — Bem, desculpa se não sou perfeita como tu.

Com o teu apartamento de exposição.

— O teu apartamento é uma bagunça. Há lixo por todo o lado.

— Antes desarrumada do que picuinhas.

— O quê? Então, eu sou picuinhas porque não deixo caixas de *pizza* debaixo da cama? — brada ele, indignado.

Porra. Ele viu as caixas.

— Não, porque fazes um alarde sobre como encher a máquina de lavar a loiça ou sobre a forma de guardar uma colher na gaveta dos talheres. És tão picuinhas que até passas os teus boxers de bananas a ferro! E, por falar nisso, que homem de 30 anos de idade *usa* uns boxers de bananas?

— São crescentes de lua.

— Oh, a sério?

Ele fecha o rosto, carrancudo. — Ouve, isto foi obviamente um tremendo erro.

— Um erro?

— Tu e eu. Não está a resultar. Quero acabar.

— *Tu* queres acabar? — grito eu, indignada. — *Eu* quero acabar!

Ele fita-me, incrédulo. — O quê? Estás a romper comigo? — riposta ele. — Não, eu é que estou a romper contigo.

— Céus, foste sempre um cretino! — Arquejo, com desprezo.

— Tu realmente não mudaste, pois não? Continuas uma cabeça-dura — grita-me ele.

— E tu mudaste. Costumavas ser divertido — grito-lhe de volta.

— A vida não é só diversão, Lucy. Precisas de crescer.

— Eu cresci!

— Tu tens cabelo púrpura! — diz ele, desdenhoso.

— Ao menos tenho cabelo — disparo em resposta.

Há um brusco momento de silêncio e ele encolhe-se visivelmente.

— Desculpem, mas para onde querem ir?

A meio da nossa rutura, voltamo-nos, ofegantes da discussão, deparando-nos com o motorista a olhar-nos interrogativamente pelo espelho retrovisor.

— Eu não vou a lado nenhum com ele — digo eu, lançando a Nate um olhar furioso.

— E eu não vou a lado nenhum com ela — dispara-me ele, carrancudo.

Por um momento, dá-se um impasse no banco de trás do táxi, ambos recusando-nos

teimosamente a mover-nos. Até que, com um arquejo de impaciência, o Nate agarra na porta e sai, batendo-a com firmeza atrás de si.

Então, é isso. Eu e o Nate acabámos. A nossa grande história de amor terminou.

Durou a grande soma de uma semana.

— Bem, falando com rigor, durou menos de uma semana — aponta Robyn, despreocupadamente. Depois, vendo a minha expressão, acrescenta rapidamente: — *Dez anos* e menos de uma semana.

É uma manhã de domingo e eu e a Robyn levámos os cães a passear em Battery Park, o que significa basicamente sentarmo-nos na relva ao sol a comer gelados, enquanto o *Simon* e a *Jenny* cheiram em volta dos nossos pés.

— Ainda não consigo acreditar — digo eu, dando uma lambidela desafiadora ao meu gelado.

— Queres dizer a rutura ou o que ele disse sobre...? — Ela interrompe-se e lança-me um olhar que diz: *Tu sabes*.

Contei à Robyn sobre a discussão e ela anuiu solidária e gritou entusiasticamente «É isso mesmo, miúda», em todos os momentos certos. Quando cheguei aos comentários dele sobre as minhas coxas, ela susteve bruscamente a respiração e ficou no mais completo silêncio com o choque. O que para a Robyn é dizer muito.

Ou não dizer, como foi o caso.

— Ambas as coisas — respondo, mordendo mais um grande pedaço do meu *fudge* de chocolate duplo ou lá o que é, num ato de rebelião. — E pensar que estive apaixonada por ele todos estes anos.

— Antes amar e perder — observa Robyn com sabedoria.

— Eu não o perdi! — exalo, indignada. O *Simon* para de cheirar a relva e espeta as orelhas, com ar assustado. — Eu rompi com ele!

A Robyn parece confusa. — Pensei que ele tivesse rompido contigo — diz ela, insegura.

— Bem, sim... mais ou menos — admito com relutância. — Rompemos um com o outro. Depois daquela grande discussão no táxi.

— Bem, ao menos concordaram em alguma coisa — diz ela, alegremente.

A Robyn nunca para de me surpreender com a sua determinação em ver um lado positivo em tudo. Seja qual for o desastre que se abata sobre ela, nunca é negativa. Ela podia ser injustamente detida por tráfico de droga na Tailândia, ser condenada para a vida e atirada para uma prisão onde ninguém fala inglês, e provavelmente diria que era uma oportunidade maravilhosa de ter um tempo para si mesma e aprender uma nova língua.

— Suponho que sim. — Anuo, duvidosa.

— Estás perturbada?

Paro para pensar sobre isso. Estou?

— Não — digo, depois de uma pausa.

Quando o digo, sinto uma pontada de surpresa. Pensei que ficaria mais do que

perturbada. Pensei que ficaria devastada. Afinal de contas, ele não era suposto ser a minha alma gémea?

— Isso é bom — diz Robyn num tom animado. — Uma rutura é uma coisa, mas um coração partido é outra. — Ela revira os olhos, como que dizendo que já passou por isso, e eu aceno com a cabeça em reconhecimento.

Só que, desta vez, não me sinto de todo destroçada.

— Estou atordoada, suponho — confesso eu. — E desapontada. Ele não é quem eu pensava que era. Mas suponho que eu também não. — Olho para baixo, para o meu gelado. A minha atitude de desafio derreteu-se com ele. — Eu estava apaixonada por uma ideia dele. Um ideal dele. De quem eu pensava que ele era. De quem ele costumava ser.

Penso agora em voz alta enquanto a minha mente ruma sobre tudo. A semana que passou parece um sonho. Um imenso borrão. Uma montanha-russa de emoções. Aconteceu tudo tão rápido que nunca parei para pensar sobre aquilo. Não *quis* parar e pensar sobre aquilo. Eu estava a apaixonar-me loucamente de novo e era tão extasiante. Voltar a vê-lo. Descobrir que ainda me amava. Ambos nos deixámos arrastar. Não paramos sequer para pensar que talvez nos estivéssemos a apaixonar por pessoas diferentes. Apanhados pelo desejo, pelo momento, pela pura emoção, foi como mergulhar no oceano.

E agora, por fim, vim à tona para respirar.

— Eu estava apaixonada pelo romantismo de tudo aquilo, de voltar a reencontrar o meu primeiro amor. Acho que ambos estávamos — acabo por dizer.

— Todos estávamos — assente Robyn solidária. — Era super-romântico.

— Enfim, eu pensava verdadeiramente que ele era a minha alma gémea, mas agora... — A minha voz desvanece-se, triste.

— Mas agora percebeste que não é e pronto. — Ao ver a minha expressão abatida, a Robyn salta de imediato para o seu papel de *cheerleader*. — Demoraste dez anos e depois? Antes tarde que nunca.

— Pensei que tinhas dito que eu e o Nate estávamos destinados a ficar juntos, que éramos simples marionetas e que era o poder do universo, o nosso destino — digo, desalentada.

A Robyn cora. — Bem, é verdade. Parecia tudo demasiado coincidente, como se fosse suposto acontecer e vocês pareciam realmente amorosos juntos. — Faz uma pausa. — Tens a certeza de que terminou?

— Cem por cento.

— Hum. — Ela lambe o seu gelado, pensativa. Não parece totalmente convencida.

— Também estou um bocado zangada, suponho — confesso.

— Sabes, estou certa de que ele não quis verdadeiramente fazer aquele comentário — avança Robyn, rapidamente.

Abano a cabeça. — Não, não é com o Nate, é comigo. Sinto-me um pouco estúpida. Todos estes anos, acreditei que nunca poderia ser exatamente feliz sem ele. Idealizei-o

como aquele tipo perfeito, aquele grande amor. — Calo-me e arranco uns tufos de relva.

— Agora, sinto-me como a Dorothy em *O Feiticeiro de Oz*, quando arranca a cortina e vê que o mago é simplesmente um velho que puxa uma imensidade de alavancas.

— Eu senti-me assim quando fui ao encontro de antigos alunos do meu liceu e vi o Brad Poleski — diz a Robyn, empática. — Quando eu tinha 16 anos, tive a maior das paixões por ele. Nem conseguia encará-lo. Ele era como um deus. Depois, voltei a encontrá-lo no ano passado e achei-o simplesmente *normalíssimo*. — Ela abana a cabeça, os seus olhos verdes flamejando perante a memória.

— Como se num minuto estivesse louca por ele e no minuto a seguir... — A minha voz perde-se.

Céus, não me sabia tão volúvel.

— Acontece — assente Robyn. Ela sorri e depois, subitamente, endireita-se como uma suricata. O seu corpo em alerta máximo, como quando o *Simon* e a *Jenny* avistam um esquilo.

— O que é que foi?

— Um estranho moreno e atraente. Às duas horas. — Ela faz um gesto na direção do lago.

Oh-oh! Sei o que isso quer dizer.

— Harold?

— Podia ser. — Ela acena com a cabeça, pondo os óculos de sol e afundando-se na relva.

Subitamente, é como se estivéssemos de vigia.

— Então, o que aconteceu com o Daniel na outra noite? — pergunto eu, tentando desviar o tópico de uma figura masculina imaginária para uma real. — Quando me fui embora, vocês pareciam bastante aconchegados.

— Oh, foi divertido. Ele é engraçado — diz ela, distraidamente, os seus olhos fixos no estranho moreno e atraente. Não me surpreenderia que, a qualquer minuto, ela puxasse de uns binóculos. — Ele convidou-me para sair, amanhã à noite...

— Uma saída? — repito eu, excitada. — Não me tinhas contado nada!

— ... mas é claro que eu disse que não.

— Porque ele não é o Harold — observo eu, liminarmente.

— Exatamente. — Ela anui, ignorando a minha óbvia desaprovação. — Eu disse-lhe que não tínhamos futuro.

Fito-a estupefacta. — Tu disseste-lhe isso? Falaste-lhe do Harold?

— É claro — responde ela, como se fosse a coisa mais normal do mundo dizer a um homem que acabou de conhecer que não pode sair com ele, porque uma vidente lhe disse que iria conhecer um estranho moreno e atraente de nome Harold.

Mas para a Robyn, suponho que seja.

— Porque não havia de dizer? — questiona ela.

Porque ele vai pensar que és completamente maluca, quero dizer, mas em vez disso

opto por um mais diplomático: — Mas se soubesses com ele, talvez descobriesses que gostas realmente dele.

— Precisamente. É disso que tenho medo — diz ela, lançando-me um olhar tenso. — Porque aí, o que vou fazer quando encontrar o Harold? — Rapidamente, relanceia de volta para o lago. — Oh, bolas!

Sigo-lhe o olhar. O estranho moreno e atraente tem o braço em volta de uma mulher francamente grávida.

— De qualquer forma, concordei em sair com ele. Não numa *saída* mesmo, simplesmente como amigos. — Ela suspira, varrendo a relva da sua saia e levantando-se, pronta para partir.

— Ótimo. — Digo, aprovadora, içando-me. — Talvez assim comeces a gostar realmente dele.

— Não, não digas isso! — Ela parece em pânico. — Isso nunca pode acontecer. O que é que eu vou fazer quando finalmente encontrar o Harold?

De notar que não é «se», mas «quando».

— Mas e se quando finalmente o encontrares, tu e o Harold não se entenderem? — argumento eu quando começamos a atravessar o parque em direção à saída.

Ela lança-me um olhar, como se dissesse «*Isso não é muito simpático, Lucy*», e recusa-se a ceder. — Ah, já agora, uma cliente minha deu-me dois bilhetes grátis para o teatro, na próxima semana — diz ela, mudando prontamente de assunto. — A nova peça da Broadway, *Tomorrow's Lives*. Gostavas de ir ver?

— Oh, sim — respondo, com entusiasmo. — Nunca vi uma peça na Broadway.

Estás a ver? Não vou ficar sentada a lastimar-me por ti, Nathaniel Kennedy, relampeja na minha mente.

— A questão é que eu não posso ir. Tenho uma conferência sobre cura. Por isso, se quiseres convidar alguém para ir contigo, como, sei lá... — O nome «Nate» escapa-se em silêncio da sua boca e fica a pairar acima dela num balão de fala.

— Eu pergunto à minha irmã — digo, com firmeza.

Enrolando um caracol em volta do dedo, Robyn faz uma pausa, pensativa. — Lucy, não quero intrometer-me, mas tens a certeza de que isso não é apenas um arrufo de namorados?

— Definitivamente, não. — Abano a cabeça, com determinação. — Com efeito... — Lembrando-me subitamente de algo, detenho-me, procuro com os dedos dentro da minha *t-shirt* e puxo para fora o meu pendente da meia moeda. Não o tirei desde que eu e o Nate os voltámos a pôr, juntos. Desenlaçando-o pela cabeça, atiro-o para um caixote do lixo ali ao pé.

E voltando-me para Robyn, que me fita com desconfiança, digo: — Agora, já acreditas em mim?

Com os finais vêm novos começos e, mais tarde nesse dia, de volta ao apartamento, decido

fazer uma «limpeza». Começar do zero e assim. Tenho tralha por todo o lado, pelo que passo o resto do domingo a separar coisas e a deitar muitas fora. Incluindo o meu «dossiê do Nate», que está repleto de fotografias, cartas e recordações antigas, que guardei todos estes anos e levei comigo para onde quer que fosse.

Agora, é tempo de pôr isso de lado, digo-me firmemente, lançando tudo para o lixo. É tempo de seguir em frente.

Antes de me deitar nessa noite, ponho o telefone a carregar. Não tive notícias do Nate, mas também não esperava ter. Por um breve instante, penso em enviar-lhe um tipo de mensagem de adeus-mas-sem-ressentimentos, depois decido não o fazer. As coisas ainda estão demasiado vivas. É melhor deixar isso para quando o pó assentar e depois enviar-lhe um *email* a dizer algo maduro e filosófico sobre o amor e as relações.

Talvez um dia nos tornemos amigos e partamos de férias juntos, com os nossos novos companheiros. E sempre que alguém nos perguntar, falemos carinhosamente um do outro e nos riamos e recordemos. Até me rirei daqueles boxers de bananas e de como ele está sempre colado ao telefone. Será enternecedor, assim como os meus atrasos, a minha desordem e o meu cabelo púrpura.

Contudo, continuaria a querer matá-lo pelo seu comentário às minhas coxas.

Acordo na segunda de manhã, sentindo-me positiva. É um novo dia, o primeiro dia do resto da minha vida. Depois da catártica eliminação de ontem do velho, é tempo de acolher o novo. Considera só, nunca mais vais ter de pensar no Nate. Ele nunca mais te vai saltar saudosamente à cabeça, ao ouvir uma canção no rádio e nunca mais vais sentir uma pontada de «E se?», ao ver um casal aconchegado junto. É incrível!

Como se todo um peso me tivesse sido retirado dos ombros, reflito, bebericando feliz o meu *latte* com café extra a caminho do trabalho. Ouvindo o meu *iPod*, caminho a passos largos pela rua com uma outra energia. Sinto-me mais leve, mais livre...

— Estou a ouvir os sinos de um casamento!

Ao empurrar a porta da galeria, sou recebida por Marsha carregando sobre mim, os seus saltos de agulha a matraquear ruidosamente no betão polido, como um rufar de tambor.

— O quê? — Arrancando os auriculares, fito-a em confusão.

— Tu e o Nathaniel! Não os estás a ouvir? — exclama ela, colocando a mão em concha contra o ouvido.

Fico paralisada do choque, todos os pensamentos de me sentir mais leve e mais livre e de nunca mais ouvir o nome dele desfazendo-se no éter.

— Vai ser maravilhoso. Devias fazê-lo no Plaza. Tenho um amigo que te pode fazer um negócio fabuloso em relação às flores.

Sinto um baque nauseante. Como vou dar a notícia à Marsha de que terminou?

— Na verdade, não me parece que vá haver casamento — digo com tato.

Bem, comecemos pelo óbvio.

— Eu sei, eu sei, tu queres um noivado longo. — Ela encolhe os minúsculos ombros, encapsulados em dois imensos enchumaços. — Queres tempo para planear, para organizar, para que seja tudo perfeito, mas deixa que te diga, tens de o levar ao altar nos primeiros três meses, três meses, digo-te.

Diante do camião de dez toneladas que é a Marsha a investir na minha direção em pleno modo casamento-no-Plaza, suavemente-suavemente não a vai conseguir travar.

— Nós terminámos — despejo.

Por instantes, a boca de Marsha continua a mover-se, mas não sai nenhuma palavra. Depois, soltando um uivo, como um animal ferido, os seus saltos *Gucci* parecem ceder debaixo dela, que se agarra à mesa da receção.

— Não, não — geme ela, reencontrando a voz. — Isso *não pode* ser verdade!

— Lamento. Não resultou — tento eu explicar, mas a Marsha ficou pálida, mesmo debaixo daquele bronzeado dos Hamptons e da espessa camada de *blush* perolado, e fita-me com uma expressão arrasada. Embora também possa ser o resultado de uma visita ao seu «amigo» Dr. Royce, reflito, vislumbrando os reveladores sinais de inchaço em torno dos olhos.

— Mas ele tem sapatos italianos — consegue ela grasnar.

— Enganei-me — minto eu, em desespero. — Eram da Banana Republic.

Marsha não se deixa abalar. — Não te preocupes, podemos resolver isso — diz ela, com uma expressão de pura determinação no olhar. — Eu conheço o gestor da *Bergdorf*. Consigo 50% de desconto num par de sapatos *Prada*.

— Não, a sério, não há problema — digo eu, apressadamente. — Não éramos a pessoa certa um para o outro.

Marsha olha-me como se eu falasse uma língua estranha. — O que tem isso a ver com o que quer que seja? — exala ela, incrédula. — Eu tive três maridos e nenhum deles era a pessoa certa para mim!

Ela di-lo com tal indignação, que demoro um tempo a assimilar e, quando assimilo, não compreendo bem como isso pode fundamentar o seu argumento.

— Pelo menos o evento da galeria correu bem — digo eu, animadamente, decidindo não indagar e, em vez disso, mudar de assunto. Contornando rapidamente para o computador, ligo-o e começo a verificar os *emails*. — Façamos figas para que ajude ao negócio.

— Hmm — faz ela, amuada.

— E temos aqui alguns *emails* sobre a comida, afirmando como o *spaghetti* com almôndegas estava delicioso — continuo eu, procurando uma reação. Há um vago agitar da sua cabeça e o cortiço dourado inclina-se ligeiramente.

— Oh, e estive com a minha amiga Robyn, que me disse que ela e o Daniel vão sair juntos — anuncio eu, num derradeiro esforço. Certo, não é estritamente verdade. E estou a prostituir a minha amiga. Mas deem-me um desconto. Eu estou desesperada.

Resulta. A cabeça de Marsha ergue-se de um salto, como a da *Jenny* e do *Simon*

quando dizemos «R-U-A».

— A sério? Eu sabia! O que é que eu te disse? Quando se trata de juntar pessoas, eu nunca me engano. — Ela lança-me um olhar cortante, que eu desvio rapidamente.

— Sim, não é fantástico? — digo eu, com entusiasmo. — Eles formam um casal bonito.

— Um casal *bonito*? Eles são um casal *perfeito* — vangloria-se ela, erguendo-se a toda a altura do seu metro e meio. — Embora o meu filho nunca me diga nada — reclama ela, como reflexão tardia. — Ele acha que eu vou contar a toda a gente, que sou uma desbocada. — Ela fita-me, ofendida. — Eu? Uma desbocada? — Apertando o peito, que como tudo em Marsha parece suspeitosamente empinado, ela exala teatralmente. — Eu sou a discrição em pessoa. Em pessoa.

— Sem dúvida — anuo eu, gravemente, clicando num *email* do fotógrafo que contratámos para o evento. Abre-se todo um conjunto de fotos. — Quem é esta? — pergunto, estudando a fotografia de uma mulher mais velha particularmente atraente. — Tem um ar superglamoroso.

Faço girar o ecrã, para que Marsha possa ver, e ela solta a sua sonora reprovação.

— Ora, quem estavas à espera de que fosse? — exclama, revirando os olhos. — É a Melissa Summers. Ela chantageou o marido milionário quando descobriu que ele tinha um caso. — Chegando-se mais perto, ela baixa a voz. — Não o devia verdadeiramente dizer, já que me contou em confiança, mas ela encontrou o marido com o jardineiro...

Depois de Marsha divulgar os segredos mais íntimos da sua amiga, dando provas, se é que eram necessárias, de que talvez Daniel tivesse razão e Marsha e a discrição não fossem uma boa combinação, voltamos ao trabalho e o resto da manhã é ocupado com tarefas administrativas e papelada.

Depois, chega a hora do almoço e vou ao *Katz's* para a nossa encomenda habitual, sendo servida pelo habitual homem carrancudo atrás do balcão, que nunca diz nada, e regressando à galeria com o *pastrami-on-rye* de Marsha. A única diferença sendo que, hoje, decido falhar a minha habitual *tuna melt* e agarrar num café e numa maçã.

Por nenhuma razão em particular. Não tem *nada* que ver com o comentário do Nate sobre as minhas coxas, por exemplo. Ou por saber que as *tunas melt* engordam tremendamente, porque pesquisei no Google mais cedo e vi que tinham um milhão de calorias ou coisa do género e que todo aquele queijo derretido está simplesmente ali à espreita para tomar de assalto as nossas coxas e cobri-las de ondulações.

Não, é realmente estranho. Simplesmente, hoje não tenho qualquer apetite, reflito, rodando o meu café, enquanto caminho rua abaixo. O meu estômago não está a gorgolejar, porque estou com fome. Está só a produzir ruídos estranhos, porque... Enfim, não sei bem porquê, mas tenho a certeza de que devem existir imensas razões.

— Ei!

Solto um ganido quando alguém esbarra comigo, empurrando-me o braço e

entornando o café todo por cima do meu *top*. — Veja por onde anda — berro.

Estão a ver, estou a tornar-me mais nova-iorquina. No passado, teria sido um apologético «Desculpe!», mas não agora, penso eu, olhando para baixo com consternação e vendo o meu *top* coberto de manchas castanhas em rápida expansão.

— Porque não vê *você* por onde anda? — grita de volta a pessoa que acabou de esbarrar comigo.

Céus, que lata!

Levantando o olhar, dou meia-volta enfurecida. Espera, foste...

— *Tu!*

Dizemo-lo ambos ao mesmo tempo. Ecoa em estéreo, enquanto olho para o homem diante de mim no seu elegante fato cinza, a pessoa que acabou de chocar comigo porque não prestava atenção, que acabou de arruinar o meu *top* e me esbaldou com café quente, porque estava demasiado ocupado a papaguear ao telefone para ver por onde ia.

É o Nate.

Ele fita-me, com uma expressão de choque no rosto.

— Já te ligo — diz ele bruscamente para o seu auricular de *Bluetooth*.

Olho para ele, atónita. Não posso acreditar. É ele. De todas as pessoas nas ruas de Manhattan, tinha de ir chocar com ele!

Correção: ele tinha de *esbarrar* comigo.

Repentinamente, o meu assombro é dominado pela fúria. — Tens de ver por onde andas quando estás ao telefone — disparo, contrariada.

O rosto dele ensombra-se. — Tu vieste direita a mim.

— Não fui coisa nenhuma! — Arquejo. Sinto uma pontada de fúria. Só o Nate para inventar que a culpa foi minha. — Tu estavas a falar ao telefone, sem prestar atenção. Vê só, entornaste todo o café por cima de mim!

Agarrando na minha blusa agora ensopada de café, que parece algo criado em *tie-dye* pela Robyne, agito-a furiosamente na sua direção.

Se estava à espera de que ele se mostrasse apologético, não podia estar mais enganada.

— Bem, eu avisei-te sobre beberes café — diz ele sem demonstrar emoção.

Fito-o. — O quê? Então a culpa é minha?

— Bem, não é culpa minha que estejas a beber café, pois não?

— É culpa tua que estivesse ao telefone e viesses de encontro a mim — replico com impaciência.

Estamos a andar em círculos e ambos nos interrompemos e nos fuzilamos com os olhos. Não consigo acreditar. Até à semana passada, não o via há dez anos. E tinha passado todos esses anos a fantasiar sobre encontrá-lo de repente e, contudo, nunca tinha acontecido. Agora, aqui estou eu a chocar com ele casualmente no meio da rua.

— A propósito, deixaste umas cenas de *toilette* no meu apartamento — diz ele, constrangido, enfiando as mãos nos bolsos e fazendo tilintar uns trocos. — Eu ia enviá-las

para a galeria.

— Oh, não te incomodes. Deita-as simplesmente fora — digo eu, rapidamente.

Céus, ao que chegou! Num minuto, estávamos a arrancar a roupa um do outro, no minuto a seguir estamos a discutir sobre deitar fora a minha escova de dentes.

— Pois, bem, então é isso...

— Sim, é isso.

Por um momento, nenhum de nós diz nada e, então, o *iPhone* dele começa a tocar, como uma campainha a anunciar o fim de uma relação. É um final apropriado.

— Ouve, preciso de atender esta...

— Sim, claro — anuo. — Adeus, Nate.

E deixando-o especado no meio da rua, viro costas e afasto-me.

Depois de todos estes anos, finalmente deixo-o no passado e, desta vez, sem olhar para trás.

— Queres *sake*?

Mais tarde nessa noite, saio do trabalho e apresso-me para um minúsculo restaurante japonês, escondido por baixo de uma loja de antiguidades em Chelsea, para encontrar a minha irmã já sentada à espera no bar de *sushi*.

— Hum... pois, fantástico — digo eu ligeiramente ofegante, depois da minha corrida desde o Metro. Estivera determinada a chegar primeiro por uma vez e até tinha saído da galeria cedo, mas apesar de todo o meu esforço, ela chega lá antes de mim.

— Ótimo. Porque eu já pedi. — Ela acena com a cabeça, enquanto eu deslizo para o lugar vago à sua frente. — Não esperei. Sabia que ias chegar tarde.

Esta é mesmo a minha irmã. Nunca está com rodeios.

— Também estou contente por te ver. — Sorrio, dando-lhe um abraço, apesar do facto de ela não dar verdadeiramente abraços. Ou beijos. Ou, com efeito, qualquer mostra de afeição em público. Na escola, os rapazes chamavam-lhe «Icebergue», o que era um pouco maldoso. E manifestamente não verdadeiro.

Afinal de contas, os icebergues também derretem por vezes.

— Oh, antes que me esqueça, queria saber se gostavas de ir comigo ao teatro na próxima semana. A Robyn tem dois bilhetes grátis — digo, abrindo os meus pauzinhos e atacando a pequena taça de *edamame*. Estou esfomeada. Só bebi um café e comi uma maçã o dia todo.

— Receio que não. Vou treinar — responde ela, abanando a cabeça.

— Todas as noites?

— Bem, a maratona é daqui a poucos meses.

Isso é mais uma coisa. Para além das catorze horas por dia que a minha irmã dedica ao escritório, ela passa presentemente todo o seu tempo livre a treinar para a Maratona de Nova Iorque.

Pois é. Fico exausta só de pensar.

— Tenho livre-trânsitos para o meu ginásio. Devias vir — sugere ela, fazendo estalar os feijões de soja com os dentes. — Agora que não vais fazer todo aquele ioga. — Ela faz um sorrisinho e eu ataco-a com um pauzinho.

Já contei à Kate sobre a minha rutura com o Nate. Liguei-lhe ontem à noite e pu-la a par dos detalhes, no final do que inspirei fundo e esperei pela reação. Veio sob a forma de uma única palavra — «Ótimo» — e passou rapidamente a uma conversa sobre os novos azulejos da sua casa de banho.

«Efusiva» não é uma palavra que se possa usar para descrever a minha irmã. Por vezes, pergunto-me se ela verá as palavras como o resto de nós vê o dinheiro, tentando poupá-las e não gastar demasiadas de uma só vez.

— Penso que escapaste de boa — continua ela. — Vai poupar-te uma fortuna em gastos com quiropráticos.

— Não sou assim tão má no ioga — protesto, amuada.

— Luce, como te vais pôr na posição de lótus se nem consegues cruzar as pernas? Não te lembras daquela vez, na assembleia da escola?

Só a Kate para me recordar um dos momentos mais humilhantes da minha vida. Com 12 anos, tinha estado sentada de pernas cruzadas no salão da escola, a ouvir o nosso diretor, quando me deu subitamente uma câibra nas pernas, sem as conseguir descruzar. Tive de ser levada em braços da assembleia pelo Sr. Dickenson, o nosso professor de EF. Acho que nunca esqueci a vergonha. Durante anos, fui gozada sem piedade com o «Não te esqueças de cruzar as pernas», que assumiu uma conotação totalmente diferente com a idade.

— Com licença. O *sake*.

Levanto os olhos e vejo o empregado regressar com uma pequena garrafa e dois pequenos copos de cerâmica. Cerimoniosamente, ele dispõe o *sake* no balcão à nossa frente.

— *Domo arigato*. — Kate sorri, inclinando respeitosamente a cabeça.

O empregado irradia de satisfação. — *Do itashi mashite* — replica, acenando profusamente com a cabeça e recuando.

Fito Kate, com espanto. — Desde quando falas japonês?

— Desde que a maioria dos meus clientes estão sediados em Tóquio — diz ela casualmente, pegando na garrafinha de *sake* e servindo-me um pouco. — Estou a aprender nos meus tempos livres.

Observo-a, curiosa. A minha irmã nunca para de me surpreender. Por vezes, pergunto-me se seremos realmente irmãs ou se terá havido algum tipo de engano no hospital. Quero dizer, poderei estar de facto geneticamente relacionada com alguém que *aprende japonês*? Nos *tempos livres*?

E eu a pensar que o tempo livre era para ir ao Facebook e espreitar as fotos das outras pessoas, licitar uma montanha de coisas no eBay de que não preciso e que nunca me assentam bem, e ver televisão com a Robyn enquanto discutimos assuntos desafiantes como: «Pedimos uma *pizza* média e pão de alho ou simplesmente uma grande com ingredientes extra?»

— Agora é a tua vez. Tens de me servir o meu — diz ela, passando-me a garrafinha do *sake*. — Traz boa sorte, servir a outra pessoa.

— Pensei que não eras supersticiosa.

— E não sou. — Ela franze o rosto, como se a tivesse acabado de insultar. — É tradição. Não superstição. Há uma diferença.

— Então, conta, como vai o trabalho? — pergunto, mudando de assunto. — Boas... hum... fusões e aquisições a acontecer?

Se há maneira garantida de fazer a minha irmã sair da má disposição, é perguntar-lhe sobre o trabalho. É o seu tópico favorito de conversa. Se fosse por escolha dela, seria provavelmente o seu *único* tópico de conversação. Ao contrário das minhas amigas, ela

não se interessa por falar de relações. Nem mesmo da sua.

Na verdade, o mais próximo que ela esteve disso foi no seu dia de casamento, quando alguém lhe perguntou qual era a melhor parte de estar casada com o Jeff e ela respondeu alegremente «O nosso novo apartamento. Com dois salários, agora podemos pagar um apartamento de dois quartos», que não me parece que fosse exatamente a resposta efusiva de que estavam à espera.

— Cansativo, mas excitante — diz ela, subitamente galvanizada. — O CEO está muito satisfeito com a fusão até ao momento, o que é excelente em termos de desempenho, mas o negócio Joberg-Cohen pode precisar de mais algum... — Ela interrompe-se, vendo a minha expressão vidrada. — Estás interessada nisto?

— Claro que sim — protesto. — É fascinante.

E seria. Seria verdadeiramente. Se eu fizesse a mais pequena ideia do que ela estava a dizer.

— Hmm. — Ela mira-me pouco convencida, depois, subitamente, reprime um bocejo. — Seja como for, está tudo ótimo. Simplesmente, são horas extenuantes. — Estudo a minha irmã atentamente. Para lá do impressionante fato e cabelo impecavelmente apanhado em cima, há círculos escuros à volta dos seus olhos e o vinco entre as sobrancelhas está de tal maneira marcado, que se torna numa ruga.

— Estás com um ar arrasado — observo. — Precisas de umas férias.

Kate olha-me como se lhe tivesse dito que precisava de fazer crescer uma segunda cabeça. — *Umas férias?* — Ela resfolega, como se a ideia em si fosse ridícula.

— Quando foi a última vez que saíste daqui? — insisto eu.

Ela vacila momentaneamente e consigo pressentir o seu cérebro a rebobinar. — Quando fomos visitar os pais — diz ela, com um clarão de triunfo.

— No Natal do ano passado — sublinho. — Seja como for, foram os pais. Não são exatamente umas férias.

— Luce, acho que não compreendes — exala ela, impaciente. Acomodando o cabelo atrás das orelhas, coça o nariz nervosamente. — Neste momento, não posso ir a lado nenhum. Estou demasiado ocupada.

— Mas tu pareces precisar de uma pausa — digo eu, apertando-lhe o braço.

— Não, o que eu preciso é de me tornar sócia — replica ela, com determinação, desviando o braço. — E se eu continuar neste ritmo, há uma boa probabilidade de ser recomendada na próxima reunião anual.

Mas será que podes continuar neste ritmo?, pergunto-me em silêncio, observando a sua expressão tensa e sentindo-me inquieta. A minha irmã sempre foi terrivelmente viciada no trabalho — «superempreendedora» surge escrito nos relatórios escolares —, mas parece estar a exagerar, mesmo pelos padrões dela.

— O que diz o Jeff?

O seu rosto ensombra-se. — O Jeff compreende. Ele sabe como isto é importante para mim. — Abrindo a sua ementa, ela diz bruscamente: — Bem, é melhor pedirmos. Está a

ficar tarde — que é a sua forma de dizer que o assunto está encerrado.

Ela acena ao empregado e pede para as duas. Não sei exatamente o quê, já que ela o faz em grande parte em japonês. — Oh e uma sopa de *miso* extra, para levar quando terminarmos — diz em inglês. — Para o Jeff — acrescenta, voltando-se para mim. — Prometi que lhe levava uma sopa, pois está um bocado adoentado.

— O que é que ele tem? — pergunto, sentindo uma ponta de preocupação.

— Oh, nada de mais. Provavelmente, um desses vírus de setenta e duas horas. — Ela encolhe os ombros, bebendo um gole de *sake*.

— Ele devia ir ver a Robyn; ela tem ervas chinesas para tudo — sugiro eu, pensando nas dezenas de frascos espalhados ao acaso pelo apartamento. Estou sempre a tropeçar em coisas de nome estranho e maravilhoso, tipo «Pedra Calcária de Corvina Amarela» ou «Víbora-de-Chifre».

— Deves estar a brincar comigo! — exala Kate.

— Não, a sério. Sei que não acreditas nessas coisas, mas ela confia totalmente nisso. — Detenho-me quando a vejo a arregalar-me os olhos.

— Estás bem? Tens alguma coisa no olho?

Agora, ela espeta-me com os pauzinhos e exhibe uma estranha expressão estrangulada. Subitamente, percebo e sinto um lampejo de pânico.

— Oh, meu Deus, estás engasgada?

Uma imagem de mim mesma a ter de executar a manobra de Heimlich no meio de um restaurante atravessa-se na minha mente. Raios. Porque não assisti a mais episódios do *Serviço de Urgência*? Fiquei chateada quando o George Clooney saiu.

— Não, atrás de ti — articula ela num silvo, como uma figura de pantomima. — O quê?

Confusa, franzo a testa, perguntando-me do que fala ela, depois viro-me de lado.

Não acredito.

Porque ali mesmo, sentado ao meu lado, no balcão de *sushi*, está o Nate. Ele está com outro homem de fato de negócios e acabaram claramente de chegar, uma vez que estão a pedir bebidas. Fito-o com incredulidade.

— Estás a seguir-me? — acuso eu, recuperando a fala, que ficara refém do choque.

Ao ouvir a minha voz, ele vira-se e vê-me. O seu rosto ensombra-se. — Estás a seguir-me, *tu*? — acusa ele de volta.

Consigo sentir-me crispar. — Eu já cá estava — friso com rigidez.

— Pois, eu fiz a reserva do *sushi bar* na semana passada — riposta ele, como quem diz «Contei-te».

Não se deixando vencer, Kate dispara sobre o meu ombro: — Nós fizemos a nossa na semana anterior. Podes confirmar com a minha assistente.

— Olá, Kate. — Ele faz um aceno de cabeça na direção dela.

— Nathaniel. — Ela lança-lhe um dos seus olhares aterrorizadores.

Por instantes, há um impasse e posso ver o contacto de negócios do Nate a relancear

inseguro entre nós, como alguém que se depara de repente com uma cena de tiroteio do O.K. Corral.

— Bem, é uma coincidência — diz Nate sem emoção, em seu benefício.

— Pois, é uma forma de o colocar — ironiza Kate com frieza.

— Vamos mudar de lugar — digo, voltando-me para Kate. — Deve haver alguma mesa livre. — Só que então, olhando em redor, apercebo-me com desânimo de que o restaurante está agora cheio. Há mesmo uma fila de pessoas à espera lá fora. — Bolas. Talvez seja melhor irmo-nos embora — sugiro.

Kate olha-me como se eu tivesse enlouquecido. — Eu não me vou embora. Acabei de pedir setenta dólares em *sushi*.

— Podíamos levar para comer em casa — sussurro eu.

Ela dispara-me um olhar. — É crucial não dares à outra parte qualquer motivo para pensar que tem uma posição de força.

— Kate, não estamos a falar de um caso jurídico — digo em desespero. — Estamos a falar do meu ex-namorado.

Ela carrega o sobrolho e espeta mais um *edamame*. — Se alguém tem de se mudar, é ele. Não nós.

— Ele não o vai fazer; é demasiado teimoso — digo eu, suplicante.

Mas ela não cede. — Bom, nesse caso, ignora-o simplesmente.

É o que tento fazer. Tento ao máximo fazê-lo. Falo sobre o ginásio, sobre a galeria, sobre qualquer coisa para me impedir de pensar nele, mas não é fácil. Quero dizer, ele *está mesmo ali ao meu lado*. Enquanto como a minha sopa de *miso*, posso ouvi-lo perguntar ao empregado sobre todos os vinhos e insistir em provar cada um deles. Antes, isso tinha-me impressionado, mas agora irrita-me. A dada altura, estou prestes a virar-me para trás e gritar «Escolhe só uma porcaria de um vinho», mas felizmente o meu crocante rolinho de salmão chega e distrai-me.

Na verdade, é realmente bizarro, mas no decurso daquela refeição, descubro que todas as coisas que eu costumava achar engraçadas e cativantes, agora incomodam-me profundamente. Como a maneira como ele põe gel no cabelo a acabar em crista na frente ou como emite aquele curioso som sibilante entre os dentes quando se ri, ou como menciona o seu programa televisivo do *Big Bucks* umas vinte mil vezes.

— Caramba, ele falava assim tanto do programa antes e eu nunca reparei? — sussurro a Kate.

Parando de mastigar o seu *sashimi* de atum, ela franze o sobrolho. — Pensei que o estavas a ignorar.

— E estou, estou — protesto rapidamente. — Só que não é assim tão simples.

— Bem, não te preocupes, ele está a ir-se embora — diz ela, gesticulando para trás de mim com um pauzinho.

— Está? — Sentindo uma onda de alívio, viro-me para ver o lugar ao meu lado agora vazio e ele a encaminhar-se para a saída. — Oh, graças a Deus. — Suspiro, todo o meu

corpo relaxando. — Dar de caras com ele uma vez já foi mau o suficiente, mas duas? No mesmo dia?

— Um azar — diz Kate, simplesmente.

Assinto e volto à minha comida, mas há algo que me perturba. Será simplesmente isso? Uma infeliz coincidência?

— É claro que há sempre uma outra razão — pronuncia Kate.

— Qual? — disparo de volta.

— Ele está a tentar encontrar forma de te recuperar.

— O quê? Seguindo-me? — digo, franzindo o rosto.

— Dando de caras contigo «acidentalmente» — corrige Kate. — Lembras-te de como fazias com o Paul que nos vinha entregar o jornal?

Tinha-o esquecido por completo — melhor, tinha-o apagado da memória —, mas agora que fora relembrada, encolho-me com a recordação. Aos 12 anos, tive uma paixão pelo rapaz dos jornais e arranjava qualquer desculpa para o encontrar: ir passear o cão pela sua rota, estar acidentalmente de propósito ao portão quando ele chegava, mesmo segui-lo enquanto ele entregava os jornais na sua *BMX*. Oh, que vergonha!

— O Nate não faria isso — digo, depreciativamente. — Ele queria acabar tanto quanto eu.

— Tens a certeza de que não foi só o orgulho dele a falar? — Kate ergue as sobrancelhas. — Do tipo acabo-contigo-antes-que-acabes-comigo?

Enrugo a testa, as dúvidas a formar-se. Repenso a nossa discussão no táxi. — Não, podes acreditar. — Abano a cabeça, decisiva.

— Bem, foi só uma ideia. — Ela encolhe os ombros. — Mais *sake*?

Estou a atribuir demasiada importância a isto. Dar de caras com o Nate é uma chatice, mas não há nenhuma razão oculta. É só uma coincidência.

— Hum... sim, por favor. — Estendo o meu copo.

Como a Kate disse, simplesmente um azar.

Ainda assim, na manhã seguinte, quando vou para o trabalho, estou vigilante, e quando deixo a galeria para ir buscar o almoço, certifico-me de modo a transportar o meu café ultracuidadosamente, para o caso de. Mas não, não há nenhum Nate no seu *iPhone* a esbarrar comigo. Nem avistamentos do Nate em restaurantes. Na verdade, é uma zona bastante livre de Nates.

Admito que um par de vezes avisto um homem de fato cinza na multidão e o meu peito comprime-se, mas felizmente revela-se um erro de identificação. Sou só eu que estou nervosa e inquieta.

Ao final do dia, sinto-me bem mais calma e um tanto ridícula. Pois, o que aconteceu ontem foi um pouco bizarro e incomodativo — apesar de o afogar em *Vanish*, nunca vou conseguir eliminar aquelas manchas de café do meu *top* e não consegui apreciar o meu *sushi* com ele sentado ao meu lado —, mas sejamos racionais, foi simplesmente uma coincidência. Obra do acaso. Azar.

Chame-se-lhe o que se quiser, não há razão para pensar que é mais do que isso.

— Sei que parece loucura, mas por um momento comecei a ficar paranoica. — Arquejo sem fôlego, olhando para o outro lado para Robyn, que se esfalfa na máquina de exercício ao pé.

É a noite seguinte, depois do trabalho, e eu e a Robyn aproveitámos ao máximo os livre-trânsitos da minha irmã para o seu ginásio privado e estamos a exercitar-nos nas máquinas. Emprego o termo «exercitar-nos» num sentido livre. «À beira do colapso» é provavelmente uma descrição mais apropriada.

Apesar da oferta dos livre-trânsitos da minha irmã, ela tinha ficado espantada com o meu zelo. — O quê? Queres ir *esta noite*? — disse ela, atónita, ao que lhe respondi sucintamente que estava empenhada em ficar em forma e nada melhor do que já.

O que não lhe mencionei foi o comentário de Nate sobre a minha celulite, que tinha queimado um buraco no meu cérebro como um cigarro a arder. — Como é que ele ousa dizer que tenho celulite? — tinha eu desabafado à Robyn a cada dez minutos e, como a amiga leal que é, ela ripostara de imediato: «Como é que ele ousa! Não há nada de mal com as tuas coxas!» Eu era uma mulher real, não um bicho maníaco do ginásio. Além de que todas as mulheres têm celulite. Até mesmo a Kate Moss. Enfim, tenho a certeza de que a vi uma vez numa fotografia.

Está bem, *podia* ter sido um efeito da luz, mas, ainda assim, tenho a certeza de que tinha alguma.

E depois do meu discurso cáustico — Abaixo o Nate, viva a minha celulite! —, em que marchei pela sala de cuecas, a agitar o controlo remoto como uma bandeira, fui para a casa de banho, observei o meu rabo no espelho de corpo inteiro sob a luz do teto e fiz uma descoberta alarmante.

Alguém me roubara o rabo! Não apenas isso, mas substituíram-no por papas de aveia num saco de corda! Não sabia quando ou como isso acontecera, mas uma coisa sabia: *Eu queria o meu rabo de volta.*

Essa é a razão por que estou num ginásio supermoderno da zona nobre da cidade, complementado por tijolos à vista e televisores de plasma, a ponto de ter um ataque cardíaco. E não apenas do exercício. Parece que fui atirada para um universo paralelo. Um universo onde toda a gente usa licra de marca, exibindo corpos de ginásio com abdominais mais definidos que uma escultura de David. Pavoneando-se em redor com os seus *iPods*, toalhas de mão displicentemente ao ombro, oscilantes rabos de cavalo a oscilar, irradiam decididamente saúde e vitalidade. É como aterrar no Planeta Beleza.

Entretanto, eu envergo os meus velhos calções e *top*, bufando como um comboio a vapor, o rosto vermelho como um tomate gigante.

— O quê? — berra Robyn, da forma como as pessoas fazem quando estão a usar fones e pensam que estão a falar normalmente, mas parecem bêbados acabados de sair da discoteca no centro da cidade, num sábado à noite.

— Oh, nada. Estava só a pensar em voz alta.

Engelhando a cara em confusão, ela arranca um dos fones. Está a ouvir um daqueles leitores de CD portáteis. Acho que não via um desses desde 1995. Está também a usar *tie-dye*. Ao lado dela, sinto-me decididamente moderna, o que quer dizer alguma coisa.

— Desculpa, estava a milhas — arqueja ela, apertando melhor o seu rabo de cavalo. O cabelo está apanhado no alto da cabeça e as encaracoladas madeixas castanhas espirram para fora, como aquelas luzes de fibra ótica.

— O que estás a ouvir? — gemo eu. Estou numa coisa chamada *cross-trainer*, que tem um gigantesco painel de controlo com luzes cintilantes e botões. É um pouco como estar num *cockpit*. Não que alguma vez tenha estado num *cockpit*, mas estou certa de que será algo assim. Provavelmente menos complicado também, reflito, estudando-o agora com a trepidação.

Após várias partidas em falso, consegui selecionar algo designado «intervalo», porque gosto do pequeno diagrama ao lado: segmentos elevados e muitos segmentos planos entre eles. Foram os segmentos planos que me convenceram. Pareceu-me bastante simples. Afinal «intervalo» não quer dizer também «pausa»?

Hum, não, Lucy, digo-me torcendo o rosto, dez minutos depois. Aparentemente, quer dizer «tortura».

— É um CD fantástico — exala Robyn, parecendo revigorada.

— Oh, é o novo dos Black Eyed Peas?

— Black Eyed Peas? — Robyn parece ligeiramente confusa. — Não, é sobre milagres e como nos podem mostrar o caminho para a paz interior e o conhecimento. É totalmente fascinante. Queres ouvir? Podemos ficar cada uma com um fone. Eu acho que eles chegam... — Ela começa a tentar desembaraçá-los.

— Hum... não, deixa estar — digo apressadamente.

— Tens a certeza? Há uma parte muito interessante sobre como tens de alterar a tua percepção do mundo, imaginando que és uma árvore e que os teus braços são os ramos... — Para ilustrar o que diz, ela agita os seus longos e franzinos braços, resplandecentes de pulseiras prateadas, por cima da cabeça. — ... e estendes os teus ramos para o céu e, depois, penetrando as nuvens e até ao universo...

— Então e como foi o teu encontro com o Daniel, ontem à noite? — Interrompo-a antes que me descreva todo o CD. O que ela faria. Acreditem. — Ainda não tinhas voltado quando eu cheguei ontem à noite.

Os seus braços caem de novo para os lados. — Não era um encontro — corrige ela, franzindo o nariz.

— Então, como é que correu o teu não encontro?

Ela encolhe os ombros, despreocupadamente. — Oh, bastante bem.

Sinto-me subitamente como um polícia, numa daquelas séries em que a avozinha de ar perfeitamente inocente faz algo suspeito. Há aqui alguma coisa errada. «Bastante bem» não é uma expressão que a Robyn usaria. «Fantástica», «espetacular» e «maravilhosa» são os adjetivos da Robyn.

Passa-se alguma coisa. Ela está a mentir.

— Só bastante bem? — observo eu, num tom igualmente despreocupado. É o que eles fazem nessas séries policiais, não é? Agem de modo perfeitamente casual para tentar apanhar o suspeito em falta.

— Sim. — Ela anui, mas a sua boca torce-se e posso perceber que está morta por não dizer mais. — Ele levou-me a jantar a um aconchegante restaurante vegano, que é um dos meus favoritos. O tofu grelhado estava fenomenal.

— Levou? Uau.

— Pois é, incrível, não achas? — exala ela, ostentando um dos seus sorrisos de *megawatts*, antes de se recompor rapidamente. — Bem, não assim tão incrível, mais uma coincidência...

Essa é mais uma coisa que a Robyn não faz: usar a palavra «coincidência». Ela não acredita em coincidências. Acredita nos acasos felizes. Na predestinação. *No destino*.

Juro que se fosse polícia, estaria prestes a fazer uma detenção.

— ... depois, fomos ver uma banda africana de percussão.

— Isso é espantoso — exclamo eu. Toda a coleção de música da Robyn consiste em flautas de Pã, bandas de percussão e CD com imagens suavizantes de florestas tropicais e arco-íris na capa.

— Acredita, eles eram mesmo espantosos — despeja, incapaz de se impedir. — Os ritmos, a música, eu e o Daniel ficámos fascinados... — A sua voz perde-se, os olhos cintilando, até que se detém, ao contrário da máquina que se continua a mover. Ela volta rapidamente a si.

— Gostas dele, não gostas?

— Não gosto nada! — protesta ela, indignada. — Quero dizer, sim, gosto dele *como*

um amigo, mas só isso.

É claro que ela está a mentir por completo. Devia algemá-la neste momento e levá-la para a cela.

— Quando é que o vais voltar a encontrar?

— Não sei... Ele convidou-me para ir ver uma peça esta noite. Chama-se *Despertares Celestiais* e é toda sobre anjos.

— *E tu não vais?* — Olho para ela, incrédula. Uma das posses mais queridas da Robyn é o seu baralho de Cartas de Anjos, já que ela acredita em anjos. E em fadas, fantasmas e no Pai Natal. Aliás, não, isso é fabulação, ela não acredita verdadeiramente no Pai Natal, mas, por vezes, interrogo-me.

— Não, tenho coisas para fazer.

— Como o quê?

— Hum... coisas. — Ela aparenta um ar de culpa.

Olho-a com suspeição. — Tais como?

— Tais como planear o futuro — diz ela, agitada. — É importante.

— Oh, está bem — anuo. Caramba, não sabia que a Robyn era assim tão sensata. — Queres dizer, poupanças e pensões?

— Sim, algo do género — diz ela, vagamente. — Enfim, o que vais tu fazer esta noite? — pergunta, desviando habilmente o assunto para mim.

O que mais uma vez é um sinal revelador. A Robyn nunca, repito, *nunca*, deseja parar de falar sobre si mesma.

— Há uma inauguração de uma nova galeria não longe daqui. Pensei em passar por lá, depois do meu treino.

— Ooh, isso parece interessante — diz ela, entusiasmada.

— Tens a certeza de que não queres vir comigo?

Ela retesa-se de imediato. — Hum, não, estou ocupada — despeja, evitando o meu olhar. Ouve-se um *bip* agudo e ela fita o painel de controlo da sua máquina. — Oh, olha, terminei! Ufa! — O seu rosto lampeja de alívio, enquanto a máquina começa a abrandar. — Acho que vou ao banho turco, agora.

Com as pernas bamboleantes, ela desce apressadamente da máquina, tropeçando ligeiramente. E isso apesar do facto de me ter contado há pouco de como tinha subido até Machu Picchu e de como «tendo andado por essas altitudes durante sete horas, tudo o resto é como uma brisa».

— Já vou ter contigo. — Aceno com a cabeça, respirando pesadamente. — Quero só fazer mais uns minutos.

O que é a mais completa mentira. Quero colapsar num sofá e comer um gelado, mas a imagem do meu rabo desaparecido impede-me.

— Está bem, até já — diz ela e, agarrando apressadamente no seu leitor de CD e na toalha em *tie-dye*, cambaleia dali para fora. — Diverte-te.

Divertir-me? Isto é suposto ser divertido?

Com o coração a ribombar no meu peito como um martelo pneumático, fito esgazeadamente a *cross-trainer*. Consigo pensar em muitas diferentes palavras para descrever a minha experiência dos últimos vinte minutos e «divertida» não é uma delas.

Tortuosa, agonizante, entediante, por favor que acabe. Ah, não, isso são quatro, não é?

Limpando as gotas de suor que me começam a escorrer pelo rosto, agarro os manípulos com força e ignoro o facto de o meu peito parecer prestes a explodir. Isto é bom para mim, digo-me resolutamente. É saudável.

Relanceio para o meu reflexo no espelho oposto. Tenho um capacete de suor. O meu rosto está arroxeadado. As pupilas estão injetadas de sangue e parecem a ponto de saltar para fora das órbitas, como uma cena de um mau filme de *zombies*. Acho que nunca pareci tão pouco saudável. Ou tão pouco atraente.

Graças aos céus, ninguém aqui me conhece, penso com um clarão de alívio. Pelo menos, essa é uma vantagem de ser nova numa cidade. É-se totalmente anónimo. Não existe o perigo de dar de caras com alguém que conhecemos.

Ainda mal o pensamento tinha surgido na minha mente, vejo pelo espelho oposto alguém subir para a máquina de corrida ao meu lado.

O meu estômago afunda-se. Cai literalmente a pique, como se alguém me tivesse atirado para fora de um avião. Sem paraquedas.

Oh, céus, não! Por favor, não. Não pode ser...

Mas é.

O Nate.

Por momentos, penso que estou a imaginar coisas. Não é possível. Há azar e há *azar*. Aturdida, fito-o nos seus calções e camisola, o meu cérebro incapaz de processar. Será alguém a pregar-me uma partida? Será que estou nos *Apanhados*? Olho em volta rapidamente, depois dou-me conta do que estou a fazer e recomponho-me. É só uma coincidência, lembras-te? Infeliz, admitamos, mas, ainda assim, uma coincidência.

Fingindo não o ter visto, reduzo sub-repticiamente a velocidade da minha máquina. Com alguma sorte, consigo esgueirar-me antes que ele me veja e escapar.

Pelo canto do olho, posso vê-lo a preparar-se, alongando os gémeos, fletindo os braços, dobrando-se para os lados, para a frente e para trás.

Oh, por amor de Deus, começa lá com isso. Exibicionista!

Depois, inesperadamente, sinto um ímpeto de teimosia. Espera lá, porque é que eu me hei de ir embora? Eu já cá estava! Tenho tanto direito a estar aqui como ele! Seguido de uma onda de competitividade. Muito bem, eu já lhe mostro.

Endireitando-me, ergo o peito e começo a caminhar vivamente, os meus pés a mover-se nos pedais como se caminhasse pelo parque, e não é maravilhoso? Ao meu lado, consigo ouvir a máquina a arrancar e pés a martelar. Procuro não olhar.

Continuo a fitar em frente, o que é ainda pior, porque ele está diretamente diante de mim, refletido no espelho.

E aí estou eu, diretamente diante dele.

Avistando-me, um olhar de choque relampeja-lhe no rosto, mas ele recupera rapidamente. — Uau, que surpresa agradável ver-te aqui — diz ele rigidamente, de uma forma que revela não haver nada de «agradável» nisso.

— Iguamente — digo eu, num tom seco, ainda a dar largas passadas.

Parece que estamos a falar em língua de rutura. Devia haver um livro de expressões, *Aprender Língua de Rutura*, onde frases comuns seriam traduzidas. Por exemplo, em língua de rutura, uma frase como «Que surpresa agradável ver-te aqui» quereria dizer «Que diabo estás aqui a fazer?». «Vemo-nos por aí» significaria «Por cima do meu cadáver». Uma simples palavra como «Olá» significaria «Porra, porra, porra!».

Isso tornaria as coisas bem mais fáceis. Estaria a falar língua de rutura em dois tempos!

— Não sabia que eras sócia deste ginásio — comenta ele, num tom casual.

Também traduzido como «Que diabo estás aqui a fazer?».

Como podem ver, em língua de rutura muitas das frases comuns têm o mesmo significado.

— Vim só experimentar — digo, tentando soar despreocupada. — Para ver se corresponde aos meus... hum... padrões habituais. — Prontamente, ataco alguns botões no painel de controlo à minha frente, como se soubesse exatamente como funciona. — E o que estás tu aqui a fazer? Pensei que tinhas a tua própria máquina.

Traduzido como: «Desaparece daqui! Pareço uma grande massa suada, não faço a mínima ideia do que estou a fazer nesta maldita máquina, que agora emite um estranho ruído vibratório, e a última pessoa que queria ver à face da Terra eras tu.»

— Gosto de combinar — diz ele.

— Oh, pois, sim... combinar. — Aceno com a cabeça como se eu estivesse sempre a fazer combinações.

Há uma pausa e depois...

— Ouve, sobre o outro dia, eu disse uma série de coisas que não devia... — Ele cala-se e os seus olhos deslizam para as minhas coxas.

Sinto uma pontada de mortificação. — Pois, ambos dissemos — contraponho apressadamente. Foco-me em frente, determinada, mas pelo canto do olho não consigo evitar notar que ele mal sua, enquanto eu pareço o interlocutor ofegante de uma chamada anónima.

Dando um gole na minha garrafa de água, procuro concentrar-me na respiração — lembro-me de ler um artigo sobre isso uma vez, embora não saiba exatamente no que me devo concentrar. Enfim, é simplesmente inspirar e expirar, não?

Ele acelera agora, mas eu acompanho o ritmo. Vês, eu consigo. Embora as minhas pernas comecem a parecer gelatina. Os meus joelhos acabaram de vacilar? Oh, porra, e agora a minha máquina parece estar a começar a inclinar-se. Que caraças, o que se está a passar? Relanceio para os meus controlos, tentando perceber, depois desisto. É demasiado

complicado. Era preciso ser membro da Mensa para entender todos estes botões.

Não posso acreditar! Agora ele está a acelerar!

Levantando a cabeça, vejo que o Nate se desloca perto de mim a uma velocidade alarmante. Desvio a atenção do alvo por dois segundos... Enfurecida, golpeio a seta que indica «Para cima». Ah-ah! Toma lá isso!

Começo a caminhar com mais ímpeto — para a frente, para trás, para a frente, para trás — e a balançar os braços. Só que o curioso é que a máquina não parece andar mais depressa, simplesmente está mais *inclinada*. Frustrada, ataco mais botões. Não vou deixar o Nate vencer. Estou determinada!

O suor escorre agora em regatos pela minha cara abaixo, mas eu sigo em frente. Estou a aumentar o ritmo. Vou cada vez mais rápido. Os meus pés bombeiam furiosamente os pedais. O meu coração martela-me no peito. Ao meu lado, consigo ver o Nate a galgar ritmadamente. É como um confronto. Um duelo. Olho de relance para os controlos dele.

Ele está no nível 14!

Ataco os meus controlos. Mais para cima, mais, mais...

Subitamente, dou-me conta de que a minha máquina começa a emitir um agudo ruído gemente. Esperem um instante... sinal de alarme... Agora, ela segue verdadeiramente depressa... mesmo, mesmo *verdadeiramente* depressa... quase a 140 quilómetros à hora... Oh, céus, e continua a acelerar e a acelerar... Sinto uma pontada de pânico... Como é que a faço abrandar...? Como é que a faço parar...?

Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu...

— *Argggggghhhhhh!!!!*

— Bem, não está partido.

Uma hora mais tarde e deixei o ginásio e vou a caminho da galeria que eu queria visitar, o telefone entalado debaixo do queixo, o meu tornozelo latejando dolorosamente. Estou a falar com a minha irmã, que ligou para saber se o treino tinha corrido bem. — Oh, se correu — respondi eu, tendo coxeado para fora do chuveiro com um tornozelo do tamanho de um melão. — Quase terminou no Serviço de Urgências.

— Lucy, porque é que tens de ser tão desastrada? — diz ela agora, tendo passado os últimos quinze minutos a ouvir como eu saltara em voo para fora da *cross-trainer*, aterrando num emaranhado ao pé da máquina de remo e tendo de ser amparada até aos balneários por um *personal trainer* superquerido de nome Rudy, que me desaconselhou de «tentar correr antes de conseguir andar, no que toca ao *fitness*».

O termo «embaraço» não chega nem perto.

— Eu não sou desastrada — refuto piamente, parando para verificar o meu mapa de bolso, antes de prosseguir por uma movimentada rua secundária. — A culpa foi do Nate.

— O Nate? O que é que isso tem a ver com ele?

Até ao momento, eu tinha evitado mencionar o envolvimento dele no meu humilhante desastre. Em parte, porque estava com pena de mim própria e queria receber alguma simpatia da minha irmã mais velha — o que é comparável a ser candidato ao *Dragons' Den* e esperar piedade do Duncan Bannatyne — e, em parte, porque ainda não tinha tido coragem de o fazer.

— Bem, tu não vais acreditar — arquejo —, mas ele estava na máquina ao pé de mim, no ginásio. Céus, foi tão embaraçoso. Ele até tentou pedir desculpa...

— Vês! Eu disse-te! — interrompe-me ela, num tom triunfante. — Ele está a tentar corrigir as coisas e arranjar maneira de voltar a andar contigo!

Oh, meu Deus, ela continua a bater nessa tecla. — De todo! — refuto, contorcendo-me quando um novo golpe de dor me penetra o tornozelo. — Ele pareceu tão horrorizado por me ver quanto eu por o ver a ele. — Faço uma pausa para friccionar a perna dorida. — De qualquer forma, como é que ele ia saber que eu estava no ginásio?

— Ouviu-te a falar sobre isso no restaurante de *sushi* — riposta ela, sem perder um segundo. — É perfeitamente viável.

Agora sei porque a minha irmã é uma advogada tão bem-sucedida. — Viável, sim. Realista, não. Acredita quando te digo que o Nate não parecia um homem que quer voltar a reatar.

— Bem, que outra explicação tens?

Faço uma pausa, a minha mente regurgitando momentaneamente algo que a Robyn disse sobre a lenda.

— Desculpa, Luce, tenho uma chamada na outra linha — diz Kate, subitamente. — É o CEO da empresa de financiamento. Falamos mais tarde. — E antes que eu possa dizer

seja o que for, ela desliga prontamente.

Cinco minutos mais tarde, chego à morada da galeria, descobrindo um fervilhar de atividade. Enxames de pessoas reúnem-se no exterior, na rua ladeada de árvores, e o ar ameno enche-se com sons de riso, tagarelar e tilintar de copos. É uma multidão elegante e requintada, mas afinal é uma galeria elegante e requintada.

Localizada em Chelsea, a par de todas as grandes galerias de alto nível, o que costumava ser uma garagem é agora este imenso espaço aberto, que acolhe nomes sonantes como Damien Hirst e é famosa por exibir instalações de larga escala.

Basicamente, faz a *Número Trinta e Oito* parecer a minha sala de estar, reflito, abrindo caminho por entre a multidão perfumada e penetrando no interior. Espaços brancos imensos. Peças de arte impressionantes e imensas. Preços imensos. Procurando no meu catálogo o preço de uma pintura em particular, examino duas vezes o número de zeros no final. Não, não é nenhuma gralha.

A inauguração desta noite é uma exposição de uma estrela em ascensão, sobre a qual li num dos press releases que recebemos no trabalho e que eu estava curiosa em conhecer. O artista é pouco mais velho do que eu. Sei-o, porque fiz o que sempre faço quando leio sobre um artista: verifico a sua data de nascimento. É idiota, mas se são mais velhos, isso de alguma forma conforta-me de que ainda tenho tempo.

Tempo para quê? Para fazer a minha própria exposição?

Contrário-me rispidamente. Mesmo agora, resta como que uma parte ínfima e secreta de mim que continua aferrada a esse sonho. Como se não conseguisse desistir por completo.

Começo a percorrer a galeria. Esse é um dos grandes privilégios do meu trabalho: consigo saber de todos os eventos e, geralmente, consigo sacar um convite grátis. Bem, foi a Marsha que me conseguiu o convite grátis, além do seu, mas ela não pôde vir. Teve de ir visitar a sua tia idosa, que se mudou recentemente para um lar.

Ao pensar em Marsha, sinto uma pontinha de ansiedade. Nestes últimos dias, ela tem andado com um ar preocupado. Não me diz porquê e sempre que lhe perguntei se estava tudo bem, respondeu com o seu habitual «Maravilhoso, maravilhoso», mas sei que está tudo longe de maravilhoso e sei que é porque a galeria não está a vender tantas obras como deveria. De facto, apesar do nosso evento na semana passada para animar o negócio, os únicos quadros que vendemos nos últimos tempos foram os que o Nate comprou.

Nate. Assim que o nome surge na minha mente, volto a expulsá-lo rapidamente. Não, não quero pensar sobre ele. Já tive mais do que suficiente dele. O meu tornozelo lateja dolorosamente e eu faço um esgar. *Vai, sai daqui.*

Uma empregada desliza por mim com uma bandeja de champanhe. Aceito uma taça e bebo um gole. Saboreando as bolhinhas geladas, relanceio em volta. Ora, o que hei de ver primeiro...?

Em vez de os meus olhos pousarem numa peça de arte, pousam numa figura familiar de boné de basebol, *t-shirt* desbotada e *jeans*, a pairar em torno de uma das empregadas,

que transporta uma bandeja de canapés. Está de costas para mim, mas reconheço-o de imediato.

O penetra de galerias.

— Então, olá! — Indo ter com ele, dou-lhe uma palmadinha no ombro.

Ele vira-se e, ao ver-me, levanta as mãos em sinal de rendição. Numa, uma taça de champanhe, na outra, um *vol-au-vent*. — Culpado — declara ele, sorrindo, antes que eu possa dizer seja o que for.

— E que tal? — Eu sorrio.

Estou surpreendida em como me sinto satisfeita por vê-lo. É só porque estou aqui sozinha, decido rapidamente. Em eventos como este, é sempre agradável encontrar um rosto familiar, seja ele qual for.

— A arte ou o champanhe? — questiona ele, os olhos cintilando de diversão.

— Ambos. — Rio-me.

— Hmm, bem... — Ele bebe um gole da sua taça e fá-lo girar em torno da boca. — Diria que o champanhe é bastante bom, melhor do que o da última inauguração a que fui...

Disparo-lhe um olhar. — E a arte? — Ergo as minhas sobrancelhas, inquisitiva.

Ele faz uma expressão envergonhada. — Ainda não vi.

— Adam! — grito eu, golpeando-lhe o braço.

— Lembrou-se do meu nome. — Ele parece surpreendido.

— Hum... sim, a minha memória não é assim tão má. — Rio-me, constrangida, sentindo um súbito embaraço. — Acho que tenho de lhe dar com mais força. — Tento salvar-me, recorrendo uma segunda vez à violência e atacando-lhe de novo o braço.

— Oh, não! — Ele encolhe-se, esfregando o braço. — Eu fico logo marcado.

— É bem feito! — Sorrio, arrependida. — Não posso acreditar que não se tenha dado ao trabalho de olhar para nenhuma das montagens. Dizem que são fabulosas.

— Estava à sua espera — diz ele, simplesmente.

— À minha espera? — Agora, sou eu que pareço surpresa. Não só pela resposta, como pelo meu estômago, que inesperadamente se vira ao contrário como uma panqueca.

— Bem, calculei que pudesse aparecer, sendo tão apaixonada pela arte... — Ele interrompe-se, sorrindo, e não consigo perceber se está ou não a brincar comigo. — Pensei em esperar por si para me fazer uma visita guiada. Fez um excelente trabalho, da última vez.

Então é simplesmente porque sei sobre arte, compreendo, sentindo-me curiosamente desanimada.

— Os elogios não o vão tirar de apuros — digo, escondendo rapidamente o meu desapontamento. — De qualquer forma, é a sua vez.

Ele fita-me, os seus olhos estreitando-se, como se agora pensasse que sou eu quem está a brincar com ele.

— Quer que a leve a ver um filme?

— Não era esse o trato?

Bruscamente, recomponho-me. Lucy Hemmingway, estás a *namoriscar*? Perante essa constatação, sinto as faces ruborizar. Estou. *Eu estou a namoriscar*. Mas o que é que me deu?

— Bem, nesse caso, trato já disso... — Ele anui e morde o lábio, claramente mergulhado em pensamentos profundos.

— Bem, como queira — digo, com uma espécie de encolher de ombros descomprometido, como se não me interessasse verdadeiramente. Bem, não quero que ele fique com uma impressão errada e pense que *gosto* dele ou qualquer coisa ridícula como essa. Porque não gosto. Obviamente.

Começamos a deslocar-nos pela galeria.

Na verdade, pensando bem, eu não estava realmente a namoriscar. Estava só a ser amigável. E irónica. Sim, é isso, amigável e irónica.

— Céus, estou esfomeada — exclamo, tentando soar alegre e normal e desviando a conversa para um tema seguro. Avistando uma empregada, sirvo-me de uma minúscula *wafer*, elaboradamente empilhada de lascas de muita coisa, de que não estou muito certa do nome. Ponho-a na boca de uma só vez. Enfim, era realmente minúscula. — Mmm, é deliciosa — murmuro. — Devia experimentar uma — digo a Adam.

— Já comi uma meia dúzia delas. — Ele sorri, trocando a sua flute de champagne vazia por uma cheia. — Mas suponho que mais umas não farão mal nenhum. — Servindo-se de mais, imobilizamo-nos diante de uma grande escultura de metal vermelho e espelhos.

— Então, isto o que é exatamente? — indaga Adam, após um momento de pausa.

Relanceio para o catálogo. — Intitula-se *Minanga*.

— Que significa? — Lançando-me um olhar de lado, ele fita-me, expectante.

— Não faço ideia — confesso, com uma risada.

O rosto encarquilha-se num sorriso, fazendo os seus olhos desenhar pequenos vincos nos bordos. — E se apanhássemos um pouco de ar fresco?

— Boa ideia.

Abrimos caminho por entre os aglomerados de gente, pelo pavimento e ao longo da rua, até chegarmos ao limite da multidão, onde está mais tranquilo.

Por um instante, ficamos simplesmente ali, a bebericar as nossas bebidas. Então, depois de uma longa pausa, Adam diz: — O seu namorado também vem hoje? — com o que parece ser uma indiferença fingida.

O meu peito comprime-se e eu finjo estudar as bolhas na minha taça, mas consigo sentir o seu olhar sobre mim. — Acabámos — digo, forçando a minha voz a soar casual.

Espreito a sua reação. Posso estar a imaginar, mas estou certa de ver um clarão de felicidade surpreendida atravessar-lhe o rosto. Por uma fração de segundo e, depois, desaparece e estamos de volta à indiferença fingida.

— Oh, o que aconteceu?

Pelo menos, penso que é indiferença fingida. Talvez *seja* verdadeiramente indiferença e ele não queira saber e eu esteja a ler isto tudo mal.

De repente, parece que tenho de novo 12 anos e estou confusa se o Robert Pickles gosta *de mim* ou se só pontapeia a minha cadeira na aula de Matemática, simplesmente porque gosta *de pontapear a minha cadeira*. Nunca percebi, mas seria de pensar que depois de todos estes anos eu tivesse aprendido alguma coisa, descoberto alguns truques, melhorado nessas cenas da linguagem corporal.

Em vez disso, continuo a ser um zero à esquerda, penso, sentindo uma pontada de frustração. Se ao menos os homens fossem como os táxis de Nova Iorque e tivessem uma luz que ligavam quando estivessem interessados e desligavam quando não estivessem disponíveis. Aí, saberíamos exatamente onde nos encontramos e não teríamos de nos preocupar em entender tudo errado e ficar no mais terrível embaraço.

Como agora. Eu olho para o Adam. Ele tem a luz acesa ou apagada?

Por uma questão de segurança, vou pela opção da «luz apagada».

— Não resultou. — Eu encolho os ombros.

Bem, não lhe vou contar a verdade, pois não? Que eu pensava que o Nate era a minha alma gémea. Que nós pensávamos que não podíamos viver um sem o outro, para depois percebermos que não podíamos viver um *com* o outro. E que acabámos por ter uma tremenda discussão, durante a qual ele disse coisas inqualificáveis sobre as minhas coxas e eu teci um comentário ofensivo sobre o recuo do seu cabelo.

Exatamente.

Acho que me vou ficar pelo «Não resultou».

— Lamento — diz Adam, suavemente.

— Obrigada. — Lanço-lhe um sorriso triste, mas algures no fundo de mim não quero que ele lamente ao ouvir que eu acabei com o Nate. Quero que ele se alegre que eu esteja solteira.

Espera lá, *o que é que* eu acabei de pensar?

Com essa constatação, vêm subitamente mais dois pensamentos: 1) Se eu for um daqueles táxis, a minha luz acabou de se acender e 2) Que raio de ruído é esse?

Abruptamente, sou distraída por sons que emanam de uma loja do outro lado da rua. Não tinha reparado nela antes. É uma daquelas lojas que vende aparelhos elétricos e a montra está repleta de uma mixórdia de tostadeiras, cafeteiras, alta-fidelidade e televisores, cada um dos quais mostrando o mesmo programa. Olho para eles agora, todos os diferentes ecrãs flamejando com os mesmos gráficos gigantes e ouve-se o impetuoso som do tema musical. Mesmo do outro lado da rua, consigo perceber as melodiosas vozes a ressoar «*Big Bucks é muita massa!*».

Big Bucks? Espera lá, esse é o nome de um dos programas do Nate, aquele que, muito apropriadamente dado o seu nome, lhe deu todo o seu dinheiro. Ele contou-me numa noite, quando estávamos na cama, sobre como tinha sido um dos programas mais lucrativos e populares da televisão. Na altura não prestei muita atenção — para ser

sincera, estava mais interessada no que se passava debaixo dos lençóis do que em prêmios monetários — mas agora...

Agora, observo, embasbacada, enquanto um apresentador foleiro ressalta em todos e cada um dos ecrãs, com os seus dentes branco-néon a cintilar, e sinto-me encolher.

— Lucy?

Volto à realidade. — Oh, peço desculpa, estava distraída — digo, perturbada, voltando-me para Adam.

— Está tudo bem? — Ele olha-me, interrogativo.

— Peço desculpa... sim, está tudo bem. — Sorrio, procurando ignorar tudo aquilo.

Maldito Nate, está por todo o lado. Se não dou de caras com ele, sou recordada dele. É como se não pudesse escapar.

— Ah, ótimo, porque eu queria perguntar-lhe... hum... se gostaria de... — Ele arrasta os pés, constrangido.

Sinto um palpitar de excitação nervosa. Oh, meu Deus, acho que ele me vai convidar para sair.

— Ei, Lucy, não é?

Subitamente, somos interrompidos por uma voz sonora e sinto o meu coração afundar. Oh, não, desaparece! Seja quem fores, desaparece!

— Sim, é você!

Finjo não ter ouvido. — Estava a dizer... — Incito Adam, olhando-o, expectante, mas não adianta. O clima perdeu-se.

— Acho que aquele tipo a conhece — diz ele, gesticulando para trás de mim.

Escondendo o meu profundo desapontamento, viro-me e vejo-me cara a cara com um homem baixinho de fato cintilante, sorrindo-me radiante. Parece-me familiar, mas por um instante não o consigo situar...

— A festa da televisão, na outra noite. Eu comentei como o seu vestido era bonito... — Ele aviva-me a memória.

— Oh, olá... Brad?

Mas é claro, era aquele cretino que estava sempre a pôr o braço em volta da minha cintura e que contava piadas de mau gosto atrás de piadas de mau gosto.

— Brad, sim. Um nome de bradar aos céus! — Ele ri-se e acende um cigarro.

Vacilo. Normalmente, as conversas vão e vêm, mas não há como responder àquilo. Em desespero, agarro no Adam. — Já se conhecem? Este é o meu amigo Adam. Adam, este é o Brad.

Se esperava ser salva com aquela apresentação, enganei-me. Em vez disso, Brad grunhe qualquer coisa e dá um aperto de mão, antes de se voltar prontamente para mim.

— E então, como está o Nathaniel?

Não posso acreditar nisto.

— Oh... hum, acho que está bem.

— Ele é um tipo fantástico. Vocês formam um casal estupendo.

Isto é um pesadelo. A qualquer momento, vou acordar.

— Bem, na verdade... — começo, mas ele corta-me a fala, voltando-se para o Adam.

— A sério, eles ficam mesmo giros juntos.

Oh, meu Deus! Que ele pare. Por amor de Deus! Por favor, que ele pare.

— Vou só atestar — diz Adam e afasta-se, antes que eu o possa impedir.

Porra.

Penso em esvaziar a minha taça e segui-lo, mas não sou rápida o suficiente, apercebo-me, com consternação. Relutantemente, volto a virar-me para Brad, que agora papagueia sobre si próprio. Tento mostrar-me interessada: — Ahã... é mesmo? Ahã... —, mas, passados dez minutos, ainda estou presa nesta conversa estrangulada. Continuo a sorrir e a anuir, mas por dentro choro de frustração. Isto é tudo culpa do Nate. Ele sabotou-o por completo. Num minuto, achei que o Adam me ia convidar para sair e, no minuto seguinte, surge o Brad e estraga tudo.

A propósito de mau *timing*. Relanceio desesperadamente por cima do ombro de Brad, para ver se consigo avistar o Adam. Ele já foi há que tempos. Onde estará?

Então, descubro-o. Ao pé da entrada da galeria. Está a fumar um cigarro enrolado e a *falar com uma rapariga*. O meu coração produz um baque. Uma morena muito bonitinha. Com as cabeças baixas, estão embrenhados na conversa e vejo-a tocar-lhe ao de leve no braço. O meu estômago dá uma guinada. Mas quem é ela? O ciúme assalta-me, seguido de uma arrasadora sensação de desapontamento, quando os vejo irromper num riso estridente. Eles parecem íntimos, confortáveis, *juntos*.

— Desculpe, dá-me licença? — Abruptamente, interrompo o Brad a meio de uma frase.

— Oh... sim, claro — assente, ligeiramente desconcertado.

Volto-me antes que o Adam me veja a olhar e, escapando por entre a multidão, apresso-me noite adentro.

— Chegaste cedo.

Regresso ao apartamento, encontrando a Robyn sentada de pernas cruzadas no chão da sala, rodeada de pilhas de revistas.

— Sim. — Aceno com a cabeça, melancólica, deixando-me cair no sofá.

— Como está o teu tornozelo?

— Doloroso. — Encolho-me, descalçando a sandália e esfregando o tornozelo. Está todo inchado e uma grande mancha arroxeadá começa a formar-se.

— Tenho gel de arnica para isso. — Esgravatando sobre a mesinha baixa, onde há mais revistas espalhadas, ela desenterra um tubo. — Aplica-o três vezes ao dia e ficarás como nova — instrui ela, passando-mo.

— Obrigada. — Sorrio, agradecida, depois observo enquanto ela agarra numa tesoura e começa a atacar uma revista. — O que estás a fazer? — pergunto, curiosa.

— Um quadro de visualização. — Ela segura alto uma placa de espuma, onde já

colou diversos recortes de revista. Há uma casinha de campo «de caixa de chocolate» com rosas em torno da porta, algumas crianças de faces rosadas, um par de cachorros resgatados que lembram o *Simon* e a *Jenny*. No topo, ela recortou letras que soletram as palavras «Harold» e «alma gémea».

— Pensei que já tinhas feito um desses.

— Não resultou, por isso, estou a fazer outro — diz ela, com naturalidade.

Faço uma pausa. Estou certa de que há de haver aí uma lógica.

— Esta é a casa onde quero viver. Estas são todas as crianças que eu vou ter. — Ela começa a apontar para as diversas imagens. — Estes são os meus cães.

— E onde está o Harold? — pergunto eu, alinhando no jogo.

— Bem, a questão é essa; não me consigo decidir. O que achas deste? — Ela segura alto uma revista, dobrada num anúncio de *aftershave*, exibindo um homem alto e moreno de fato.

— Hum, sim, parece-me bem. — Anuo com a cabeça, tentando não pensar sobre o que estamos verdadeiramente a discutir ali.

— Oh, ótimo. Eu também acho. — Agarra na tesoura e, energicamente, recorta-o. Pegando no seu *Pritt Stick*, cola-o bem no meio do quadro.

— Recortaste-lhe a cara — aponto, olhando para o estranho, que agora tem um espaço em branco, onde devia ter a cara.

— É claro. — Ela acena com a cabeça, como se isso fosse absolutamente normal e não a roçar o comportamento de assassino em série. — Nós ainda não sabemos como é o Harold, pois não? — Empunhando a sua tesoura, ela continua a folhear a revista. — Assim, vou deixá-lo em branco até saber. — Levanta os olhos para mim, com pedacinhos de papel presos ao cabelo, fazendo-a parecer uma louca. — Faz todo o sentido.

— Certo, sim, todo o sentido — concordo eu, de uma forma um tanto duvidosa.

— Ah, já agora, acabei de me lembrar de que tenho uma coisa para ti. — Remexendo por baixo de todas as revistas, ela desenterra um envelope. — Os bilhetes para o teatro!

— Uau, excelente, obrigada. — Sorrio, pegando neles.

— Quem vais levar contigo? — pergunta ela, tentando soar despreocupada.

Hesito. Sei que ela ainda pensa que eu devia levar o Nate, sobretudo depois do que aconteceu no ginásio, que ela declarou como um «sinal» de que o universo nos está a tentar manter juntos, de que a lenda está a operar a sua magia.

Concordo. Foi um sinal. Um sinal de que eu e o exercício físico não combinamos.

— Ninguém — digo, desafiante. Por breves momentos, a minha mente desliza para o Adam. Teria gostado de o convidar, mas depois de o ver com a morena... Forço a minha mente a deslizar de volta. — Vou pô-lo no eBay e leiloá-lo para beneficência — digo, decidida.

O seu rosto ilumina-se de imediato. — Oh, Lucy, que fantástica ideia. — Ela sorri, todos os pensamentos sobre o Nate prontamente esquecidos. — Sei do destinatário ideal. É um santuário de orangotangos em que trabalhei, quando estive no Bornéu.

— Perfeito. — Sorrio, reprimindo um bocejo digno de um hipopótamo. Foi um longo dia e não exatamente dos meus melhores. Para dizer a verdade, quero só ir para a cama e esquecer tudo isso. — Bem, acho que me vou deitar. — Iço-me do sofá.

— Está bem, boa-noite. — Fazendo-me um pequeno aceno, ela volta ao seu quadro de visualização. — «Serendipidade» é com «s» ou com «c»?

Detenho-me à porta. — Com «s», acho.

— Fixe, obrigada — murmura ela e agarra no *Pritt Stick* e na tesoura. Deixo-a a cortar páginas com sede de vingança.

Quinze minutos mais tarde, estou deitada na cama com o meu *laptop*. Esqueçam os homens, eu quero casar com o meu *MacBook*. É fiável, seguro e até podemos ir às compras com ele, penso, acedendo ao eBay.

Vou à secção de «Vender» e introduzo a descrição: «Um bilhete para a Broadway para assistir à peça *Tomorrow's Lives*». Adiciono alguns detalhes, depois publico o anúncio. Espero que alguém faça uma oferta, reflito, procurando coisas para licitar eu própria. Gostava muito de arranjar uma mala nova... Começo a percorrer a secção de *vintage*. Normalmente, passaria horas nisto, mas esta noite não estou para aí virada. Em vez disso, a minha cabeça desliza continuamente para a galeria e para o Adam. Sinto uma pontada de tristeza. Nem sequer me despedi.

O arrependimento corrói-me. Pergunto-me o que estará a fazer agora. Provavelmente com a morena bonitinha, relembro-me. Com efeito, estarão provavelmente algures neste momento, a divertir-se, enquanto eu estou aqui na cama com o meu marido *laptop*. Fito distraidamente o teto e escuto o zunido monótono da ventoinha no peitoril da minha janela.

Antes de me afundar ainda mais no desânimo, sou distraída pelo *ping* de um *email* a entrar na minha *inbox*. Olho distraidamente. É do Facebook.

Adam Shea enviou-lhe uma mensagem no Facebook.

É como se alguém me ligasse de repente à corrente. Adam! O Adam. O Adam-que-ligou-de-repente-a-luz-no-meu-táxi, *esse Adam*?

Subitamente galvanizada, clico e sou direcionada para o Facebook e a sua imagem de perfil. Observo-a com atenção. É uma foto dele com um chapéu disparatado e uns óculos. É um bom sinal. Pode depreender-se muito das fotos do Facebook. Quem tenha uma foto de rosto a preto-e-branco ou uma foto a posar em biquíni (mulheres) ou de peito despido e ar melancólico (homens), é ligeiramente perturbador.

Bem como aquelas pessoas que têm centenas e centenas de amigos. Quero dizer, não são amigos *reais*, são apenas pessoas encontradas ao acaso na discoteca numa noite ou numa fila na Tesco...

Observo o perfil do Adam. Ele tem setenta e cinco amigos — não demasiado poucos,

não demasiado muitos, simplesmente perfeito, penso alegremente, sentindo-me como a Caracolinhos de Ouro.

Agora é a minha vez. Interessada em ver um filme verdadeiramente bom? Desapareceu antes que eu lhe pudesse perguntar. Diga que sim e só terá de trazer as pipocas.

Fito a mensagem, sentindo uma mistura de deleite e de excitação. É para aprender a não tirar conclusões precipitadas sobre morenas bonitinhas. Prontamente, escrevo «Sim», depois, sorrindo feliz para mim mesma, aconchego-me nas almofadas e estou prestes a desligar quando subitamente reparo numa atualização de estado:

Nathaniel Kennedy sente-se no topo do mundo.

O meu tornozelo dói de irritação. Argh, mas não me consigo livrar dele? Rápido! Tenho de o desamigar.

Clico em «Remover dos amigos» e ele desaparece.

Só que não é assim tão fácil.

Infelizmente, a vida real não é como o ciberespaço — não posso simplesmente carregar em «delete» e apagá-lo — e nos dias que se seguem, o Nate continua a aparecer por todo o lado. Não um literal *bum!* e ali está ele em carne e osso ao meu lado no metropolitano. Apenas pequenas coisas, aleatórias e aparentemente inconsequentes, que por si só parecem coincidências... mas que, todas somadas, começam a parecer verdadeiramente *estranhas*.

Como, por exemplo, estar sempre a receber chamadas perdidas dele no meu telemóvel. Primeiro, simplesmente, ignorei-as, mas quando uma me acordou às 5h da manhã, acabei por lhe ligar de volta e perguntar o que é que ele queria.

— Nada — ripostou, furioso, antes de jurar a pés juntos que não me tinha ligado e que devia ter sido um acidente.

— O quê? Doze vezes? — soprei eu, antes de lhe dizer que ele tinha de aprender a bloquear o *iPhone* e a desligá-lo.

O que por si só não é assim tão bizarro. Afinal, quem nunca se sentou em cima do telefone e ligou acidentalmente a alguém ou atendeu a chamada de um amigo, ouvindo apenas os seus passos na rua?

O que *foi* bizarro foi o Nate ligar-me no dia a seguir a reclamar por eu lhe ter ligado! O que é impossível, «porque mantenho o meu telefone bloqueado», disse-lhe, indignada. Só que, mais tarde, quando verifiquei o meu registo, havia de facto uma série de chamadas para o número dele.

Depois, houve aquele curioso incidente, quando a Marsha me mandou de táxi à zona nobre da cidade para ir buscar umas «provisões» ao seu amigo Dr. Royce, um homem de ar peculiar na sua bata branca, com uma face rosada e reluzente que não se mexe e um espaço de consultório imenso com vista sobre o parque. Foi tudo muito misterioso. Depois de introduzir um código secreto, fui conduzida ao interior, solicitada a entregar o dinheiro e foi-me dado um saquinho de cremes e poções. Parecia uma transação de droga. Não que alguma vez tivesse *feito* uma transação de droga, mas, seja como for, essa não foi a parte estranha. A parte estranha foi no regresso.

Num minuto estava tudo perfeitamente normal. Eu avançava lentamente dentro do táxi e o motorista praguejava ao telefone, quando subitamente o motor estourou ruidosamente e o carro avariou. Adivinhem *onde* é que avariámos? À porta do apartamento do Nate. Quero dizer, *mesmo* à porta. E como se não fosse coincidência suficiente, *exatamente* no momento em que o Nate saía do edifício! Tive de me agachar no banco de trás para ele não me ver. Mais uns segundos e teria sido demasiado tarde. Podia ser mais estranho?

E não fica por aí. Cada vez que ligo a televisão, ele está lá. Não ele pessoalmente, admito, mas o *Big Bucks* está sempre a dar. O que é ainda pior, agora tenho o *jingle* na

minha cabeça e não consigo parar de o traquear. É como se não pudesse escapar dele. É o mesmo com o rádio. Só que desta vez é o *No Woman, No Cry* do Bob Marley, que costumava ser a «nossa» canção. Sempre que a ouço, lembra-me o Nate.

Não a ouvia há anos. Normalmente, é a Lady Gaga e a Fergie e a Katy Perry. Agora, de repente, nestes últimos dias, cada vez que ligo o rádio, parece estar em todas as estações. É verdadeiramente sinistro.

Tão sinistro que me faz pensar em todas as outras coisas que me perturbaram recentemente, mas que eu ignorei. Como a confissão do Nate de que sentiu um estranho desejo de entrar na nossa galeria, um dia, *por nenhuma razão aparente*, descobrindo que tínhamos ido aos mesmos lugares durante anos sem nunca nos vermos, ambos encontrando de novo os pendentes, embora o meu tivesse estado anos perdido.

À medida que um pensamento tropeça noutro, como uma fila de peças de dominó, a minha mente começa a girar... dar de caras com ele na rua depois de rompermos, sentar-me ao lado dele no restaurante de *sushi*, o incidente no ginásio — Manhattan é pequena, mas não assim *tão* pequena — e na outra noite na galeria, ao ver todos aqueles televisores sintonizados no programa dele, quando eu estava a conversar com o Adam, depois o Brad a surgir de repente no preciso momento em que o Adam me ia convidar a sair, e a mencionar o nome do Nate e a fazer o Adam desaparecer...

Se eu fosse supersticiosa, quase pensaria que havia uma força maior a tentar impedir-me de sair com outra pessoa.

Porém, não sou supersticiosa. Não acredito em nada dessas tretas, digo-me com firmeza. Pronto, admito, leio o meu horóscopo de vez em quando e sim, é verdade, consultei uma cartomante uma vez, mas foi há muitos anos numa festa da escola e é claro que *percebi* logo que era a Sra. Cooper, a professora de Química, vestida com um fato de dançarina do ventre. Não existe a mais pequena possibilidade de eu alguma vez vir a ser como a Robyn e acreditar em algo disparatado como, por exemplo, uma lenda sobre o amor eterno. Só porque estou a pesquisar no Google, isso não quer dizer que esteja a começar a ter esses pensamentos completamente absurdos sobre tornar-se realidade.

Digito «Lenda da Ponte dos Suspiros» e faço «enter». A página abre:

Lenda veneziana que diz que os apaixonados que trocarem um beijo ao passar de gôndola por baixo da Ponte dos Suspiros, ao pôr do sol, enquanto ecoam os sinos de São Marcos, viverão um amor eterno e nada os poderá separar. Ficarão juntos para toda a eternidade.

Porque, como eu disse, é simplesmente absurdo. Ridículo. Completamente louco. Saindo apressadamente da página, dou uma espreitadela rápida ao Facebook para ver se o Adam respondeu à minha mensagem, mas em vez disso tudo o que vejo é o Nate. Ele continua na minha *homepage*! Ele continua a ser meu amigo no Facebook! Fito a fotografia dele com um misto de desconfiança e incredulidade.

Sentindo uma semente de pânico, ataco freneticamente o meu teclado.

Delete! Delete! Delete!

— É como se não conseguisse romper com ele.

Avançando rapidamente para o fim de semana, estou num salão de unhas do tamanho de uma caixa de correio, em Chinatown. É sábado à tarde e, juntamente com a Robyn e a Kate, encontro-me refastelada numa cadeira de massagens, com os pés e as mãos a serem atendidos por duas mulheres, que limam, aparam, cortam e esfregam furiosamente, enquanto falam pelos cotovelos.

É a minha primeira vez, mas, ao que parece, este é um ritual semanal para toda a mulher nova-iorquina que se preze. O que provavelmente explica a reação de choque que as minhas unhas receberam, quando aqui cheguei. Manicures-pedicures estilo faça-você-mesmo podiam ser suficientes em Londres, mas em Manhattan é uma história totalmente diferente.

— Como assim, não consegues romper com ele? — pronuncia Kate, sem levantar os olhos do seu *BlackBerry*, no qual escreve um *email* de trabalho com a mão livre.

— Não consigo livrar-me dele. Para onde quer que eu olhe, ele está lá.

— Manhattan é um lugar pequeno. Ignora-o — responde ela, liminarmente.

— Não é assim tão fácil — tento explicar.

— Claro que é. Eu estou sempre a dar de caras com o meu rival CEO da Lloyds Carter. Ontem à noite, até o vi no médico.

Uma das mulheres que está a fazer as unhas dela afasta-lhe bruscamente a mão do *BlackBerry*. Franzindo a testa, Kate troca de mãos e continua a digitar com o polegar.

— Não, é mais do que isso... — Interrompo-me. — O que estavas a fazer no médico?

— Oh, fui com o Jeff. Ele ainda não se livrou do problema. Acham que pode ser um tipo de vírus.

— O que queres dizer com é mais do que isso? — pergunta Robyn, levantando os olhos do livro que está a ler, *O Pensamento Cósmico Tornado Simples*. Ela está a aplicar minúsculas flores cintilantes em cada uma das unhas dos pés.

— Bem, não é só o dar de caras com ele. São todas aquelas pequenas coisas que estão sempre a acontecer.

— Tais como? — Robyn estuda-me com interesse.

— Tais como não o conseguir desamigar no Facebook — resmungo, contrariada. Já se passaram três dias e de cada vez que me ligo, sou recebida pela atualização do meu estado e fotografia de perfil.

— Mas o que é que se passa com toda a gente e essa treta do Facebook? — Kate levanta subitamente os olhos do seu *BlackBerry*. — Eu não tenho tempo para o Facebook, no entanto, estou sempre a receber *emails* de amigos a dizer que me querem espreitar! — Ela revira os olhos de aborrecimento.

— Eu já te disse. É o poder do universo a manter-vos juntos — entoa Robyn, como se fosse perfeitamente óbvio.

Kate olha-a com uma expressão de escárnio.

— É verdade — diz Robyn, indignada. — É a lenda da Ponte dos Suspiros. Nada os pode separar.

— Andas outra vez nos cristais? — resfolega a minha irmã.

— É verdade!

— Mas que monte de despautério!

— Não sei o que isso quer dizer — replica Robyn, o seu rosto ruborizado —, mas, sabes, devias ter a mente mais aberta.

— Eu tenho a mente muito aberta, obrigada. Só não sou é lunática — contrapõe Kate, depreciativamente. — Não é o universo a mantê-los juntos; é o Nate! É tão óbvio. Ele está a tentar reatar com a Lucy!

Relanceio entre a minha irmã e a minha colega de casa a desferirem golpes como pugilistas. Temos a Kate, no seu canto racional-não-acreditando-roçando-o-completo-cinismo, e temos a Robyn, no seu canto irracional-acreditando-em-tudo-roçando-a-completa-loucura.

E eu?

Estou agures no meio. Vou mudando de canto. Ando para trás e para a frente. Quero dizer, a Kate tem razão, deve ter e, contudo...

A minha mente expele uma memória da minha conversa com o Nate no restaurante, quando nos voltámos a juntar. A descoberta de que, durante todos esses anos, tínhamos estado nos mesmos eventos foi quase como se alguma coisa nos estivesse a tentar reunir.

Alguma coisa que agora não nos deixa separar.

Como a lenda da Ponte dos Suspiros.

Quando esse pensamento me perpassa pela mente, sinto um arrepio na espinha.

O que é ridículo. Simplesmente ridículo. Essa «alguma coisa» não existe. É só uma lenda ingénua. Um pedaço de fantasia para os turistas. Estou a deixar a minha imaginação correr desenfreada. Isto não é a *Twilight Zone*, é a vida real. E coisas assim não acontecem. Acontecem?

Reparo na revista que tenho aberta no colo. Tirei-a da pilha de revistas lidas e relidas quando cheguei e tenho estado a folheá-la distraidamente, mas agora, subitamente, detenho-me. Porque ali mesmo, naquela página, está um questionário. «Ele é o Tal?»

Inspiro profundamente.

— O que se passa? — A minha irmã para de discutir com a Robyn e olha-me. — São as cutículas? Eu peço sempre para não cortarem as minhas.

Abano a cabeça desconcertada e levanto a revista. — É *aquele* questionário — digo, a minha voz quase um sussurro.

Os olhos da Robyn crescem. Depois, naquele tipo de voz que usam nos *trailers* de filmes, pronuncia solenemente: — É um sinal.

A Kate relanceia entre nós, o seu rosto incrédulo. — Não, não é nenhum sinal! — diz, irritada. Inclinando-se para diante, arranca-me bruscamente a revista das mãos. — É um

exemplar desatualizado da maldita *Cosmo*! — Atirando-a para o lixo, ela abana a cabeça de exasperação. — Francamente, vocês as duas!

— Tens de impedir a lenda de se concretizar — prossegue Robyn, ignorando Kate. — Tens de quebrar o feitiço.

— Feitiço? — Kate resfolega ruidosamente.

— É mais uma maldição — murmuro, sombria.

— Seja o que for. — Robyn estala a língua. — Precisas de ser exorcizada.

— Não precisamos todos? — ironiza Kate, incapaz de resistir ao duplo sentido.

— Eu disse exorcizar, não exercitar — declara Robyn, mordaz.

— Tanto faz. — Kate encolhe os ombros. — Nada disso interessa ao Jeff, nestes últimos tempos.

Ela ri-se secamente, mas as minhas antenas captam algo e olho para ela. A Kate faz frequentemente comentários sarcásticos e jocosos sobre a sua relação, mas hoje há alguma coisa na voz que está diferente.

— Está tudo bem, Kate?

Os seus olhos encontram os meus e quase consigo ver visivelmente a erguer as defesas. — Sim, tudo bem — diz ela, com superficialidade. — Porque não havia de estar?

— Contigo e o Jeff, quero dizer.

Ela retesa-se. — Ah, claro. Ele simplesmente ainda anda com aquele problema, só isso. Acho que precisa de tomar antibiótico, mas sabes como são os homens e os comprimidos. — Encolhe os ombros, bruscamente. — Não se passa nada.

— Oh... OK. — Deixo rapidamente cair o assunto. Sei que não vale a pena tentar insistir com a minha irmã. Quando um assunto está encerrado, ele é trancado e aferrolhado e ninguém, mas mesmo ninguém, lhe consegue aceder.

— Pronto, terminado. — Uma das mulheres que está a tratar da minha manicure e pedicure bate-me ao de leve na perna.

— Caramba, estão espetaculares! — Sorrio, meneando deliciada os meus dedos das mãos e pés num rosa delicado. Não parecem pertencer-me. Estou acostumada a ter mãos de unhas lascadas, roídas ou com manchas de verniz, mas agora foram transformadas em mãos nova-iorquinas perfeitamente arranjadas.

Agito-as, orgulhosa, a Robyn e a Kate. — Vejam só!

— Oh, maravilhosas, olha as minhas — exala Robyn, mexendo os seus cintilantes dedos dos pés, para que as minúsculas flores apanhem a luz.

— Mmm, encantadoras — digo, com entusiasmo, e passamos os minutos seguintes a compará-las, antes de me lembrar da Kate. — Então e as tuas? — pergunto, voltando-me para ela, mas já está a calçar as sandálias.

— Estão ótimas. — Ela anui bruscamente, apertando a fivela. — Pus só um verniz transparente, como de costume.

A minha irmã, por vezes, não é nada divertida.

— Se não se importarem de pagar... — A dona do salão de unhas, uma figura

matriarcal de bata florida, gesticula impacientemente na direção da caixa registadora e da longa fila de mulheres à espera das nossas cadeiras.

— Oh, sim, desculpe. — Apressadamente, desço da cadeira e começo a remexer na minha mala. Pesco para fora a carteira. Quando o faço, ouço um tilintar de alguma coisa a cair ao chão.

Provavelmente, uns trocos, reflito, passando uma nota de vinte dólares. Vinte dólares por uma manicure e pedicure! Oh, como adoro Nova Iorque!

— Menina, deixou cair isto.

Vejo uma das manicures a pegar em alguma coisa do chão. Ela estende-me o que parecem ser 25 cêntimos.

— Oh, muito obrigada. — Sorrio e apresto-me a pegar-lhe, depois percebo bruscamente que não são 25 cêntimos. É uma outra moeda. Na verdade, *é uma metade de moeda.*

O meu estômago afunda-se.

— Não é possível. — Fito-a, confusa, na palma da minha mão, a mente vacilante.

— O que é que foi agora? — Kate fita-me, sem entender.

— O meu pendente — balbucio, estendendo a moeda. O fio desapareceu, mas não há qualquer equívoco, é definitivamente o meu pendente.

Robyn inspira acentuadamente. — Mas eu vi-te deitá-lo fora...

— No parque — termino eu. — Eu sei, é impossível. — Fito a moeda partida, o meu polegar percorrendo o bordo denteado. — Deve ter havido alguma confusão. Deve ter ficado presa na minha roupa... caído acidentalmente para dentro da mala... e ficar de alguma forma esquecida. — Olho de volta para a Robyn e a Kate. Por uma vez, a minha irmã não diz nada. Em lugar disso, fita-me, os olhos arregalados e silenciada pelo espanto.

Não o posso ignorar mais. Não me consigo persuadir de que não está a acontecer. Porque, por muito estranho, incrível e louco que possa ser, algo se passa aqui, algo de muito bizarro. Não sei o que lhe chamar e não o compreendo, mas não há como o negar: a lenda está a tornar-se realidade.

Apesar do calor, percorre-me um frio e fico de braços arrepiados.

Oh, céus!

O que faço agora?

Tal como quando éramos crianças, a minha irmã mais velha vem em meu socorro.

— Precisas de uma estratégia — instrui ela, assumindo o pleno modo de advogada.

— Oh, queres dizer, ler o horóscopo dela e isso? — sugere a Robyn vivamente.

A Kate lança-lhe um olhar fulminante. — Não, quero dizer um plano de ação para alcançar um objetivo específico — explica ela, rapidamente. — Usamo-los o tempo todo na advocacia. Temos de aplicar um à tua situação, criando uma abordagem sistemática para resolver o problema presente e trabalhando metodicamente os objetivos, até que o resultado desejado seja alcançado.

Olho para ela, inexpressiva. — Podes repetir isso de novo, agora em linguagem corrente?

Ela solta uma exclamação de impaciência. — É perfeitamente simples. Tu queres romper com o Nathaniel, mas alguma coisa ou alguém parece impedir que isso aconteça verdadeiramente.

— Como a lenda — entoa Robyn.

— Ou o próprio Nathaniel — riposta Kate, que, após um breve momento de perplexidade, voltou rapidamente à sua opinião inicial.

— Ouve, não me interessa o que é. Só quero que isto acabe.

— Muito bem, então segue-me. Vamos deitar mãos ao trabalho. Com ou sem lenda mágica, será o suficiente. Acredita, ninguém ficará a rondar depois disto. E não me interessa o que digas sobre o teu universo — acrescenta, lançando a Robyn um ar severo. — Universo estupidiverso.

Robyn mostra-se ofendida. — Tu não podes alterar o curso do destino — diz ela, tensa.

— Observa só.

— Não vai funcionar. As leis do nosso mundo não têm qualquer peso sobre as leis do universo.

— E então, tens um plano melhor? — escarnece Kate. — O que é que sugeres? Palavras mágicas? Cristais? Ervas chinesas? Nós precisamos de ser firmes e agressivas.

— Acho simplesmente que estás a ser muito rígida — contrapõe Robyn, amuada.

— O que esperavas? Sou advogada — diz ela, impassível. — Não sou paga para ter imaginação.

A Kate não é de perder tempo e, armada de uma pasta cheia de cadernos de notas, esferográficas e as suas famosas canetas de sublinhar em todas as cores, conduz-nos num passo decidido a um restaurante ali perto para prepararmos o nosso caso. Nunca tinha visto a minha irmã em ação antes e estou assustadoramente impressionada. Rapidamente transformando uma mesa de vinil vermelho num gabinete, ela arregaa as mangas da camisa, instrui o desafortunado empregado para «manter o café a fluir» e começa a discutir a tática.

Seis intensivas horas mais tarde e fervilhando de um inebriante *cocktail* de cafeína e exaustão, ela traça finalmente a Estratégia. Duplamente sublinhada e destacada a laranja fluorescente, ela está contida num documento de quatro páginas e vinte e cinco pontos, intitulado «Como Livrar-se do Tal».

1. Solicitar uma ordem de restrição.

Esta foi a sugestão imediata da Kate: «Bem, teres uma irmã advogada e um cunhado polícia tem de contar para alguma coisa», argumentou ela. Antes de reconhecer relutantemente que os tribunais podiam ver com maus olhos o nosso caso: «Meritíssimo, venho aqui solicitar uma ordem de restrição para impedir que a parte lesada, Lucy Hemmingway, seja vítima de perseguição pelo acusado, Nathaniel Kennedy, como amigo no Facebook, através do seu programa televisivo *Big Bucks* e pela música de Bob Marley *No Woman, No Cry* tocada na rádio.»

Pois.

Melhor é a sua ideia de eu aparecer sem avisar no apartamento dele e:

2. Dizer que o amo.

Uma tática infalível, se é que existem. O plano sendo eu declarar-lhe o meu amor eterno e — *puf* — vê-lo desaparecer para sempre.

Para o caso de ser necessário, impõe-se munição adicional:

3. Não rapar as pernas antes.

Para eu poder aparecer de saias.

4. Deixar crescer os pelos das axilas.

Melhor ainda, conjugar com um *top* de alcinhas.

5. Aliás, ir até ao fim e deixar crescer também os pelos das virilhas.

Depois, cruzar as pernas ao estilo da Sharon Stone.

6. Não pôr desodorizante.

Pode não parecer muito, mas neste momento em Manhattan estão 32 graus. E axilas suadas são uma coisa, mas axilas *pilosas* e suadas são outra bem diferente.

7. Falar sobre menstruação.

Do tipo «Céus, estou exausta, mas isso é porque estou *com o período*». Certificar-me de incluir montes de palavras como menstruação, hemorragia, cólicas, inchaço, retenção de água, TPM e acne.

8. Melhor ainda, usar a casa de banho e deixar à vista um *Tampax super-super-plus*.

Os homens têm medo dos *Tampax*. Como os cães têm medo da trovoada. Fá-los encolher-se.

9. Pensando melhor, antes pensos higiénicos *super-super-plus*.

Depois dizer-lhe que tive «um acidente» e se ele pode ir comprar-me os ditos tampões de grande formato.

O que me leva a:

10. Dar-lhe um nome afetuoso e falar-lhe em tom ondulante de bebé.

11. Dizer que me quero casar e sugerir ir ver alianças.

12. Começar a inundá-lo de telefonemas, *emails* e mensagens.

A razão sendo que ele vai pensar que sou uma obsessiva e apagar o meu número do seu telefone, mais rápido do que consiga dizer *Atração Fatal*. Resultado: nunca mais vou receber uma chamada accidental.

13. Perguntar-lhe quantas namoradas já teve.

Depois, duplicar esse número e dizer que essa foi a quantidade dos que já tive. Não, triplicar.

14. Aparecer num bar de desporto, quando ele está lá com os amigos.

15. Levar vestido algo em felpa.

Além de zero maquilhagem, o cabelo apanhado num carrapito e umas *leggings*. Umas *leggings* muito usadas e largas no rabo.

16. Começar a contar a todos os seus amigos hilariantes anedotas sobre disfunção erétil/

ejaculação prematura/pénis pequenos.

Cotovelada, cotovelada, piscadela, piscadela.

17. Ser melga.

Pensar numa lapa.

18. Dar peidos.

19. Arrostar.

20. Meter o dedo no nariz.

21. E depois comer.

OK, é um bocado revoltante, mas é como um desafio «Bushtucker Trial» do I'm a Celebrity... Get Me Out of Here! Só que neste caso é Sou a Lucy Hemmingway... Tirem-me Desta Relação!

22. Arrulhar a bebés.

23. Tirar-lhe o iPod e pôr-lhe músicas.

Sugestões: *You're Beautiful* do James Blunt, a banda sonora do *Mamma Mia*, as melhores músicas dos Take That.

24. Cancelar-lhe o canal pago na altura de um grande jogo.

Um dos clientes da Robyn trabalha na Direct TV e pode piratear — quero dizer, «sondar» — as contas de clientes.

25. Comprar revistas de noivas.

E levá-las sempre comigo.

Para o caso de dar «acidentalmente» de caras com ele de novo, reflito, vigiando em torno de uma estante para me certificar de que a costa está livre e o Nate não está à espreita.

É a segunda-feira seguinte e entrei na McKenzie's, a minha livraria local favorita, a caminho do trabalho. Navegando por entre os corredores atafalhados de livros de capa

mole e livros de capa dura assinados em imensas pilhas sobre mesas, encaminho-me para a secção das revistas.

Céus, não me tinha apercebido de que havia tantas, penso, contemplando uma miscelânea de publicações sobre casamentos expostas nas prateleiras. *Noivas Isto, Casamentos Aquilo...* Agarro num punhado delas. Oh, talvez deva escolher também algumas sobre bebés, decido, saltando sobre uma com a foto de uma mulher grávida, acompanhada da legenda «Pesarosa!».

Bem, não, não diz *exatamente* isso, mas é definitivamente o que o Nate vai pensar, se a vir, concluo, agarrando num exemplar. Faço figas para que a Estratégia funcione. A Kate está convencida de que sim. «Nunca perdi um caso», disse ela com determinação, ao passar-me uma cópia. Neste momento, o desespero é tal, que estou disposta a tentar qualquer coisa.

O meu telefone começa a tocar. Relanceio o ecrã. Nate. *De novo*. Já tive uma meia dúzia de chamadas perdidas dele, esta manhã. Ele continua a insistir que não me liga de propósito e é difícil saber no que acreditar. Carrego em rejeitar. Espero sinceramente que este não seja o primeiro caso perdido pela minha irmã...

— Olá! Encontrou tudo o que procurava? — Uma assistente de loja de rosto sorridente interrompe os meus pensamentos.

— Sim, obrigada. — Sorrio de volta.

— A preparar-se para o grande dia? — Ela aponta as revistas de noivas.

— Hum, sim... algo do género. — Anuo, apertando-as firmemente contra o peito. O grande dia em que possa esquecer por completo o Nate, digo para mim mesma, sentindo o telefone a vibrar no meu bolso. Oh, céus, não de novo!

Desta vez, atendo. — Olá, Nate — digo num tom cansado.

— Lucy? — pergunta ele, com resignação. Apesar do que a Kate diz, ele não soa como um louco ex-namorado perseguidor; soa tão farto quanto eu.

— Exato.

Ouve-se um profundo suspiro.

— Adeus.

— Adeus.

Desligo. Não sei o que pensar ou em quem acreditar — na Robyn ou na Kate —, pelo que adoto uma abordagem dupla.

— Bem, se precisar de alguma ajuda, o meu nome é Emily.

Volto à assistente de loja. — Obrigada. — Começo a afastar-me da caixa registadora, passando pelos livros de autoajuda, quando subitamente uma secção me chama a atenção: «Amor e Romance». Os meus olhos deslizam pelas lombadas de centenas de livros. Há mesmo toda uma estante dedicada ao Tal: *Como Encontrar o Tal, Como Manter o Tal, Como Saber se Ele é o Tal, Ele é o Tal?*

— Na verdade... — volto a Emily, a assistente de loja de rosto sorridente.

Ela irradia de entusiasmo. — Sim?

— Tem algum livro sobre como nos livrarmos do Tal?

Chegando à *Número Trinta e Oito* dez minutos mais tarde, fico surpreendida ao encontrar a galeria fechada. Que estranho. Onde estará Marsha? De pé no passeio, segurando as minhas revistas e o obrigatório *latte* com café duplo, fito, perplexa, as grades eletrônicas, firmemente descidas sobre as janelas. Nem uma única vez em todo o tempo que aqui trabalho, a Marsha não esteve lá para me receber. Verifico o meu relógio. Conhecendo-me, provavelmente devo ter baralhado por completo as horas. Mas não, passam só poucos minutos das 10h da manhã.

Intrigada, equilibro o meu café e as revistas numa mão, pesco o meu molho de chaves da mala e destranco a porta da frente. Assim que entro no interior da galeria escurecida, o alarme começa a soar, em contagem regressiva de vinte segundos ou lá o que é para eu introduzir o código. Por um instante, entro em pânico. Raios, como é? Depois, vem-me num *flash*. É claro, a data de nascimento da Marsha — lembro-me de ela mo dizer uma vez.

Um, nove, seis, cinco.

O alarme cala-se e, carregando no botão das grelhas das janelas, acendo as luzes. Uma explosão de cor eclode das sombras, quando as obras de arte são iluminadas, e sinto uma onda de prazer. Há algo de mágico em estar sozinho numa galeria. Uma vez, quando eu era pequena, lembro-me de me perder dos meus pais no Louvre em Paris e de me ver sozinha numa sala repleta de pinturas. A maioria das crianças teriam provavelmente ficado assustadas, começando a chorar, tentando freneticamente encontrar o pai e a mãe, mas eu ainda hoje recorro o sentimento de excitação, de estar rodeada por todos aqueles diferentes rostos, figuras, tons. Foi como perder-me num mundo da imaginação.

Infelizmente, a minha mãe teve uma perspetiva diferente da coisa e lembro-me de ser severamente repreendida, quando finalmente me encontrou, sendo obrigada a ficar colada a ela durante o resto da visita.

Recolhendo o correio, dirijo-me até à mesa da receção e largo-o, juntamente com as minhas revistas, no balcão. Bebericando o meu café, ligo o computador e verifico os nossos *emails*. Não há nada de grande interesse... alguns press releases, um pedido de estágio de um estudante de Arte, uma fatura da empresa de *catering* que contratámos para o evento da galeria, intitulada «Por pagar. Urgente». Franzo o sobrolho. Pensei que a Marsha tinha enviado um cheque para isso, na semana passada. Sinto uma leve pontada de ansiedade, que afasto. Deve ser simplesmente um lapso. O cheque e o *email* devem ter sido enviados ao mesmo tempo, apenas isso.

Levanto os olhos do computador, mas ainda não há sinal de um cortiço dourado, pelo que abro o Facebook. Bem, será só um minuto... Sentindo um cintilar de excitação, faço *log in*. Nos últimos dias, eu e o Adam temos trocado mensagens. Tem sido tudo muito leve e amigável. Ele enviou-me umas linhas a contar sobre a curta-metragem em que está a trabalhar; eu enviei-lhe de volta umas poucas linhas cuidadosamente elaboradas sobre a

minha semana no trabalho.

Cuidadosamente elaboradas, porque quero parecer interessada, mas descontraída. Conversadora, mas tranquila. Ocupada, mas não *demasiado* ocupada. Do tipo, se ele quiser marcar uma data para ver um filme, a minha agenda não está assim tão preenchida.

Pronto, a verdade é que está completamente vazia, mas não lhe posso dizer isso. Não lhe posso dizer que tenho agonizado por cada mensagem que lhe envio, procurando certificar-me de que fica *como deve ser*.

Céus, como era bem mais fácil quando se pegava simplesmente no telefone e se falava.

Oh, vejam, tenho uma mensagem por ler na minha caixa de entrada. O meu estômago agita-se quando a abro. É do Adam.

Estou livre esta semana se quiseres combinar alguma coisa.
Liga.

Por baixo, ele adicionou o seu número. Fito a mensagem, como que tentando arrancar mais algum significado dali, além de ele estar livre esta semana e que quer que eu lhe ligue. Oh, por amor de Deus, Lucy, qual é a tua? Ele quer ver-te! O meu estômago agita-se de novo. Não sei porque estou tão nervosa.

Porque gostas dele, sussurra uma voz na minha cabeça. *E porque é o primeiro homem de quem gostas verdadeiramente, exceto o Nate*. Relembra dele, deslizo os dedos para dentro do bolso e toco na Estratégia. Não sei bem quando terei oportunidade de a pôr devidamente em prática. Ou mesmo se resultará. Ao contrário da minha irmã, estou longe de convencida de que ela esteja certa. Não penso que seja assim tão simples. Neste momento, contudo, não tenho outra opção.

Um latido agudo lá fora faz-me olhar por cima do ecrã do computador, mesmo a tempo de ver a porta a abrir e Marsha a surgir. Envergando um curto vestido justo fúcia, estilo Jackie O e saltos a condizer, ela usa um par de óculos de sol tão grandes que quase parecem óculos de soldar.

— Bom-dia — digo alegremente, apressando-me para a ajudar. Debaixo de um braço, carrega o *Valentino* e, debaixo do outro, um grande embrulho.

— Ah, Lucy! — sopra ela, sem fôlego. — Obrigada, obrigada.

Tirando o pacote da sua mão, sigo-a zelosamente enquanto ela atravessa rígida o chão de betão polido da galeria, dando minúsculos passos de fada no seu vestido superjusto.

— Lamento muito ter chegado tarde — prossegue ela, apalpando redundantemente o cabelo para se certificar de que cada madeixa continua fixa com laca no devido lugar. — Lamento imenso.

— Oh, não tem importância, não se preocupe. — Sorrio, depois faço uma pausa. — Onde quer que ponha isto? — Gesticulo para o pacote.

— Em qualquer lugar, em qualquer lugar. Não interessa. — Ela funga, não dando

importância, abanando a mão encrustada em seu redor como um *spray* ambientador. Alcançando uma cadeira, acomoda-se cuidadosamente nela. — Desde que não tenha de olhar para ela.

— O que é? — pergunto, encostando o embrulho à parede.

— Uma pintura. Da minha tia Irena.

— Oh, ela deu-lhe uma pintura? — A minha curiosidade é atizada e estudo o pacote, perguntando-me como será a pintura.

— Se lhe quiseses chamar assim — diz ela, sombriamente. — Foi-me deixada no seu testamento.

— *No seu testamento?* — Dou meia-volta e olho para Marsha. Eu presumira que os óculos de sol fossem para maior «realce», mas agora reparo que o seu rosto parece um pouco rubro e manchado, mesmo por baixo das camadas de maquilhagem. E está a fungar. — Céus, lamento muito. Não fazia ideia — disse eu, apressadamente. — Quando é que...?

— No fim de semana — responde ela, puxando uma caixa de lenços para fora da sua malinha de mão e assoando ruidosamente o nariz.

— Oh, não! — Agacho-me ao seu lado e aperto-lhe a mão em apoio. — Foi repentino?

— Nada é repentino quando se tem 96 anos. — Ela encolhe os ombros. — Ela teve uma boa vida.

— Está tudo bem? — indago, preocupada.

— Oh, sim, sim. — Ela assente com a cabeça. — Está tudo maravilhoso.

Estudo o seu rosto manchado, meio escondido sob os óculos de sol, e sinto um impulso de proteção. — Não, não está tudo maravilhoso — ouço-me repentinamente a dizer e sinto uma pontada de surpresa pela minha franqueza.

Tal como Marsha, que me olha com uma expressão de choque. Por um momento, penso que se vai enfurecer e engulo com dificuldade. — Quero dizer, não está, pois não? — sugiro, procurando impedir a minha voz de vacilar.

Há uma pausa e, depois, ela parece colapsar por dentro, dobrando-se como uma tábua de passar a ferro fúcsia, de onde apenas sobressaem os chumaços nos ombros e o cortiço. Observo, enquanto ambos começam a agitar-se e subitamente percebo que ela está a soluçar.

— Oh, céus, Sra. Z...

Olho para ela, sentindo-me completamente inútil. Não sei o que fazer. Estou a procurar ser educada e apropriada, visto que é uma situação do tipo empregada-e-patroa. Afinal de contas, não lhe posso simplesmente dar um grande abraço e dizer «Pronto, pronto».

Oh, que se lixe o apropriado!

— Pronto, pronto — acalmo-a, dando-lhe um grande abraço de urso. Nunca me tinha apercebido de como ela era minúscula, mas é como abraçar uma criança. — Não se

preocupe, vai ficar tudo bem. E ela agora está num sítio melhor.

Abruptamente, Marsha para de soluçar e olha para cima. Empurra os óculos para a testa e fita-me, chocada. — Estas lágrimas não são pela Irena.

— Não são?

— É claro que não. — Ela franze a testa. Ou, pelo menos, tenta, mas com tantas injeções que já deu no rosto, este mal se move. — A Irena viveu como a realza. Tinha criados, peles, diamantes. — Ela agita as suas soqueiras na minha direção. — Diamantes verdadeiros, não falsos como os meus!

— São falsos? — Agora é a minha vez de ficar chocada.

Marsha dá um soluço e exala um gemido lastimoso. — É tudo falso... os diamantes, os *Gucci*, os *Louis Vuitton*... — Ela lança a sua malinha para longe, como se já não a suportasse ver. — Estou falida, Lucy, falida!

Olho para ela, alarmada. — Mas eu pensei...

Não sei ao certo o que pensei, para ser sincera. É só que com as roupas de marca e o cirurgião plástico e a morada em Upper West Side, presumi...

— As aparências podem ser enganadoras, Lucy — continua ela. — Era o que a minha tia Irena costumava dizer. — Abana a cabeça. — O banco, são uns ladrões, querem tirar-me tudo, o meu apartamento, a galeria...

— *A galeria?* — Sinto um clarão de pânico.

— Eu sou terrível com dinheiro. Peço emprestado isto por aquilo e aquilo por isto. — Ela encurva os ombros enquanto agita as mãos em volta.

Fito-a, um pavor gelado e submergente inundando-me. O meu primeiro pensamento vai para Marsha. Que horrível pensar que se pode perder a casa, na idade dela. Mas estaria a mentir se dissesse que não estava preocupada com o que significaria para mim, se ela perdesse a galeria também. Então é a própria galeria?

— Isto não pode fechar. Não pode! — clamo, antes que me possa impedir.

Marsha ergue-se subitamente a toda a sua altura e, procurando a minha mão, segura-a no alto como se fôssemos duas manifestantes. — Vamos dar o nosso melhor, Lucy — denuncia ela, num grito de guerra. — O nosso melhor. Não nos vamos deixar vencer. Não recearemos.

— Hum... é isso mesmo — proponho eu.

— Ainda não está tudo perdido. Há um novo artista em ascensão. Vive em Vineyard, mas acho que se nos encontrarmos com ele, conseguiremos mostrar o seu trabalho. Ele é incrível. Simplesmente incrível! Ele irá salvar-nos! — Animada, ela bate com os dedos nos lábios.

Vendo-a recuperar o entusiasmo, a sua paixão, sinto uma onda de simpatia e de alívio.

— Parece-me bem. — Sorrio. Talvez ela esteja certa. Talvez fique tudo bem.

— Oh, vai salvar, vai salvar! — Os olhos cintilando, ela levanta-se, desempoeira o seu vestidinho justo, alisa o cabelo e inspira fundo. — Pronto, chega de lágrimas. A Irena matava-me. Diria «Marsha, o que estás a fazer, a armar-te em bebé grande?». Ela era a

irmã gêmea da minha mãe, mas era como uma mãe para mim.

Sorrindo, vou para virar costas quando um pensamento me atinge. — Disse que Irena tinha 96 anos?

— Quase 97 — diz Marsha, com orgulho.

Faço uma pausa, fazendo as contas. — E você nasceu em 1965 — digo, relembrando-me do código do alarme. — Então, isso quer dizer... —Franzo a testa. Não pode estar certo. Devo ter percebido mal. — A sua mãe tinha 51 anos quando a teve?

Marsha enrubesce. — Hum... sim, pois é! — Aclarando a garganta, ela finge ficar tão surpreendida quanto eu. — Os médicos ficaram espantados! Fui um bebê milagre!

A caminho de casa mais tarde nessa noite, não consigo parar de pensar em Marsha. Apesar do seu grito de guerra e alegre otimismo de que a galeria será salva e que tudo será maravilhoso, estou preocupada.

Talvez seja a Manchester em mim. O pessimismo nortenho instilado em mim enquanto criança, de que quando as coisas podem correr mal, correrão terrivelmente mal. Talvez seja a chamada que atendi do Departamento de Água e Energia, reclamando um pagamento há muito devido e que tínhamos vinte e um dias para liquidar a conta ou o serviço seria cortado. Ou talvez seja porque algumas vezes, durante o dia, dera com Marsha, quando ela pensava que eu não estava a ver e apesar do seu *blush* opressivo, com ar pálido e assustado.

Pelo caminho, paro para ir buscar roupa. Depois da minha intensiva limpeza do fim de semana, enchi um grande saco do lixo com roupas amarrotadas e, juntamente com algumas peças da Robyn, arrastei tudo para o meu Fluff and Fold local. Adoro os Fluff and Fold. São a versão nova-iorquina das nossas lavandarias automáticas britânicas, mas são muito mais. É um pouco como comparar um *Aston Martin* com um *Fiat Panda*: ambos servem a função, mas um fá-lo com um serviço de lavagem super-requintado de cinco estrelas, que inclui amaciar, dobrar, passar a ferro e dar-lhe uma deliciosa fragrância de acabado de lavar.

O que é bastante extraordinário, tendo em conta que há um restaurante mesmo ao lado, reflito, onde faço um pedido para levar para mim e para a Robyn.

— Chegou a comida! — brado eu, entrando no apartamento. Batendo a porta atrás de mim, sou atingida por um aroma doce e penetrante. Que cheiro é esse? Seguindo o meu nariz, vagueio até à cozinha, que encontro banhada à luz das velas, com a Robyn sentada à mesa, debruçada sobre um grande livro de capa dura, do tamanho de uma lista telefónica. Na sua mão direita, está um raminho de salsa a arder, que ela agita sobre a cabeça.

E pensar que costumava chegar à casa encontrando quem a compartilhava comigo a assistir ao *Coronation Street*.

Ouvindo-me, ela levanta subitamente os olhos, esbugalhados, com o cabelo num completo desalinho.

— Encontrei um feitiço!

Algumas semanas atrás e teria entornado o meu *chow mein* de legumes por todo o linóleo da cozinha, com o choque de tal afirmação, mas agora estou rapidamente a começar a habituar-me à Robyn e aos seus modos excêntricos. Dito isso, um quadro de visualização é uma coisa, mas isto?

— *Um feitiço?* — repito eu, à falta do que mais dizer.

Bem, era isso ou «Oh, qual?» e *ainda* não estou oficialmente louca.

— Sim! Aqui! — diz ela triunfantemente, levantando o livro, que tem uma capa em veludo vermelho-escuro e as palavras «Feitiços e Encantos» gravadas na frente em letras

douradas. — Pedi-o emprestado ao meu amigo Wicker, que faz parte do círculo de tambores onde costume ir — continua ela, excitada. — Bem, eu tinha de fazer alguma coisa. Sei que a tua irmã pensa que a Estratégia vai resultar, mas receio que não seja assim tão simples quando se trata do poder do universo.

Largando a roupa lavada de lado, arranjo um espaço na mesa para o *takeaway* e começo a tirar para fora as pequenas caixas de comida vermelhas e brancas.

— Então, estive a pensar, eu não quero discordar da Kate — diz ela, discordando —, mas quando se trata de forças que não compreendemos, é preciso mais do que um documento. — Ela enruga o nariz, fungando. — Agora não estamos a falar de leis; estamos a falar de lendas!

Há uma pausa e apercebo-me de que é a minha oportunidade de dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Só que, para dizer a verdade, não faço a mínima ideia do que dizer.

— Chama-se o «Feitiço da Boa Libertação» e serve para nos livrarmos de um pretendente indesejado. — Ela fita-me, os olhos cintilantes. — Consegues acreditar?

— Não, não consigo acreditar — digo, reencontrando a voz. — Porque é *completamente absurdo*! — Sacudo um guardanapo. — A sério, Robyn, *feitiços mágicos*? Mas o que é isto, o Harry Potter? É loucura!

A Robyn ergue as sobrancelhas. — Parece-me que é um pouco tarde para isso, não? — diz ela com uma certa irritação.

Abro a boca para retorquir, depois silencio-me. Ela tem razão.

— Então, queres ouvir o feitiço ou não? — prossegue ela, de mau humor.

Suspiro, resignada. — Continua.

— OK, bem, este é um feitiço de eliminação e os feitiços de eliminação são feitiços rituais intrincados e poderosos, destinados a quebrar ou anular feitiços ou maldições.

— Como a lenda — aponto eu. Bem, não sejamos desdenhosas. Eu é que ando por aí com um documento de quatro páginas e vinte e cinco pontos no bolso, porque beijei a minha alma gémea por baixo de uma ponte e agora não me consigo livrar dela.

— Exatamente — diz Robyn. — Também podem afastar pessoas de ti. — Ela dá uma pancada na mesa. — Perfeito! Um duplo golpe!

— Perfeito — assinto, entrando no jogo. — Temos algum molho de soja?

Afinal de contas, se as lendas se podem tornar realidade, talvez *exista* alguma coisa nessa cena dos feitiços mágicos.

— No armário, à direita, prateleira do meio — instrui ela, voltando ao seu livro. — Diz aqui que todos os rituais de eliminação devem ser realizados à noite, usando ingredientes mágicos especiais...

— A propósito de ingredientes, trouxe-te um *chow mein* de legumes e rolinhos chineses. OK?

— Mmm, perfeito — assente.

Puxo um banco e sento-me ao lado dela.

— Enquanto a magia de velas é uma magia forte, contudo branda, os feitiços de

eliminação e de união têm um impacto mais rápido e poderoso. — Mergulhando o seu rolinho em molho picante, ela arroja-o como uma lança contra um Nate imaginário. — Um impacto poderoso, *dá-lhe miúda!*

Partículas de molho picante voam por todo o lado e eu passo-lhe um guardanapo de papel.

— Então, tens de fazer o seguinte... — Dando uma dentada, ela mastiga furiosamente, depois aclara a garganta. — «Num pedaço de pergaminho ou papel reciclado, escrever o nome e data de nascimento da pessoa que se deseja “afastar”. Usar tinta preta para o efeito. É preferível usar uma antiga caneta de aparo e tinta, em vez de uma moderna esferográfica.» — Ela interrompe-se. — Raios, não tenho nenhuma. Tu tens?

— Hum... sim, acho que tenho. — Anuo com a cabeça, mastigando uma garfada de *chow mein*. — De quando fazia muitos esboços a caneta de aparo.

— Ótimo. — Acena, afirmativamente, depois faz uma pausa. — Fizeste desenhos a caneta de aparo? — Ela parece intrigada. — Uau! Posso vê-los?

— Oh, foi há séculos. — Eu encolho os ombros. — Nem sei bem onde estão.

— Ah! — Ela estuda-me intensamente por um momento, como quem vai dizer algo, depois parece pensar melhor e volta ao livro de feitiços.

— Ora bem, onde é que eu estava...? Oh, sim... «Deixar a tinta secar; não a borrar. Depois, enrolar uma peça de roupa dele em volta de um osso de presunto.»

Paro de comer e faço um esgar. — Ugh! Que nojo!

— Oh, isso é fácil. Tenho no congelador — diz ela, com naturalidade.

Olho para ela atónita. — Pensei que eras vegetariana.

— É para os cães — explica, levantando-se e abrindo a porta do congelador. Surge uma pequena nuvem de gelo seco e, vasculhando em volta, ela puxa para fora um grande osso gelado, envolvido em plástico. A *Jenny* e o *Simon* começam a latir freneticamente, pensando que vão receber um tratamento especial, mas ela enxota-os com um «Não é para vocês. É para a Lucy, para se livrar do amor da sua vida».

Eles ladram e começam a salivar. Memórias de histórias de pessoas encontradas em apartamentos meio devoradas pelos seus pastores alemães saltam-me à mente. Tomo uma nota mental para manter a porta do meu quarto firmemente fechada, esta noite.

— «Colocar o osso de presunto num saco de plástico com duas penas pretas, de corvo ou gralha de preferência, adicionar uma pitada de uma ou duas das ervas mágicas — folhas de freixo, trevo, ligústica, lilás, alho —, depois pegar no papel com o nome dele, dobrá-lo três vezes e colocá-lo também lá dentro. Então, atar hermeticamente o saco com fio vermelho.» — Ela olha para mim e franze a testa. — Estás a fazer uma lista de todos esses ingredientes? — interroga, incomodada.

— Hum... — Tendo estado totalmente absorta em devorar o mais delicioso dos rolinhos chineses; agarro timidamente em papel e caneta.

— «A seguir, levar o pacote para um pedaço de terra no exterior, desatá-lo e retirar o

pedaço de papel. Acender uma vela branca e queimar o pedaço de papel na sua chama, ao mesmo tempo que se pensa no nome da pessoa a afastar-se e se diz... — Ela faz uma pausa e coloca a voz num tom grave. — «Ventos do Norte, Este, Sul e Oeste, carreguem estas afeições para longe daquela peste. Que dele se abra e liberte o coração e que a mente dele se afaste de mim até mais não.»

— E já está? — Escrevinhando furiosamente, levanto o olhar.

— Não, depois tens de enterrar o osso de presunto.

— Céus, é um bocado complicado, não? — gemo eu. — Talvez a ordem de restrição tivesse sido mais fácil.

— Oh, e tens de fazer isso exatamente às 10h da noite.

— Porquê às 10h da noite?

— Porque é o que diz o feitiço — responde ela, com naturalidade. Recolhendo uma garfada de *chow mein* com os seus pauzinhos, ela mastiga, pensativa. — Há mais uma coisa.

Lanço-lhe um olhar estrangulado.

— Este feitiço deve ser feito durante a Lua em quarto minguante.

Há uma pausa, enquanto ambas espreitamos para fora da janela aberta. Grande parte do que conseguimos ver é a parede de tijolo com os *graffiti*, mas há uma pequeníssima fenda. Por ela, uma lua em forma de crescente reflete-nos o seu brilho.

— Está minguante! — exclama Robyn, excitada.

O pânico ataca. Subitamente, tenho a terrível sensação de que vou realmente levar aquilo em diante.

— Já terminaste? — Mudando de assunto, apresto-me a deitar fora as embalagens de cartão e pauzinhos.

A Robyn fita-me. — Amanhã à noite — diz ela, num tom decidido.

— O que é que tem amanhã à noite? — digo eu, tentando fazer-me de parva.

— É quando tens de fazer o feitiço! — exala ela, como se fosse perfeitamente óbvio que é o que eu devo fazer numa terça à noite, em Manhattan.

Olho-a por um momento e, de repente, é como se a sanidade entrasse a voar pela janela e me desse um soco na cara. — Não o vou fazer amanhã à noite! Nem na noite a seguir! Nem em noite nenhuma! — berro eu, abanando a cabeça como que para a fazer recuperar o sentido. — Não vou fazer nada desse disparate de feitiçaria.

— Não é disparate — diz Robyn, parecendo ofendida.

— Não interessa — arquejo eu, depois inspiro fundo. — Não o vou fazer.

— Mas se não te livrares do Nate, nunca vais criar espaço na tua taça do amor para mais ninguém — procura ela argumentar.

— A minha taça do amor?

— É como o descrevem no livro que estou a ler — diz ela na defensiva, as suas faces tornando-se rosadas. — Tem de ficar vazia, antes de voltar a ser preenchida por outra pessoa. Como, por exemplo, o Adam.

Ela ergue as sobrancelhas e, agora, sou eu que sinto as *minhas* faces tornarem-se rosadas. contei-lhe tudo sobre o Adam à hora de almoço. Bem, foi mais o caso de eu lhe mostrar a nossa troca de mensagens e ela, sendo a amiga leal que é, analisar devidamente cada palavra, até chegar à conclusão «Ele gosta de ti». O que não foi nada de muito revelador, mas mesmo assim.

— Ouve, acho que temos de nos controlar aqui — digo eu, procurando manter a calma. — Eu chamo-me Lucy. Sou de Manchester. Uso cuecas da Marks and Spencers. E não *faço* feitiços.

— É só um feitiçozinho de nada — tenta convencer-me Robyn.

— Queimar ossos, acender velas e recitar cenas? — Pisando o pedal do caixote com o meu pé, deito os cartões na reciclagem. — Não, não vou fazer isso.

As faces de Robyn ruborizam e ela cai em silêncio. Por instantes, nenhuma de nós fala.

— Fui buscar a nossa roupa lavada — acabo por dizer, para quebrar o clima incómodo.

— Obrigada — diz ela, em voz baixa.

E voltamos ao silêncio incómodo enquanto desaperto o saco de plástico contendo a roupa lavada, que começo a tirar para fora.

— Lucy, acho verdadeiramente que devias reconsiderar — diz ela, passado um momento. — Não rejeites aquilo que não compreendes.

— Não foi o que disseste quando estavas a tentar tratar dos teus impostos — saliento eu, empilhando a roupa sobre a mesa. Engraçado, não me lembro de termos toalhas brancas com monograma.

— Isso é diferente — replica ela.

— Não interessa. — Abano a cabeça. — Eu não vou sair pela calada da noite para enterrar um osso e recitar uma rima ridícula, para me livrar do meu ex-namorado.

Hmm, também não estou verdadeiramente a reconhecer estas *t-shirts*. Caramba, são um bocado grandes. Levanto uma. — Isto é teu?

Robyn abana a cabeça. — Mas tens de combater a magia com magia — argumenta ela.

Eu reviro os olhos. — Certo, Dumbledore.

— Estou a falar a sério!

— Eu sei. — Assinto com a cabeça. — É o que me preocupa.

Espera um minuto, camisas de homem? E calças? Franço a testa.

— Não sou eu que não me consigo separar da minha alma gémea — contrapõe ela, rispidamente.

— Ouve, eu não vou fazer nenhum feitiço mágico — arquejo. — E pronto. Ponto final!

— Pois, eu penso que estás a cometer um grande erro. Há forças maiores do que nós por aí, forças que não compreendemos...

Consigo ouvir a Robyn a falar, mas é como se fosse ruído branco. Um rumor em pano de fundo. Eu desliguei. Não ouço. Em vez disso, fito a minha roupa lavada.

Só que não é a minha roupa.

O espanto mistura-se com a confusão, e mistura-se com a resignação. Solto um sonoro gemido.

— É dele.

— O quê? — Interrompendo o seu discurso, Robyn franze a testa, confusa. — O que é que é dele?

Eu seguro alto uns boxers de bananas e agito-os na direção de Robyn. — Quanto ao tal feitiço...

— Tens velas brancas?

Avançando rapidamente para a noite seguinte, depois do trabalho, e aqui estou eu nos desordenados confins da Loja de Ferragens do Burt com a minha lista de compras. A parte sensata e racional de mim, que troça dos horóscopos e caminha determinada por baixo de escadotes, ainda não consegue acreditar que vou levar isso adiante, mas a outra parte que carregou toda a roupa do Nate de volta para o Fluff and Fold está desesperada.

Brenda, a subgerente da lavandaria, não conseguiu perceber como podia ter acontecido a troca. «Nós temos sucursais por toda a Manhattan, mas não faço ideia de como isto possa ter acontecido», arquejou ela, perplexa. Desculpando-se profusamente, ela atacou o teclado do computador como se este fosse pessoalmente o responsável. «O Sr. Kennedy está registado numa morada a cinquenta quarteirões daqui!»

Na verdade, senti alguma pena de Brenda e, por um instante, estive quase tentada a oferecer-lhe uma explicação. Digo *quase*, mas decidi que uma explicação envolvendo lendas com centenas de anos, pontes italianas e almas gémeas só iria complicar as coisas. Era melhor assumir o papel de cliente insatisfeita, do que o de lunática.

No final, tudo se resolveu. Se eu tinha a roupa dele, então ele devia ter a minha. E, efetivamente, a meio do ataque de Brenda ao computador, uma mensagem do Nate surgiu no meu telemóvel.

Deixa-me adivinhar. Tens a minha roupa.

Escrevo de volta.

Deixa-me adivinhar. Tu tens a minha.

— Aqui está. Mais alguma coisa?

Volto à realidade, vendo o Burt a correr para a frente e para trás por baixo do escadote, agarrando num pacote de velas. Para um homem que parece andar pelos oitenta,

é extraordinariamente ágil.

Volto a percorrer com os olhos a minha lista. A Robyn arranjou o osso de presunto, o alho e todas as ervas de nome exótico. Eu já tinha algum fio. Agora, tenho as velas. Restando...

— Vende penas?

— Penas? — grunhe ele, bruscamente. — Que tipo de penas?

— Pretas, de preferência de gralha ou corvo.

Raspando o queixo hirsuto com as unhas, ele espreita-me desconfiado. — Não leu a placa? Isto é uma loja de ferragens, não de animais.

— Oh, sim, desculpe, é claro — balbucio, apressando-me a pagar e a sair da loja. Que embaraçoso. Pareço uma perfeita doida varrida.

Começo a caminhar de regresso ao apartamento. Pronto, é isso então. Se não conseguir arranjar as penas, não poderei fazer o feitiço. Sentindo uma secreta pontinha de alívio por estar sã, viro a esquina, sendo atingida por uma inesperada rajada de vento quente de verão. Lixo é soprado à minha volta, um saco de plástico é chicoteado e rodopia como uma bailarina e, então, reparo em algo que esvoaça por mim e cai no pavimento à minha frente. Olho para baixo.

Duas penas. Duas penas pretas.

Não sou supersticiosa, mas a isto eu chamo um sinal.

Às nove e trinta, estou toda equipada e pronta para partir. Bem, quase.

— Penas? — pergunta Robyn. Armada de uma lista com tudo o que eu preciso, ela faz uma verificação final para se certificar de que não me falta nada.

Puxo-as para fora da minha mala e abano-as.

— Confere. — Robyn risca-as solenemente da sua lista. Ela está a levar tudo super a sério. É quase como uma operação militar: a Operação Boa Libertação.

— Fio vermelho?

Volto a fazer o mesmo.

— Confere.

— Osso de presunto?

Desenterro-o da minha mochila. Está envolto nos boxers dele. Eu devolvera toda a roupa lavada do Nate, mas ficara com esses. Em parte, porque precisava de uma peça de roupa dele para o feitiço, mas sobretudo porque o Nate não podia usar aqueles boxers. Não comigo. Não com nenhuma rapariga. Eles tinham de desaparecer. Penso nisso como uma reivindicação das mulheres. Como adquirir o direito de voto ou a igualdade de direitos, nenhuma mulher depois de mim terá de sofrer o horror dos inauditos boxers de bananas.

— Maravilha! — Tendo terminado a sua *checklist*, Robyn sorri amplamente. — Bem, boa sorte!

— Obrigada. — Eu sorrio, insegura. Algo me diz que vou precisar.

Quis que a Robyn viesse comigo, mas ela não podia, pois tinha a sua classe de *reiki*

curativo. Além de que ela disse que eu o devia fazer sozinha, senão o feitiço não resultaria. — A magia assim o exige — informara-me ela.

A magia, ao que parecia, exigia muita coisa.

Deixo o apartamento e parto em direção a um pequeno parque, a poucas ruas de distância. Bem, não é sequer um parque, é mais um pequeno triângulo com uns poucos de bancos, alguns canteiros e um pedaço de relva. Durante o dia, está normalmente cheio de pessoas sentadas nos bancos a comer o seu almoço ou estendidas na relva a conversar, a ler o jornal ou simplesmente delicias a absorver uma pequena mancha de natureza entre os arranha-céus de aço, as flores alegres salpicos de cor contra o betão cinza.

Mas agora, à noite, está completamente vazio e mergulhado na escuridão. Não que alguma parte de Manhattan fique verdadeiramente escura, com todas as luzes da cidade. Contudo, é escuro o suficiente, penso eu, com um tremor de apreensão.

Experimento o portão. Está fechado. Vou ter de trepar por cima.

Não pela primeira vez, questiono a minha sanidade, mas como me instruiu a minha irmã, tenho de me focar no quadro maior. «Esquece que é a viagem e não o destino», rugira ela. «Tudo o que importa é o destino! A viagem é irrelevante.»

Um casal passa por mim em passeio e eu baixo-me, fingindo atar os atacadores. É totalmente instintivo. Nem sequer *tenho* atacadores. Estou a usar umas sapatilhas de enfiar. Caramba, tenho claramente queda para isto, reflito, sentindo-me bastante impressionada comigo mesma. Mantenho-me agachada e espero, até que eles avancem mais longe na rua. Então, olhando rapidamente em volta para me certificar de que a costa está livre, trepo pelo portão.

Há um breve momento em que penso que posso ficar empalada e a minha vida sexual passa-me num *flash* pelos olhos, mas depois transponho o portão e desço pelo outro lado. Sinto um clarão de triunfo. Entrei! Agitada dos nervos e da excitação, avanço rapidamente para os canteiros de flores. *OK*, tenho de despachar isto o mais rápido possível e, depois, pirlar-me daqui. Acendendo a vela, seguro-a junto ao pedaço de papel com o nome e data de nascimento do Nate. Imediatamente, pega fogo. Muito mais depressa do que imaginei, com efeito.

Raios, onde está o poema? Quero dizer, encantamento. Raios!

Freneticamente, remexo em volta à procura de outro pedaço de papel — e, por um breve segundo, há o pânico de estar a queimar o pedaço de papel errado, oh, porra —, mas depois encontro-o. Graças a Deus! Inspiro fundo. Céus, estou uma pilha de nervos.

— «Ventos do Norte, Este, Sul e Oeste...» — começo eu, apressadamente. A Robyn disse-me que tinha de fechar os olhos e respirar em cada palavra, mas eu despejo-o o mais rápido que posso. — «... e que a mente dele se afaste de mim até mais não.»

Observo enquanto o pedaço de papel se desintegra em cinzas e é levado para longe pelo ar da noite.

Fantástico. Esta parte já está. Agora, só tenho de enterrar o osso de presunto. Sinto-me relaxar. Vês, não foi assim tão difícil, pois não? Toda aquela preocupação para nada.

Na verdade, esta cena da magia é bastante trigo limpo, reflito, pegando na concha da sopa — não tínhamos uma pá — e cavando um buraco, para o meu enterro.

Bastante literalmente.

Porque nesse momento ecoa uma estridente sirene gemente e sou banhada por uma luz forte. Rodopio, pestanejando perante a claridade.

Mas que...?

E então, retumba uma voz por um megafone: — Fique onde está e ponha as mãos no ar! Polícia de Nova Iorque!

Muito bem, nada de pânico.

Uma assustadora viagem num carro-patrolha com um par de algemas postas mais tarde, e estou sentada numa cadeira de plástico extremamente dura numa esquadra da Ninth Precinct, a ser interrogada por um extraordinariamente severo Agente McCrory.

Pensando melhor, talvez deva entrar em pânico.

— Então, deixe-me ver se entendi bem... — Aclarando a garganta, ele olha para as suas notas. — Você trespassou propriedade pública e ateou um fogo.

— Uma vela — corrijo eu. — Uma vela branca.

É importante ser perfeitamente clara e cingir-me aos factos, digo-me calmamente. De outra forma, poderei ser erradamente julgada por um crime que não cometi. Como roubo. Ou rapto. *Ou mesmo homicídio.*

Sinto um aperto de alarme.

Factos, Lucy. Lembra-te, cinge-te aos factos.

— E qual a razão para isso?

— Precisava de queimar um pedaço de papel e dizer um encantamento.

— *Um encantamento?* — As suas sobranceiras erguem-se como duas gordas lagartas cinzentas e hirsutas, rastejando-lhe pela testa acima.

— Bem, era mais um poema — explico eu. — Céus, como é que era...? — Tento puxar pela cabeça, mas estou tão nervosa que é como se tivesse sido apagado, qual disco de computador, e não contivesse nada. — Hum, algo sobre ventos...

— Segundo estas notas, também foi apanhada a tentar enterrar um animal morto.

— Era um osso de presunto — digo eu, rapidamente. — A minha colega de casa mantém-nos no congelador para o *Simon* e a *Jenny*.

— O Simon e a Jenny?

— Os cães dela. Dois resgatados. Muito giros. Bem, o *Simon* é, mas a *Jenny* tem uma mandíbula inferior terrivelmente saliente. O que não quer dizer que seja feia. Enfim, pode não vencer o *Crufts*, mas...

— Menina Hemmingway, pode cingir-se à questão?

— Oh, sim, peço desculpa, é claro — desculpo-me apressadamente. — Senhor agente.

Raios! Eu vi aqueles programas com polícias. Se não tiver cuidado, o Agente McCrory ainda me atira para uma cela repleta de lunáticos perturbados e prostitutas de nome Roxy, que mastigam pastilhas e parecem duras de roer, mas que no fundo têm bom coração e um filho doente em casa e estão só a tentar sobreviver. Aliás, não, isso não foi no *CSI*; foi num episódio de *Lei & Ordem*.

— E estava a fazer tudo isso para romper com o seu namorado?

Volto rapidamente à realidade. — Ex-namorado — corrijo. — Nós já rompemos.

Franzindo a testa, o Agente McCrory pousa a caneta, reclina-se para trás na cadeira e,

unindo as pontas dos dedos, lança-me um longo e duro olhar.

Porra! Isso não é bom.

— Menina Hemmingway, tem noção de que o Departamento de Polícia de Nova Iorque tem motivos para acreditar que violou a lei em três pontos...

Decididamente, nada bom.

— Invasão de propriedade... fogo posto...

— *Fogo posto?* Mas eu só queimei um pedacinho de papel com o nome do meu ex-namorado escrito... — Calo-me.

Houve alturas na minha vida em que devia definitivamente ter mantido a boca fechada. Como, por exemplo, daquela vez quando tinha 18 anos e me embebedei terrivelmente com sidra *Scrumpy* e disse ao Jamie Robinson, com quem tinha saído três vezes, que estava loucamente apaixonada por ele e queria dar-lhe filhos. É suficiente dizer que não houve quarto encontro.

Depois houve aquela vez em que a mãe me comprou uma camisola amarela em lã *mohair*, só porque a minha cor favorita é o amarelo. O que é verdade, só que o amarelo é a minha cor favorita porque me faz pensar em girassóis e na luz do Sol, não em gordas e farfalhudas camisolas em lã *mohair* que me fazem parecer agoniada.

Mas tudo bem, porque ela me disse que a devolveria se eu não gostasse. Que não ficaria magoada ou ofendida. Então, eu disse-lhe que tinha sido uma ideia simpática, mas se não se importava de a devolver...

A minha mãe irrompeu de imediato em lágrimas.

E agora é uma dessas alturas, reflito, olhando para o Agente McCrory com uma pontada de apreensão. Se eu disser alguma coisa, vou arrepender-me profundamente. Preciso de manter a minha grande boca tão firmemente fechada, que nem um abre-latas a poderia abrir.

— E resistência à autoridade — conclui ele, com gravidade.

— Não, eu não resisti coisa nenhuma! — berro, antes que me possa impedir. — Ouça, sei que pode parecer de outra forma, mas eu estava a trepar o gradeamento para *ir ter consigo* e não a fugir de si.

— Menina Hemmingway — pronuncia ele, com aspereza.

— Agente McCrory. — Sento-me muito direita. Pronto. Ele vai acusar-me.

— Preciso de lhe dizer uma coisa.

— Sei o que vai dizer — deixo escapar. Bem, que se lixe. Agora, é demasiado tarde. Sei que vou dentro.

— Sabe?

Purgo a minha garganta com nervosismo, depois despejo rapidamente. — Tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo o que disser pode e será usado contra si em sede de julgamento. Tem o direito a consultar um advogado e a ter um advogado presente durante os interrogatórios. Se não puder custear um advogado, ser-lhe-á atribuído um advogado oficioso.

Por momentos, há o mais completo silêncio e ele fita-me simplesmente, inexpressivo. Depois, abanando a cabeça, ele solta um assobio baixo. — Cristo! — articula finalmente.

— A minha colega de casa é uma grande fã do *CSI* — explico eu, a minha voz tremendo, receosa. — Conheço a situação.

Visões de mim a ser levada para as celas atravessam-me os olhos. *Flashes* das reações chocadas dos meus pais, a Kate agindo como advogada para me libertar... Agora, consigo ver as manchetes dos jornais:

RAPARIGA BRITÂNICA DETIDA NA AMÉRICA PRISÃO PERPÉTUA POR TENTAR ROMPER COM O TAL

«Ela pensou que tinha encontrado a sua alma gémea», diz a antiga colega de casa Robyn Weisenberg, «mas depois não se conseguia livrar dele. O universo não a deixava. É uma tragédia.»

Ainda assim, suponho que seja uma forma de encerrar a questão com o Nate. Uma pena perpétua.

— E então, tem alguma questão?

Volto à realidade, para encontrar o Agente McCrory a olhar-me, expectante. A minha boca seca. — Posso fazer um telefonema? — balbucio eu. Os meus olhos começam a picar com lágrimas e eu sinto-me ligeiramente atordoada. — Antes de ser... — Mal consigo pronunciar as palavras. — Antes de ser *presa*.

— Presa? — Ele ergue as sobrancelhas. — Menina Hemmingway, não me ouviu? É livre de partir.

Fito-o em choque. — Livre?

— Vou deixá-la ir-se embora só com uma advertência. — Ele acena com a cabeça, embaralhando as suas notas.

Levo um segundo a assimilar e então...

— Oh, meu Deus, obrigada! — exalo, atónita. — Obrigada, obrigada, obrigada! — Assoberbada de gratidão e alívio, salto da minha cadeira e, antes que dê por isso, estou a lançar os braços em volta da sua robusta silhueta de uniforme azul. Surpreendido, o Agente McCrory retesa-se e fica imóvel como uma estátua, os braços estendidos para fora como um espantalho.

— Céus, peço desculpa. Eu só... — Apercebendo-me subitamente de que estou a dar um abraço de urso a um agente da Polícia de Nova Iorque, recuo de um salto. — Peço desculpa. Estou simplesmente muito sensível. — Sinto os meus olhos a começar a picar.

— Eu compreendo. Sei como é difícil romper com alguém — diz ele, baixando a voz. — A minha mulher deixou-me há menos de um ano. — Procurando em cima da sua mesa, ele agarra numa caixa de lenços, que me estende.

— Oh, lamento muito — contraponho, tirando um.

— Partiu com o meu melhor amigo. Mas ela ainda está aqui dentro. — Ele bate no peito com uma palma papuda, os seus olhos brilhantes, e tira ele próprio um lenço. — É como se ela fosse comigo para onde quer que eu vá.

— Conheço o sentimento — digo eu, com ironia.

Fungando, ele assoa ruidosamente o nariz. — Só quero esquecê-la.

— Também eu — assinto, melancólica, pensando em Nate. — Esquecê-lo, quero eu dizer.

O Agente McCrory e eu entreolhamo-nos, solidários. Depois, recompondo-se, enfia o seu lenço no bolso e diz rispidamente: — Há alguém a quem possa ligar para a vir buscar?

— Oh, eu fico bem. Eu apanho um táxi.

— Não a vou deixar sair daqui sozinha; não quero que volte a reincidir. — Ele fita-me, os seus olhos cintilantes.

Penso na Robyn. Seria a minha escolha óbvia, mas ela foi à sua classe de *reiki* esta noite e geralmente acaba tarde. Na semana passada, ela ficou fora até às primeiras horas da manhã para lhe fazerem uma leitura da aura, ao que parece, e não, não penso que fosse um duplo sentido.

Depois, há a Kate. Vejo as horas. É quase meia-noite. Pensando melhor, não, não há nenhuma Kate. Ela já deve estar na cama há horas, com os auriculares nos ouvidos, aos sons das ondas, porque se levanta às cinco todas as manhãs para ir ao ginásio. Ela não aceitaria muito bem ser acordada pela irmã mais nova. Muito menos quando descobrisse que estou numa esquadra de polícia no centro da cidade.

Puxo pela cabeça — Marsha? A Marsha é a patroa mais liberal que já tive, mas há liberal e liberal. Ligar-lhe à meia-noite para lhe dizer que estou numa esquadra e se me podia vir buscar, não seria provavelmente a decisão de carreira mais sensata. O que me deixa... percorro a lista de contactos no meu telefone.

Adam.

O seu número salta-me aos olhos. Introduzi-o no meu telefone depois de ele me enviar pelo Facebook. Fito-o por uns momentos, considerando a ideia, remoendo-a na minha cabeça.

Bem, ele disse-me para lhe ligar.

— Lucy! Estás bem?

Vinte minutos mais tarde, levanto os olhos do pavimento arranhado da esquadra de polícia, para ver as portas corta-fogo abrirem-se e o Adam aparecer por elas. Como um cavaleiro de armadura reluzente. Não consigo evitar pensar, só que em vez disso ele enverga uma *t-shirt* desalinhada, boné de basebol e *jeans* rasgados. Ele olha-me, o seu rosto marcado de preocupação, e o meu coração enche-se de felicidade. Nunca fiquei tão contente por ver alguém, em toda a minha vida.

— Sim... tudo bem. — Salto da minha cadeira de plástico para o cumprimentar, depois contenho-me, sentindo-me subitamente constrangida. — Está tudo bem.

— Costumas andar pelas esquadras de polícia só por diversão, é isso? — diz ele, os cantos da boca torcendo-se de zombaria.

As minhas faces ruborizam. — Bem, não havia nada no cinema — gracejo debilmente.

Ele ri-se, com um riso fácil, descontraído, e, inclinando a cabeça para um dos lados, estuda-me por baixo da pala do seu boné. — Tens a certeza de que estás bem? — pergunta suavemente. Procurando a minha mão, ele aperta-ma delicadamente.

Quando os seus dedos roçam os meus, um arrepio percorre-me a espinha. — Claro que sim. — Eu anuo, mas quando pronuncio essas palavras, sinto os meus lábios tremer inesperadamente. — Está tudo fixe — consigo articular e, depois, para o meu mais absoluto embaraço, irrompo em lágrimas.

O Adam acompanha-me de volta ao meu apartamento, onde descubro a Robyn e os cães a dormir profundamente no sofá, ressonando alto, a televisão a ecoar vagamente em fundo. Passando em pontas dos pés, para não acordar o *Simon* nem a *Jenny* — nada pode acordar a Robyn, aprendi, que não cai no sono, mas mais *num coma* —, agarro em meia garrafa de vinho aberta no frigorífico e em dois copos e vou para o meu quarto. Está uma noite quente e abafada e, abrindo a frágil e velha janela de guilhotina, trepamos para fora para a escada de incêndio.

— Lamento muito ter irrompido em lágrimas daquela maneira — digo eu, pela milionésima vez, enquanto me empoleiro num degrau de metal e sirvo dois copos de vinho. — Sinto-me tão envergonhada.

— Ei, não tem problema. — Ele encolhe os ombros, sentando-se um degrau mais acima. Tirando para fora o tabaco, agita-o na minha direção como que a dizer *Importante?* e eu abano a cabeça. — Costumo ter esse efeito nas mulheres.

Rindo-me, lanço-lhe um sorriso agradecido e passo-lhe um copo.

— Então, escapaste de boa, ao que parece — continua ele, lambendo a mortalha. — Tentando salvar aquele gato e ficando ali presa...

— Hum... sim, pois é — assinto, cruzando os dedos atrás das costas. — Felizmente a Polícia encontrou-me.

Em minha defesa, não fui eu quem inventou aquela história, foi o Agente McCrory. Ao receber o Adam, ele chamou-o de parte para lhe «explicar a situação». Foi só depois, quando estávamos de saída, com instruções estritas a Adam para «cuidar daquela jovem», que ele me piscou o olho sobre o ombro deste e percebi que estivera a tramar alguma coisa. E não tinha que ver com o cumprimento da lei.

— Obrigada por me ires buscar — eu sorrio timidamente — e por seres tão compreensivo em relação a tudo.

— O prazer foi todo meu. — Sorri. — Estou habituado a salvar donzelas em perigo.

— Estás? — Estudo-o na escuridão, o brilho suave e cintilante das luzes decorativas do meu quarto desenhando padrões no seu rosto e, por um breve instante, sinto um agitar de incerteza. *Donzelas?* Que donzelas? Quem são as donzelas?

— Oh, sim. — Ele anui, a expressão séria. — É um pequeno biscate que tenho. Quando não ando a penetrar em eventos de galerias. — Ele fita-me, a boca torcendo-se de diversão, e eu ataco-lhe o braço de brincadeira. — Ei, ainda tenho a marca no outro braço, de onde me acertaste da última vez — geme ele.

— Bem, agora ficam a condizer. — Eu sorrio, arrependida.

— É essa a minha paga por sair a correr a meio de um filme?

Olho-o, atónita. — Saíste de um filme a meio? Por minha causa?

— Uma exibição tardia de *O Padrinho*, no Pioneer Theater. — Ele acena com a cabeça, depois, vendo a minha expressão, acrescenta rapidamente: — Não te preocupes, já

o vi centenas de vezes, por isso, sei como acaba.

Ao escutá-lo, rio-me, sentindo uma onda de divertimento e de afeição.

E de mais alguma coisa.

Do nada, gosto repentinamente dele. Do tipo, gostar verdadeiramente.

— Não, esta é a tua recompensa. — Num impulso, inclino-me para diante e beijo-o na face. A sua pele é suave sob os meus lábios e emana um leve aroma a fumo de cigarro... Depois, dando-me conta de que me demorei um milésimo de segundo a mais, recuo, corando.

Que embaraço. Porque não simplesmente agarrá-lo e beijá-lo apaixonadamente, Lucy, porque não?

— Bem, não é grande recompensa — acrescento constrangida, tentando fazer daquilo uma brincadeira. A sério, não podia ser mais desastrada a namoriscar. Eu não estou a investir sobre ele, estou só a fazer piadas desajeitadas e sem graça.

Os seus olhos deslizam sobre o meu rosto e, por um instante, penso que vai dizer alguma coisa, fazer alguma coisa. Depois parece pensar melhor. — Aceito cheques e dinheiro — graceja ele.

— Acho que não tenho recursos para tanto — gracejo de volta.

— Oh, acho que podemos chegar a algum tipo de acordo — replica ele, fixando o meu olhar por um momento.

O meu coração aperta-se. Ele está a namoriscar comigo, certo? Isto é definitivamente um *flirt*. E, porém, toda a minha confiança desertou e não me sinto segura. Ele pode estar só a ser simpático, raciocino. Quero dizer, tanto quanto sei, o seu convite para «nos juntarmos e irmos ver um filme» podia ser simplesmente o retribuir de um favor, depois de eu lhe ter feito uma visita guiada ao MoMA. Podia ser uma coisa puramente platónica.

Quando o pensamento me assalta, um outro o segue. O que significa que ele não está de todo interessado em mim. Seguido de um outro: interpretei tudo mal. E outro: ele estava só a ser cavalheiro, ao ir resgatar-me à esquadra... À medida que os pensamentos ganham força, a esperança começa a desfazer-se como os nós: na verdade, provavelmente ele nem está solteiro... Provavelmente tem uma namorada... Aposto que é a morena da galeria.

— E então, estás sozinho? — Subitamente, tenho a desconcertante sensação de ouvir uma voz exalar, perguntando-me a quem pertence, percebendo depois com horror que é a minha.

A meio de um gole de vinho, Adam faz uma pausa.

Que vergonha. *Que vergonha*.

— Quero dizer... do tipo... se... — Remexo desesperadamente pelo meu cérebro à procura de algo que não me faça parecer como... como... Oh, isto é horrível. Nem consigo pensar na palavra.

— Do tipo, se tenho namorada? — diz Adam, sem expressar emoção.

Paro de remexer e olho-o, resignada. — Sim, foi o que quis dizer. — Preparo-me.

OK, então ele tem namorada e é a morena bonitinha e eles estão muito felizes juntos, mas tudo bem... podemos ser amigos. Amigos platônicos. Como em *Um Amor Inevitável*.

Na verdade, não, eles acabaram por dormir juntos. Oh, bolas.

— Não, não tenho namorada — responde ele. — Tive, mas acabámos há algum tempo.

— A sério? — Soo feliz e aliviada. — Quero dizer, isso é duro. Romper é duro — acrescento eu, tentando parecer adequadamente desalentada.

Embora não tão duro como *não conseguir* romper, penso fugazmente, esfregando o pulso, ainda um pouco dorido das algemas.

— Nem por isso. Ela traiu-me. — Ele encolhe os ombros.

Fico chocada. Não consigo imaginar alguém a querer trair o Adam. — Céus, isso é horrível.

— Sim, descobrir não foi divertido, mas uma vez tendo descoberto, acabou muito rapidamente. — Ele dá uma passa no seu cigarro enrolado. — Fumas?

Hesito. — Só em ocasiões especiais.

— Achas que tirar alguém da prisão é uma ocasião especial?

— Talvez. — Eu anuo, alinhando quando ele me passa o cigarro enrolado. Inalo. Faz a minha cabeça rodar levemente, mas de uma forma boa. Consigo sentir-me gradualmente relaxar, depois da loucura dessa noite, e, por alguns instantes, nenhum de nós fala, ficamos simplesmente sentados juntos a sorver o vinho e a escutar os sons de Manhattan, que ecoam como uma banda sonora em fundo.

— Suponho que seja um pouco diferente da maioria dos primeiros encontros — diz ele, finalmente.

— Hum... sim, suponho que seja. — Aceno com a cabeça, tentando manter a minha voz regular, mas o meu cérebro dispara. *Estamos num primeiro encontro?* Então, ele não estava só a ser amável. Sinto um agitar de deleite, rapidamente seguido de uma súbita tensão. O casual bebericar de um vinho na escada de incêndio e partilhar de um cigarro ganhou cariz oficial. Se este era um primeiro encontro, não devia ter feito um esforço, lavado o meu cabelo, ter posto pelo menos um pouco de rímel? Não devia estar a fazer observações sedutoras e a agitar o meu cabelo acabado de lavar e a procurar ser interessante e deslumbrante?

A sério, sou mesmo um zero à esquerda. Porque é que ninguém me *avisou* de que este era suposto ser um primeiro encontro? Em vez disso, quase fui presa, irrompi em lágrimas, não tenho nem um pinga de maquilhagem, o meu cabelo está preso com um elástico de tecido e acabei de me fazer a ele.

E, contudo... Olho para Adam, sentado à minha frente na escada de incêndio, e os meus nervos desaparecem na escuridão, tão pronto como surgiram. E, contudo, nada disso parece importar.

Bem, talvez o elástico do cabelo, decido eu, tirando-o apressadamente. Tento sacudir sub-repticiamente o cabelo quando reparo que o vinho acabou.

— Oh, já foi todo — digo, levantando-me rapidamente. É uma boa desculpa para ir a correr lá dentro e dar uma espreitadela ao espelho, percebo. — Vou buscar outra garrafa.

Na verdade, não sei se temos outra garrafa, mas estou certa de conseguir desencantar umas cervejas algures.

— Eu posso fazer isso. — O Adam faz menção de se levantar, mas eu empurro-o para baixo.

— Não, não, tudo bem — digo com urgência. — Eu quero ir buscar.

— Oh, *OK*. — Ele volta a sentar-se, parecendo ligeiramente confuso. Nunca ninguém pareceu tão empenhado em ir à cozinha buscar uma garrafa de vinho, como uma rapariga que percebeu de repente estar num primeiro encontro e que precisa de pôr um pouco de base e brilho nos lábios. Rápido.

Deixando-o na escada de incêndio, trepo de volta pela janela e apresso-me para a cozinha. Não há vinho. Não há sequer cerveja. Há, no entanto, a nossa garrafa de tequila de emergência, minha e da Robyn. Olho-a por um momento, pesando como isso poderia ser entendido, depois agarro-a de qualquer forma, a par de dois copos de *shot*, e faço um breve desvio pela casa de banho.

Alguns minutos, um pouco de base, uma passagem de brilho de lábios sabor de framboesa e um apressado amassar de produtos de cabelo mais tarde, volto a entrar no quarto para me juntar ao Adam na escada de incêndio. Só que ele já não está lá. Em vez disso, está sentado de pernas cruzadas no chão do meu quarto, de costas para mim, a ver alguma coisa.

— Quem fez isto? — pergunta, ao ouvir-me voltar a entrar.

Olho por cima do seu ombro para ver do que ele fala. — Oh, é um dos meus antigos cadernos de esboços — apercebo-me. Estendo a garrafa de tequila. — Receio que só nos reste isto.

Ele ignora-me. — São teus? Fizeste isto? — Ele folheia as páginas. Detendo-se numa, levanta-a na minha direção. — Tu desenhaste isto?

— Hum... sim. — Encolho os ombros, distraidamente, pouso os copos no toucador e desenrosco a tampa da tequila. Começo a servir. — Há muito tempo.

— Quem é?

Paro o que estou a fazer e olho para o esboço. É um desenho a caneta de aparo de uma velha senhora, o rosto voltado para a luz, o corpo na sombra. — Não sei quem ela era. Vi-a sentada num banco de jardim, um dia. — A minha mente recua. — Ela estava a ler um livro — lembro-me de que o tinha aberto no colo —, mas tinha os olhos fechados e o rosto voltado para o Sol, como se estivesse perdida no seu próprio mundo.

— É espantoso, Lucy. — A voz de Adam é sussurrada. — São todos espantosos.

Sorrio com embaraço. — Ora, não sejas tolo, são só desenhos. — Estendo-lhe um copo de *shot* e ele aceita-o, sem dizer nada.

— A sério, Lucy. — Ele encara-me, os olhos largos. — São incríveis. És verdadeiramente talentosa.

Sinto-me enrubescer com os elogios. Bebendo um trago de tequila, ajoelho-me a seu lado.

— Aqueles são todos cadernos de esboços teus? — Ele aponta para uma pilha de livros enfiados na minha desordenada estante. Apesar da minha tentativa de limpeza, continua atafalhada de coisas.

Assinto com a cabeça. — As minhas telas ficaram em Inglaterra.

— Telas?

— As minhas pinturas — explico. — Não as podia trazer comigo. Mantenho-as em casa dos meus pais, na garagem.

— Manténs as tuas pinturas escondidas? — Ele olha-me, incrédulo. — Devias tê-las expostas para que todos as possam ver.

— Nem sequer as viste — observo eu, divertida com o seu entusiasmo. — Podes não gostar.

— Não tens fotos?

— Hum... acho que tenho umas polaroides algures.

— Onde? Quero ver!

Sei que ele não vai descansar enquanto não as vir, pelo que, virando-me para as minhas prateleiras, vasculho em volta por algum tempo até encontrar uma velha caixa de sapatos. — Aqui tens. — Passo-lha. — As cores devem estar um pouco esbatidas, pois já foi há alguns anos.

Observo enquanto Adam abre a caixa. Está cheia até à borda de um emaranhado de fotos. Era outra coisa que eu devia arrumar, digo para mim mesma, quando ele começa a remexer-lhes. Preciso de ser mais organizada...

— Uau!

Volto à realidade, deparando-me com o Adam a olhar para mim. Mas ele não olha para mim como o faz normalmente; olha como se eu tivesse um homenzinho verde de outro planeta sentado na minha cabeça.

— Eu não fazia ideia — diz ele, agora, os olhos arregalados de assombro.

Que eu sou uma completa desleixada e que este quarto arrumado é meramente uma situação temporária? Que sou viciada em *tuna melts* e que as minhas coxas são a prova disso? Que o meu nome do meio é *Edna*?

— Tu és uma artista fabulosa, Lucy. Tens imenso talento. As cores, as formas... — Ele agita indiscriminadamente polaroides. — Quero dizer, esta é incrível. — Agarra noutra. — E então esta. Os rostos...

Observo-o, sentindo-me embaraçada com aquela manifestação de entusiasmo e, contudo... e, contudo, sinto outra coisa, também. Uma velha excitação. Uma possibilidade. *Um sonho*.

— Achas mesmo? — A minha voz quase um sussurro.

Ele para de percorrer as polaroides e fita-me. — Sim, acho mesmo — diz ele, numa voz suave. Procurando a minha mão, puxa-me para mais perto, os seus olhos nunca

largando os meus. — Acho mesmo.

Ele inclina-se para mim — ou sou eu que me inclino para ele? Não me consigo lembrar. Tudo o que sinto são os seus lábios a tocar os meus, o meu coração a disparar loucamente no peito, quando nos começamos a beijar.

Fecho os olhos. Toda a noite o desejei fazer. Chego-me mais perto.

Abruptamente, ele recua.

— Lucy.

Solto um pequeno gemido de desalento e tento voltar a puxá-lo para mim.

— O que é aquilo?

Relutantemente, abro os olhos. O meu coração continua disparado e ainda sinto o gosto dele nos meus lábios. — O quê? — murmuro com a voz densa.

— Aquilo — diz ele, desta vez mais firme.

Viro a cabeça para ver para onde ele está a olhar, ligeiramente estonteada de desejo, perguntando-me o que será, certamente não mais esboços...

Oh. Meu. Deus.

Subitamente, vejo-os. A minha mochila caiu da cama, espalhando todo o seu conteúdo, e ali, em cima do tapete, a rir-se de mim, a provocar-me, a arruinar a minha noite, estão...

— Os boxers. — Eu arquejo, o meu rosto contorcido num esgar de horror.

— Há alguma coisa que não me estejas a contar? — Adam lança-me um olhar. A sua habitual expressão tranquila desapareceu e o rosto mostra-se severo.

— Não — digo apressadamente. — Quero dizer, sim, mas bem, não. — Perturbada, a minha mente está a mil. Não lhe posso contar a verdade sobre esta noite, sobre feitiços mágicos e almas gémeas e ossos de presunto envoltos em boxers. Ele vai pensar que estive aos beijos com uma louca. — Houve uma confusão. Eu fiquei com a roupa lavada de outra pessoa — despejo. Bem, essa é a verdade.

Uma parte minúscula dela.

— OK... — diz ele lentamente, parecendo aceitar a explicação, antes de perguntar: — Então, onde está o resto?

— Hum... devolvi.

— Mas ficaste com os boxers? — Ele ergue as sobrancelhas.

Raios. Ele não acredita em mim. Ele pensa que ando a dormir com alguém. *E podes censurá-lo, Lucy?*, entoia uma pequenina voz. *Tens os boxers de outro homem no chão do teu quarto.* Estremeço por dentro. Isto não está com bom aspeto. Subitamente, recordo a sua história da ex-namorada que o traiu. Raios, não está de todo com bom aspeto.

— Não é o que pensas — digo com urgência.

— Como sabes o que estou a pensar? — riposta ele de volta.

— Não sei... presumo. — Suspirando fundo, levanto os olhos, encontrando os dele. Não há como tentar explicar. Não posso. — Ouve, eu sei que soa um bocado estranho, e sei o que parece, mas tens de confiar em mim aqui.

Há uma longa pausa e ele fita-me pelo que me parece uma eternidade. Depois, lentamente, levanta-se. Sinto um aperto no peito. Pronto, é isso. Ele não acredita em mim. Sinto um pesado baque de consternação.

— *OK* — diz ele, passado um bocado. — Vou confiar em ti.

— Sim? — O alívio invade-me. Por um momento, pensei que tínhamos terminado ainda antes de começar.

— Só uma pequena coisa...

Olho para ele, sentindo uma pontinha de apreensão.

— Porque estão cobertos de bananas?

Quando a sua boca se torce para cima num sorriso, eu solto uma gargalhada. — É curioso perguntares isso. Já me perguntei o mesmo...

Na manhã seguinte, chego ao trabalho e é-me dito que vou voar até Martha's Vineyard para me encontrar com o novo artista de quem a Marsha tem dito maravilhas.

— O quê? *Hoje*? — A meio de um gole do meu *latte*, paraliso e fito Marsha, desconcertada.

— Não há tempo a perder — sopra ela, arrancando um pedacinho de *bagel* e dando-o a comer a *Valentino*. — Temos de o agarrar, antes que alguém o faça.

— Então e os voos, um lugar onde ficar...? — Começo a lançar obstáculos como um atirador de facas.

— Tudo tratado. — Ela desvia-se deles, entregando-me um grande envelope de papel pardo. — Uma amiga do *health club* tratou-me disso. A filha dela trabalha numa agência de viagens. Ela devia-me um favor; eu arranjei-lhe marido. E, acredita, *não foi fácil*. — Marsha estala a língua. — Quarenta e um anos, três gatos, um vício de Judy Garland. Estás a ver?

Só que eu não estou realmente a ouvir, estou a rasgar o envelope e a tirar para fora o meu bilhete de avião. — O meu voo é às 14h30 desta tarde? — Arquejo.

— Excelente — diz ela, distraidamente, fazendo cócegas ao *Valentino* debaixo do queixo.

— Marsha, isso quer dizer que tenho de ir para o aeroporto em... — faço rapidamente os cálculos — ... menos de duas horas!

— Pois é. Não devias estar em casa a fazer as malas? — Ela franze a testa, olhando-me como que surpresa por ver que ainda aqui estou. — Não vais querer perder o voo.

— Mas... — Eu abro a boca e volto a fechá-la. Não vale a pena. Quando a Marsha quer alguma coisa feita, é sempre para ontem.

— Oh, e aqui tens algum material de leitura para a viagem. — Marsha passa-me umas poucas de páginas arrancadas de uma revista. — É um artigo todo sobre o Artsy.

— Quem é o Artsy?

— O nosso novo artista! — exclama Marsha, interrompendo-se de dar de comer à mão a *Valentino*. Este começa a latir ruidosamente e, pegando nele ao colo, ela cala-o com um chorrilho de beijos. — Lembra-te, Lucy, a galeria está a contar contigo!

Forço um sorriso. Fantástico. Nada de pressão, então.

Apanho um táxi para casa e enfito algumas coisas num saco de viagem. Não faço a mínima ideia do que levar. Nunca estive em Martha's Vineyard e não sei o que esperar. Lembro-me vagamente de ler algo no meu roteiro sobre como é uma pequena ilha ao largo de Cape Cod, onde os presidentes americanos vão de férias, mas não tive tempo de pesquisar no Google. Enfim, será que é mesmo uma vinhas? Será que vou dar de caras com o Obama? Será que devia levar um vestido chique ou um par de calções?

Acabo por levar os dois, mais montes de outras coisas que não dizem com nada, salto para o táxi à minha espera e vou direita ao aeroporto. Enquanto Manhattan passa a zumbir

lá fora, examino o resto dos documentos de viagem. O meu voo de regresso é só na sexta de manhã. Sexta?! Isso é a séculos de distância.

Bem, não verdadeiramente — é só a dois dias de distância —, mas parecem séculos, porque não vou poder ver o Adam até lá.

Adam.

Quando ele surge na minha cabeça, penso em ontem à noite. Céus, foi por pouco! Por um momento, pensei que tinha estragado tudo por completo, por causa dos estúpidos malditos boxers do Nate, mas felizmente consegui salvar a situação. Embora não saiba bem até quando. Sentindo um palpar de ansiedade, pesco o meu telemóvel do bolso e mando uma mensagem ao Adam:

Obrigada por ontem à noite.

Faço uma pausa. Penso em acrescentar mais, sobre como foi uma noite maravilhosa, sobre como gostava de o voltar a ver... Começo a escrever, depois paro.

Argh, não, não posso escrever isso. Soa excessivamente ansioso, decido, apagando rapidamente essa parte. Fito o meu telefone, em agonia. É tão difícil escrever mensagens. É como se cada palavra estivesse carregada de sentido e, depois, há toda a decisão de colocar ou não um beijo no final.

Olho de novo para o meu texto e acrescento «bj». Bem, não quero parecer pouco amigável. E quero efetivamente beijá-lo. Mesmo que seja apenas numa mensagem. Rapidamente, carrego em enviar, antes que mude de ideias.

Alguns segundos mais tarde, soa o *bip* de uma mensagem dele.

Olá, sarilhos! Onde estás?

Não me digas que foste presa de novo...

Rio para mim mesma. Pela velocidade da resposta, obviamente ele não agonizou sobre a mensagem, reflito, carregando em responder.

Não, estou num táxi a caminho do aeroporto.

Vou a MV para conhecer um novo artista.

Dois segundos e uma nova mensagem:

Quando voltas?

Sexta.

Mantém sexta à noite livre. Tenho uma surpresa para ti.

Sinto um palpitar de felicidade.

O que é?

Se te contasse, não seria surpresa, não é?

Sorrio para mim mesma e digo adeus, sentindo-me mais confortada. Talvez seja uma coisa *boa* eu sair da cidade por uns dias, reflito, olhando para os aspetos positivos. Desta forma, ponho alguma distância entre mim e o Nate e não terei de me preocupar com dar de caras com ele. Ou pensar nele. E posso concentrar-me no Adam.

Animada por esse pensamento, viro a cabeça e olho para fora da janela.

Espero que quando eu voltar na sexta, a minha relação com o Nate pareça ter sido só um sonho mau.

Chego ao aeroporto JFK e vou direita ao balcão de *check-in* da JetBlue, onde descubro que não é um voo direto e que tenho de apanhar uma ligação em Boston. Mas tudo bem, Boston fica só a uma hora de distância. Vou ler o meu artigo da revista sobre o Artsy, decido, instalando-me no meu lugar do avião. Oh, mas que agradável! Assento de couro macio, apoio de pés confortável, o meu próprio ecrã de televisão com imensos canais diferentes... Pedindo um copo de vinho, aperto o cinto de segurança e recosto-me satisfeita com o meu artigo. Estou a começar a ter um bom pressentimento sobre esta viagem.

O voo é tão confortável que quase não quero que chegue ao fim. Leio o meu artigo, navego por alguns canais de TV e depois, antes que dê por isso, aterramos em Boston e vagueio pelas lojas do aeroporto, para matar o tempo antes do meu voo de ligação. Adoro aeroportos. Há algo neles que me faz sentir que entrei numa espécie de universo paralelo, onde a vida real não existe. Toda essa gente que vai e vem, o rumor da excitação, a sensação de transitoriedade. É como se nada importasse.

Como, por exemplo, o dinheiro, reflito, pegando num hidratante dispendioso. Normalmente, no mundo real, recuaria face ao preço, mas de alguma forma no Mundo dos Aeroportos noventa dólares é como dinheiro do Monopólio. Não parece contar, medito, passando alegremente o meu cartão de crédito. Oh, e reparem só naqueles engraçados ímanes de frigorífico a dizer «Boston Red Sox». Avistando-os ao pé da caixa registadora, ponho um par deles no meu cesto. Não sei exatamente quem são os Boston Red Sox, mas a Robyn é capaz de os apreciar como lembranças, já que está sempre a afixar horóscopos, receitas vegetarianas e listas de afazeres por todo o frigorífico. Falando de lembranças, que tal aquela toalhinha de chá com a grande lagosta para a minha mãe...?

Acabo por sair da loja com dois bojudos sacos e deambulo por uma outra, que vende aparelhos eletrónicos (estranhamente, nunca estive sequer *ligeiramente* interessada num massajador vibratório para o pescoço ou num aparelho de sons para ajudar a dormir, mas aqui, no Mundo dos Aeroportos, eles são fascinantes), quando ouço o meu nome.

«Última chamada para Menina Hemmingway. Por favor, dirija-se com urgência à Porta 4B. O seu voo está prestes a partir.»

E olho para o meu relógio.

Raios. Ao ver as horas, o meu coração despenha-se. Como é que isto aconteceu? Toda uma hora e meia sumiu de repente e, agora, estou atrasada! Vou perder o meu voo!

Raios, raios, RAIOS.

Praguejando baixinho, carrego pelas Partidas adentro, os sacos das compras a embater-me nas pernas. É claro que a porta de embarque tem de ser a mais distante de todas e, quando a alcanço, estou a transpirar de suor e sem fôlego.

— Menina Hemmingway? — Um membro do pessoal de terra com um colete laranja fluorescente está à minha espera. Ela empunha um *walkie-talkie* e uma expressão extremamente contrariada.

— Sim... sou eu. — Arquejo. O meu coração retumba contra as costelas e sinto-me prestes a ter um colapso.

— Despache-se! O voo está a pontos de partir — repreende-me ela, arrancando-me o cartão de embarque.

— Eu sei, peço desculpa... — começo a justificar, mas ela conduz-me rapidamente pelo torniquete.

— O autocarro está à espera para a levar ao seu avião.

Espreito para lá das portas de vidro para o pequeno autocarro. — Obrigada — exalo, depois faço uma pausa. — Hum... onde está exatamente o avião? — Eu percorro a pista à procura de uma aeronave semelhante àquela em que acabei de voar, mas não há nada à parte uma coisa minúscula a hélice.

— Aí mesmo — brada ela, como se eu fosse estúpida, apontando.

Para a coisa minúscula a hélice.

Seja como for, agora não é a altura para ficar nervosa, digo-me com firmeza, enquanto me apresso para o miniautocarro à espera, que arranca velozmente pela pista. O voo é de apenas trinta minutos. Não há de ser assim tão mau. Será levantar e aterrar antes que dê por isso.

As hélices já zumbem ruidosamente quando trepo os degraus de metal. Céus, é ainda mais minúsculo por dentro do que parece por fora, apercebo-me, olhando pelas janelas de escotilha e avistando apenas alguns assentos. E tão ruidoso! Baixando-me para não bater com a cabeça, entro pela porta, onde uma assistente de bordo com uns auscultadores aguarda, impacientemente, para agarrar nos meus sacos de compras e me apressar para o último lugar livre, antes de correr de volta a fechar a porta.

Nervosa, sento-me rapidamente e aperto o cinto de segurança. Mesmo à justa. Mal tive um segundo para recuperar o fôlego ou assimilar o espaço em redor quando os motores se tornam ainda mais estrepitosos e, subitamente, arrancamos, acelerando pista para fora. Fecho os olhos com força, ouvindo as hélices a zumbir, sentindo as rodas a trepidar no alcatrão e, então, o nariz do avião empina-se e estamos no ar, subindo gradualmente.

Sinto uma pontada de alívio. Ótimo, acabou-se a pior parte.

— Quer beber alguma coisa?

Abro os olhos e vejo a assistente de bordo, menos os seus auscultadores, de pé ao meu lado.

— Só uma água, obrigada. — Pego na revista de bordo do lugar à minha frente e começo a folheá-la.

— E para o senhor?

— Nada para mim — diz ele, rispidamente.

Paraliso a meio do folhear. *Eu conheço essa voz.*

Até ao momento, tive apenas a vaga consciência de uma pessoa no lugar ao meu lado, pois nem sequer relanceei nessa direção, mas agora cada célula do meu corpo está em alerta máximo e despenha-se vertiginosamente, como se tivesse saltado de um avião sem paraquedas. Aliás, não será uma má ideia. Pelo menos, seria uma forma de escapar de uma vez.

Em lugar disso, continuo a fitar a minha revista, desejando que não seja verdade. Que a pessoa sentada ao meu lado *não* seja quem eu sei que está sentado ao meu lado. Com efeito, se não pensar sequer no seu nome, posso fingir que ele não é real. Estou a alucinar. Ou a ter algum tipo de sonho lúcido e a qualquer momento vou acordar de novo no meu apartamento de Nova Iorque e não a vinte e cinco mil pés de altitude, numa minúscula avioneta de nove lugares, sentada ao lado de...

— Deves estar a gozar comigo. *Lucy?*

Lá se vai o meu sonho lúcido.

Tendo-me afundado mais e mais atrás da minha revista, numa tentativa de me esconder, olho por cima das margens. — Oh, olá, Nate — digo, tentando não o olhar nos olhos. Como se, de alguma forma, ainda pudesse fingir que isso não está realmente a acontecer.

Quero dizer, a sério.

ISSO NÃO PODE ESTAR REALMENTE A ACONTECER.

Mas é claro que está.

— Cristo, és mesmo tu!

— Aqui tem. — A assistente de bordo reaparece com a minha água.

— Oh... obrigada. — Grata pela interrupção, dou um grande gole. Este voo é de apenas trinta minutos. Já devemos ter percorrido cinco minutos. Por breves instantes, considero tentar ignorá-lo pelos próximos vinte e cinco.

— Que diabo estás aqui a fazer?

Só que não é assim tão simples quando ele está sentado a centímetros de distância, a fitar-me estupefacto e a insistir em falar comigo.

— Vou a Martha's Vineyard — digo, impassível, voltando o rosto para ele, finalmente. — E tu?

Ele franze o sobrolho. — Não tem piada, Lucy.

— Podes crer que sei disso — concordo, pesarosa. — Estás a ver-me a rir?

Entreolhamo-nos. Na verdade, nunca vi o Nate sem palavras, mas agora ele parece genuinamente sem saber o que dizer ou fazer. Sei como ele se sente. Isto está a tornar-se para lá de ridículo, quero dizer, o que é que eu faço agora? Não é que existam regras a seguir numa situação como esta ou existem?

Não, mas há a Estratégia.

Subitamente, ouço a voz da Kate ao meu ouvido e reteso-me. Talvez ela tenha razão. Talvez funcione. Afinal de contas, mais nada funcionou. O feitiço da Robyn foi um desastre completo — tive sorte em não acabar na prisão — e esta *seria* a oportunidade perfeita de pôr a Estratégia em prática... Faço uma pausa, a minha mente a girar. Toda a minha vida ouvi a minha irmã mais velha em tempos de crise. Ela sabe sempre melhor.

Que se lixe. Está decidido. Vou em frente com isso. Não tenho nada a perder, a não ser o Nate.

OK, então, primeiro preciso de refrescar a minha memória. Agarrando na mala, que está acomodada debaixo do meu assento, deslizo os dedos pelo bolso da frente e subrepticamente tiro para fora o documento de quatro páginas, que tenho carregado comigo para todo o lado, a par das revistas de noivas e de bebés. — Trabalho — digo casualmente a Nate, que me observa de testa franzida.

Desdobrando-o, percorro rapidamente os vinte e cinco pontos. Pronto, então aqui vai, por nenhuma ordem em particular. Começamos por um mais fácil...

19. Arrotar.

Em criança, um dos meus truques de festa costumava ser entoar o *The Frog Chorus* em arrotos. Não o faço há anos, por isso, não tenho a certeza de ainda o conseguir fazer, reflito, engolindo uma golfada de ar.

— Burrp! — Abruptamente, solto um sonoro arroto.

Uau, então ainda resulta, penso eu, sentindo um lampejo de triunfo.

Vislumbro a expressão chocada de Nate.

— Ups, desculpa. Estou só com um pouco de gases. — Sorrio docemente.

Parecendo horrorizado, ele vira-se para o outro lado e abre a sua pasta.

Tirando para fora alguns documentos, começa a ler.

Faço de novo. — Burrp!

Ele encolhe-se visivelmente. — Não podes fazer nada contra isso? — comenta, rígido.

— Bem, não verdadeiramente. Tem de sair, de uma maneira ou de outra. — Forço um sorriso desgostoso. — Antes por cima do que por baixo. — E gesticulo para a zona baixa.

As narinas de Nate dilatam-se e quase o posso ver contorcer-se no assento. Tal como eu. Isto é atrozmente embaraçoso.

Mas necessário, digo-me firmemente.

Bloqueando até o último vestígio de decoro, prossigo com a Estratégia e passo ao ponto número sete.

— E já tenho o suficiente a passar-se ali em baixo de momento, com o Mar Vermelho.

— Mar Vermelho? — A sua testa enrugase de confusão.

— *O meu período* — exalo de viva voz, em explicação. — É aquela altura do mês. Tu sabes, cólicas, acne, inchaço. — Puxo para cima a minha *t-shirt* e empurro o estômago para fora o mais que posso. — Quer dizer, olha só para isso! É ou não uma grande barriga?

O Nate não podia parecer mais horrorizado. Tornando-se pálido, recua, como se um *alien* estivesse prestes a explodir da minha barriga inchada, a qualquer momento, para o devorar vivo.

— A sério, alguma vez viste uma coisa assim? — continuo eu, elevando mais a voz para ser ouvida acima do zumbido da aeronave. Agarrando o máximo que consigo em dois rolos de carne, agito-os ameaçadoramente na direção dele. — Quase pareço grávida.

— Lucy! — sibila ele, finalmente conseguindo encontrar a voz e gesticulando para eu baixar a minha *t-shirt*. — Por favor! As pessoas estão a olhar.

Que é evidentemente a ideia. O pior pesadelo do Nate são «as pessoas a olhar». Deus te livre de falares demasiado alto ou de fazeres algo disparatado e alguém olhar na tua direção. Sinto uma pontinha de maldade por torturá-lo assim, mas conforto-me rapidamente. Estou a ser cruel para ser benévola. Para ambos.

— A propósito, quem me dera estar grávida — continuo eu, num tom sonoro. — Isso dá-me uma melancolia...

Caramba, isto é fantástico! Estou a percorrer rapidamente toda a Estratégia.

Várias pessoas viram-se e esticam o pescoço para olhar para nós. O Nate torna-se arroxado e tenta ignorar-me, fitando em baixo os documentos que está a ler. Reparo que os agarra com tal força que tem os nós dos dedos brancos.

— Adorava mesmo ter um bebé, tu não?

— Acho que este não é o lugar nem o momento — murmura ele, secamente, remexendo nos seus papéis.

Engulo com dificuldade, procurando reunir coragem suficiente para desferir o meu golpe final. A minha *pièce de résistance*. A gota que fará transbordar o copo. Relanceio em volta, vendo que temos uma plateia atenta.

— Imagina só se tivéssemos um bebé. Seria tão fofo!

Uma expressão estrangulada atravessa-lhe o rosto enquanto o resto dos passageiros observa a sua reação.

— Prefiro não imaginar — consegue ele articular, as suas faces flamejantes.

— Gosto do nome Daisy para menina. De que nomes gostas?

O maxilar de Nate cerra-se com força. Ele está a tentar desesperadamente manter a calma. Fita carrancudo a sua plateia, depois volta-se para mim, furioso.

— Ouve, se não te importas, tenho realmente de pôr esta papelada em dia — diz rapidamente. Se os olhares pudessem matar, eu não estaria a vinte e cinco mil pés de altitude... mas a sete palmos debaixo da terra.

— É claro, minha panquecazinha — digo eu, fazendo um beicinho de brincadeira. Um nome afetuoso. Em vozinha de bebé. Brilhante!

— Também preciso de pôr alguma leitura em dia. — Tirando para fora a minha revista de grávidas, começo a folhear as páginas, que estão repletas de bebés saudáveis e energéticos. Vejo o Nate a espreitar, depois a desviar bruscamente o olhar e sorrio para mim mesma.

Com alguma sorte, romperemos de vez em dois tempos.

8 No original, *vineyard* (referindo-se a Martha's Vineyard, literalmente, Vinha de Martha). (N. de T.)

Eu e o Nate não falamos o resto da viagem e, depois de aterrarmos, murmuramos as nossas despedidas — «Vemo-nos por aí», «Sim, vemo-nos», embora ambos desejando fervorosamente que não seja esse o caso — e, agarrando na minha bagagem, saio para apanhar um táxi.

— Mapletree Inn, por favor — digo ao condutor, enquanto entro e abro a janela.

Está uma noite quente e agradável e viro o meu rosto para o Sol que se afunda lentamente. É aquela hora mágica. Tudo fica banhado numa luz tom de mel e, depois do frenesim de Nova Iorque, a ilha parece tranquila e sonolenta. Como se o ritmo de vida tivesse abrandado, reflito, enquanto seguimos por estradas rurais ladeadas de muros de pedra erguidos à mão, de campos repletos de flores silvestres, passando por casas de ripas de madeira e pitorescas lojas de aldeia que me lembram os *The Waltons*.

Segundo o condutor, vou ficar «*up Island*», que é o lado mais remoto e onde Artsy tem o seu estúdio. É também mais selvagem, decido eu, enquanto passamos por praias brancas varridas pelo vento com encostas relvadas e um farol que se ergue altivo na falésia.

Passados trinta minutos, chegamos a um pequeno porto de pesca — quase passando despercebido — e o táxi sobe por um caminho de gravilha. No final, está uma encantadora pousada de telhado inclinado, janelas pintadas de branco e um alpendre em madeira completado com uma cadeira de baloiço, onde se aninha um grande e gordo gato de pelo ruivo, profundamente adormecido.

Quando passo por ele com as minhas malas, faço-lhe cócegas na barriga e ele espreguiça-se como um rolo tapa-frinchas e boceja languidamente.

— Bem-vinda a Mapletree Inn. — Uma mulher encorpada de faces coradas sorri, radiante, assim que entro na receção. — Sou a Sylvia.

— Olá! Chamo-me Lucy Hemmingway. Vou ficar duas noites.

— Um momento, por favor. — Ela tecla alegremente no seu computador. — Ah, sim, vai ficar no quarto da concha. É um dos meus favoritos. Fica ao fundo do corredor num anexo à parte. Tem uma vista desimpedida sobre o oceano.

— Fantástico! — Sorrio, satisfeita. Apesar do início tremido, estou realmente desejosa dos dias que vou passar aqui em Vineyard. É verdadeiramente como recuar no tempo, noto, relanceando em volta para a ampla lareira de pedra, as fotografias emolduradas a preto-e-branco de barcos de pesca, o relógio de pêndulo a oscilar serenamente no canto.

— Oh, não.

Volto-me de novo para Sylvia. O seu sorriso descaiu ligeiramente.

— Há algum problema?

— Hum... — Ela continua a teclar no computador. Só que agora não tanto alegremente, mas mais freneticamente. — Receio que tenhamos um pequeno problema.

Sinto uma pontada de apreensão. Não gosto de como ela empregou o plural.

— Um problema?

— Parece que fizemos uma reserva duplicada do quarto da concha.

— Oh! — Sinto um palpar de desapontamento. Depois da sua grande publicidade ao quarto da concha, estava com muita vontade de ficar nele. Ainda assim, suponho que não importa. Só fico aqui duas noites. — Tudo bem. Estou certa de que todos os quartos serão agradáveis — digo num tom apaziguante. — O que mais tem disponível?

Há uma pausa ominosa. — Pois, esse é o problema. Não há mais nada disponível. Estamos completamente lotados.

Fito-a de volta, não processando inteiramente o que ela está a dizer. — Mas eu tenho uma confirmação. — Agito-lhe os documentos que Marsha me deu.

— Eu sei, minha querida, mas também a tem o cavalheiro.

Franzo a testa. — Que cavalheiro?

Nesse momento, a porta abre-se e o meu coração afunda-se.

Eu devia saber.

— Nathaniel — digo, rígida.

— Lucy. — Ele acena secamente com a cabeça.

— Oh, conhecem-se? — exclama Sylvia, olhando para ambos com espanto.

— Intimamente — diz Nate, através dos seus dentes cerrados.

Uma expressão de alívio lampeja no rosto de Sylvia. — Oh, que disparate, não tinha percebido que estavam juntos.

— Não, não estamos — refuto, rapidamente. — Juntos, quero dizer... Bem, estamos... — Fito Nate, que escreve um *email* no seu *iPhone* — ... mas não é suposto estarmos... — Calo-me. Isto é inútil.

— Oh, estou a ver. — Os seus olhos crescem, depois, baixando a voz, diz secretamente: — Não se preocupe, aqui em Mapletree Inn somos muito discretos. Vineyard tem uma história em acomodar presidentes e celebridades mundialmente famosas.

Olho, sem compreender, para ela.

— Que acontece serem casados — acrescenta Sylvia, erguendo uma espessa sobrancelha.

Subitamente, percebo. Oh, meu Deus, ela pensa que temos um caso! — Não, não é nada disso — tento apressadamente explicar, mas ela coloca uma expressão recatada no rosto e estende-me uma chave.

— Muito discretos — repete ela num sussurro.

Fito a chave. Por uma fração de segundo, penso em tentar exigir outro quarto, mas foi um longo dia e estou exausta. Só quero tomar um duche e meter-me na cama.

E se não agarrares na chave primeiro, o Nate agarra, sibila uma voz na minha cabeça.

— OK, ótimo. Obrigada — digo precipitadamente e, arrebatando a chave, arranco

rapidamente pelo corredor.

— O quarto da concha fica à sua esquerda — grita-me ela.

Então, ouço a voz do Nate. — Desculpe, mas pensei que eu ia ficar no quarto da concha...

Cinco minutos mais tarde, há um estrondeante bater à porta. Por um instante, considero ignorá-lo, fingindo não ouvir, esperando que pare.

Pois, sim. Estamos a falar do Nate, lembram-se?

Preparando-me, abro a porta. — Oh, és tu — digo, simulando uma inocente surpresa.

— É claro que sou eu — dispara ele, passando por mim. — Este é o meu quarto.

— E o meu — riposto de volta, desafiadora.

— Assim parece. — Ele anui, relanceando em volta para a minha tralha, que já está espalhada por todo o lado. Não sei como consigo fazer isso. Em apenas cinco minutos, sou capaz de transformar um quarto impecavelmente arrumado num espaço com anos de uso. Podia entrar num daqueles programas televisivos de remodelação, só que com uma pequena reviravolta.

— Tentei tudo — continua Nate —, mas é agosto, a altura de maior procura do ano e não há quartos disponíveis em nenhuma parte da ilha. — Ele larga a sua mala de viagem no chão.

— O que significa? — Fito a mala dele com nervosismo.

— Significa que um de nós vai ter de dormir no sofá.

Olhamos ambos para este. Aninhado a um canto, é uma coisa minúscula em verga, com gordas almofadas bordadas de conchas, em sintonia com o tema náutico do quarto.

— Eu tenho um metro e noventa — diz ele, voltando-se para mim.

— E?

— E então, terás de ser tu — conclui, simplesmente. Ele despe o casaco e pendura-o numa cadeira. Depois, descalçando os sapatos, deixa-se cair na cama, pega no controlo remoto e acende a televisão.

Fito-o, atónita. — Só um minuto.

Passando rapidamente os canais, parece não me ouvir.

— Não me parece.

— Não te parece o quê? — diz ele, distraidamente, acomodando-se sobre uma almofada. Subitamente, ele desfere um soco com o punho na colcha da cama. — Fixe, é o jogo — profere excitado.

— Eu. No sofá — pronuncio claramente.

Não há resposta. Nem sequer um vislumbre disso. Como se eu não estivesse aqui. Avançando para a televisão, estaco à frente desta.

— Mas o que é que...? — Ele olha-me furioso e gesticula com o comando. — Não consigo ver!

— Tenho dores de costas — digo eu, cruzando os braços.

— Desde quando? — exala ele, exasperado.

— Desde... que... estou... com... o... período — articulo eu, lentamente.

Ele fica pálido. — *OK*, como queiras. — Suspira, lançando as mãos ao ar. — Não quero discutir contigo.

Sou apanhada de surpresa. — Não?

Ele faz uma pausa para se inclinar para a mesinha de cabeceira e tirar agilmente as lentes de contacto. Depois, pegando nos óculos, empurra-os pelo nariz e volta-se para mim. — Ouve, eu não sei o que se passa aqui. Não sei porque estamos continuamente a ser empurrados um para o outro e não me agrada mais do que a ti. Mas, por agora, estamos sem saída, por isso, porque não fazemos uma trégua nas próximas quarenta e oito horas?

Fito-o, desconfiada. Caramba, está a ser tão razoável. Não é suposto ele agir assim. É suposto ele ficar furioso. Consternado. Horrorizado. É suposto ele agarrar no casaco e marchar de imediato para fora do quarto, batendo com a porta atrás de si e declarando que nunca mais me quer ver. E se tudo correr conforme planeado, ele *nunca* mais me verá. E eu não o voltarei a ver.

E poderemos ambos viver felizes para sempre. *Em separado*.

E, contudo...

Reprimo um bocejo. Estou exausta. Amanhã é um grande dia. Vou ter com o Artsy ao estúdio dele e espero conseguir convencê-lo a expor na nossa galeria. Atinge-me a ansiedade quando penso na responsabilidade que tenho sobre os ombros. E devia realmente descansar. Talvez o Nate tenha razão. Talvez seja tempo de um cessar-fogo.

Hesito, e depois...

— Chega-te para lá.

O Nate olha-me, momentaneamente surpreendido, mas desvia-se obedientemente para um dos lados da cama. Eu sento-me do outro lado e recosto-me nas almofadas de penas. Céus, como sabe bem!

— Vou pedir *room service*. Tens fome? — pergunta ele, olhando-me de lado.

— Oh, acho que não... — começo, depois detenho-me quando o meu estômago ronca. — Aliás, sim, estou esfomeada.

— Dizem que o *clam chowder* é excelente, aqui — continua ele.

Sorrio desalentada. — *OK*, venha então o *clam chowder*.

Ele pega no telefone e marca o número, depois cobre o bocal. — Para que fique registado, isto é tão penoso para mim como é para ti. — Depois, voltando ao telefone, pergunta: — Queres umas *crackers* a acompanhar?

Depois de comermos duas grandes taças da mais deliciosa sopa de amêijoas, o Nate declara a sua noite por encerrada. — Queres usar a casa de banho primeiro ou vou eu? — pergunta educadamente.

— Tudo bem, podes ir — respondo eu, igualmente educada.

Estão a ver, nós conseguimos, digo para mim mesma, quando ele desaparece por

cinco minutos, depois reaparece de *t-shirt* e boxers. Somos dois adultos maduros. Os meus olhos deslizam para os seus boxers e assusto-me — livre-me dos de bananas, mas estes têm o *Rudolfo*? Rapidamente, desvio o olhar. Não olhes, Lucy, não olhes. Finge que isto não está a acontecer.

Mantenho os olhos determinadamente fixos no ecrã da televisão. Só que, em vez de se encaminhar para o sofá, ele dirige-se de volta à cama e mete-se debaixo dos lençóis. Hã, espera lá! Espreitando sub-repticiamente de esguelha, vejo-o aconchegar-se numa almofada. *Mas que...?*

Sou assaltada pelo horror e indignação, mas mantenho a calma.

Ora bem, tenho duas opções:

1. Que se lixem as tréguas, discutir vivamente e tentar expulsá-lo à força da cama (o que, considerando que ele tem um metro e noventa e pesa oitenta e três quilos, não será fácil).
2. Dormir no sofá.

Observo o desconfortável sofá com desagrado. Isto é tão injusto. Porque é que eu tenho de... A meio da minha divagação mental, atinge-me uma terceira opção:

3. Levar a Estratégia um passo adiante e partilhar a cama.

Oh, não.

Oh, não, oh, não, oh, não.

Só o pensamento faz-me estremecer. Enquanto, há algumas semanas, não podia pensar em nada que desejasse fazer mais do que ir para a cama com o Nate, agora não consigo pensar em nada que desejasse fazer menos. Como diz a minha irmã, é tudo uma questão de *timing*. E o meu *timing* é uma desgraça, reflito, olhando para Nate do outro lado.

Então e as nossas tréguas?

Ele quebrou-as quando se enfiou na cama, argumenta a outra voz na minha cabeça.

Mas...

No amor e na guerra, vale tudo, lembra-me ela. *Ou quando não te consegues livrar da tua alma gémea...*

OK, pronto, é isso. Estou convencida. Perdida por cem, perdida por mil.

Sentindo-me como um soldado a preparar-se para a batalha, agarro no meu *nécessaire* e no meu «uniforme» e marcho para a casa de banho. Tenho de me tornar o mais desinteressante possível, digo para mim mesma, removendo a maquilhagem do rosto. Dois olhos mirrados fitam-me de volta no espelho. Hmm, nada mal. Ato o cabelo em cima num carrapito pouco lisonjeiro. Nada mal, de facto. Espremendo a pasta de dentes, aplico dois

grandes borbores — um no nariz e outro no queixo —, como um creme de borbulhas improvisado. Repulsivo! Excelente.

Agora, o meu «traje de dormir». Céus, que diferença fazem umas poucas semanas! Antes, quando dormia com o Nate, eu aplicava brilho nos lábios, punha umas gotas de perfume por dentro dos pulsos e vestia a minha *lingerie* de ocasiões especiais. Agora, visto uma velha e gasta camisola de alças e as grandes e horríveis cuecas do período, que levo sempre comigo para o caso de emergências. O mesmo se aplica ao *Tampax*.

Tirando para fora uma caixa, espalho-os generosamente pela casa de banho, como alguns poderiam espalhar pétalas de rosas, a par de um tubo meio usado de *Canesten* (outra das minhas provisões de emergência), que deixo numa posição proeminente ao lado do lavatório, com as palavras «Para infeções fúngicas» viradas para cima. Genial! Depois, dando uma última olhadela ao espelho e quase me assustando de morte, volto ao quarto.

Raios, ele parece adormecido. Ao ver Nate esparramado no meio da cama e a monopolizar os lençóis, os meus planos ficam subitamente em risco de sair frustrados. Não me posso ter dado a todo este trabalho para nada... Tenho de pensar rápido. Agarrando no comando, acendo a televisão. Está a dar o *Sintonia do Amor*. Perfeito. Todos os homens detestam esse filme. De facto, um ex-namorado meu detestava-o tanto, que cada vez que aparecia a Meg Ryan, ele ficava com urticária.

Premindo o botão do volume, aumento-o de repente.

— Hã? — O Nate rola e abre os olhos. Ao ver-me, ele encolhe-se visivelmente. — Cristo, o que é isso na tua cara?

— Creme de borbulhas — digo eu, puxando para cima as minhas grandes cuecas pretas do período. Vejo os seus olhos a varrer-me. — Estou com uma erupção daquelas. Acabei de lhes dar uma boa espremedela. — Faço um esgar. — A sério, a porcaria que saiu!

Ele parece prestes a vomitar.

Puxando para trás os lençóis, deslizo para o outro lado da cama e então, por um brevíssimo momento, sinto subitamente um tremor de dúvida. E se esta encenação não o fizer desistir? E se pensar que me estou a fazer a ele? E se — engulo com dificuldade com o pão — a começar a dar nós no meu estômago — ele ficar *excitado*?

Quando esse pensamento aterrador me assalta, segue-o um outro. E se a Kate estiver certa este tempo todo e ele *esteja* a tentar reatar comigo?

Oh, porra, já sei... Recordando rapidamente a Estratégia, meto o dedo no nariz e começo à procura de macacos, só para jogar pelo seguro. Porém, não precisava de me ter preocupado. Um lampejo de terror atravessa-lhe o rosto e, imediatamente, ele esgueira-se para o mais longe possível do seu lado da cama.

— Bem, boa-noite — digo, forçando-me a soar perfeitamente descontraída.

— Hum... pois, boa-noite — diz ele, rispidamente.

Relanceio-o. Ele puxou os lençóis firmemente até ao queixo e está deitado vacilante, na outra ponta da cama. Soltando um suspiro de alívio, tiro o dedo da minha narina.

Graças a Deus! Por um horrível momento, pensei que ia ter de o meter na boca.

Estremecendo, desligo a luz.

Vão ser umas longas trinta e seis horas.

Quando acordo na manhã seguinte, vejo-me sozinha na cama.

Ele foi-se embora!

Por uma fração de segundo, a felicidade penetra o meu coração como uma bala de prata. Kate, és a maior! Tu tinhas razão! A Estratégia funcionou! Exultante, estendo-me de braços e pernas abertos, qual estrela-do-mar, apreciando a sensação de espaço, de liberdade, de triunfo.

A mala dele. Ainda aqui está. *Raios.*

Sentindo um baque de consternação, fito-a, ressentida, antes de puxar para trás os lençóis e sair da cama. *OK*, também, como ele disse, é só por dois dias. Não é por uma eternidade.

Ou assim esperas tu, recorda a voz da perdição na minha cabeça.

Oh, cala-te.

O telefone toca, interrompendo os meus pensamentos. Esticando a mão, atendo. — Sim?

Há uma breve pausa e, depois, uma voz de mulher diz apressadamente: — Oh, devem-me ter passado ao quarto errado. Desculpe incomodar.

— Não tem problema. — Reprimos um bocejo. — Que quarto queria?

— Hum... — Consigo ouvir um restolhar de papéis. — Penso que é o quarto da concha.

— Ah, então ligou para o quarto certo.

— Oh... — Ela parece confusa. — Eu estava à procura do Nathaniel Kennedy.

— Ah, o Nate? Ele já saiu... — Subitamente ocorre-me uma ideia e interrompo-me. — Só um momento. Ele pode estar no chuveiro... — Pousando o telefone, salto rapidamente da cama e experimento o puxador da porta da casa de banho para ver se está trancada. Não está e a casa de banho encontra-se vazia. — Não está, peço desculpa. Quer deixar uma mensagem?

Silêncio do outro lado da linha.

— Ou pode tentar ligar-lhe para o telemóvel. Tem o número dele...? Estou?

Ela desligou. Sinto uma leve irritação. Odeio quando as pessoas fazem isso. É tão rude.

Fito o auscultador do telefone por um instante, incomodada, depois, empurrando determinada todos os pensamentos sobre Nate e os seus amigos indelicados da minha mente, volto a pô-lo no sítio e apresso-me para a casa de banho. Tenho a minha importante reunião com o Artsy, esta manhã. Não posso pensar senão nisso, relembro-me, enquanto tomo um duche rápido e me arranho.

O nervosismo contorce-me o estômago. Segundo o artigo que li no avião, ele é descrito como «um eremita excêntrico», o que, já tendo lidado com muitos artistas, é muito provavelmente uma forma cortês de o jornalista dizer que ele é difícil, antipático e

totalmente bizarro.

E eu tenho de travar amizade com ele e de o persuadir a expor na galeria, penso, desistindo do meu cabelo e correndo para o táxi à minha espera lá fora. Considerando que ainda ninguém o conseguiu, não vai ser tarefa fácil. Talvez mesmo impossível, remoo, pensando em Marsha e em como está a colocar todas as suas esperanças neste encontro.

O táxi deixa o caminho de acesso à pousada e enquanto avança ao longo da estrada costeira em direção a Aquinnah, a parte mais remota da ilha, no extremo mais sudoeste, consigo sentir o meu ânimo a afundar-se no modo padrão do pessimismo de Manchester. A minha mente antecipa uma reunião terrível, um resultado de insucesso e o revelar a Marsha do meu fracasso, de que tudo terminou, e que ela está sem casa e eu sem trabalho.

Calma lá!!!

Fazendo chiar os travões da minha negatividade, procuro rapidamente mobilizar-me. Isto não serve de nada. Não posso chegar lá com esta atitude. Devo mostrar-me animada, esperançada, positiva. Só o facto de Marsha ter conseguido que Artsy concordasse em se encontrar comigo, já é impressionante. Depois de anos neste negócio, ela conhece muita gente e pediu uma quantidade de favores, mas aparentemente o que o conquistou foi o facto de ela e Artsy partilharem a mesma filosofia: de que a arte deve ser gratuita, para ser apreciada por todos. O que é genial.

Dito isto, a arte dele não é gratuita. Pelo contrário, as suas obras valem dezenas de centenas de milhares.

Ainda assim, não há necessidade de estar com questiúnculas, digo-me firmemente, quando alcançamos um portão completamente aberto e fora dos gonzos com um aviso de «Não Entrar» rabiscado nele, e entramos por um caminho improvisado. O motorista do táxi parecia saber exatamente para onde ir, quando lhe perguntei pela «casa do Artsy» (a única indicação de endereço que eu tinha), e enquanto salto e ressalto no banco de trás, vejo uma casa de quinta desconjuntada adiante de mim através do para-brisas.

— É o mais longe que posso ir — declara o motorista do táxi, passados alguns minutos.

— *OK*, ótimo, obrigada. — Pagando-lhe, saio e, enquanto o táxi inverte a marcha, caminho abaixo, olho à minha volta.

Quando o jornalista disse remota, não estava errado. Empoleirada no alto e à borda de um penhasco, estou rodeada de colinas cobertas de tufos e terras de cultivo não cuidadas e selvagens. Não se vê nada por milhas em redor, à parte o oceano de um lado e a casa de quinta, do outro. Encaminho-me para ela. Envelhecida e castigada pelos elementos, uma das janelas parece entaipada, e várias galinhas correm livremente por ali. Com destemor, bato à porta. Nada. Bato uma segunda vez. De novo, nada.

Pergunto-me se terá esquecido que eu vinha. Fito insegura a tinta da porta a descascar por um momento, incerta do que fazer. Não lhe posso ligar. Artsy não tem telefone — fixo ou móvel. Nem lhe posso mandar um *email* — também não tem *Internet* ou sequer endereço de *email*. Ao que parece, Marsha teve de passar por um longo e complicado

proposso para o contactar, ligando a diversos amigos de amigos na ilha, que passaram mensagens secretas para diante e para trás, como uma cena saída da Resistência Francesa.

Espero mais alguns minutos, mas é agora perfeitamente claro que não está ninguém em casa. É estranho para um eremita, mas talvez hoje não esteja assim tão virado para o eremitismo. Talvez hoje tenha saído. Recuando do alpendre, hesito por um instante, incerta do que fazer a seguir, depois decido explorar. Bem, já que aqui estou.

Escolhendo o caminho por entre a erva com as minhas sandálias novas, contorno um dos lados dos decrépitos celeiros e anexos. Há um trator abandonado, uma bicicleta enferrujada encostada a um muro, uma bateria... Uma bateria? O que faz uma bateria no meio de um terreno? Protegendo os olhos do brilho do Sol, fito-a com espanto, antes de ser distraída pela visão de um homem mais adiante, a cavar uma horta.

Talvez ele me possa ajudar. Grito-lhe: — Desculpe! Sabe onde posso encontrar o Artsy?

Endireitando-se, ele dá meia-volta e, vendo-me, aproxima-se a passos largos. Alto e de ombros largos, enverga um chapéu de caça, calças de golfe e meias aos losangos, lembrando vivamente a estátua de bronze de Sherlock Holmes no exterior da estação de metropolitano de Baker Street. É uma visão bizarra. A que nada ajuda o facto de ter uma grande e espessa barba e estar a fumar cachimbo. Enquanto usa uns óculos de aviador.

Tirando-os, examina-me. — Quem o procura? — pergunta, com um áspero sotaque do Sul.

— O meu nome é Lucy Hemmingway. Venho da parte da *Número Trinta e Oito*, a galeria de Nova Iorque. — Apercebo-me de que estou a falar demasiado rápido.

Ele estende a mão, que é do tamanho de um prato raso. — Artsy. Prazer em conhecê-la.

É claro! Só podia ser ele. Quem mais usaria tal indumentária? — Oh... olá — balbucio eu. Sorrindo, aperto-lhe a mão. Não é nada como o imaginei, embora não esteja muito certa do que imaginei, já que ele nunca se deixa fotografar.

Ele passa-me uma pá. — Pode ajudar-me a cavar umas batatas.

Cavar batatas? Eu olho para baixo, para a terra, e tento não pensar nas sandálias novas que calcei especialmente para a nossa reunião. — Hum... obrigada.

Felizmente, parece que Artsy não é apenas um artista, ele é também um autêntico cavalheiro.

— Tome, ponha isto — e sorrindo, estende-me dois sacos de plástico. — Para os seus pés, para não se sujarem.

Na hora que se segue, cavo batatas com sacos de plástico atados em volta dos meus pés. Ligeiramente surreal e não exatamente a primeira impressão que queria deixar, mas afinal Artsy é reconhecido como um excêntrico, pelo que nunca seria eu e ele a conversar em volta de um *cappuccino*.

Durante todo esse tempo, não falamos de arte. Em vez disso, falamos sobre compostagem, fertilizantes orgânicos e as vantagens do estrume de cavalo *versus* estrume

de vaca. Compreensivelmente, é ele quem fala mais — o meu conhecimento do estrume de vaca estende-se ao facto de, certa vez, ter pisado esterco numa quinta ao pé da casa dos meus pais —, enquanto eu ouço educadamente e lhe lanço olhares furtivos. O artigo não referia a sua data de nascimento — ele é muito sigiloso em relação a isso, como em relação a muitas outras coisas —, mas por detrás daquela barba e dos óculos de aviador, suponho que deva andar pelos trinta.

E é atraente, decido eu, reparando nos seus penetrantes olhos azuis e dentes perfeitamente brancos, escondidos pela barba e apenas revelados quando sorri. É como se a barba e a excêntrica indumentária fizessem parte do seu disfarce, do seu desejo de permanecer anónimo, mas se ele a cortasse e vestisse uma *t-shirt* e uns *jeans*, seria terrivelmente bem-parecido, dou-me conta, enquanto ele arregaça as mangas expondo uns braços fortes e bronzeados.

Após uma extenuante hora sob o sol escaldante, ele declara finalmente que é tempo de uma pausa para gelado.

— Baunilha ou pistácio? — pergunta quando penetramos num dos celeiros, onde se ergue um grande frigorífico com as palavras «Come-Me». Ele abre-o, revelando nada mais que baldes de gelado e pilhas de cones.

— Baunilha, por favor. — Sorrio perante a excentricidade.

— É para já. — Agarrando num cone, ele escava com a colher uma bola de gelado e passa-mo, depois faz outro igual para si mesmo. — Delicioso, hem? — Ele procura a minha aprovação. — Adoro estes cones. São feitos de verdadeiros *waffles*, sabia?

— Mmm, uma delícia! — assinto em aprovação.

— Então... — Lambendo o seu gelado, ele estuda-me.

— Então... — digo eu, procurando soar descontraída e não realmente nervosa, que é como me sinto. Não o posso adiar mais. Tenho de referir o seu trabalho artístico. Inspiro fundo e engulo com dificuldade. — Em relação ao seu trabalho artístico...

— Quer vê-lo? — Ele abre-me um sorriso.

Surpreendida, fito-o. Caramba, isto foi fácil. — Sem dúvida — anuo e, sentindo-me relaxar, esboço um largo sorriso. — Adorava.

O seu estúdio é um grande celeiro nas traseiras da quinta. Ao deslizar para trás a porta, veios de sol inundam o interior, acendendo as partículas de pó, que rodopiam como purpurinas num globo de neve. Sou preenchida de entusiasmo e antecipação. Artsy é um excitante novo talento, um artista de *graffiti* conhecido pelas suas frases irónicas e imagens subvertidas, e eu estou a penetrar no seu santuário íntimo, onde ele trabalha, onde cria, onde a «magia» acontece. Sinto-me uma exploradora prestes a descobrir um novo mundo.

O que descubro, em vez disso, é uma gigantesca corda de roupa. Estendida a todo o comprimento do celeiro, sustenta dezenas de grandes lençóis brancos, cada um estampado de diferentes desenhos e *slogans*. Num deles está pintado um coração gigante em todo o seu detalhe anatómico, com as palavras «Vida é amor» pintadas a *spray* por cima. Num

outro, a imagem de uma série de silhuetas de mãos que soletram «É complicado». Um outro é simplesmente um lençol branco liso e, mesmo no centro, em letras tão minúsculas que é preciso chegar bem em cima e semicerrar os olhos, a palavra «Porquê?».

— Uau, são tão...

— Diferentes? — Ele termina a minha frase.

— Muito — assinto. — Diga-me, porque escolheu usar lençóis como suporte?

Espero uma longa e intrincada resposta, mas, em vez disso, ele simplesmente encolhe os ombros. — Faz ideia do que custam telas deste tamanho? — Ele esboça um esgar. — Um autêntico roubo!

Sorri perante a franqueza. Estou a começar a gostar verdadeiramente de Artsy. Tal como a sua arte, ele é definitivamente diferente.

— Os lençóis são perfeitos, mas usei também outras coisas... — Ele avança mais fundo no celeiro, passando por pilhas de latas de tinta, pincéis e aerossóis, até uma outra corda de roupa. Esta sustenta camisas, calças, meias e roupa interior — tudo usado, e tudo pintado de *slogans* e palavras.

— É uma espécie de metáfora de «expor a roupa suja em público» — diz ele. — Só que eu exponho realmente a minha roupa suja. — Ele dobra-se para snifar uma meia. — Fuuu!

— E porquê todos os guarda-chuvas? — pergunto, divertida, apontando para toda uma corda deles, todos pintados com diferentes *graffiti*.

— Bem, são telas fantásticas, além de que pensei em dar relevo ao flagelo dos guarda-chuvas perdidos. São deixados no Metro, em cafés, em bares. Mas onde é que acabam todos? — Ele olha-me, inquisitivo. — Talvez haja um universo paralelo onde acabem a beber copos num bar de solteiros, conhecendo outros guarda-chuvas solitários, criando pares desencontrados à prova de água...

— Talvez. — Aceno com a cabeça. Ele é verdadeiramente alienado e, contudo, há algo de puro e ingênuo na sua imaginação e entusiasmo, que é estranhamente cativante. Dito isto, as pessoas excêntricas são sempre cativantes, não é verdade? Como aquela tia maluca de 80 anos que usa *écharpes* de plumas e dança o *cancan*. Aliás, não, isso é só a minha tia maluca.

— E então, o que pensa?

Volto-me, descobrindo Artsy a olhar-me, a sua testa enrugada, como uma criança à espera de aprovação.

— Penso que a galeria gostaria muito de o representar — digo eu, com um certo nervosismo. Afinal, de contas, ele já deve ter ouvido isto um milhão de vezes.

Mas se ouviu, parece ainda assim encantado. — É mesmo?

— Mesmo, sim — anuo.

— Hmm. — Ele sorri vagamente para si próprio e parece ruminar a ideia na sua cabeça. Penso que ele vai dizer alguma coisa, *qualquer coisa*, mas depois, subitamente, faz deslizar para baixo os óculos de aviador e estende a sua mão. — Bem, tenho de voltar

para as minhas batatas.

A nossa reunião deve ter terminado.

— Hum... sim, é claro. — Eu sorrio, escondendo o meu desapontamento e aperto-lhe a mão. — Foi um prazer conhecê-lo e agradeço-lhe pelo tempo...

Antes que possa terminar, ele caminha a passos largos para fora do celeiro. Apresso-me atrás dele, para não ficar aqui fechada. Acreditem, ele seria bem capaz de o fazer.

— Então, alguma última questão? — Trancando a porta do celeiro, volta-se para mim. — Fale agora ou cale-se para sempre. — Rodopiando a mão sobre a cabeça, ele faz uma absurda vénia formal.

Não mexo nem um músculo. Não há nada que ele pudesse dizer ou fazer que me surpreendesse.

Exceto...

— Porquê todo o secretismo? — despejo eu, antes que me possa impedir.

A sua expressão tolda-se e um marcado sulco desenha-se-lhe na testa e desce-lhe por detrás do vidro dos óculos de aviador.

Oh, porra, eu e a minha grande boca. Arrependo-me de imediato da questão. Por que diabo fui dizer aquilo? E logo quando estava a correr tão bem. Sentindo uma pontada de pânico, tento fazer o que faço sempre que me arrependo de dizer alguma coisa e que é dizer ainda mais. — Quero dizer, ninguém sabe sequer o seu verdadeiro nome.

Quando devia simplesmente fechar a matraca.

— Vai perguntar ao Sting qual é o seu verdadeiro nome? — questiona ele. — Ou à Madonna?

— Por acaso, Madonna é o seu verdadeiro nome — não consigo evitar apontar.

— É mesmo? — A surpresa atravessa-lhe o rosto, seguida de um dos seus encantadores sorrisos. — Bem, nesse caso, vou contar-lhe um segredo. Na verdade, é bastante embaraçoso... — E, encostando a sua espessa barba ao meu rosto, sussurra-mo ao ouvido.

— O nome dele é Harold!

Uma hora mais tarde, estou num café na cidade a fazer uma chamada frenética à Robyn.

— Lucy? — Ela parece desorientada. — Está tudo bem?

— Ouviste o que acabei de dizer? — Desde que o Artsy me disse o seu verdadeiro nome, fiquei desesperada por ligar à Robyn para lhe contar a novidade, mas o sinal é tão parco na ilha, que só agora, de volta à cidade, consegui finalmente uma boa receção.

— Hum, desculpa... repete lá.

— O artista que eu vim encontrar aqui em Martha's Vineyard — grito ao telefone. — Tu não vais acreditar, mas o nome dele é Harold!

Robyn toma fôlego. — Conheceste uma pessoa chamada Harold? — sussurra ela.

OK, estou a quebrar *ligeiramente* o acordo de confidencialidade. — Mas é segredo — acrescento rapidamente. Eu sempre fui péssima a guardar segredos. Pela sua própria natureza, assim que sabemos de algum, temos de o contar a alguém. Mas isto é mais do que apenas um segredo, penso eu, em justificação. É o destino dela. *É o Harold!*

Céus, estou a ficar tão delirante quanto ela.

— Como é que ele é? — pergunta ela, calmamente.

— Alto, moreno, atraente... — A voz perde-se. — Bem, seria se cortasse a grande barba farfalhuda e vestisse outras roupas, mas estou certa de que consegues resolver isso.

Silêncio do outro lado da linha.

— Robyn? Estás aí?

— Sim, estou aqui. — Ela soa estranhamente calma. Achei que ela desataria aos guinchos de excitação ao telefone. Mas não, *eu* é que estou aos guinchos de excitação ao telefone. Já sei, talvez ela esteja em choque, compreendo subitamente.

— Ei, estás bem? — Sinto uma pontinha de preocupação. — Sei que foi provavelmente um choque.

— Não, nem por isso — diz ela, sem emoção.

— Não? — Agora, *sou eu* quem está em choque.

— É claro que não — replica ela, soando perfeitamente imperturbada. — Eu sempre soube que ele andava por aí e que, de uma forma ou de outra, acabaria por o encontrar. Como podia isso não acontecer? Ele é a minha alma gémea — afirma ela com absoluta certeza. — É só uma questão de onde e quando. Como tudo, é uma questão de *timing* e...

— Interrompe-se. — Desculpa, D, estou só ao telefone. Eu não demoro.

— Quem é o D? — Franzo o sobrolho.

— Oh... hum, o Daniel — diz ela, soando encurralada. — Estamos em Rockaway Beach. Faz imenso calor, por isso, viemos até cá passar o dia. Nunca vieste, pois não?

Ela está a mudar de assunto, o que significa apenas uma coisa: está a esconder algo.

— O que se passa entre ti e o Daniel? — pergunto, desconfiada.

— Nada — riposta ela, inocentemente. — Somos apenas amigos. — Ela baixa a voz.
— É tudo totalmente platónico.
— Ei, Robyn, pões-me protetor nas costas?
— Tu estás a pôr-lhe o protetor?
— Desculpa, Lucy, mas vou ter de desligar.
— *Desligar?* — Olho para o meu telefone, incrédula. Será que ouvi mal? Ela anda há meses à procura do Harold. Consultou uma vidente. Fez um quadro de visualização. Acendeu velas. Fez as suas afirmações. Abordou estranhos na rua. E agora, aqui estou eu a ligar-lhe para lhe dizer que o encontrei *e ela quer desligar?* — Está bem — digo, relutante. — Olha, vê se fazes figas com todos os dedos. Se ele decidir expor connosco, irás conhecê-lo nessa altura.

— Conhecer quem? — pergunta ela, distraidamente.

— O Harold! — exalo eu, incrédula.

— Oh... fantástico.

Será de mim ou ela não o poderia ter feito soar *menos* fantástico?

— *OK*, bem, diverte-te na praia. — Eu encolho os ombros.

— Obrigada! Adeus.

— Adeus.

Depois, ela desliga e fico com uma sensação de ligeira perplexidade. Bem, isso não correu propriamente como eu esperava. Nem tive oportunidade de lhe contar sobre o Nate estar aqui, apercebo-me. Enfim, presumo que possa esperar até eu voltar a Nova Iorque, reflito. Afinal, já não falta muito. O meu voo é amanhã de manhã, por isso, à tarde já devo estar em casa.

Tempo mais do que suficiente para me preparar para o meu encontro com o Adam.

Quando o pensamento me cruza a mente, sinto uma deleitosa sensação de excitação e nervosismo. Desde que cheguei à ilha, procurei não pensar no Adam. Não queria ser distraída, antes da minha importante reunião com Artsy, por pensamentos sobre as suas extraordinariamente longas pestanas, a maneira como me olhou naquela noite em que nos sentámos na escada de incêndio, *aquele beijo*.

Quando não estive focada no Artsy, os meus pensamentos foram sequestrados pelo Nate, penso sombriamente, retrocedendo para ontem à noite, eu e ele, juntos no quarto da concha... antes de avançar rapidamente de volta ao meu encontro com o Adam. *OK*, foca-te, Lucy, foca-te.

Por breves instantes, penso em ligar-lhe, mas o *bip* da bateria do meu telefone recorda-me de que me esqueci de trazer o carregador e ainda tenho de ligar à Marsha. Faço uma chamada rápida para lhe contar como correu a reunião, o que me faz consciencializar de que ainda não faço verdadeiramente ideia de *como* correu — «Cavámos batatas, comemos gelado e falámos de guarda-chuvas». Depois, termino o meu café, deixo a cafetaria e passeio pelo porto.

Um pequeno *ferry* cruza as águas. Sentando-me sobre o muro do ancoradouro,

observo por um momento. Sinto-me inesperadamente melancólica. Pronto, não vou sentir saudades de ter de partilhar a cama com o Nate, mas seria agradável passar aqui mais tempo. Explorar um pouco. No regresso da reunião com Artsy, apanhei um motorista de táxi muito conversador, que me entreteve com histórias sobre a ilha, incluindo sobre quando Steven Spielberg filmou as famosas cenas do *Tubarão*, aqui em Edgartown. Depois, contou-me sobre o trágico acidente de automóvel envolvendo Teddy Kennedy e uma rapariga, que morreu quando, a altas horas da noite, ao voltar de uma festa em 1969, ele se despenhou de uma ponte que liga à pequena ilha de Chappaquiddick.

É daí que vem o *ferry*, reflito, observando-o por uns instantes, enquanto cobre calmamente a curta distância entre as duas ilhas. Estou acostumada a *ferries* como embarcações de alto-mar imensas, mas este parece mais que alguém cortou um pequeno pedaço de estrada e o fez flutuar sobre a água. Reparem, só consegue acomodar três carros, noto eu, contando-os, e uns poucos passageiros a pé. À medida que o *ferry* se aproxima, os meus olhos deslizam sobre aqueles. Há um casal com as suas bicicletas, uma mulher com uma criança pequena e... Aquele é o Nate? Semicerro a vista contra a luz do Sol. Sim, é definitivamente ele — era capaz de reconhecer a combinação de *navy blazer*, camisa azul pálido e calças plissadas de sarja em qualquer lugar. No que toca a roupa, o Nate não usa o estilo informal, é mais o estilo meia-idade. Ele conversa com uma mulher elegantemente vestida e eu observo-os enquanto desembarcam e apertam a mão. Depois, ele encaminha-se para onde estou sentada.

— Olá, que engraçado ver-te aqui. — Consigo exibir um sorriso quando ele passa por mim.

Ele olha na minha direção e detém-se. Não parece muito satisfeito. — Tu, de novo.

Mordo a língua. Pensa como uma pessoa madura. Pensa no Bruce Willis e na Demi Moore. Pensa que é só mais uma noite e, depois, acaba tudo. — Dormiste bem?

Puxando os óculos de sol para o alto da testa, ele lança-me um olhar. — Já tive melhores noites — diz ironicamente. — E tu?

A minha mente recua para a última noite, *naquela* cama, em alta tensão e a acordar a cada cinco minutos, aterrorizada que tivesse feito inadvertidamente conchinha com ele durante o sono. — Também já tive melhores noites.

— Então, conseguimos concordar em alguma coisa. — Ele sorri, contra a sua vontade. — Como correu o teu dia?

— Bastante bem. — Aceno com a cabeça. — E o teu?

Veem? Estamos a ser tão civilizados um com o outro. É incrível.

— Bastante bem. — Ele faz uma pausa. — O que disseste que vinhas aqui fazer?

Não disse. Eu estava demasiado ocupada a arrotar, meter o dedo no nariz e a espalhar *Tampax* pela casa de banho, penso, com um sentimento de culpa. — Vim encontrar-me com um artista. — Bem, é melhor não dizer demasiado.

Se estava preocupada que o Nate me fizesse perguntas, não precisava de estar.

— Oh — diz ele, mas mais por cortesia, do que por interesse genuíno. O Nate nunca

se interessou particularmente pelo meu trabalho. Era sobre a carreira dele que falávamos sempre.

— Então e tu? — devolvo-lhe a questão.

Ele agita algumas brochuras que segura na mão. — Vim ver propriedades.

— Vais comprar uma casa aqui? — Arquejo. Curiosa como sou, espreitei antes as montras de imobiliárias só para ver e, acreditem, *não* é barato.

— Estou a pensar nisso. — Ele encolhe casualmente os ombros. — Para o verão.

— Uau. — Caramba, está mesmo carregado dele, não está? Uma *penthouse* alugada em Nova Iorque, uma casa de verão em Vineyard. Por um breve segundo, imagino a minha vida se as coisas tivessem corrido de outra forma. Eu e o Nate, na nossa espetacular casa de férias de refúgio, com a nossa própria praia privada, só nós os dois.

— Bem, vou andar um pouco até à cidade.

— Sim, eu também — anuo.

Aliás, pelo rumo que as coisas estão a tomar, ainda pode vir a acontecer, penso eu com uma pontada de susto.

Começamos a percorrer a rua principal. Ladeada de lojas de *souvenirs*, galerias de arte e turistas, lembra-me Cotswolds. Para onde quer que se olhe, há alguém a comer *fudge* ou a tirar uma fotografia de algo pitoresco ou simplesmente a mirar sem intenção definida as montras de lojas que vendem gatos de porcelana pintada, obras de arte pavorosas, joias antigas... Observo um casal a pairar sobre uma pequena montra em arco, os braços em volta da cintura um do outro, ela inclinada para dentro, *ele a puxar para fora*.

E ocorre-me uma ideia.

— Ei, olha para aqui — entoo, agarrando Nate pelo cotovelo e guiando-o em direção à loja.

— Hã? O que foi? — Apesar do facto de não haver praticamente rede móvel na ilha, o Nate encontrou um débil sinal e tagarela com a mediadora imobiliária sobre vistas desimpedidas e pisos aquecidos.

— O que achas?

O casal já se afastou e temos toda a montra só para nós. Foi só uma ideia: é toda uma montra de anéis antigos. *Anéis de noivado antigos*.

— Desculpe, Jennifer, só um minuto. — Espalmando a mão sobre o seu *iPhone*, ele vira-se para mim, confuso. — Porque é que me arrastaste para aqui?

— Que tal o safira rosa com diamantes baguete? — Céus, nem acredito que sei todas essas cenas. Diamantes baguete? Onde é que eu fui buscar isso? As mulheres devem simplesmente absorver essas coisas por osmose.

— Sim, muito bonito — diz ele, sem sequer olhar, antes de voltar ao seu telefonema. — Jennifer. Peço desculpa... estava a falar dos pisos aquecidos?

É mais difícil do que eu pensava. — Talvez mo pudesses comprar? — digo, numa voz clara, fitando o Nate com uma expressão suplicante.

Um acentuado sulco rasga-lhe a testa. — Queres que eu o compre? — pergunta ele, incrédulo.

— Bem, é essa a ideia.

— Desculpe, não, Jennifer, não estava a falar da casa de Chappaquiddick. — Ele fita-me, furioso. — Ouça, pode dar-me uns minutos? Eu já lhe ligo de volta. — Desliga o telefone, o rosto irritado. — Credo, Lucy. — Ele arqueja. — O que é que te deu? Por que diabo te havia de comprar um anel, por amor de Deus?

Arregalo os olhos, sugestivamente. — Porque é que os homens compram anéis às mulheres?

Ele fita-me, desconcertado. Depois, de repente, a ficha cai. — Mas que...? — Ele faz uma pausa, tentando conter-se. — *Enlouqueceste?*

— Não. — Abano a minha cabeça. — Simplesmente... — As palavras ficam-me presas na garganta e engulo com dificuldade. Vá lá, Lucy, tu consegues. Reunindo-me de toda a coragem, penso na Estratégia. Foi a segunda sugestão da Kate. Ela disse que seria infalível...

Fecho as mãos em punhos firmemente cerrados e mergulho no precipício.

— Estou apaixonada por ti — desabafo.

Nate olha para mim como se eu, de repente, tivesse duas cabeças. A cor parece ter-se esvaído do seu rosto e uma multitude de diferentes emoções cruzam-lhe as feições — choque, incredulidade, horror, ceticismo, antes de se fixar na suspeição.

— O que andas a tramar? — Estreitando os olhos, ele estuda-me.

— A tramar? — Finjo inocência. Mal.

— Tu e eu sabemos que isso não é verdade — diz ele, simplesmente. — Quero dizer, por favor, *aqueles cueções de avozinha?* — Ele faz um esgar. — Nenhuma mulher usaria isso diante de um homem por quem estivesse apaixonada.

Sinto as faces enrubescer. — Não, mas... — Estou a ponto de argumentar, mas de que vale? Não vai resultar. Ele não acredita e quem o pode censurar? — *OK*, tens razão. Não estou apaixonada por ti.

— Ótimo. Porque, como já deves ter adivinhado, eu também não estou apaixonado por ti.

— Então, parece que há mais outra coisa em que concordamos — digo, sentindo-me um tanto ridícula, depois da minha revelação.

Ele lança-me um olhar fulminante. — Acredita, estou tão horrorizado quanto tu, por termos constantemente atirados um para o outro nestes últimos dias. Quando te sentaste no avião ao meu lado, o coração caiu-me aos pés.

— Caiu?

— Estás a brincar? Tipo pedra. — Ele assente com a cabeça. — Já era mau o suficiente estar o tempo todo a dar de caras contigo em Nova Iorque, mas encurralados numa ilha juntos? Confesso que pensei que me andavas a perseguir.

— *Eu?* — Olho, indignada, para ele. — A perseguir-te?

— Ora, há coincidências e *coincidências*. — Ele ergue as sobrelanceiras. — Pensei que estavas a tentar reatar comigo.

Fiquei sem palavras. Totalmente sem palavras.

— Um amigo meu disse que era óbvio. Quero dizer, todas aquelas chamadas. — Ele lança-me um olhar penetrante. — Ao que parece, é o que as raparigas fazem.

— *É o que as raparigas fazem?* — repito. Não consigo acreditar no que estou a ouvir.

— Ele disse que eras provavelmente uma ex psicótica.

Fito-o de volta, incrédula. — *Eu? Uma ex psicótica?* — Oh, meu Deus, espera até eu contar à Kate.

— Por um tempo, quase acreditei nele. — Faz uma pausa, como que preparando-se, depois acrescenta, em voz baixa: — Até que vi aqueles cuecos.

Ele faz uma cara assustada, mas os cantos da sua boca torcem-se de diversão e eu não me consigo impedir de sorrir.

— Também tem sido um inferno para mim, sabes? — protesto.

— Seguramente — assente. — Não é agradável para nenhum de nós.

— Bem, talvez acabemos por ficar amigos — digo eu, enquanto nos afastamos da loja de joias.

— Eh, calma lá — replica ele, com sarcasmo.

— *OK*, que tal conhecidos? O nosso único contacto pode ser um cartão de Natal, a cada ano — sugiro eu. — A menos, é claro, que me esqueça.

— Ou que eu apague a tua morada. Acidentalmente, claro.

Sinto uma viragem, como se tivéssemos entrado numa nova fase da nossa relação, num entendimento.

— Parece-me perfeito. — Sorrio.

— *É*, não é? — Ele sorri de volta.

Acabamos por ficar pela cidade e jantar juntos. Corre bastante tranquilamente, exceto quando me passo com ele por fazer um alarido em relação a querer provar a lista de vinhos (enfim, a sério. Estamos numa pizaria local. E eles têm dois vinhos: tinto da casa e branco da casa) e de quando ele se passa comigo por usar os dedos para comer a entrada de *calamari*, que partilhamos.

Depois, há aquele momento em que ele me repreende por eu espreitar uma mensagem que dera sinal, vinda do Adam, «Ansioso por amanhã, bjs», e escrever uma resposta, «Também eu, bjs», e eu o acuso de ser hipócrita por usar o *iPhone* à mesa, o que resulta nele a fazer aquela coisa com a mão para me tentar fazer falar mais baixo e eu, furiosa, a dizer-lhe que se vá lixar em voz bem alta.

Seguido de vários longos silêncios amuados, da parte de ambos.

No entanto, no global, é bastante civilizado e, embora não seja uma experiência que queira repetir, ambos sobrevivemos, o que, considerando que havia utensílios afiados sobre a mesa, quer dizer alguma coisa.

Depois da refeição, o Nate oferece-se para me dar boleia de volta à pousada no seu carro alugado, o que é uma sorte, pois quando deixamos o restaurante, descobrimos que começou a chover fortemente.

— Provavelmente, uma trovoadas que se aproxima — comenta o Nate, parando à porta para subir o colarinho. — Há aqui grandes trovoadas no verão.

— Grandes trovoadas? — repito. — Quão grandes?

— Oh, bastante grandes. — Ele encolhe os ombros, depois precipita-se na escuridão, segurando o *blazer* sobre a cabeça. — Bora, corre!

Porra. Preparando-me, corro atrás dele pelo parque de estacionamento. São apenas uns segundos, mas quando entro no carro, estou encharcada.

— Não tinhas um casaco? — pergunta ele, constatando o óbvio.

— Se tivesse, estaria a usá-lo — digo, arquejante, batendo com a porta atrás de mim e despiando o meu cardigã ensopado. Olho para Nate. Ele está completamente seco. — Sabes, um cavalheiro ter-me-ia emprestado o seu.

— Porque havia de te emprestar o meu *blazer*? — objeta ele, pondo o carro em marcha e saindo do parque de estacionamento. — A culpa é tua se não tens a sensatez de trazer um casaco. Esse é o teu problema, Lucy. Nunca és sensata.

Cerro o maxilar com força. — Como é que eu ia adivinhar que vinha aí uma trovoadas? — riposto, tentando manter-me calma.

— Não consultaste o boletim meteorológico?

— Não, Nate, não consultei o boletim meteorológico — replico de volta.

— Pois, aí tens — pronuncia ele, presunçoso. — Que te sirva de lição.

Arggggghhh! Ele é tão condescendente. Quero atirar-lhe com o seu maldito boletim meteorológico à cabeça, mas, em vez disso, respiro fundo várias vezes e, ignorando-o, cerro os punhos e olho para fora da janela.

No exterior, está escuro como breu. A ilha não é como Nova Iorque — não há uma multitude de luzes a iluminar o céu — e deixamos a cidade, começando a seguir por uma pequena estrada, em direção à espessa e aveludada escuridão. O Nate liga os máximos, mas a chuva arremete contra o para-brisas, tornando impossível ver.

— Tem cuidado — digo eu, passado um momento. — Tens de abrandar. Estás a ir demasiado depressa.

— Não estou a ir demasiado depressa — riposta ele. — Está tudo controlado.

Ele exala de impaciência. — Esquece isso, está bem?

A minha paciência estala. — Não, não esqueço — berro eu, acima do ruído dos limpa-para-brisas, que pulsam furiosamente. — Abranda!

— Cristo, tinha-me esquecido de como és chata! — resmunga ele.

— E eu tinha-me esquecido de como és mau condutor! — murmuro eu, a minha mente recuando até quando éramos adolescentes e o Nate me levou de Veneza a Florença, para o fim de semana, e quase nos espatifámos, porque ele insistiu em fazer corridas com os condutores italianos.

Ele dá uma guinada para evitar uma poça gigante na estrada e eu sou impelida contra o assento pelo cinto de segurança.

— Estás a tentar matar-me? — guincho.

— Bem, seria uma maneira de me ver livre de ti — berra ele, olhando para o lado para mim.

— O que estás a fazer? Mantém os olhos na estrada! — berro-lhe de volta.

— Os meus olhos *estão* na estrada!

— E abranda!

— Lucy, sou eu que estou a guiar ou és tu?

— És tu, mas vais demasiado depressa.

— Eu não vou demasiado depressa!

Um imenso relâmpago estilhaça o céu, iluminando a espessa escuridão, seguido de um ensurdecedor estrondo de trovão. Cada terminação nervosa do meu corpo dispara e eu agarro o assento com os meus dedos. Caraças, agora estamos mesmo no coração da trovoadas. A chuva cai em bátegas, espancando o carro e alagando a estrada. Sinto as rodas de trás a derrapar.

— Tem cuidado. Vais fazer *aquaplaning*! — rujo eu por cima do fragor.

— É claro que não vou fazer *aquaplaning*! — ruge ele de volta.

— Nate, cuidado. Olha por onde vais.

— *Arggghhh!*

Acontece tudo muito rápido. Apenas tenho consciência das nossas vozes a ecoar em estêreo, eu a guinchar, ele a berrar, quando subitamente perde o controlo do volante. Somos arremessados pela estrada fora. O carro gira descontrolado. Desviamo-nos para dentro da negritude... Ouço os pneus a chiar... vejo *flashes* de campos, arbustos... tenho a sensação de ser arremessada para a frente.

E então... *bum!*

Atordoadá, abro os olhos e fico instantaneamente cega pela luminosidade intensa. Oh, meu Deus, então é isto. Acabou tudo. Estou no Céu. A qualquer momento, vou começar a ouvir música de elevador, chegar aos portões branco-pérola e ver a minha avó, a esperar-me com uma grande pilha dos seus *macaroons* de coco caseiros.

— Porra!

Rodo para o lado, mas em vez da avó e dos seus *macaroons* de coco, vejo o Nate.

A sério, não há como escapar dele. Nem mesmo no Além.

— Estás bem?

— Bem? — disparo contra ele, incrédula. — Tu mataste-me!

— Oh, deixa-te de dramatismos — riposta ele. — Não te aconteceu nada. Fomos contra uma árvore, só isso.

Há um breve silêncio enquanto assimilo a informação. Não estou morta. Então...

— Só isso! — exclamo. — Tu conduzes feito louco no meio de uma trovoadá e espetas-te numa árvore e quase nos matas aos dois, e é *só isso*! Provavelmente, parti os braços e as pernas por tua causa!

— Bem, partiste?

Abano os meus braços e pernas. — Não, mas essa não é a questão.

— Essa é totalmente a questão — contrapõe ele, massajando a testa, agitado. Soltando um fundo suspiro, abraça o volante.

Relutantemente, sinto uma ponta de preocupação. — Estás bem?

— Bem, nenhum dano — diz ele, num tom rígido. — Já o carro, não sei.

Seguindo o seu olhar, espreito pelo para-brisas na direção da luz brilhante. Só agora me dou conta, levemente envergonhada, de que são apenas os faróis, que se refletem com intensidade no tronco de uma grande árvore. Contra o qual, completamente amassada, está a capota.

— Bem, ainda pega — murmura ele, dando à chave. — Já é alguma coisa.

Percorre-me o alívio. Graças a Deus! Em breve, estarei na pousada sã e salva, enfiada na cama.

Risco essa imagem. Vou ficar-me pelo estar de volta à pousada.

A chuva continua a fustigar com força o tejadilho do carro, enquanto o Nate engata a marcha-atrás e põe o pé no acelerador. O meu alívio é de curta duração. Houve-se o som agudo das rodas a girar, mas não nos movemos. Ele acelera com mais força. As rodas guincham mais alto.

— Raios! — Batendo com os punhos no volante, Nate escancara a sua porta e desaparece nas traseiras do carro. Volta segundos depois, completamente ensopado. — Estamos atolados na lama.

Imagens da pousada acolhedora e reconfortante começam rapidamente a distanciar-se. — A quem vais ligar? — pergunto quando o Nate puxa para fora o seu *iPhone*. Por favor,

— Não me digam que é ao estúdio. Ou à mediadora imobiliária.

— À assistência em viagem. Precisamos de um reboque.

— Mas como nos vão encontrar?

Ele fita-me como se eu fosse uma completa idiota. — Tem GPS. Conseguem localizar exatamente onde estamos. — Ele começa a atacar o ecrã.

— Oh, certo... ótimo! — Durante todo este tempo, eu odiei aquele maldito *iPhone*, mas agora retiro tudo o que disse. Sinto uma onda de gratidão. Graças a Deus pelo *iPhone* do Nate!

— Só que há um pequeno problema.

— *Problema?* — Olho, cautelosa, para Nate.

Fitando o ecrã, o seu maxilar cerra-se com força. — Não há sinal.

Depois de vinte minutos a caminhar por uma estrada deserta, debaixo de chuva torrencial e na mais completa escuridão, apercebemo-nos de luzes à distância. O meu coração eleva-se quando nos arrastamos na sua direção e vislumbro uma placa: «O'Grady's Irish Tavern». Nunca fiquei tão feliz por ver uma taberna irlandesa. Empurrando a porta, precipitamo-nos para o interior, encharcados até aos ossos e enregelados, e somos acolhidos pela calidez, a luminosidade e o *Fisherman's Blues* a tocar na *jukebox*.

Avistando uma cabine telefónica, o Nate lança-se para ela enquanto eu abro caminho, de pés alagados, até ao bar. A taberna não é muito grande. Ao fundo, há algumas mesas e cadeiras, em torno das quais se juntam o que parecem ser habitantes locais — começo a reconhecer o seu uniforme de casacos amarelos de pescador e calças caqui roçadas. Estendendo-se ao longo de um dos lados, está um bar bem abastecido, atrás do qual centenas de polaroides esbatidas forram a parede. Sem dúvida tiradas em anteriores celebrações do Dia de São Patrício, noto eu, já que todos usam verde e há uma profusão de trevos de quatro folhas. A boa sorte dos Irlandeses.

Dava-me jeito um pouco dessa sorte neste momento, penso, içando-me cansada para um banco alto de bar, onde uma poça se começa rapidamente a formar à minha volta.

— Um pouco molhado lá fora, hem? — O bigodudo *barman*, um Hell's Angel de cinquenta e tais anos de *t-shirt* cortada e braços tatuados, interrompe-se de mastigar um palito.

— Só um pouco. — Fungo, pousando os cotovelos sobre o balcão.

Ele procura debaixo do balcão e estende-me uma toalhinha de bar. — Tome.

— Obrigada. — Sorrindo, agradecida, enxugo a cara, depois viro a cabeça para baixo e começo a secar o cabelo com a toalha.

— Vai demorar um bocado.

Ao ouvir a voz de Nate, viro a cabeça rapidamente para cima. Ele está de pé ao meu lado, parecendo que acabou de tomar duche completamente vestido. Nem mesmo o *blazer* conseguiu manter a seco, penso com uma pontinha de satisfação. Sinto-me meio tentada a deixá-lo a escorrer, mas compadeço-me e passo-lhe a toalha. — Quanto tempo?

— Ao que parece, houve uma série de acidentes — resmunga ele, esfregando a cara com brusquidão — e só há um maldito reboque. — Com uma expressão trovejante, ele desliza para o banco alto ao meu lado.

— Talvez pudéssemos chamar um táxi — sugiro eu.

— Oh, que cabeça a minha! Porque não pensei nisso? — Ele bate na testa num sarcástico momento de «eureka».

— Só estava a tentar ajudar — retruco com intensidade.

— Pois, não tentes — diz ele, inexpressivo. — Há um único serviço de táxis na ilha e está ocupado. Vamos simplesmente ter de esperar.

— Então, o que querem beber? — interrompe alegremente o *barman*.

— Um *vodka* tónico, por favor — digo, grata pela interrupção.

— Dois — diz o Nate, ríspido.

O *barman* afasta-se e instala-se um silêncio desagradável. Procuro por algo para dizer. — Oh, é verdade, uma mulher ligou para o quarto à tua procura esta manhã — recordo. Ora, com tudo o que aconteceu hoje, tinha-me esquecido por completo. — Não deixou mensagem.

— Hum, provavelmente era a Jennifer, a mediadora imobiliária — descarta ele. — A mulher persegue-me.

Queres dizer, a Jennifer a quem apertavas a mão mais cedo e com quem conversavas sobre pisos aquecidos, sou tentada a dizer, mas não vou entrar por aí. Em vez disso, desvio-me do seu mau humor e, reparando que o *Fisherman's Blues* terminou e que a taberna caiu no silêncio, pergunto: — Tens trocos para a *jukebox*?

Por um momento, ele parece prestes a tecer um comentário sarcástico. Depois, como se pensando melhor, procura relutantemente nos bolsos e estende-me umas moedas.

— Obrigada. — Forço uma voz animada e, deixando-o sentado ao balcão, encaminho-me para a *jukebox*. Sinto uma onda de alívio por me afastar. Ele está com uma disposição péssima.

Nos cinco minutos seguintes, percorro a *playlist* e escolho músicas. É verdadeiramente divertido. Há aqui alguns absolutos clássicos: os Eagles, Fleetwood Mac, Sister Sledge... e o *You're So Vain* da Carly Simon. Adoro essa música! Trauteando-a para mim mesma, escolho algumas das minhas favoritas de sempre e, depois, regresso ao bar.

E ao Nate, sentado sozinho, a fazer durar a bebida e cara feia ao seu *iPhone*, como se para o obrigar a funcionar. — Então, o que é que escolheste? — grunhe ele, levantando o olhar.

— Oh, uma série de coisas — digo vagamente e estendo a mão para a minha bebida. Caramba, como preciso disto! Dispensando a palhinha, dou um grande trago... e quase me engasgo quando o *vodka* faz explodir as minhas amígdalas. Bolas, esqueço-me sempre de como as bebidas são fortes aqui nos Estados Unidos, em comparação com a minha terra.

— Tipo o quê? — insiste ele.

— Espera que já vais ver — replico eu, recusando ceder. Sem sombra de dúvida, ele vai detestar toda a minha música e terá o maior prazer em mo dizer. Porém, também não aprecio o seu gosto. Da última vez que estive na sua *penthouse*, ele tinha a tocar Hootie and the Blowfish.

Aguardo expectante que a *jukebox* comece a tocar. Não sei por que ordem as músicas irão surgir. Oh, aí está! Ouço os acordes de abertura de uma canção a iniciar. Explodem violinos. Fixe. The Verve, *Bittersweet Symphony*. Uma das minhas favoritas. Só que, espera, não são os The Verve. Isto não é...?

— INXS? — resfolega Nate, pejorativamente.

— Como? Eu não escolhi isto — digo, confusa, quando o Michael Hutchence começa a cantar.

— Deves ter escolhido — replica Nate.

— Não, não escolhi. — Abano a cabeça. — Deve haver alguma confusão. A *jukebox* deve estar avariada.

Nate olha-me, muito claramente não acreditando. — Cristo, odeio essa música — queixa-se ele.

— A sério? Eu adoro — retruco eu. Contudo, é verdadeiramente estranho. Não escolhi definitivamente isto... Subitamente, agita-se um pensamento. — Espera, como é que se chama esta canção?

— Hum... — O Nate enrug a testa.

— *Nunca Nos Vão Separar* — diz o *barman*, do outro lado do balcão.

Eu e o Nate trocamos olhares, enquanto os meus braços se arrepiam.

— Falando de oportuno — diz ele entre dentes.

— É, não é? — murmuro eu, sentindo um calafrio pela espinha acima, enquanto o Michael Hutchence ento a letra bem alto. Como assim? Até a *jukebox* está envolvida nisto também?

— Começo a pensar que nada nos pode separar — acrescenta ele, por entre a boca cheia de gelo.

— Também eu. — Aceno com a cabeça.

— É como se estivéssemos amarrados um ao outro. — Ele suspira, sombrio, olhando fixamente para a sua bebida. — Para todo o sempre.

Os meus ouvidos ficam alerta. — Disseste «para todo o sempre»?

— Bem, é o que parece, não? — diz ele, dando um trago na sua bebida.

Olho para ele. Subitamente, o meu coração estrondeia como um pistão. Quero contar-lhe. Quero contar-lhe tudo. — Bem, é engraçado que digas isso...

— Achas? — ironiza ele, com sarcasmo. — Eu não me estou a rir.

Hesito, mordendo o lábio, perguntando-me se deva continuar. Ele vai pensar que sou uma idiota. Oh, que se lixe, ele já pensa que sou uma idiota. — Lembras-te da ponte? — despejo eu.

— Qual ponte?

— Em Veneza. A Ponte dos Suspiros. Beijámo-nos debaixo dela, numa gôndola.

— Desculpa, Lucy — ele exala com impaciência —, mas não estou com disposição para percorrer os caminhos da memória.

Sinto-me retesar. Céus, por vezes ele é mesmo um cretino arrogante. Calo-me. Sou quase tentada a não me dar ao trabalho de o tentar explicar, mas estamos nisto juntos — infelizmente — e é tanto um problema para ele resolver, como o é para mim, penso, indignada.

— Não se trata dos caminhos da memória — contraponho eu, tentando manter a minha voz calma. — Trata-se da lenda. Não te lembras? De como se nos beijássemos debaixo da ponte, ao pôr do sol, com os sinos a soar, nos garantiria um amor eterno?

O Nate fita-me como se eu tivesse enlouquecido por completo. Emborcando o resto da sua bebida, volta-se para o *barman*. — Outra destas. E que seja grande.

O *barman* relanceia-me. — Duas?

— Sim, porque não? — assinto, esvaziando o meu copo.

— Então, o que é que estás a dizer? Que tudo isto é por causa de uma lenda? — Voltando-se para mim, o rosto de Nate é inundado de uma incredulidade desdenhosa.

— Ouve, eu sei que parece loucura. De início, pensei a mesma coisa... bem, durante muito tempo aliás — confesso. — Na verdade, ainda penso que é loucura...

Nate corta-me a palavra. — Porque é loucura.

Exalo pesadamente. — Está bem, pronto, é loucura — riposto eu, com irritação. — Mas não achas que é loucura estarmos aqui agora? Que estejamos sempre a dar de caras um com o outro? Que acabemos com a roupa da lavandaria um do outro? Que os nossos telefones liguem um para o outro? Que nos façam uma reserva para o mesmo quarto? Que nos sentemos ao lado um do outro no avião? Que partilhemos a mesma cama?

As suas faces inflamam-se. — Não era essa a minha ideia.

— Não achas que é loucura que não nos consigamos livrar um do outro? Que tenhamos rompido, mas não consigamos romper? Que de alguma forma alguma coisa nos esteja sempre a juntar? — O meu peito agita-se e consigo perceber a minha voz a tornar-se mais estridente. — Até mesmo a maldita *jukebox* está metida nisto — grito eu.

— O quê? — Nate fita-me, confuso.

— Ouve! — instruo eu, gesticulando no ar. Os INXS calaram-se e começa a tocar uma nova canção. — Acredita, eu não escolhi isto.

— Velvet Underground, *Fico Contigo*¹⁰ — entoa o *barman*, passando-nos novas bebidas. — Um verdadeiro clássico.

— Estás a ver! — Arquejo, impaciente.

Passam uns instantes enquanto o Nate processa esta ofensiva de informação. — Então, deixa ver se entendo... — Estreitando os olhos, ele estuda-me. — O que me estás a dizer é que um beijo, *há dez anos*, nos meteu nesta confusão?

— Exatamente. — Dou um grande trago na minha bebida.

Ele olha-me por um momento, depois chega-se para trás no banco alto. — Esperas

mesmo que eu engula isso?

Sinto as minhas faces flamejar. — Bem, tens uma explicação melhor?

— Qualquer coisa é uma explicação melhor! — Ele massaja a testa, agitado. — Caramba, a sério!

Solto um suspiro e procuro na minha mente uma forma de o convencer, o que não é fácil quando ainda tenho dificuldade em convencer-me a mim própria, quando abruptamente sou distraída pelo que soa como um miado infernal.

— Cristo, que som é este? — pragueja Nate, relanceando em redor. — Não me digas que é outra música que não escolheste.

— A noite de *karaoke* das quintas-feiras — anuncia o *barman* com evidente satisfação.

— A sério. — Nate esboça um sorriso forçado. — Isto está cada vez melhor.

— É verdade. Aquela é a minha miúda, a Shiree. Não é fantástica? — O *barman* sorri largamente de orgulho.

— Hum, sim, fantástica! — digo, com entusiasmo, pontapeando a canela do Nate.

Ele faz um esgar e dispara-me um olhar furioso.

— Porque é que não vão até ali? — continua ele. — Gostamos que os forasteiros tentem a sua sorte ao micro.

— Ah, não, não me parece. — Abano a cabeça apressadamente e começo a sorver a minha bebida.

— Ela não sabe cantar; uma voz terrível — confia Nate ao *barman*.

— Eu não tenho uma voz terrível — protesto, indignada, pousando o meu copo vazio no balcão.

— Isso é que tens — assente ele, gesticulando ao *barman* para uma outra rodada. — Já te ouvi no chuveiro.

— Uh! Eu no chuveiro! — brado. — Então e tu?

O *barman* pousa as nossas novas bebidas. Agarrando na minha, dou um grande gole.

— Eu tenho uma excelente voz — replica Nate. — Fiz parte de uma banda.

— O quê, quando tocaste pandeireta na faculdade? — troço eu, a minha mente regurgitando memórias do que ele me contou sobre isso, em Veneza, quando éramos adolescentes.

— Fiz algumas vozes — diz ele, rígido.

Produzindo um pequeno «pfff», que se traduz como *Pois sim*, abano a cabeça, depois agarro-me rapidamente ao balcão para me firmar. Céus, estou a começar a sentir-me zozna.

— O quê? Achas que cantas melhor do que eu?

— *Shem dúvida* — balbucio. Credo, o que se passa com a minha língua? Ficou toda mole.

— Está bem, então prova-o — diz ele, desafiador.

— Eu não tenho de provar nada — riposto eu, fitando Nate. Na verdade, são dois

Nates. Acho que estou a ver a dobrar.

— Ah!

— Ah? — Tentando focar-me, puxo os ombros para trás. — O que é suposto significar esse «Ah!»?

— Significa que sabes que eu tenho razão — diz ele, com arrogância.

Pronto. Basta! Não sei se é do *vodka* ou da sua expressão presunçosa ou de mais de vinte e quatro horas com ele em Martha's Vineyard, juntamente com as últimas semanas, combinadas com os últimos anos, mas algo finalmente rebenta.

Certo, chega. Eu vou mostrar-lhe.

— Muito bem, feito — digo eu, aceitando o desafio. — Ouve e geme. — E sem olhar para trás, deslizo do banco alto e dirijo-me destemidamente para o microfone e colunas, que foram instalados a um canto da taberna. Atrás de mim, ouço o *barman* a gritar «Dá-lhe, miúda!», e eu, projetando o queixo para diante, começo a traçar o meu caminho por entre as mesas.

Esbarro com algumas, acidentalmente. — Ups, peço desculpa! — Sorrio enquanto as pessoas agarram as suas bebidas para impedir que se entornem. Oh, bolas, sinto-me um pouco tocada. Na verdade, sinto-me bem mais do que tocada, sinto-me decididamente embriagada. O chão oscila sob mim e inspiro profundamente várias vezes. Direi antes *podre de bêbada*.

Alcançando as colunas, uma mulher de peito generoso num *top* de alças pergunta o meu pedido, depois passa-me o microfone. Normalmente, por esta altura, eu estaria uma pilha de nervos, mas é quase como se estivesse a viver uma experiência extracorpórea e eu já não estivesse no controlo. Outra coisa opera a minha mente e o meu corpo, e não tem qualquer receio. Tem plena confiança.

Chama-se três grandes *vodkas*.

Subo, vacilante, ao pequeno pódio improvisado, sob o foco de luz. — Hum, teste, teste, um, dois, três. — Começo a dar pancadinhas no microfone. Bem, não é assim que se costuma fazer? Tem um efeito imediato. As pessoas param de conversar e voltam-se para olhar para mim, interessadas. — Esta é para o meu ex-namorado, Nathaniel. — Na sombra, consigo vê-lo a fazer gestos constrangidos de «Não, não, não». — Ele está ali atrás, sentado ao balcão.

Todos se voltam e olham para o Nate. Subitamente mergulhado no centro das atenções, ele parece um coelho encandeado por faróis: petrificado.

— É o clássico do *Grease* — continuo eu. — Penso que todos conhecem. — Há alguns murmúrios de aprovação e, fortalecida pela minha recém-descoberta confiança, cortesia da *Smirnoff*, apresento-o. — Intitula-se *You're the One That I Want*¹¹.

Ecoa um murmúrio de aprovação.

— ... mas esta noite vou cantá-lo com uma pequena variação... — Faço uma pausa enquanto os meus olhos percorrem a minha minúscula plateia. Vejo as pessoas a olhar-me, expectantes, a sua curiosidade aguçada. — Esta noite, será *You're the One That I Don't*

Want.

Há umas poucas vaías de riso e alguém assobia. Junto ao bar, consigo aperceber-me do Nate a encolher-se no seu banco, de pura e não diluída mortificação e, então, os acordes de abertura da canção explodem em força pelas colunas crepitantes.

Aqui vou eu!

Com uma profunda e embriagada inspiração, começo a cantar. Estou um pouco trémula de início, mas rapidamente ganho balanço. Na verdade, é bem divertido, dou-me conta, enquanto faço a minha serenata ao Nate a plenos pulmões. Sobretudo quando a plateia se começa a juntar a mim no refrão. Sinto-me a Leona Lewis ou a Mariah Carey ou uma dessas grandes divas, penso eu, fechando os olhos como vemos fazer os candidatos do *X-Factor*. Com uma explosão de entusiasmo, agarro no microfone e dou tudo.

Uau, e agora a plateia está a enlouquecer. Consigo ouvi-los a assobiar e a uivar e a aplaudir *e mais alguém a cantar*. Abro os olhos de repente. *Esse é o Nate?*

Observo-o a ser empurrado para o palco, com um microfone enfiado na mão, uma expressão de horror no rosto, quando é obrigado a cantarolar. Ele lança-me um olhar estrangulado enquanto entoa a parte do John Travolta perante a minha Olivia Newton-John.

A plateia fica louca quando nos entreolhamos com um esgar de cada lado do palco. Esqueçam o cantar em dueto, nós cantamos em duelo. O *karaoke* equivalente a uma luta até à morte. Ele já vai ver. Toma lá! Com a adrenalina a bombar, disparo-lhe um verso. Ela já vai ver. Toma lá! Agarrando no microfone, ele avança sobre mim com mais um verso.

Para a frente e para trás, para a frente e para trás...

— Desculpem.

Até que, a meio da nossa luta-canção, a música para e eu ouço uma voz. É o *barman*.
— O vosso reboque chegou.

⁹ Do original, *Never Tear Us Apart*. (N. de T.)

¹⁰ Do original, *I'm Sticking With You*. (N. de T.)

¹¹ Em tradução livre, *És o Tal Que Eu Quero*. Mais abaixo, a variação será *És o Tal Que Eu Não Quero*. (N. de T.)

— Bem, parece-me que desta vez é adeus.

Transpondo a porta do aeroporto JFK em Nova Iorque e entrando no movimentado terminal de desembarque, Nate volta-se para mim.

— Esperemos que sim — digo eu, cautelosa.

— Oh, não me digas, a lenda vai apanhar-me — escarnece ele, agitando os dedos de modo assustador e trauteando o tema musical do *The Twilight Zone*.

— Ah, ah, muito engraçadinho.

— Ora — desdenha ele. — Esperas mesmo que acredite nisso?

— É claro que não. — Encolho os ombros. — Nunca acreditas em nada do que eu digo.

Ele acena com a cabeça, como que dizendo, *Sim, isso é verdade*, depois encolhe-se e leva a mão à testa. Tirando para fora uma lamela de ibuprofeno, faz saltar dois comprimidos e bebe da sua garrafa de *Evian*. — Por que diabo tinhas de me fazer beber aqueles *vodkas*?

— Porque tinhas de bater com o carro? — riposto eu, tirando-lhe a água e os comprimidos e tomando mais dois. Já lá vão seis e a minha ressaca continua a latejar.

— Já agora, preferia que não me mencionasses a ninguém, enfim — ele baixa a voz —, a fazer o *karaoke*.

— Oh, não foste assim tão mau — brinco eu.

Ele fuzila-me com os olhos e abre a boca para retaliar quando o *iPhone* começa a tocar. — É o meu motorista — diz ele, relanceando para o ecrã. — Está lá fora.

— Adeus. — Levanto a minha mão em despedida. — Espero não voltar a ver-te.

— Não voltarás — diz ele, com determinação. — Vou certificar-me de que me esqueço de te mandar um cartão pelo Natal. — Ele lança o seu saco em volta do ombro, depois vira-se bruscamente e afasta-se a passos largos, engolido pela agitação de gente.

Observo por um momento, mal ousando acreditar que agora é que é, ele foi-se embora de vez. Desaparecendo como que por um truque de magia. Sinto um palpar de esperançada excitação. Depois de tanta falsa esperança, de tantas falsas partidas, é difícil acreditar que ele pode finalmente ter-me deixado em paz. Como com *Pedro e o Lobo*. Mas não, ele desapareceu realmente, tranquilizo-me, olhando para a multidão. E não vai voltar.

O meu corpo relaxa de alívio. Talvez o Nate tenha razão — talvez eu me estivesse a deixar arrastar pela lenda e por toda essa coisa da magia e dos feitiços. Sentindo-me otimista, retiro a minha bagagem do tapete rolante e, com passos vivos, saio para o exterior para apanhar um táxi de regresso a casa. Talvez, finalmente, isto tenha terminado.

Chegando ao apartamento, abro a porta e dou logo de caras com a Robyn, que corre freneticamente pela cozinha.

— Olá! Voltaste. — Ela sorri, dando-me um forte abraço de urso. — Que tal foi?

— Interessante — respondo eu, deixando-me cair numa cadeira e descalçando as sandálias. — Não vais adivinhar...

— Raios, viste as minhas chaves? — interrompe-me ela.

— Hum... — Relanceio em volta da cozinha, os meus olhos varrendo a bancada. — Não.

— Maldição. — Ela arqueja, batendo impacientemente com o pé.

O seu pé dentro de um salto alto.

Fito-a, atónita. Nunca a vi a usar outra coisa que não as suas chinelas *Havaianas*, das quais tem uma dúzia de pares em todas as cores do arco-íris. Ela é tão alta e esguia, que diz sempre não sentir necessidade de usar saltos, mas esta noite ela usa um fabuloso par de sandálias abertas douradas, que estão para as *Havaianas* como um Matisse para uma daquelas pinturas em que se ligam os números.

— Vais sair? — pergunto, surpreendida. Mirando-a dos pés para cima, assimilo-a pela primeira vez e apercebo-me, subitamente, de que está toda aperlaltada. Envergando um vestido longo em *tie-dye*, que deixa ver o seu impressionante decote, ela apanhou o cabelo no alto, para mostrar uma espantosa gargantilha. É obviamente de uma das suas longínquas viagens exóticas e é feita de centenas de pedrinhas, que brilham e cintilam à luz dos focos da cozinha.

— Uau, estás deslumbrante — digo, com um arquejo.

Ela para de correr por um instante e detém-se à minha frente, para que eu possa ver devidamente, à espera de aprovação. — Achas? — Mexe nervosamente no cabelo. — Estava a pensar que se calhar é de mais.

— Não, estás ótima — digo. Nunca percebi porque é que a Robyn esconde a sua figura dentro de roupas largas, mas esta noite não há que enganar, ela está a dar tudo. — Muito *sexy*.

As suas faces ruborizam. — Obrigada. — Sorri, depois, lembrando-se da caça às chaves perdidas, lança-se sobre a bancada e levanta uma pilha de correspondência. — Raios, mas onde é que podem estar?

— Não te preocupes, eu deixo-te as minhas escondidas. — Avistando um pacote de *Kettle Chips*, tiro uma mão-cheia. — Ponho-as debaixo do vaso no patamar.

— Sim? — Ela lança-me um olhar agradecido. — Oh, obrigada, és um anjo! — Corre para a porta.

— Ei, mas ainda não me disseste onde vais... — A porta fecha-se atrás dela, fazendo cair alguma coisa de cima do frigorífico com estrépito. Dobrando-me, apanho-a. É o seu quadro de visualização.

— Ou com quem — murmuro, olhando para as fotos coladas de estranhos morenos e atraentes e letras recortadas a soletrar as palavras «alma gémea» e «Harold». Algo me diz que não é seguramente com ele.

Voltando a apoiá-lo em cima do frigorífico, procuro a minha mala. Preciso de me preparar para a minha saída com o Adam, embora ainda não saiba que surpresa é ou onde

nos vamos encontrar, reflito, sentindo um nervoso miudinho. Tirando para fora o telemóvel, verifico de novo se tenho alguma mensagem e reparo que a bateria está quase nas últimas. Raios, onde está o carregador? Ao pé da tostadeira, onde o deixaste, noto, ligando-o à pressa. Instantaneamente, ouço o *bip* de uma mensagem. É do Adam.

É uma hora e um local. Há um vibrar de excitação e eu olho para o relógio do micro-ondas. Oh, não, já são estas horas?

Precipitando-me para a casa de banho, salto para o chuveiro e passo os trinta minutos seguintes a fazer aquilo a que chamo de «transformação». Vai-se o cabelo encrespado, a cara suada, *t-shirt* largueirona e *leggings*, e entra a maquilhagem de ar natural, um vestido *vintage* que comprei numa loja de artigos em segunda mão, que me aperta um pouco debaixo dos braços, mas que me torna a barriga lisa, e um cabelo que, enfim, nunca rivalizará com o da Jennifer Aniston, mas também não rivalizará com o do Donald Trump.

Tudo terminado, observo-me no espelho. Agora sei como Jesus se deve ter sentido. Falando de milagres. Ele tornou água em vinho? Grande coisa. Eu consigo transformar uma desgraça ressacada em algo vagamente apresentável. Talvez mesmo um pouco *sexy*, penso eu, fazendo-me um exame rápido e sentindo um arrepiar de excitação.

Um pensamento cruza-me a mente e, remexendo na minha cómoda de gavetas, tiro para fora a minha roupa interior «especial»: uma tanguinha de renda e *soutien push-up* que custam uma fortuna, da Agent Provocateur. Entrei lá no ano passado, depois da festa de Natal, quando estava um pouco tocada, e acabei por gastar demasiado em *lingerie sexy* que mal usei.

O problema é que tenho medo de parecer um pouco, enfim, *ansiosa por isso*. Parecer *sexy* é uma coisa, mas premeditada é outra. Como se estivesse a contar fazer sexo com ele. Quero parecer que vesti isto casualmente, que é a minha roupa interior habitual, decido, contorcendo-me dentro dela. Vejo-me ao espelho.

Oh, por favor! Como se eu usasse habitualmente um *soutien balconette* de seda preta e rosa, que me comprime as maminhas e as puxa para cima à proporção de um decote prestes a rebentar. Eu uso confortáveis *soutiens* de algodão de cores vivas da M&S, que dão com tudo.

Mas não posso usar um desses, penso com horror, olhando para o *soutien* de algodão largado em cima do lavatório, como um molde bege de gelatina. Seria a coisa menos favorecedora que já se viu.

Fito-o por uns segundos, uma batalha interna de *soutiens* a travar-se dentro de mim, depois tomo uma decisão. Não, eu não posso, repito, não posso usar o meu *soutien* molde de gelatina neste encontro surpresa. Um homem nunca compreenderia a desculpa do conforto e não ter costuras visíveis. Na verdade, lembro-me de mencionar essa mesma razão, uma vez, a um antigo namorado e de ele me ter olhado, perplexo. «O quê, tens de usar um *soutien* invisível?» O que não era sequer a questão, mas ainda assim.

No final, acabo por levar o de seda preta e rosa — para o caso de — e encaminho-me para o Metro. O Adam indicou-me a morada e eu subo para a carruagem. Estou a ficar

bastante entendida em metropolitanos agora, reflito, sentando-me e olhando para os rostos à minha volta. Quando aqui cheguei, sentia-me tão diferente, uma forasteira, mas agora começo a sentir-me como um deles. Começo a sentir-me em casa.

Mas por quanto mais tempo?, reflito, despontando uma semente de preocupação, enquanto penso na galeria e nos problemas financeiros de Marsha. Só tenho de esperar que a reunião com Artsy tenha corrido bem. Qualquer que seja o resultado, muito em breve saberemos, digo para mim mesma. Voltando a cabeça para olhar pela janela, ponho de lado a minha preocupação. Por esta noite, pelo menos.

Saindo da estação, procuro a morada. Confesso que tenho de puxar do meu mapa desdobrável — posso começar a sentir-me em casa, mas é uma casa onde ainda me perco regularmente — e navego pelas ruas, até que vejo um pequeno cinema. A luz néon da placa ilumina o pavimento, onde se aglomeram algumas pessoas, incluindo o Adam.

Vislumbro-o primeiro, encostado contra a parede, a fumar um cigarro enrolado e a ler uma revista. É como se os meus olhos se focassem totalmente nele. Porque é que antes eu mal o notava? No evento da galeria, naquela primeira noite, ele só atraiu a minha atenção porque parecia deslocado. Agora, é como se tivesse um foco apontado e eu não reparo em mais ninguém.

Para além disso, reparo em *tudo* nele. Em como a *t-shirt* de decote em V revela aquele pequeno triângulo de pele macia e penugenta, na base do pescoço. Em como o músculo do seu braço moreno se flexiona quando ele volta as páginas da revista. A maneira como uma mecha de cabelo lhe cai constantemente sobre a testa, como uma criança travessa que não se quer comportar. Observo-o, agora, a pô-la no lugar com a palma da mão.

— Adam?

— Olá! — Os seus olhos enrugam-se num sorriso quando me vê. — Conseguieste.

— Lamento o atraso — desculpo-me apressadamente. — O avião atrasou-se e, depois, o meu telefone morreu, por isso, só recebi a tua mensagem há cerca de uma hora e...

— Não há problema. Estava a pôr a leitura em dia. — Cortando-me a palavra com um descontraído encolher de ombros, ele apaga o seu cigarro, depois enrola a revista, que enfia no bolso de trás. — Estou só feliz que aqui estejas. — Ele parece agradado e completamente adorável, e eu sinto-me derreter por dentro como chocolate. Toda a minha vida fui repreendida por ser uma inútil e chegar sempre atrasada, recebida com uma exclamação de impaciência ou arquejo irritado. O Adam é a primeira pessoa a ficar simplesmente feliz por eu estar aqui, como se nada mais importasse.

— Também eu. — Sorrio e apresto-me a dar-lhe um beijo na cara. Não quero parecer presunçosa, apesar da minha escolha de roupa interior, penso, ignorando o aperto do meu fio-dental. Em vez disso, como que tropeço numa pedra da calçada e aterro na boca dele. Um formigueiro percorre-me da cabeça aos pés.

Depois, recuo embaraçada. — Oh, céus, desculpa... — Começo de novo a desculpar-

me.
— Ei, não tem problema — diz ele, de novo. — Eu estava a guardar esse lance para mais tarde, mas se quiseses passar já a essa fase... — Os seus olhos cintilam de divertimento e eu não consigo evitar rir, apesar do meu embaraço. Essa é outra coisa em relação ao Adam: mesmo quando irrompo em lágrimas em esquadras de polícia ou me lanço sobre ele em lugares públicos, ele consegue sempre pôr-me à vontade.

— Então... — Sorrindo-me, ficamos, por um momento, um diante do outro no pavimento.

— Então... — digo eu, erguendo os braços e, depois, deixando-os cair de lado. Como um pinguim, apercebo-me subitamente, enfiando rapidamente as mãos nos bolsos do casaco, antes que ele comece a pensar que está num encontro com o Pingu.

— Vamos entrar?

— Sim, vamos.

Enganchando o seu braço no meu, ele conduz-me pelas portas de vidro para o interior do átrio, com a sua carpete marrom desbotada coberta de revolteantes motivos em dourado e das marcas ziguezagueantes deixadas por um aspirador. Nas paredes, cartazes *vintage* emoldurados publicitando *O Padrinho*, um filme antigo do Bruce Lee, o *Vertigo* do Alfred Hitchcock, a par de espelhos *Art Déco* lascados. Cheira a pipocas com manteiga e ambientador e todo o espaço está francamente necessitado de uma demão de pintura, mas exala aquela sensação acolhedora, desgastada e vivida, que nunca se sente num grande e moderno cinema de várias salas.

Pode perceber-se que todos os que aqui vêm adoram o lugar. E também eu, apercebo-me, sentindo um súbito afeto por ele.

— Isto costumava ser um antigo quartel de bombeiros — diz Adam enquanto atravessamos o átrio. — É o mais antigo cinema independente em funcionamento na cidade. Exibiu o primeiro filme sonoro em 1927, com o Al Jolson em *The Jazz Singer*. Repara, está ali um cartaz. — A sua voz está animada e o entusiasmo é contagiante. — A reação do público foi imediata. Não conseguiam acreditar. Podes imaginar? Puseram-se de pé de um salto e desataram a bater palmas, quando aconteceu. Foi a meio do filme, durante uma cena no clube noturno, quando o Jolson subitamente falou.

Olho, maravilhada, para ele. — Como é que sabes todas essas coisas?

— Não sei. — Ele encolhe os ombros. — Deve ser porque o adoro. O cinema fascina-me. — Ele detém-se e fita-me. — É como tu e a arte. É aquilo por que temos paixão, certo? É a mesma coisa.

Observo Adam. Trinta anos. Um produtor de filmes de Brooklyn. Com hábitos incluindo vozes engraçadas e penetrar em galerias de arte pela comida e bebida grátis. Somos tão completamente diferentes e, contudo... Fito-o de novo e tenho a mesma sensação que tive naquele dia no MoMA: de que, lá no fundo, somos fundamentalmente iguais.

— Sim, é — assinto. — É a mesma coisa.

Continuamos a andar, passando por uma porta que diz «Projeção Um», e na direção de uma outra.

— E então, qual é o teu filme favorito entre todos? — pergunto eu quando alcançamos a projeção dois. Fazemos uma pausa à entrada. Por breves segundos, passa-me pela mente que não comprámos bilhetes.

— Espera para ver. — Ele sorri, enigmático, empurrando a porta.

— É a surpresa? — Mas é claro, o Adam deve tê-los comprado antes.

— Mais ou menos.

Abrindo a porta, entramos na sala obscura.

— Céus, não está ninguém aqui — digo eu, relanceando em volta para as filas vazias.

— Eu sei. — Ele conduz-me pelo meio de uma coxia.

— Bolas, esqueci-me das pipocas. — Arquejo, lembrando-me subitamente. — Isso fazia parte do acordo, não era? Tu tratavas dos bilhetes e eu tratava das pip... — Interrompo-me ao vislumbrar algo a reluzir na escuridão.

Um balde metálico. *Um balde de gelo.*

— Aquilo é...? — Volto-me para Adam. Na escuridão, é difícil perceber a expressão do seu rosto, mas à medida que os meus olhos se habituam, vejo que ele me olha e sorri com nervosismo.

— Espero que gostes de champanhe — diz ele, puxando de uma garrafa de lado nenhum.

— Mas como? — Fico boquiaberta. Mesmo! Por uma vez na minha vida, fico sem palavras.

— O projecionista é meu amigo. Devia-me um favorzinho. — Ele começa a desenrolar o pedaço de alumínio.

— Queres dizer que temos esta sala só para nós? — pergunto, espantada.

— Digamos que é uma projeção privada. — Ele sorri quando a rolha salta de repente. — Oh, bolas! — O champanhe espuma por todo o lado e ele tenta apanhá-lo com um copo de plástico. — Desculpa, mas esqueci-me completamente dos copos de vidro; tenho copos de plástico — diz, constrangido, passando-me um.

— Bem, sabes, sempre achei que o champanhe sabia melhor no plástico. — Sorrio, chocando o meu copo de plástico contra o dele.

— E combina melhor com as pipocas, também — diz ele, revelando um grande balde.

— Caramba! — Eu sorrio, incrédula. — Mas és um mágico?

— Algo do género. — Ele sorri enquanto eu agarro uma mão-cheia de pipocas salgadas com manteiga.

A felicidade aumenta. — Mmm, isto é...

Ele silencia-me com um beijo nos lábios. — Chhhiu... o filme vai começar.

Afinal o 8 ½ de Fellini é o meu filme favorito e, nas duas horas e tal que se seguem, fico completamente absorvida pela história de Guido, um realizador de cinema italiano, cujos

flashbacks e sonhos se entretecem com a realidade.

— É espantoso, verdadeiramente espantoso. Embora não tenha compreendido grande parte — confesso eu, depois, enquanto termino a minha segunda fatia de *pizza*. Ao sair do cinema, agarrámos numas fatias de *takeaway* e comemo-las a caminho de minha casa.

— É exatamente como eu me sinto em relação à arte que me mostras — diz ele enquanto subimos as escadas para o meu apartamento.

— Pode-se gostar de algo que não se compreende? — reflito.

— Completamente. — Ele anui, dando uma grande dentada na *pizza*. — Tens toda a tua vida para o compreender. O meu avô contou-me, uma vez, que passou toda a sua vida a tentar compreender a minha avó.

— E conseguiu? — Entrando, detemo-nos na cozinha.

— Ainda não. Diz que ela é como um mistério que ele não consegue resolver. — Pousando a caixa de *pizza* vazia na mesa, volta-se para mim. — De cada vez que ele pensa que a entendeu, ela faz algo que o surpreende e ele vê-a de uma forma diferente. Eu sinto isso, por vezes, com os filmes. Vi-os dezenas de vezes e, depois, volto a vê-los e descubro algo novo.

— É o mesmo com a arte. Posso olhar para uma pintura num dia e no outro... — Calo-me. Não há necessidade de explicações com o Adam. Eu sei que ele entende. *Ele entende-me*.

— Ei, tens gordura no queixo. — Ele gesticula.

— Oh, a sério! — Vou para a limpar, mas ele chega lá primeiro com o seu guardanapo de papel.

— És uma trapalhona a comer, não és? — brinca ele.

— Sou uma trapalhona em tudo. — Rio-me e, pela primeira vez, isso não parece importar. Que eu seja trapalhona ou que me atrase ou que coma *pizza* e fique a escorrer gordura do queixo ou que fale demasiado alto ou que o meu cabelo ainda tenha esse duvidoso tom púrpura, daquela coloração malsucedida da outra semana. Porque isso não importa para o Adam.

— Acho que este é o melhor primeiro encontro que já tive. — Sorrio, ligeiramente inebriada.

— Não, a esquadra de polícia foi o nosso primeiro encontro — corrige-me ele, a sorrir.

— Isso não foi um encontro — contraponho eu.

— Bem, foi quando demos o nosso primeiro beijo — diz ele.

À memória do nosso beijo, todas as minhas extremidades nervosas começam a formigar. — Então, se este é o nosso segundo encontro, isso quer dizer que vamos dar o nosso segundo beijo? — riposto, sedutora.

Bem, não estive toda a noite a sofrer dentro desta roupa interior para nada.

— Suponho que sim. — Ele acena com a cabeça, deslizando a sua mão pela minha cintura e puxando-me para ele. Antes que dê por isso, ele beija-me. E eu beijo-o de volta.

Ele desliza a sua mão pelas costas do meu *top*. E...

Subitamente, a campainha toca.

Ignoro-a e continuo a beijá-lo.

A campainha volta a tocar.

— Não achas melhor ir ver quem é? — murmura Adam.

— Deve ser a minha colega de apartamento. Ela perdeu as chaves dela — digo eu, a voz densa. Estendendo a mão, carrego no botão da porta principal e abro o trinco. Céus, como o Adam beija bem.

Consigo ouvir passos pelas escadas acima. — É melhor irmos para o meu quarto — sussurro, puxando-lhe pela *t-shirt*, inquieta que a Robyn nos apanhe aos beijos na cozinha.

— Só mais um beijo — murmura ele, a sua barba rala arranhando-me o rosto, enquanto me puxa para mais perto.

De repente, há um grande estrondo e a porta abre-se de rompante. Salto de susto. — Caramba, Robyn — exclamo, rindo-me enquanto eu e o Adam nos afastamos num ímpeto.

Só que não é a Robyn. É o Nate.

É como ser arrancada de um sonho e largada num pesadelo. — Mas que raio? — exalo horrorizada, enquanto a sua silhueta de fato cinza carrega porta adentro.

— O que é que disseste à Beth? — pergunta ele, sem preâmbulos.

Fito-o, incapaz de falar com o choque. Nunca o vi tão furioso.

— Quem é você? — indaga Adam, na mais total confusão.

— O quê? Quando? — grito eu, recuperando a voz.

— Em Martha's Vineyard!

— Também estive em Martha's Vineyard? — A testa de Adam enrugase.

Subitamente, a ficha cai. Não foi com Jennifer, a consultora imobiliária, que eu falei. Foi com Beth, a ex-mulher do Nate. A Beth. — Oh, bolas, foi ela quem ligou para o nosso quarto?

Adam volta-se para mim, o seu rosto chocado. — Nosso quarto?

— Ela não deixou mensagem. Eu não fazia ideia — começo a explicar, mas a minha mente vacila. Todos estes anos, construí-a na minha cabeça como uma pessoa sobre-humana, a rapariga com quem o Nate tinha casado, aquela que ele preferiu sobre mim e, contudo, ela soou-me tão banal.

Não admira que tivesse desligado. Ele deve ter pensado...

— Vocês estiveram juntos? — Adam olha-me, estupefacto.

— Por favor, eu posso explicar — tento, voltando-me para ele, mas o Nate fala por cima de mim.

— Nós estamos *sempre* juntos! — brada ele, exasperado. — Não nos conseguimos separar.

— A culpa não é minha — retalia, dando meia-volta. — É tanto tua como minha.

— Agora a minha mulher pensa que temos um caso.

— Você é casado? — A voz de Adam soa calma e ele olha para Nate, os seus olhos

deslizando por ele, a sua mente a mil.

— Pensei que estavam separados — digo-lhe.

— E estamos, mas... bem, temos falado... — Nate cala-se, constrangido. Por um instante, baixa o olhar para os pés, depois de novo para mim. — Queremos tentar de novo. Pelo menos, ela queria. Antes...

Instala-se um momento de silêncio. Ninguém diz nada. Acho que ninguém sabe o que dizer, muito menos eu. Sinto-me anestesiada, aliviada, subitamente esperançada. Se o Nate quer reatar com a Beth...

— Tu tens um caso com um homem casado?

A voz de Adam traz-me de volta à realidade. — O quê? Não! — Rodo para o outro lado, abanando a cabeça em furiosa negação. — Não, não é nada disso.

Encontro o seu olhar, mas foi-se a sua aconchegante confiança em mim. No seu lugar, está uma desconfiança fria e dura. — Poupa-me, Lucy.

— Não, por favor, não é nada disso. — Sinto o pânico a crescer. Ele pensa que eu sou como a sua ex-namorada. Pensa que eu tenho andado a trair, que tenho sido infiel com o marido de uma outra mulher. — Por favor, eu posso explicar — digo, desesperada. As lágrimas começam a picar-me as pestanas. Estendo a mão para ele. — Confia em mim.

Mas ele afasta-a. — Como confiei antes? — diz ele, o rosto estilhaçado de raiva e desdém.

— Adam, por favor — imploro, mas ele olha-me simplesmente e é o mais frio e duro dos olhares. Virando costas, encaminha-se para a porta.

— Não vás — chamo atrás dele, mas mesmo ao dizer as palavras, sei que é inútil. Ele já foi.

Por um momento, fico paralisada no meio da cozinha, fitando o vão da porta vazio. Depois, lentamente, ganho consciência da presença de Nate. Levanto os olhos para encontrar os dele, mas se esperava ver algum tipo de satisfação, engano-me.

— Lamento. Eu estava irritado por causa da Beth. — Ele olha com consternação para mim. — Não tive a intenção de...

— Eu sei. — Abano a cabeça, cansada. A minha maravilhosa noite com o Adam desfez-se em frangalhos e, contudo, é inútil culpar quem quer que seja. O Nate também está a sofrer. Provavelmente, perdeu a Beth de novo, assim como eu perdi o Adam.

Um soluço sobe-me pela garganta. É tudo uma tamanha confusão.

Eu e o Nate não dizemos mais nada; não nos resta mais nada que dizer. Ele sai e, fechando a porta atrás de si, eu encosto-me a ela e afundo-me no chão.

E só então choro.

Choro, perdida e desalmadamente.

— Liguei uma dezena de vezes e deixei mensagens, mas ele não responde.

No dia seguinte, estou sentada num café em Upper West Side, a almoçar com a minha irmã. Diante de uns *Eggs Florentine*, contei-lhe tudo o que aconteceu, sobre Martha's Vineyard, sobre a última noite, sobre tudo.

— Tentei mandar *emails*, mensagens, tudo o que possas pensar, mas nada. Não sei o que mais fazer. — Solto um profundo suspiro e afundo-me no meu assento. — Não posso acreditar no Nate. Ele sabotou completamente tudo com o Adam. E pensar que fiz todas aquelas coisas da Estratégia. — Estremeço levemente. — É como se nada resultasse.

Fito tristemente os resíduos do meu *latte*. Ontem à noite, depois de o Nate sair, fui para a cama, mas não conseguia dormir. Passei toda a noite às voltas e acordei, esta manhã, ainda a sentir-me horivelmente. — Mas não culpo o Nate. Quero dizer, também não pode ser agradável para ele. Aparentemente, ele está a procurar reatar com a mulher e tentar de novo, mas agora também isso foi arruinado. — Solto um suspiro ainda mais profundo e afundo-me mais na cadeira. — É tudo uma tal confusão. Estamos condenados a ficar juntos para sempre.

— Sorte a tua.

— Desculpa? — Levanto os olhos do meu copo de café e fito a minha irmã. Ela mal disse uma palavra desde que nos encontrámos e quase não tocou na sua salada Niçoise. Em vez disso, passou o tempo todo a olhar para o vazio, como se a sua mente estivesse noutras coisas. Muito provavelmente, fusões e aquisições ou o seu treino para a maratona.

— Algumas pessoas adorariam ficar juntas para sempre. Gostava que eu e o Jeff tivéssemos essa sorte.

— Não és a mesma pessoa que dizia que o casamento era como uma pena perpétua? — observo. — E que podíamos ter a pena abreviada por bom comportamento? — Olho para Kate, à espera de que se ria, mas o seu rosto permanece sem reação.

— O Jeff tem cancro.

Bum! Assim mesmo.

Fito-a, incrédula. — *O quê?*

— Testicular. O médico percebeu finalmente a razão de ele estar a perder peso e a sentir-se tão indisposto. Vai ter de fazer uma radiografia torácica e exames ao sangue para ver se se espalhou. — Ela diz tudo isso com a maior naturalidade, no mesmo tom de voz que usou para decidir o que comer ao almoço. — Vai ter de tirar o testículo, é claro, mas tudo bem; é possível viver perfeitamente só com um.

Olho para Kate e ouço-a a falar com toda a calma, mas não consigo assimilar o que ouço. — Oh, meu Deus, Kate, não posso acreditar — consigo articular, por fim. — Eu não fazia ideia. — Procuro a sua mão do outro lado da mesa, mas ela afasta-a. Sinto-me terrivelmente. Eu aqui a tagarelar sobre o Nate e o Adam e, durante todo esse tempo, a Kate esteve ali sentada com aquela notícia atroz.

— Pois, nem eu fazia. Pensei que tudo o que ele precisava era de antibióticos. — Ela fraqueja momentaneamente — quase passando despercebido —, depois, recuperando a compostura, continua rapidamente. — A boa notícia é que há uma forte probabilidade de ter sido apanhado a tempo e de o cancro não se ter espalhado, pelo que livrando-nos do tumor, livramo-nos de tudo. Ainda não temos a certeza, mas estão a fazer exames, pelo que saberemos muito em breve. — Permitindo-se um sorriso forçado, ela bebe um gole de água. — Segundo o oncologista, é o melhor cancro que se pode ter. Não sabia que havia um *top ten* dos cancros que é preferível ter, mas suponho que estamos sempre a aprender.

— E se... — Detenho-me. Não quero colocar a questão, mas Kate fá-lo por mim.

— E se se espalhou? — articula ela, sem emoção.

Olho-a em silêncio, quase envergonhada. Sinto-me desleal por sequer pensar tal coisa.

— Bem, teremos de lidar com isso, se acontecer — diz ela com pragmatismo. — Teremos de seguir os procedimentos... radioterapia, quimioterapia. Tenho andado a ler sobre tudo isso, mas, mesmo para mim, com a minha formação médica, é toda uma nova curva de aprendizagem. — Ela mostra-se incrivelmente calma. Assustadoramente calma.

— Estás tão calma em relação a tudo — digo-lhe, espantada.

Ela encolhe os ombros. — De nada serve trazer para aqui as emoções. Temos de lidar com os factos. Quando se trata de assuntos médicos, o corpo é como um carro que avaria e só temos de perceber qual a melhor maneira de o consertar.

— Mas não estamos aqui a falar de um carro; estamos a falar do Jeff — desabafo eu, com fervor.

— Estou plenamente consciente disso, Lucy — dispara ela, a tensão visível pela primeira vez.

Fico em silêncio. Não sei bem o que fazer ou o que dizer para a tentar confortar. Sei que ela está perturbada, mas recusa-se a mostrá-lo. Ela recusa pôr de lado o papel de irmã mais velha e forte e deixar alguém chegar perto, muito menos eu. É tão frustrante. Sinto-me tão impotente.

— Como está o Jeff a lidar com isso? — digo, passado um momento.

— Já esteve melhor. Obviamente. A sua principal preocupação parece ser que, depois da operação, vai ficar só com um. — Ela ergue uma sobrancelha. — Mas o médico explicou-lhe que é possível fazer um implante.

— Um implante?

— Ao que parece. Não sei se há de diferentes tamanhos como com os seios. O meu marido de testículos duplo-D. — Ela sorri, pesarosa, tentando fazer uma piada.

Ambas nos rimos, mas é um riso oco. É de cancro que estamos a falar, é do Jeff e é algo que ameaça o resto das suas vidas juntos, mas ela recusa entrar por aí e, assim, eu não entro por aí.

Depois do almoço, deixo a Kate a insistir que está tudo controlado. — Não exageres —

protesta ela. — Vai correr tudo bem.

— Eu sei, é claro — digo apressadamente. — Eu não quis dizer... Ouve, se precisares de alguma coisa, alguma coisa mesmo. Se quiseres que vá contigo ao hospital, mantendo-te atestada de café rasca de máquina...

— Eu ligo-te. — Ela acena bruscamente com a cabeça, de uma forma que denota que não faz qualquer tenção de me ligar ou a quem quer que seja, aliás.

Ela puxa a sua mala para o ombro e está prestes a virar costas quando me aproximo instintivamente e lhe dou um grande abraço. Não me consigo impedir. Apesar da sua postura de aço, ela parece minúscula e frágil por baixo do seu casaco de algodão.

Ela retesa-se e afasta-se, desconfortável. — Oh, e Lucy, não menciones nada à mãe nem ao pai. Sabes como eles ficam preocupados com tudo.

— Sim, é claro — anuo, pensando como isso é tão típico da Kate. Nunca querendo ser preocupação para ninguém. Sempre determinada a resolver tudo sozinha. — Não direi palavra.

Dizemos as nossas despedidas e eu encaminho-me de volta para o metropolitano, começando a descer os degraus, depois paro. Não me apetece voltar para o apartamento, apetece-me caminhar. Assim, dando meia-volta, subo de novo os degraus. Não tenho nenhum destino em mente, não faço ideia de para onde vou. Começo simplesmente a andar sem rumo, não prestando atenção ao que me rodeia, às pessoas que se cruzam comigo, às lojas por que passo, aos bairros em que entro. Fitando o chão, concentro-me em pôr um pé à frente do outro, o ritmo propulsando-me para diante, como um músico com o seu metrónomo.

Penso no Jeff e na Kate. Penso no estoicismo da minha irmã, nos seus comentários frívolos, no humor sarcástico que esconde a verdadeira profundidade do seu amor por ele, mas que não conseguiu dissimular a sombra de medo que lhe vi nos olhos. Penso no Jeff e em como se deve sentir. Procuro imaginar, mas é claro que não consigo. Como poderia? Estamos a falar de uma situação de vida ou morte. Não de uma estúpida lenda sobre almas gémeas. Sinto uma pontada de vergonha. A propósito de pôr as coisas em perspetiva.

Não sei bem por quanto tempo caminhei, mas, passado algum tempo, ganho vagamente consciência de que as pernas me começam a doer. Quando abrando, dou comigo no exterior de uma grande galeria de arte: a Whitney, em Madison Avenue. Parece-me afortunado. As galerias são o lugar onde sempre procuro conforto. Nunca falham em fazer-me sentir melhor. Nunca me deixaram ficar mal. E, neste momento, preciso disso mais do que nunca.

Procurando consolo, encaminho-me, em modo de piloto automático, pelas portas, desejosa de me imergir em arte. Perder-me e bloquear tudo o resto. Só que hoje as pinturas não me fazem sentir melhor; as esculturas não me levantam o ânimo; nem mesmo as *Quatro Tonalidades de Vermelho* de Rothko fazem a sua habitual magia.

Penso na última vez em que estive numa galeria. Foi depois da discussão com o Nate, quando encontrei por acaso o Adam no MoMA. Quando a minha mente se desvia para ele,

sinto um aperto na boca do estômago. O que eu não daria para virar uma esquina e vê-lo agora?, reflito, enquanto vagueio de sala para sala, de cada vez esperando vislumbrá-lo, de cada vez sentindo um baque de desapontamento ao perceber que ele não está lá.

Saio quando a galeria fecha. É o início da noite, o céu límpido é agora uma mancha violácea e, pela primeira vez, consigo sentir o verão a abeirar-se do outono. Como se, enquanto estive na galeria, tivesse havido uma transição, uma mudança, um chegar ao fim. Começo a caminhar. Os meus pés estão doridos e não sei exatamente onde fica a estação de metropolitano, mas de alguma forma o sentimento de estar perdida adequa-se à minha disposição.

Vou continuar a caminhar até encontrar alguma, decido, ziguezagueando por quarteirões, serpenteando para lá do parque.

Até que, sem dar por isso, estou no Village e as ruas estão repletas de restaurantes e bares animados, e as pessoas juntam-se cá fora no passeio, a fumar cigarros e a conversar, as suas vozes preenchendo o ar da noite. Continuo a caminhar, apanhando distraidamente fragmentos de conversas, até que, de repente, dou de caras com uma outra galeria.

Abrando. Sons de copos a tilintar, o burburinho de conversas e um bafo de perfume e *aftershave* flutuam ao meu encontro.

Por um momento, o meu coração acelera. É um evento de galeria. Talvez o Adam esteja aqui.

Com a respiração presa em antecipação, relanceio em volta, os meus olhos deslizando pela multidão.

Então, vejo uma silhueta. Está de costas voltadas para mim, mas enverga uma *t-shirt*, *jeans* largueirões e tem cabelo escuro, despenteado... O meu coração dispara. É ele. É o Adam.

É como uma descarga de adrenalina. Um emaranhado de pensamentos cruza-me o cérebro enquanto caminho na direção dele: alívio, apreensão, esperança, medo.

— Adam. — Ouço uma voz dizer o nome dele com urgência, percebendo subitamente que é a minha. — Preciso de explicar.

Ele para de falar e vira-se.

Só que não é ele. É um estranho, com uma leve semelhança. Olha-me, interrogativo.

— Oh! — Sinto um choque de desapontamento. — Pensei que era outra pessoa.

— Quem quer que eu seja? — brinca ele, com boa disposição, e o amigo ri-se.

Tento sorrir, mas a minha cara não quer. Abruptamente, sinto as lágrimas a picar. — Peço desculpa. Cometi um erro — balbucio e viro costas com brusquidão.

Se ao menos pudesse dizer isso ao Adam. Mas provavelmente nunca terei a oportunidade, apercebo-me, com um baque surdo de desalento. Há mais de oito milhões de pessoas a viver em Nova Iorque — qual é a probabilidade de o voltar a ver?

E lutando contra as lágrimas, apresso-me para longe.

Regresso tarde ao apartamento, com um pacote gigante de *Kettle Chips* e uma garrafa de *Pinot Grigio*. Geralmente, são a minha cartada infalível de levantar-o-ânimo e largar-um-humor-de-cão, mas esta noite nem o queijo cheddar de Nova Iorque me consegue deixar melhor, reflito, entrando na cozinha e pousando o pacote meio comido sobre a mesa.

Talvez o vinho tenha mais resultado.

Desenrosco a tampa. Uma vez li um artigo sobre a razão de os produtores de vinho terem começado a usar tampas de enroscar, no século xxi. Dizia algo sobre ser uma melhor forma de selar o vinho, já que as rolhas de cortiça podem criar bolor, ao que parece. Pessoalmente, acho que isso é uma grande treta. As tampas de enroscar têm grande procura, por causa de todas as raparigas sozinhas de coração partido, que precisam de *chegar ao vinho mais depressa*.

Servindo um copo, emborco metade dele, depois pego nas minhas *Kettle Chips* abandonadas, com uma resignada atitude de «Certo, vamos lá tentar de novo», como um casal desgastado a dar-se mais uma oportunidade, sigo descalça até à sala e acendo a luz.

— Aaarrgh!

Ouço um grito estrangulado e vislumbro um casal deitado entrelaçado no sofá. No mesmo tempo exato, eles veem-me e separam-se de um ímpeto, com uma agitação de ajustar de alças de *soutien*, remexer de cintos e apressado alisar de cabelos.

— Oh, hum, olá, Lucy — murmura Robyn. De faces ruborizadas, ela ajeita o vestido. — Não pensei que voltasses tão cedo.

— Hum, pois, parece que não — digo eu, paralisada à entrada da porta. Agora sei como o meu pai se deve ter sentido quando se deparou comigo e o meu namorado na marquise aos 15 anos.

— Já conheces o Daniel. — Ela gesticula para o Daniel, que agora se senta direito que nem um prego no sofá, como se fosse beber chá com o vigário.

— Sim, é claro — anuo. — Olá, Daniel.

— Olá, Lucy. — Ele levanta-se para me apertar a mão, educadamente, e não posso evitar reparar que tem a braguilha aberta.

— Hum... — Gesticulo para baixo com o olhar.

Ele parece confuso e olha para baixo. Ao ver o fecho aberto, vira uma beterraba. Não estou certa de quem fica mais embaraçado, eu ou ele. Ou a Robyn, que agora dá vigorosamente volume às almofadas, como a minha mãe quando vão familiares lá a casa.

— Estávamos só a ver um DVD — diz ela, precipitadamente.

Relanceio para a televisão. Está desligada.

— Ótimo — anuo, alinhando no jogo.

— Então e o teu dia foi bom? — pergunta ela, vivamente.

A conversa é tão empolada, que parece que estamos numa peça de teatro amador de má qualidade.

— Oh, enfim... — Considero contar-lhe sobre a minha irmã e o Jeff, e o Adam, mas não quero decidir em contrário. Não é de todo o momento para desabafar. — Então e vocês? Como foi o vosso dia?

— Espetacular. — Daniel irradia, com entusiasmo.

— OK — diz Robyn, falando por cima dele com um desprendimento forçado.

Olhares cruzam-se entre eles e sinto o ar a picar, como se houvesse muito a acontecer abaixo da superfície. Tomo-o como a minha deixa para sair.

— Bem, acho que vou para a cama. É tarde. — Começo a sair pela porta.

— Oh, não vás por nossa causa — diz ela, com vivacidade. Reparo que continua a atacar a mesma almofada. Assim como Daniel, que lha tira delicadamente.

— Na verdade, estou exausta — digo e esboço um bocejo para o reforçar. O que é autêntico, percebo subitamente. Foi um dia e tanto. — Boa-noite.

— Boa-noite — dizem eles, em estêreo, de pontas opostas do sofá, onde se sentam bizarramente, como que para provar que nada se passa entre eles.

Provando sem a menor sombra de dúvida que algo se passa entre eles.

Vou para o meu quarto, acendo alguns candeeiros e ligo as minhas luzes decorativas. Essa é sempre uma maneira infalível de me fazer sentir melhor. Não sei o que é, mas há alguma coisa no seu brilho suave e cintilante que nunca falha em levantar-me o ânimo.

Exceto esta noite. Esta noite têm zero efeito, penso, pesarosa. Acendendo a vela de aromaterapia, ponho a tocar uma música alegre, mas é inútil. Nem mesmo a absurdamente dispendiosa vela da Diptyque, que só acendo em ocasiões especiais, e a banda sonora do *Mamma Mia* que a minha mãe me comprou, conseguem produzir moossa no meu humor sombrio.

Desistindo, resigno-me a sentir-me infeliz e escondo-me na minha cama, com o meu vinho, as minhas *Kettle Chips* e o meu portátil. Talvez o Adam tenha respondido à minha mensagem no Facebook, digo para mim mesma. Talvez agora tenha tido tempo para pensar sobre as coisas... A esperança tremula, como a chama de uma vela, e por um breve instante sinto um pequeno pulsar de antecipação, um raio de possibilidade. Talvez, talvez...

Dando um largo trago de vinho para ganhar coragem, verifico os *emails*. Tenho três. Um da minha mãe a perguntar-me se falei com a Kate, pois não a consegue apanhar, e que «estamos a esaludar. Andam todos de *t-shirt*». Desde que me mudei para Nova Iorque, eu e a minha mãe temos travado uma batalha meteorológica constante. Por alguma razão, ela está determinada a provar que Manchester é mais quente do que Manhattan. «Não vais acreditar como tem estado ensolarado desde que partiste!»

Com toda a franqueza, não, mãe, não vou acreditar, penso, desmarcando o seu *email* e passando ao seguinte, que é um convite para uma festa de noivado de uma amiga em Londres. «Fantástico. Parabéns», escrevo com dois dedos, enquanto bebo mais um trago de vinho. «Desculpa, mas não posso ir.» Estou em Nova Iorque, a tornar-me uma alcoólica, acrescento mentalmente, carregando em «enviar».

O último é do eBay, lembrando-me de que o meu leilão *online* pelo bilhete de teatro a mais termina amanhã e que já tenho várias ofertas. Sinto-me ligeiramente animada. Bem, sempre é alguma coisa.

E é isso. Nenhum *email* do Adam. Fito a minha caixa de entrada vazia, a minha mente a girar, depois entro no Facebook. Nunca se sabe, pode ter havido um erro e a sua resposta não ter sido encaminhada. Isso aconteceu, uma vez, a uma amiga minha. Bem, não foi realmente a uma amiga, uma amiga de uma amiga, ou talvez tenha sido num artigo que li. Não me lembro. O mais importante é que isso aconteceu.

Porém, não a mim, apercebo-me, olhando para a minha página de perfil. Nenhuma nova mensagem. Nada, à parte a atualização de estado de Nathaniel Kennedy:

A ver propriedades!

Desta vez, nem me dou ao trabalho de o tentar desamigar. Afinal, de que vale?, penso resignadamente, saindo da sessão. De alguma forma, já não parece importar assim tanto.

A minha mente salta de volta para aquela hora de almoço e o comentário de Kate desejando que ela e o Jeff estivessem ligados, juntos, para sempre. Relembrada, sinto um aperto de ansiedade e bebo um trago de vinho, tentando sacudir para longe a sensação de mau presságio que ameaça envolver-me como um pesado sobretudo. O Jeff vai ficar bem, digo-me firmemente. A Kate disse que era o melhor cancro que se podia ter e ela teve formação médica, por isso, deve saber. A Kate sabe tudo. Ela nunca se engana. Porque havia agora de ser diferente?

Acordo na manhã de domingo com uma questão e uma questão apenas: porquê? Porque é que bebi aquele quarto copo de vinho? Porém, a par de uma latejante dor de cabeça, vem um novo sentido de determinação. É isso. Chega de afogar as minhas mágoas. Vou esquecer os homens e as relações. Vou parar de perder tempo com toda essa estupidez do amor. Em vez disso, vou focar-me no que é realmente importante. Como a família e os amigos, a saúde, angariar dinheiro para beneficência...

E uma estupidamente grande chávena de café.

Entrando descalça e de olhar turvo na cozinha, encontro a Robyn a fazer um chá de ervas. Robyn é a rainha dos chás de ervas e não estamos simplesmente a falar do básico camomila ou menta que encontramos em saquinhos pré-embalados no Ralphs. Ela faz toda uma *ciência* do chá de ervas, misturando colheradas de ervas secas de nomes exóticos no seu pequeno bule, maturando, coando e passando por diferentes filtros e complicados pedaços de gaze. Tudo para produzir os líquidos de sabor mais horrível que se conhecem.

Ligando o jarro elétrico, tiro três canecas do armário.

— Uma para mim, uma para ti e uma para o Daniel — digo eu, enfaticamente, esboçando um sorriso sabedor.

— Obrigada... — assente ela, pescando com uma concha as ervas secas para dentro

do pequeno bule de cerâmica —, mas só vou precisar de uma.

— Homem sensato. Ele também detesta essas coisas, não é? — Eu sorrio. Começo a desenroscar a minha pequena cafeteira prateada. — Talvez ele prefira um café.

— Ele não está aqui.

Deitando os grãos usados no lixo, dou-lhe uma rápida passagem pela torneira. — Oh, foi buscar uns *croissants*?

Eu e a Robyn moramos na rua ao lado de uma pequena padaria fantástica, que faz os mais deliciosos *croissants*. Cada vez que passo por ela, penso no comentário do Nate e digo para mim mesma «Um instante a degustar, uma vida de coxas a alargar». E, de cada vez, não consigo resistir a entrar para pedir um de amêndoa. De qualquer forma, é uma prima parva. Prefiro muito mais «Um instante de coxas a alargar, uma vida a degustar».

— Não, ele foi-se — diz ela, liminarmente. O jarro ferve e desliga e ela começa a deitar a água sobre as ervas.

— Foi-se? — Da forma como ela o diz, é como se estivesse desaparecido. Sou quase tentada a procurar debaixo da mesa da cozinha, para ver se é aí que ele se esconde. Depois, subitamente, percebo que ela quer dizer que ele se foi como «Não vai voltar».

— Mas como? Porquê? — Confusa, vejo-a a mexer o seu bule, um olhar estranhamente aturrido no rosto. — Ontem à noite, vocês pareciam tão... — Procuro a palavra certa. Prontos a fazer sexo? Não, isso são quatro palavras. — ... confortáveis — termino.

Ela para de mexer e levanta o olhar. — Acabou.

— Acabou?

— Não que namorássemos ou algo do género — acrescenta, apressadamente.

— Não, claro que não — assinto, alinhando no jogo.

— Éramos simplesmente amigos.

— Bons amigos — sugiro eu.

— Sim, totalmente — concorda ela, evitando os meus olhos.

— Então, o que aconteceu?

Há uma pausa e, depois, ela suspira. — O Harold. Foi o que aconteceu. Tu disseste-me que o conheceste em Martha's Vineyard.

Atinge-me a culpa. Isto foi tudo por minha causa. — Eu não queria que rompesse com o Daniel — protesto rapidamente. — Quero dizer, não que vocês estivessem juntos... — Tento voltar atrás, mas ela corta-me a palavra.

— Não fui eu que acabei. Foi o Daniel. Ele acha que não devemos voltar a ver-nos.

Fito-a, incrédula. — Mas eu pensei... — Hesito, a minha mente girando. — Pensei que se estivessem a divertir imenso juntos... a banda de tambores africanos, o restaurante vegano, ontem à noite... — Detenho-me, ao pensar nos dois juntos no sofá. Acreditem, o Daniel não parecia um homem disposto a acabar com coisa nenhuma.

— Sim, estávamos — assente ela. — Divertimo-nos imenso. — Ela funga levemente e os seus grandes olhos verdes começam a cintilar. Pestaneja rapidamente. — Mas ele

disse que agora que encontrei o Harold, não me queria impedir de estar com ele. De estar com a minha alma gémea.

Faço uma pausa, para conseguir assimilar. — Podes só rebobinar essa última parte? Fito-a com um olhar duro. — Como é que ele sabe que tu... Quero dizer, que *eu* encontrei o Harold?

— Eu contei-lhe.

— *Tu contaste-lhe?*

— É claro. — Ela acena com a cabeça. — Contei-lhe sobre o Harold desde o início, sobre como ando à procura dele, sobre como é a minha alma gémea.

— Mas ainda nem o conhecestes! Ele pode ser um Harold completamente *errado* — exclamo eu, agitando a cafeteira pelo ar. — Enfim, deve haver mais do que um desgraçado neste mundo com o nome Harold.

Robyn retesa-se ligeiramente.

— E mesmo que, por algum milagre, seja o Harold certo, tu podes odiá-lo.

— Eu não odeio ninguém — repreende-me ela com veemência. — O ódio é uma emoção desperdiçada. Só nos traz amargura ao coração.

— Não foi o que disste sobre o homem que deixou o cão fechado no carro.

Na semana passada, a Robyn viu um artigo nas notícias sobre um homem que quase matou o seu dálmata de excesso de calor, deixando-o fechado no seu jipe debaixo do sol do meio-dia. Felizmente, foi descoberto a tempo por uma pessoa que ia a passar.

— Eu não o odeio. Quero fechá-lo dentro do seu carro com um calor de 38 graus, sem água nem ar, e deixá-lo sofrer em agonia por muito muito tempo e a implorar por ajuda e ficar mesmo a ponto de morrer. — Ela junta os dois indicadores e franze a cara de modo a ficar assustadora. — Há uma diferença.

— Então, o que é que vais fazer? — Mudo rapidamente de assunto. — Sobre o Daniel, quero dizer, não sobre o homem e o dálmata — digo, apressadamente, antes que ela desbobine uma lista de instrumentos de tortura. Para uma mulher que é toda curas, sabe imenso sobre formas de infligir dor.

— Nada. — Ela encolhe os ombros e baixa os olhos tristemente para o bule. — Eu teria de ter acabado, de qualquer forma. Era inevitável. Estava destinado.

— Porquê? Por causa do que disse uma estúpida vidente? — Sinto uma onda de frustração.

Robyn contrai os lábios com força e levanta o queixo. — A Suki é uma especialista em cura, que consegue comunicar com guias espirituais. Ela tem um dom incrível.

Abro a boca para argumentar, depois, percebendo que é inútil, solto um gemido. — Oh, céus, porque não fiquei de boca fechada? Nunca te devia ter contado sobre o artista. Era suposto ser um segredo.

— Mas contaste — diz ela, estendendo a mão e apertando-me o braço, do tipo não-te-culpes. — Contaste-me e conhecestes-o. São os acasos felizes.

— Pensei que isso era um filme, não a vida real — gracejo, pesarosa.

Ela sorri e, voltando ao seu bule, dá-lhe uma última mexedela e serve-se de uma chávena de chá.

— Então e o que vais fazer agora?

Ela faz uma pausa e, por um momento, uma expressão de tristeza cruza-lhe fugazmente o rosto, depois desaparece e é substituída pela determinação. — Fazer o que sempre faço — diz, com firmeza, e, aconchegando o cabelo atrás das orelhas, oferece-me um dos seus resplandecentes sorrisos. — Deixo tudo nas mãos do Destino.

Tenho umas contas a ajustar com o Destino.

O Destino gosta de se retratar como um personagem genial, uma alma prestável, um anjo da guarda que estará lá para nos apoiar quando as coisas ficam difíceis. Não sabes o que fazer? Deixa que o Destino decida. A vida está uma confusão? Deixa que o Destino resolva — ele sabe sempre melhor. Sozinha e de coração partido? O Destino tem na manga algo maravilhoso para te dar.

Não admira que todos estejam desejosos de pôr as mãos ao alto e deixar que o Destino cuide de tudo. É como uma espécie de avô. Ou uma pessoa organizada e interventiva, uma espécie de assistente pessoal.

Só que, na minha experiência, o Destino não é nada disso e o mesmo se aplica à sua irmãzinha mais pequena, a Predestinação. Muito sinceramente, eles armaram uma verdadeira confusão, no que me diz respeito. Por isso, daqui em diante, podem pôr-se a andar e parar de interferir. Eu vou assumir as rédeas da minha própria vida e, no capítulo do amor, o Destino que não se meta.

Além de que, como eu disse, não vou perder mais tempo a pensar nessas cenas do amor. Isso foi o passado e isto é o presente.

Então, à medida que se desenrola a manhã de segunda-feira, é um eu completamente novo que acorda antes do despertador, veste a roupa que tem pendurada no armário e sai para o trabalho com tempo de sobra.

«Isso foi o passado e isto é o presente», repito para mim mesma em voz baixa, enquanto caminho a passos largos pela rua. «Isso foi o passado e isto é o presente.» A Robyn diz que tenho de o repetir incessantemente para mim mesma, como uma afirmação.

A Robyn adora afirmações. Quando me mudei para cá, encontrava-as em pedaços de papel por todo o apartamento e ouvia-a a dizê-las deambulando pela casa. Tenho de admitir que achei que ela era um bocadinho maluca. — Trata-se de substituir um pensamento negativo por um positivo — explicou-me ela. — Assim, por exemplo, se estiveres preocupada com alguma coisa e o quiseres melhorar, dizes uma afirmação.

— Estou preocupada com a conta deste Visa — repliquei-lhe eu, agitando o meu extrato há muito vencido. — Tens uma afirmação para isso?

Fechando os olhos, ela beliscou o nariz como que em concentração profunda por uns momentos, depois, abrindo-os, respondeu num tom solene: — Eu pago as minhas contas com carinho, pois sei que a abundância flui livremente por mim.

É suficiente dizer que me cobraram uma taxa pelo atraso e uma tonelada de juros.

Mas isso foi o passado e isto é o presente e, embora ainda tenha as minhas reservas, e ainda ache que a Robyn é um bocadinho maluca, a meu ver, umas tantas afirmações não vão de fazer mal. Faz tudo parte da minha determinação em virar uma nova folha, uma página em branco, mais alguma coisa a que consiga deitar a mão, e focar-me no que é importante.

Como a Kate e o Jeff. A operação dele está marcada para esta tarde, pelo que arranjei forma de trabalhar só meio dia e ir ter com a Kate ao hospital.

— Não, eu estou bem, a sério — protestara ela. — Não precisas de vir.

Pela primeira vez na vida, fiz frente à minha irmã. — Mesmo assim, eu vou.

Porém, primeiro, preciso de lidar com a sequência do meu encontro com Artsy, reflito, chegando à galeria e empurrando as portas de vidro. Estou a preparar-me para o interrogatório de Marsha. À parte o rápido telefonema logo a seguir, ainda não falámos e, se bem a conheço, ela vai querer saber todos os detalhes. E quem a pode censurar? Se ele concordar em expor, a galeria será salva. E se ele não concordar...?

Os nervos contorcem-se na boca do meu estômago. Nem quero pensar nisso. Ainda não, pelo menos.

Entrando na galeria, espero pelo habitual grito de «Lucy!» e tudo o resto... Só que isso não acontece. Relanceio em volta da galeria. Está vazia. *Valentino* aparece a correr vindo lá de trás, a fungar e a ganhar, e salta-me às pernas.

— Olá, meu menino! — Marsha está obviamente aqui, mas onde? — Marsha? — chamo, passando pela mesa da receção e em direção ao escritório, nas traseiras da galeria. Os meus passos ecoam no chão de cimento. — Está aqui?

Estou prestes a entrar no escritório quando abruptamente a porta se abre e Marsha salta para fora. Vestindo um fato de calças branco e exibindo um bronzado laranja-vivo, parece-se incrivelmente com o Oompa Loompa.

— Oh, meu Deus! — Dou um salto para trás, entornando o meu café e deixando cair o *Valentino*, que solta um agudo ganido. — Assustou-me de morte!

— Peço desculpa. Eu estava... hum... um pouco ocupada. — Ela está parada à entrada, parecendo inquieta. — Não te ouvi entrar.

— Oh, não tem importância — digo, sorrindo. — Deixe-me só pendurar o casaco.

Vou para entrar no escritório, mas ela barra-me o caminho com um braço estendido, como se estivesse a fazer um alongamento contra a ombreira da porta. O que é bastante estranho. A Marsha não faz alongamentos. Nem mesmo no seu *health club*, ao que parece: «Eu vou lá para usar o maravilhoso banho quente e mirar os ainda mais maravilhosos instrutores», confessara-me ela uma vez sem o menor constrangimento.

— Desculpe, preciso só de entrar — digo, gesticulando com o meu casaco.

— Deixa que eu faço isso. — Disparando-me um sorriso, ela tira-me o casaco da mão. — Eu penduro-to.

Agora estou verdadeiramente confusa. A Marsha não pendura o casaco das outras pessoas. Ela nem pendura o seu próprio casaco, por receio de arruinar a manicure.

— Sente-se bem? — Observo-a, incerta.

— Quem? Eu? — Ela agarra o peito em exagerada surpresa. Acreditem, a representação dela é ainda pior que a minha. — Estou só um pouco apoquentada — explica ela, saltitando de um *stiletto* de verniz branco para o outro. — Tenho coisas na minha mente.

— Oh, é claro — assinto, subitamente compreendendo. Provavelmente, ela passou um fim de semana sem dormir preocupada com a galeria, perguntando-se se a minha viagem a Vineyard seria um sucesso. — Quer dizer o Artsy.

A reação dela não é a que eu esperava. Em vez de anuir em conformidade, ela parece chocada. — O que é que ele tem? — pergunta, na defensiva.

— Bem, imagino que queira saber tudo o que se passou na nossa reunião. Em Martha's Vineyard — relembro. Céus, ela está mesmo estranha. Ainda mais estranha do que o habitual.

— Ah, sim, sim, é claro. — Ela acena vigorosamente com a cabeça. — A tua viagem a Vineyard. — A forma como o diz é quase como se o tivesse totalmente esquecido e estivesse a pensar em algo inteiramente diferente. — Sou toda ouvidos. — Pondo o seu braço em volta da minha cintura, ela conduz-me pela galeria até à mesa da receção.

Basicamente, afastando-me o mais possível do escritório, não posso deixar de notar. Fito-a penetrantemente. Que diabo se está a passar? Porque é que ela está a agir tão estranhamente?

— Força! Conta-me tudo — diz ela numa voz teatral, empurrando-me para um banco.

— Bem, ele foi muito simpático, nada do que eu estava à espera — começo eu, a minha mente rebobinando para trás —, mas também não sei bem do que *estava* à espera.

— Mmm.

— Bem, quando eu lá cheguei, ele pôs-me a cavar na horta. — Sorrio perante a memória. Parece tão surreal, agora que estou aqui de volta a Nova Iorque. — Depois, ele mostrou-me o seu trabalho artístico mais recente, que era na verdade bastante... — Olho para Marsha. Ela nem sequer está a ouvir. Em vez disso, brinca com o cabelo e olha em volta disfarçadamente.

— Sra. Z? — digo eu, com voz firme.

Isso capta a sua atenção. — Hum, sim, Lucy? — Ela tenta uma expressão inocente, que, com toda a franqueza, não podia parecer mais culpada.

— Parece preocupada — digo, num tom inquisitivo.

— Pareço? — Os seus olhos estão arregalados quais coelho-encandeado-por-faróis e ela hesita, antes de dizer: — Um momento. Esqueci-me de uma coisa — e correr pela galeria fora e desaparecer pelo escritório adentro.

Sigo-a com o olhar, perplexa. E mais do que um pouco chateada. Vão-se lixar, ela não está sequer interessada! Eu voei até Martha's Vineyard para me reunir com o Artsy, partilhei mesmo a cama com o Nate por causa dele, bem, mais ou menos, e tudo porque a Marsha inventou que era um negócio fabuloso e a única maneira de salvarmos a galeria. Agora, eu estou de volta e ela nem sequer se dá ao trabalho de...

— Surpresa!

Volto à realidade, vendo Marsha reemergir da entrada do escritório, depois dando um passo ao lado para revelar uma figura alta envergando uns *lederhosen*, uma camisa de folhos branca e um chapéu de aba larga. O seu rosto está parcialmente na sombra, mas só

há uma pessoa que eu conheça que poderia usar roupas assim.

— Artsy? — Arquejo, boquiaberta. — O que está aqui a fazer?

— A expor! — brada Marsha, antes que ele possa abrir a boca para responder. — Não é assim?

É uma afirmação, não uma questão, e eu fito Artsy, pasmada. Um relâmpago de alívio, deleite e sabe Deus mais o quê, percorre-me e ameaça irromper como um grande fogo de artifício. Isso é verdade? Os meus olhos procuram os dele sob a aba do seu chapéu. É?

— Penso que está correto — responde ele com uma formalidade simulada, depois, fitando-me, pisca-me um olho.

O fogo de artifício irrompe silenciosamente dentro de mim. Explodindo e inundando-me de um milhão de pedacinhos de brilho.

Consegui. Ele disse que sim. Estamos salvas.

Quero dar um soco no ar, chocar a palma com o Artsy, pegar em Marsha ao colo e girá-la em volta, fazer cócegas na barriga do *Valentino*, mas, em vez disso, forço-me ao modo profissional.

— Que notícias fantásticas — replico num tom neutro, tentando silenciar a minha voz interior, que guincha excitada na minha cabeça. — A galeria ficará extremamente honrada e estou certa de que encontrará uma casa muito feliz, aqui, na *Número Trinta e Oito*.

Marsha lança-me um olhar de grato apreço. Algo me diz que terá gritado «Maravilhoso, maravilhoso», desde o instante em que ele lhe deu a notícia.

— Estou certo de que sim — anui ele, indolentemente, mastigando uma pastilha. — Sobretudo agora que conheci a Sra. Z pessoalmente.

— Por favor, trate-me por Marsha. — Ela cora e dá uma risadinha tímida, qual adolescente.

Uma adolescente com uma paixoneta, apercebo-me, olhando para ela.

— Peço desculpa, foi tudo ideia minha. — Artsy volta-se para mim.

— Perdão? — Olho-o, confusa.

— A surpresa — explica ele. — Pensei que seria divertido. Sou um bocado brincalhão.

— Mas agora não está a brincar — confirmo eu, apressadamente.

Ele sorri e afaga a sua barba, que cortou em ponta e semeou de minúsculas contas. — Não, esta parte é a sério.

Eu e Marsha trocamos olhares. Ela parece que morreu e foi parar à Gucci.

— Depois de me ter vindo ver a Vineyard, pesquisei um pouco, fiz umas perguntas e gostei do que ouvi. — Relanceia Marsha e ela enfuna o seu peito já inchado. — Há tantas galerias lotadas. Mas que já não se interessam pela arte. Não se interessam por mostrar a arte às pessoas. Só se interessam por dinheiro, por lucros e por enriquecer ainda mais.

— Sim, é verdade — concorda Marsha. — Tão verdade.

— Mas você pareceu-me diferente — reflete ele, mirando-me. — Pareceu interessar-

se pelo que eu fazia, pela arte, pelo processo.

— Gostei da sua história sobre as meias. — Eu sorrio e ele ri-se.

— Defendo inteiramente a sua filosofia — continua ele, voltando-se para Marsha. — Todos devem poder apreciar a arte. Ela deve transcender todas as classes sociais, falar ao proletariado e não apenas aos banqueiros de Wall Street.

— Absolutamente — assente Marsha, com fervor. — Esses banqueiros. — Ela produz um estalido de desdém com a língua. — Tudo o que lhes interessa é o dinheiro. Não se interessam pelas pessoas, pelas suas vidas, pelos seus sonhos e esperanças.

Consigo perceber que ela pensa no seu próprio apartamento a ser confiscado e na galeria a ser-lhe retirada.

— Sim, exatamente — concorda Artsy. — É por isso que estou superentusiasmado em expor convosco. Nunca senti a necessidade de expor a minha obra, nunca o quis fazer, mas agora sei que este é o lugar certo e que esta é a coisa certa a fazer — diz ele com vivacidade, agitando os braços em volta.

— Maravilha! — Eu sorrio. Caramba, isto é fantástico. Finalmente, alguma coisa corre bem.

— Sim, estou completamente empolgado com o conceito de fazer uma exposição e de não vender a minha arte, mas oferecê-la gratuitamente. Quero dizer, é genial!

Instala-se uma pausa.

— Desculpe? — Marsha parece subitamente confusa. — Gratuitamente?

— Sim, é como a sua filosofia, certo? A arte deve ser para todos, quer tenham um milhão de dólares no bolso ou nem sequer um cêntimo.

Sinto um pavor frio e arrepiante. Ele não pode estar a dizer o que eu penso que ele está a dizer.

— Quer oferecer a sua arte? — arrisco, cautelosamente, com um sorriso paralisado no meu rosto. Mal me atrevo a proferir a palavra. — *Gratuitamente?*

— Na *muche!* — Ele sorri, parecendo satisfeito consigo mesmo.

— *Na muche?* — grasna Marsha numa voz estrangulada.

— Em vez de vender? — insisto eu, numa incredulidade aturdida.

— Nem mais! — Ele acena com a cabeça, ainda a sorrir. — É o futuro da arte. A arte para as massas.

Estou a tentar manter-me calma. Engulo com dificuldade. *OK*, nada de pânico, Lucy. Tens de dar a volta a isto. Tens de o fazer mudar de ideias. Pensa, caramba! *Pensa!* — Sim, é uma ideia fantástica, verdadeiramente genial. — Reúno toda a minha coragem e inspiro fundo. — Simplesmente...

— Simplesmente o quê? — Parando de saltitar alegremente em volta nos seus enormes ténis púrpura, Artsy olha-me e franze a testa. «Artista temperamental», lê-se por todo o seu rosto amuado.

Eu protelo. Simplesmente, isso significará que Marsha vai perder tudo, porque ela depende não apenas da publicidade que a exposição lhe trará, mas da comissão sobre as

vendas, para salvar o seu negócio, o seu modo de vida e a sua casa. Relanceio-a. O seu rosto está pálido e parece ligeiramente atordoada, como a minha avó quando o meu avô morreu, como se não conseguisse compreender bem o que se está a passar.

Olho de novo para Artsy. Como lhe posso dizer isso?

Não posso, posso?

— É simplesmente uma ideia incrível — digo, por fim, forçando um sorriso animado. — Verdadeiramente genial.

É como ligar o interruptor da bajulação. — É, não é? — O seu sorriso volta de imediato. — Bem, se já está tudo acertado... — Ele choca a palma comigo e com Marsha. — Até depois, malta! — E cruzando vivamente a galeria nas suas *lederhosen*, ele desaparece porta fora e pelas ruas de Manhattan.

Por um momento, nenhuma de nós fala. Ainda estou a tentar assimilar o que acabou de se passar. Num minuto tudo parecia correr fantasticamente e no minuto a seguir...

Apreensivamente, viro-me de lado para olhar para Marsha. Encolhida numa cadeira, ela parece mais minúscula do que nunca, quase criança.

— Marsha, lamento — começo eu, vacilante.

Por um instante, acho que ela não me ouve. É como se estivesse a milhas de distância, a fixar o vazio, depois a cabeça inclina-se ligeiramente e ela levanta o olhar. — Lamentas?

— Pela galeria, por tudo. — Abano os meus braços, impotente.

Os seus olhos densamente carregados de rímel deslizam em redor da galeria, como que absorvendo tudo, antes de se voltar para me encarar. — Não lamentos — diz ela em voz baixa.

— Sim, mas...

— *Nunca* lamentos. — A sua voz continua baixa, mas denota uma dureza e, erguendo-se a toda a sua altura, ela parece conjurar uma força interior de algures. — Perco a galeria? Perco o apartamento? — Os seus olhos cintilam de determinação. — E então?

Os nossos olhares encontram-se e, num repente, vejo uma intensidade em Marsha que nunca tinha visto. Já a vi ser ruidosa e chocante, testemunhei os seus exageros e dramatismos, escutei as suas histórias loucas e diverti-me com o seu humor natural, mesmo quando ela não se apercebe disso. Mas isto é outra coisa. Algo de diferente. Algo nobre.

Algo de incrivelmente especial, penso, sentindo um acometer de respeito.

Aparentemente galvanizada, ela inspira fundo e levanta-se. — Isto não é razão para estar triste. Isto é razão para celebrar — declara ela, começando a andar em redor da galeria. — Nós vamos expor o artista mais procurado da cidade. Do mundo, provavelmente! — Estendendo os braços para fora, ela volta-se para mim, os seus olhos cintilantes de excitação. — Isso é maravilhoso, Lucy, maravilhoso!

O seu entusiasmo é contagiante e, apesar de tudo, sinto-me a ser arrastada. Ela tem razão. Artsy é o artista mais procurado do momento. Independentemente do que acontecer depois, o facto de ele ter escolhido a nossa galeria para acolher a sua primeira exposição

propriamente dita é um grande feito. A publicidade será incrível.

— Teremos de organizar uma grande festa — digo eu com um sorriso — e, desta vez, com verdadeiro champanhe. — Mesmo que isso signifique usar o meu cartão de crédito, digo, determinada, a mim mesma.

— Verdadeiro champanhe, verdadeiro tudo! Será incrível — brada Marsha. Dobrando-se, ela pega em *Valentino* e abraça-o com força. — As pessoas falarão disto para sempre. Esta galeria não fechará em silêncio. Oh, não, partiremos em glória! Como o *Titanic*!

— O *Titanic*? — indago, ligeiramente perplexa.

— Estava a afundar-se, mas a banda continuava a tocar — diz ela, os seus lábios tremulantes. — A banda tocou até ao último minuto. — Ela fita-me de olhos enevoados e, procurando a minha mão, puxa-me para o abraço de grupo: eu, Marsha e *Valentino*. — É o que faremos, Lucy. Tocaremos até ao último minuto.

O resto da manhã é passado num *brainstorming* de ideias para a exposição, que acontecerá dentro de seis semanas. Isso se Marsha conseguir manter o banco afastado até lá. Ao que parece, emitiram-lhe um aviso de encerramento, uma vez que falhou o pagamento da hipoteca por vários meses.

E não é tudo. Agora que as suas finanças já não são segredo, ela contou-me de como tem acumulado dívidas sobre o cartão de crédito, fez um reforço da hipoteca do seu apartamento para libertar algum capital, contraindo juros sobre juros sem esperança de alguma vez conseguir pagar o empréstimo. Como se isso não fosse mau o suficiente, todo esse tempo em que isto se prolonga, ela manteve-o escondido de todos. Não queria preocupar ninguém. Não queria admitir como tudo se estava a desmoronar, nem sequer para si mesma, pelo que aguentou tudo sozinha.

— Já contou aos seus filhos? — pergunto quando ela termina de me contar tudo.

Pela primeira vez, ela vacila. — Não, ainda não. — Ela abana a cabeça. Tem-se mostrado incrivelmente positiva, olímpica, na sua determinação, mas consigo ver nos seus olhos que contar aos filhos é o pior, e o meu coração compadece-se dela. Sinto uma grande afeição por Marsha e respeito-a sinceramente. Só desejava que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer, alguma maneira de ajudar.

Mas tudo o que posso fazer é ser solidária e tentar manter-me otimista. Assim, exibindo uma expressão feliz, tento imitar a sua disposição e ser positiva, mas é difícil. Quando a galeria fechar, eu perco o meu emprego e com isso o meu visto de permanência na América. Terei de voltar a Londres e dizer adeus a Nova Iorque.

Perante o pensamento, sinto uma pontada de tristeza e a minha mente desliza para... Detenho-a, antes mesmo que chegue lá. Como eu disse, não vou pensar mais nessas coisas. Chega. Estou farta.

Com a bênção de Marsha, deixo o trabalho à hora de almoço e encaminho-me para o hospital, onde combinei encontrar-me com a Kate. Segundo ela, é um dos melhores e não duvido. Conhecendo a minha irmã, assim que Jeff recebeu o diagnóstico, ela deve ter-se lançado a fundo em modo de pesquisa, descobrindo o melhor tratamento, o melhor hospital, o melhor médico. E deve ter-se incumbido da missão de se tornar uma especialista em tudo o que há para saber sobre o cancro testicular.

Como é evidente, ela vem ter comigo ao átrio, segurando diversas pastas coordenadas por cores e uma mala atulhada de papéis.

— O que tens aí? — digo, aprestando-me a abraçá-la.

— Pesquisa — diz ela vivamente, recebendo o meu abraço com a sua habitual rigidez de estátua.

O marido da minha irmã pode ter cancro, mas não há obviamente necessidade de mostrar emoção.

— Onde está o Jeff? — pergunto, relanceando em volta.

— Ele foi à casa de banho. Está nervoso — informa ela, de uma forma que não poderia parecer *menos* nervosa. — Eu disse-lhe que era uma operação perfeitamente rotineira. Tenho todos os dados estatísticos. — Ela agita-me uma pasta verde. — Segundo um estudo recente conduzido pelo Instituto Nacional do Cancro, se o cancro não se tiver espalhado além do testículo, a taxa relativa de sobrevivência a cinco anos é de 99%.

Então e o 1%?, entoa aquela minúscula e aterrorizadora voz na minha cabeça, que gosta de me assustar com os seus «E se?». Determinada, ignoro-a.

— Ele vai ficar bem. — Eu aceno com a cabeça.

— É claro. — Ela acena de volta. — Sem dúvida.

— Olá, meninas.

Voltamo-nos ambas, vendo Jeff a caminhar pelo corredor na nossa direção. Ele perdeu ainda mais peso desde a última vez que o vi e procuro não deixar o choque da sua aparência exibir-se no meu rosto, enquanto me aproximo e lhe dou um abraço.

— Então, costumas vir aqui? — graceja ele, injetando o seu humor fácil na situação, como sempre.

Rio-me. — Foi essa a frase de engate que usaste com a minha irmã?

— Não, ela é que se meteu comigo — replica ele, lançando-lhe um olhar travesso.

Ela solta um som de indignação. — Não, não foi nada disso. Lembro-me perfeitamente. Foi numa festa de Halloween e tu perguntaste-me se eu já tinha beijado um irlandês.

— E o que respondeste? — Divertida com a briga deles, volto-me para a minha irmã. Nunca tinha ouvido esta história.

— Respondi: «Sim, vários, quando trabalhei na firma McGrawth em Dublin.»

Ela di-lo com uma expressão tão séria, que não me consigo impedir de rir. Isso é tão típico da Kate. Tem sempre resposta para tudo. Até mesmo frases de engate foleiras.

— Então, o que fizeste? — Olho para Jeff, que está a adorar.

— Oh, tu sabes, acertei-lhe na cabeça com a minha maça e arrastei-a para a minha caverna.

— Não foi nada — exala Kate, os seus princípios feministas visivelmente a erguer-se por dentro.

— Não, ela tem razão, não fiz nada disso — aquiesce ele, com um sorriso. — Eu disse-lhe que nunca tinha beijado uma bonita rapariga loura inglesa e perguntei se o podia fazer.

Há uma pausa enquanto ambos trocam olhares.

— Seu romântico — diz a minha irmã em voz baixa, dando-lhe um leve apertão.

Observo-os. É um momento de ternura. Ela a manter tudo sob controlo com as suas pastas coordenadas por cores, o fato impecável e a atitude de negócios-como-sempre; ele parecendo prestes a desconjuntar-se, a barba por fazer, os olhos traindo o seu medo. Duas pessoas perdidas num momento, enquanto em volta a grande e agitada máquina do

hospital vai girando.

— Falando de corações moles. — Jeff volta-se para mim. — Ouvi dizer que tentaste salvar um gato na outra noite e que te meteste num pequeno sarilho.

Oh, bolas!

— Sarilho? Que tipo de sarilho?

Juro que as orelhas da minha irmã são como um detetor de metais. Detetam a mais pequena coisa e, pronto, desatam a apitar.

— Oh, não foi sarilho nenhum — digo rapidamente.

— Tenho alguns amigos destacados na esquadra da Ninth Precinct. Um deles reconheceu o nome, disse que era uma rapariga britânica e questionou-se se seria parente da Kate. — Ele pisca-me o olho. — Não sabia que tínhamos uma criminosa na família.

— Lucy, que diabo andaste a tramar? — indaga Kate, num tom acusador. A minha irmã olha-me exatamente da mesma forma como me olhou quando me apanhou a fazer um «corte de cabelo» à sua boneca *Sindy*. Bem, como é que eu ia saber que não voltava a crescer? Tinha só 4 anos!

— Nada — protesto eu, lançando um olhar estrangulado a Jeff. — Foi um mal-entendido. A Polícia não me acusou.

— Oh, meu Deus, foste detida? — Kate quase guincha.

— Mais ou menos... mas fui libertada sem acusação — acrescento rapidamente.

— Lucy, eu sou advogada! — Ela arqueja. — Se o meu CEO descobre, isso pode prejudicar a minha proposta de sociedade! Meu Deus, estás *sempre* a meter-te em sarilhos. — Ela abana a cabeça e fita-me, furiosa. — Foi sempre a mesma coisa, eu a ter de te pagar a fiança, eu a ter de apanhar os cacos, eu a ter de...

— Ei, querida, não foi nada de mais — interrompe Jeff, interferindo em minha defesa. — O meu amigo contou-me. Ninguém se vai meter em problemas, *OK*? — Ele pousa a sua mão no braço dela e vejo-a a acalmar. Ela é como uma mola em tensão, o que, dadas as circunstâncias, é compreensível, mas mesmo assim não consigo evitar sentir-me um pouco magoada. — Ele disse que um tal Adam teve de te ir buscar — acrescenta Jeff, voltando-se para mim, as sobancelhas erguidas.

O nome dói-me.

— Quem é o Adam? — Kate franze o rosto.

— Contei-te sobre ele, no outro dia — digo eu em voz baixa, em referência ao nosso almoço no fim de semana. — Provavelmente não te lembras. Eu não parava de falar de cenas, mas tu tinhas coisas bem mais importantes na cabeça. — Relanceio Jeff, depois baixo os olhos, constrangida, para as minhas sandálias.

— Novo namorado, hem? — diz ele num tom amigável.

— Não, saímos só algumas vezes. Não resultou. — Encolho os ombros. Encontro o olhar de Kate. Ela fita-me e eu consigo perceber que está a pensar em algo para me perguntar, mas desvio rapidamente o olhar. Não quero falar sobre o Adam, sobretudo não agora. — Nem todos são afortunados como vocês os dois — acrescento com um leve

sorriso.

— Ele não usou obviamente a frase de engate irlandesa — diz Jeff, com um sorriso.

— Não, não usou — digo, num tom suave, a minha mente voltando ao cinema, sentados juntos no escuro, os seus dedos timidamente entrelaçando os meus. — Não usou frases nenhuma.

— É melhor subirmos ao quarto. — A Kate verifica subitamente o relógio e eu volto à realidade. — Tens consulta com o Dr. Coleman daqui a dez minutos.

— Certo, chefe. — Jeff faz a continência, brincando com a situação, mas vejo-o empalidecer levemente. Ele olha para mim. Exibo o meu sorriso mais encorajador e ele pisca-me o olho. — Muito bem, meninas, vamos a isto.

O Dr. Coleman é um homem de rosto bondoso com uns óculos sem armação, uma bata branca ostentando uma dezena de diferentes canetas no bolso do peito, e uma mancha de pelos brancos de um dos lados do queixo, que falhou quando fez a barba.

É curioso como reparamos nesses detalhes triviais, como se a mente se tentasse distrair por si mesma concentrando-se nas minúcias, em vez de encarar o quadro maior.

Este é o oncologista do Jeff. É um especialista em cancro e a única razão de ele estar aqui agora, diante de mim, a apertar a mão de Jeff e a fazer conversa de circunstância com a Kate, é porque o Jeff tem cancro.

Deixo o quarto e sento-me cá fora na sala de espera, para lhes dar alguma privacidade. O médico está aqui para falar sobre a operação, que está marcada para esta tarde e, conhecendo a minha irmã, ela vai querer que ele responda a todas as suas questões. Quando saí, ela já estava a tirar molhos de papel de várias pastas e a pedir-lhe que «esclarecesse alguns pontos», como se discutisse uma importante fusão e não a doença do marido.

Folheio ociosamente uma série de revistas, sem prestar verdadeiramente atenção. Não estou interessada em ler sobre as celebridades, nem em admirar as suas fotos de biquíni. Pousando-as, relanceio em volta da sala de espera, o meu olhar demorando-se brevemente nas outras pessoas que aguardam os seus entes queridos e família. Eu sabia que haveria muito tempo de espera e queria trazer um livro para ler, mas no último minuto algo me impediu de estender a mão para um dos vários livros de bolso na minha estante e, em lugar disso, agarrar num velho caderno de esboços.

Tiro-o para fora, agora. Está todo dobrado nas pontas e metade das páginas estão cheias de desenhos de anos atrás, mas passo para uma nova página, vazia. Fito a sua brancura, momentaneamente nervosa. Passou tanto tempo desde que desenhei alguma coisa que talvez tenha esquecido de como o fazer, talvez já não seja capaz. Contudo, a mesma coisa que me fez estender a mão para esse caderno, faz-me remexer pelo fundo da minha mala e tirar para fora um lápis. Faz-me olhar em volta, para os diferentes rostos e as suas expressões, as diferentes emoções — esperança, medo, tédio.

E faz-me começar a desenhar de novo.

Não sei bem quanto tempo passa. Noto vagamente o médico a deixar o quarto, mas a Kate permanece lá dentro, pelo que eu permaneço cá fora.

Finalmente, vejo duas enfermeiras a empurrar uma maca vazia para o quarto de Jeff e, uns minutos depois, ele a ser conduzido para fora. Deve ir a caminho da cirurgia. Não me levanto. Não quero que eles me vejam. Em vez disso, observo como Kate o acompanha pelo corredor até ao elevador, a sua cabeça inclinada sobre ele, a densa cortina de cabelo louro criando um biombo de privacidade, enquanto lhe dá um beijo. Depois ele vai, desaparecido no elevador e levado para o bloco.

Depois eu estou lá, ao lado dela, tal como prometi, sugerindo uma caminhada lá fora e dizendo-lhe para não se preocupar, que ele vai ficar bem.

— Ele vai ficar bem — digo pela enésima vez quando nos sentamos lá fora no pátio, a beber um café. É uma coisa universal: café mau e hospitais, o mesmo em todo o mundo, reflico eu, enquanto sorvo os restos amargos do meu copo de plástico.

— Eu sei — assente Kate, pela enésima vez. — É claro. — Ela fita em silêncio o seu copo, mordendo o lábio, e então, inesperadamente, noto uma lágrima solitária rolar-lhe pelo rosto e respingar no café. Uma lágrima, só isso, mas que diz muitíssimo. Não me lembro da última vez que vi a minha irmã chorar. Aliás, não estou certa de me lembrar de ver a minha irmã a chorar. *Alguma vez.*

Olho-a em choque, enquanto ela solta um gemido. — Oh, Luce, e se ele não fica bem? E se está espalhado? E se... — Ela interrompe-se, incapaz de dizer as palavras.

— Ele vai ficar bem — digo suavemente. — A operação vai ser um sucesso.

— Como é que sabes? — contrapõe ela, zangada. — E se ele não fica bem? E se fizer parte da percentagem dos que não sobrevivem?

Estremeço ligeiramente, mas mantenho-me firme. — O Jeff é um lutador. Não é nenhum percentual aleatório — digo com determinação, forçando a minha voz a manter-se uniforme. — Ele é casado contigo, lembras-te? Só pode ser feito de material resistente.

Ela funga, contra a sua vontade, e oferece-me um pequeno sorriso. — Simplesmente não me permiti sequer pensar nisso, nem por um momento — confessa, quase com culpa. — Tenho de ser capaz de o fazer. Tenho de ser a pessoa que cuida de tudo e de todos.

— Não tens de ser — digo eu, com firmeza, mas suavidade. — Ninguém espera que o sejas.

— Espera, sim. Tu, a mãe e o pai, o trabalho, todos. — Ela adota uma voz diferente. — Pergunta à Kate. Deixa isso com a Kate. Podes contar com a Kate. — Ela exala um profundo suspiro.

— É verdade, esperamos — admito eu, sentindo culpa —, e não é justo. Não devíamos apoiar-nos em ti dessa forma, mas também depende de ti — acrescento. — Tens de nos dizer isso. Tens de parar de assumir tanto a teu cargo.

— Mas se eu não o fizer, desmorona tudo.

— Não sabes isso — argumento eu.

— Mas sei — replica ela, obstinadamente.

— Está bem, então que seja. Deixa que se desmoro-
ne.

Kate olha-me com impaciência.

— A sério, Kate. E se desmoro-
nar? Não é uma situação de vida ou morte. — Assim
que as palavras me saem da boca, quero voltar a engoli-las. — Oh, céus, desculpa, eu não
queria dizer isso. Eu e a minha grande boca...

Ela interrompe-me com um firme abanar de cabeça. — Não, tens razão — diz ela, os
seus olhos cinza pálido encontrando os meus. — Não é uma questão de vida ou morte.
Nada disso interessa verdadeiramente. O tentar concretizar uma estúpida sociedade ou o
treinar para uma ridícula maratona ou o escolher entre ladrilhos redondos cinza ou
ladrilhos quadrados brancos na cozinha... — A sua voz perde-se e ela abana a cabeça,
como que incrédula.

— Caramba, Luce — pragueja, mais para si mesma do que para mim. — Tenho sido
tão incrivelmente estúpida. E cega. Todo este tempo, pensei que todas essas outras coisas
eram importantes, ansiosa com tudo, preocupada em alcançar metas, e é tudo uma treta
sem sentido, sem o Jeff. Ele é o que importa. Sem ele, nada tem significado. Sem ele, não
tenho nada. — Ela olha para mim e, agora, os seus olhos estão brilhantes e a sua face
manchada.

— Toda a minha vida, nunca falhei em nada. Fui uma aluna de topo. Eu invisto
esforço e longas horas e consigo resultados, passo testes, corro maratonas e conquisto
promoções. É simples. Quase fácil. *Faz sentido*. Mas isto não é assim. É tão aleatório. Não
há nenhuma explicação lógica para o cancro e, por muito que eu tente ou faça, não o
consigo corrigir. Sinto-me completamente impotente. — Ela abana a cabeça. — Pela
primeira vez na vida, não sei o que fazer.

Nunca vi a Kate tão perdida e assustada, e sinto um aperto de ansiedade. Desde que
me lembro, ela foi sempre aquela irmã forte e capaz. Nunca a vi com medo e fora de
controlo e, até este momento, nunca me tinha apercebido de como tomava isso por
garantido. Ela foi sempre quem cuidou de mim e há uma segurança inconsciente em saber
que eu sou aquela que se pode meter em trapalhadas e confusões, e sentir medo e
preocupação, e que, apesar de tudo isso, ela está sempre lá para me apanhar do chão,
sacudir-me o pó e resolver as coisas. Mesmo que seja com o rosto franzido e um suspiro
de impaciência.

Subitamente, dou-me conta do quanto isso me causou ressentimento. Da sua vida
aparentemente perfeita e sempre dentro de controlo. De nunca nada correr mal a Kate. De
ter sempre corrido tudo bem. De nunca ter falhado em nada e ter sempre conseguido o que
queria, seja o bom cabelo ou as notas dos exames. Sinto-me uma perfeita desgraça ao pé
dela. A sua vida parecia tão resolvida. As suas emoções estavam controladas. Acho que
ela nunca ficou de coração partido. Conheceu o Jeff, casaram e têm vivido felizes para
sempre. Tudo parecia tão fácil para Kate.

Agora, apercebo-me de que não é fácil; *nunca* foi fácil. Ela simplesmente achou que
tinha de ser forte, de estar lá para mim e, durante toda a minha vida, ela esteve. Porém,

agora, é a minha vez de ser forte por ela. Tenho de estar lá para ela.

Pondo o meu braço em torno de Kate, dou-lhe um abraço e, pela primeira vez, ela não se retesa nem se afasta.

E vou estar.

Por alguns momentos, ficamos assim, ao sol do entardecer, sem dizer nada, antes de finalmente entrarmos para esperar. Passado algum tempo, o Dr. Coleman vem dizer-nos que o Jeff saiu da cirurgia, que a operação foi simples e que o vão manter internado por essa noite, devido aos efeitos da anestesia.

— Entretanto, sugiro que vá para casa e descanse, minha jovem — diz ele a Kate, com um firme acenar de cabeça. — Vemo-nos amanhã.

Ele volta-se para se ir embora, mas ela detém-no. — Quando saberemos se tirou tudo?

— Devemos ter os resultados da patologia nos próximos dias.

— E então poderá determinar o tipo e estágio do cancro?

Ele parece momentaneamente desconcertado com a franqueza dela, mas esta é a médica de formação em Kate, não a esposa assustada.

— Sim — anui. — E que tratamento posterior, se algum, será necessário.

— Acha que ele vai ficar bem?

Mas a esposa assustada está aqui. Debaixo das suas pastas e da sua sinceridade, ela está verdadeiramente aqui e a sua esperança é quase palpável.

O Dr. Coleman faz uma pausa. Deve ter-lhe sido feita essa pergunta um milhão de vezes. — Vamos manter-nos positivos, sim? — Ele pousa-lhe a mão no ombro, depois parte.

Proponho ir com Kate para casa e, desta vez, ela não argumenta nem protesta, apenas acena com a cabeça, em silêncio, e deixa-me assumir o controlo, enquanto chamo um táxi e dou as direções. Uma vez no apartamento, encho-lhe a banheira com água quente, faço-lhe uma chávena de chá, depois troco-a por algo mais forte. De quem terá sido a estúpida ideia de fazer chá, em alturas como esta?

Sem dizer palavra, ela faz o que lhe digo. A velha e capaz Kate teceria algum comentário sobre os saquinhos de chá que deixo acidentalmente no lava-loiças ou sobre a escolha de toalhão que tiro para ela do roupeiro, ou sobre a terra dos meus sapatos, que me esqueço de descalçar e com que espezinho o seu tapete.

A velha Kate foi substituída por uma rapariga de expressão indefesa, que, com o seu cabelo lavado e húmido e pijama, parece ter uns 10 anos de idade, e que se senta obediamente no sofá a bebericar o seu uísque.

Passado um bocado, ela levanta os olhos. — Acho que me vou deitar, Luce. Estou bastante cansada.

Aceno com a cabeça. — Eu vou contigo.

— Oh, não, não tens de vir. Eu fico bem sozinha... — replica ela automaticamente, depois interrompe-se, como que dando-se conta de que, na verdade, não está bem.

— Será como quando éramos miúdas — tento eu persuadi-la. — Lembras-te de como partilhávamos a cama, às vezes?

— Para podermos partilhar segredos debaixo do edredão com uma lanterna. — Ela sorri.

— Tu costumavas expulsar-me a meio da noite. — Sorrio. — Eu tinha de rastejar de volta para a minha cama, que estava gelada.

— Céus, eu era uma irmã mais velha horrível, não era?

Ela volta-se para mim com um ar tímido e eu rio-me. — Acredita, eu era uma irmã mais nova bastante incomodativa.

Vamos para o quarto dela e do Jeff. É o total oposto do meu. Desafogado e pintado de um bege suave, é todo lençóis impecáveis e almofadas entufadas.

— Agora, só nos falta a lanterna — sussurro eu, aconchegando-me debaixo do edredão de penas.

— E de uns segredos — sussurra ela de volta. Virando a cara, ela fita-me, os seus olhos procurando os meus na escuridão. — Queres ouvir um?

Aceno com a cabeça, como que a dizer, *Conta*.

— A vida pode mudar num piscar de olhos. Tudo o que tens é o agora. Por isso, nunca adies dizer a alguém o que sentes por essa pessoa, não assumas que ela sabe, porque pode não saber e, depois, pode ser demasiado tarde.

Posso perceber que fala sobre ela, sobre o Jeff, mas ecoa em mim.

— Gosto muito de ti, Kate.

— Também gosto muito de ti, Luce.

Ela vira-se para o outro lado e eu faço conchinha com ela, como antigamente, e quando a sua respiração se torna mais pesada e ela adormece, eu fico acordada e penso sobre o seu segredo. Penso sobre ele por um longo, longo tempo.

— Tens de me ajudar. Eu preciso de falar com o Adam.

É a manhã seguinte e, depois de deixar a Kate no hospital para ir buscar o Jeff, corri a ver a Robyn na Healing Arts, onde ela trabalha.

— O quê? Quem é o Adam? — sibila ela, toda perturbada.

E tem razão para estar. Acabei de irromper pela sua sala de terapia, onde ela estava em processo de espetar agulhas num homem meio despido. Não sei quem ficou mais surpreendido, eu, a Robyn ou o homem despido, que subitamente levou com uma agulha espetada onde não esperava.

— O tipo da galeria, o que foi buscar-me à esquadra.

A Robyn para de agitar, indignada, os seus braços adornados de pulseiras e duas manchas de cor surgem nas suas faces. Ela ainda se sente culpada, por quase me fazer ir presa.

— Tivemos um encontro que correu horivelmente mal... Bem, não o encontro. O encontro foi perfeito. Seja como for, agora há um terrível mal-entendido por causa do Nate...

— *Nate?* — Ela fica de orelhas alerta.

— Oh, eu não te contei, pois não? Ele estava em Vineyard. Nós dormimos juntos...

— *Dormiram juntos?* — Ela parece horrorizada.

— Bem, sim, *estritamente falando*, mas não exatamente. E o Adam ficou com a ideia errada e tivemos uma discussão horrível e ele não responde às minhas chamadas ou mensagens e, bem, estive com a minha irmã no hospital...

— *Hospital?*

A Robyn está incaracteristicamente sem palavras, reduzindo-se a um eco.

— E ela disse-me que nunca devo adiar dizer a alguém o que realmente sinto, porque posso nunca vir a ter a oportunidade de o fazer e eu quero dizer ao Adam o que realmente sinto. — Detenho-me abruptamente, arquejando.

— Uau — ouve-se uma voz detrás de nós. — Isso é intenso.

Olhamos ambas, vendo o homem coberto de agulhas. Deitado de costas na marquesa, de boxers, ele fita-nos, empolgado.

— Desculpe, é só um momento. — Apressando-se a desculpar-se, Robyn fecha rapidamente a porta atrás de si, depois volta-se para mim. — Lucy, porque não me contaste nada disso? — Cruzando os braços, lança-me o seu olhar mais severo.

— Bem, tu tens tido muita coisa a acontecer. Ambas temos tido. — Suspiro e fito os meus pés.

O rosto de Robyn passa da impaciência à culpa, à simpatia e, finalmente, à determinação. — Ouve, eu faço qualquer coisa para te ajudar, sabes que sim, mas o que é que eu posso fazer? Quero dizer, da última vez que tentei ajudar não acabou muito bem — diz ela, em referência ao feitiço.

Fito-a, o peito a pesar-me, a cabeça a girar. — O problema é esse... eu não sei. Não sei o que fazer. Ele não me fala. Não responde às minhas mensagens.

Entreolhamo-nos por um momento, completamente perdidas.

— Se ao menos eu pudesse ver como corrigir isto... — murmuro, a voz sumindo.

— Pois é — anui Robyn, em simpatia. — É em alturas como esta que só queria ter uma bola de cristal.

— É isso! — exclamo eu, subitamente acometida de uma ideia. — Então e a tua vidente?

A Robyn olha-me, incerta. — Tu não acreditas em videntes.

— Mas tu disseste que ela consegue comunicar com guias espirituais e que tem um dom espantoso — aponto eu, incisiva. — E, nesse caso, poderá dizer-me o que fazer.

Bem, é um tiro no escuro, mas estou desesperada.

— Só não estou muito certa de que seja uma boa ideia — diz Robyn com uma expressão preocupada. — Já sei... que tal umas ventosas?

— *Ventosas?* — exclamo eu.

— Ou uns extratos de ervas? — continua ela com vivacidade. — Os efeitos podem ser extraordinários.

— Não me vais contentar com umas ervas antigas — digo eu, determinada. — Lembra-te de que te encontrei o Harold.

— Isso é chantagem — exala ela.

— Pois é — riposto eu, assumidamente.

Aconchegando um caracol solto atrás da orelha, ela estuda-me, como que pensando intensamente em montanhas de coisas, depois pergunta suavemente: — Gostas mesmo desse tipo, hem?

— Sim — respondo com voz calma. — Gosto mesmo dele.

Satisfeita, ela assente levemente com a cabeça. — Deixa-me ir buscar uma caneta.

Passo o resto do dia num estado reprimido de antecipação nervosa sobre o que a Suki me irá dizer. Normalmente, necessitaria de marcar uma consulta, mas, ao que parece, em emergências ela encaixa as pessoas. Assim, o plano é ir até lá depois do trabalho e implorar-lhe que me dê uma audiência ou lá o que é que as videntes fazem. A Robyn não tem o número de telefone, só a morada, que me dá, além de uma palestra sobre como devo manter a mente aberta e não me alarmar quando ela começar a canalizar e falar em «vozes».

— Vozes? — perguntei eu, curiosa. — Que tipo de vozes?

— Vozes, simplesmente — respondeu Robyn despreocupadamente. — Tu sabes, os diferentes guias espirituais.

Na realidade, não, eu não sei, mas estou preparada para deixar a minha incredulidade e cinismo à porta e descobrir. Neste ponto, tentarei qualquer coisa, e se isso significar cobrir a palma da mão de uma mulher de moedas, que se lixe, assim farei.

— Então, para que lado é?

Tendo saído do Metro, estou na esquina de uma rua. Apesar das direções detalhadas, estou completamente perdida e ao telefone com a Robyn.

— Segue simplesmente para leste — tenta ela explicar.

— Leste? Para que lado fica o leste? — digo, frustrada. — E não me digas que é para o lado oposto do oeste.

Rodo o meu mapa desdobrável ao contrário, e rodo-o de novo, depois desisto e começo a caminhar, o telefone ainda entalado na curva do meu pescoço.

— Já conseguiste perceber? — pergunta ela, passado um momento.

— Mais ou menos — finjo eu, cruzando os dedos e esperando pelo melhor.

— Há uma Laundromat no fim da rua e a porta ao lado é uma sapataria com um tipo estranho de toldo púrpura.

— Oh, estou a vê-lo! — Avistando o toldo púrpura, acelero o passo.

— Número quarenta e três — diz a Robyn em som de fundo. — Tem uma placa prateada.

— Sim, estou quase lá. — A antecipação fervilha. Se me dissessem há uns meses que eu ia consultar uma vidente, nunca teria acreditado. Mas também há muita coisa que eu não teria acreditado há uns meses, digo-me, ignorando o tornozelo, que ainda está abalado do acidente no ginásio e lateja em protesto.

Ligeiramente sem fôlego da correria, chego finalmente a uma pequena loja com uma montra de vidro, na qual estão pintadas inúmeras estrelas, e uma placa: «Leituras Psíquicas».

Sinto um pulsar de triunfo. — Sim, encontrei! — Na verdade, estou bastante excitada.

— Excelente! — diz ela, entusiasmada.

— Só que não parece aberta — digo eu, experimentando a porta; descobrindo que está trancada, sinto uma onda de desapontamento.

— Provavelmente, a Suki está só a fazer uma leitura — tranquiliza-me ela, rapidamente. — Toca à campainha.

— Está bem. — Apresto-me a tocar à campainha, depois paro, reparando num pedaço de papel afixado na montra. — Espera, está aqui um aviso.

— Um aviso? — Robyn parece surpresa. — O que é que diz?

Aproximo-me mais.

— E então? — insiste Robyn.

— «Fechado por circunstâncias imprevistas.»

Há um silêncio do outro lado da linha.

— Bem, que grande vidente me saiu! — desdenho eu.

— Tens a certeza de que estás no sítio certo? — Robyn soa perplexa.

— Totalmente. Número quarenta e três. Ao lado da sapataria com o toldo púrpura. — Repito-lhe de volta as indicações.

— Não consigo perceber — murmura Robyn para si mesma. — Deve haver algum

engano.

— O único engano foi vir aqui — replico eu, sentindo-me subitamente tola. Dando meia-volta, começo a descer a rua em direção ao metropolitano. — Tinhas razão... era uma má ideia. Não sei em que estava a pensar.

— Estavas a pensar no Adam — contrapõe ela, solícita.

À menção do seu nome, sinto um aperto cá dentro. — Bem, talvez deva desistir de pensar nele — digo, resignada. — De qualquer forma, ele provavelmente odeia-me.

— Merda! — protesta Robyn.

Desencosto o telemóvel da orelha e fito-o, atónita. — Tu disseste «merda»? — questiono, voltando a encostá-lo à orelha. Todo este tempo, nunca ouvi Robyn praguejar.

— Bem, sim, disse — admite ela, soando embaraçada. — Mas é. Porque ele não te odeia. E tu não deves desistir.

Sorrio, agradecida. — Obrigada. Sei que estás a tentar ser querida e tudo isso, mas acho que o perdi — digo eu, com tristeza.

— Muito bem. Então, nesse caso, o que é que farias se tivesses perdido outra coisa? — riposta ela, recusando deixar a minha negatividade afogar a sua inabalável positividade. — As tuas chaves, por exemplo, como eu no outro dia?

— Hum... — Atirada numa direção completamente diferente, tenho de pensar por um momento. — Refazia os meus passos, suponho.

— Certo, então vamos refazer os teus passos e do Adam — diz ela, vivamente. — Quando é que o viste pela última vez?

— Foi depois do nosso encontro, quando discutimos.

— E porque é que discutiram?

— Porque o Nate apareceu de repente e o Adam ficou com a ideia errada.

— O Nate. Exatamente — diz a Robyn. — Ele é a causa de tudo isto. Por isso, primeiro que tudo, tens de quebrar esse laço que tens com ele de uma vez por todas.

— Diz-me algo que eu não saiba. — Suspiro. Só nesse dia já recebera outra chamada perdida dele e tive de desistir completamente de ver televisão. Cada vez que a ligo, está a dar o *Big Bucks*.

— A sério, Lucy. De outra forma, isto nunca ficará resolvido e mais vale desistires já. — Ela exala um sopro de indignação. — É como com a medicina chinesa. Não se tenta tratar o sintoma; é preciso resolver a causa: *tu e o Nate*.

Caminhando pela rua enquanto escuto, tenho de admitir que para alguém que acredita em anjos, diz coisas bastante sensatas por vezes.

— Precisas de encerrar o assunto — diz ela com determinação.

— E como propões que o faça? — Suspiro, desanimada. — A Estratégia não funcionou. Nada funcionou.

— É verdade — concorda ela, relutantemente. Segue-se uma pausa e consigo ouvir a televisão à distância.

— O que estás a ver? — pergunto, distraidamente.

— O *CSI*. Estava a preparar-me para ir ao meu novo círculo de tambores, mas pensei em ver só uns cinco minutos. Estou naquela parte em que eles voltam à cena do crime para tentar encontrar respostas... — Subitamente, ela cala-se. — Oh, é isso!

— Isso o quê? — pergunto eu, intrigada.

— Tens de voltar à cena do crime! A resposta está lá. É aí que vais encontrar a tua resposta.

— O que queres dizer? — O meu tornozelo começa agora a latejar de toda esta correria e eu faço sinal a um táxi.

— Quero dizer que tens de voltar a Veneza.

Quase deixo cair o telefone. — Não sejas ridícula! — exclamo.

— É a única maneira. De outra forma, esquece, podes dizer adeus ao Adam.

O táxi desvia-se para junto do passeio e estendo a mão para a porta. — Estás louca? Não posso ir a correr para Itália por um palpite. — Quando puxo a porta, a porta do outro lado abre-se de repente e alguém entra.

— Ei, este é o meu táxi! — clamo eu, indignada.

— Lucy, tens de ir — exorta-me Robyn do outro lado da linha.

— Robyn — exalo eu para o telefone enquanto entro para o banco de trás —, eu não vou a Veneza!

Então encaro o estranho que me está a tentar roubar o táxi.

Só que não é um estranho. É o Nate.

— Eu vou a Veneza.

Entrando na cozinha na manhã seguinte, encontro o rádio a tocar, o chá em infusão e a Robyn sentada de pernas cruzadas à mesa da cozinha, com o seu pijama *tie-dye*. — Vais? — Ela levanta os olhos do barrar de uma torrada de pão de passas e sorri largamente. — Maravilha!

— Bem, não sei se lhe chamaria exatamente uma «maravilha». — Mais um desespero, penso eu, sentando-me ao seu lado. Depois do meu encontro com o Nate, ontem à noite, vendo-me sentada ao lado dele no banco de trás de um táxi, fiquei decidida.

— Queres uma torrada? — oferece ela.

— Mmm, sim, obrigada. — Anuo com a cabeça quando ela me passa uma.

— Então, quando vais? — Ela olha-me, expectante.

— Hum... — Faço uma pausa. Subitamente atinge-me que ainda não pensei nessa parte. Na verdade, agora que *penso* sobre isso, apercebo-me de que há bastantes partes em que tenho de pensar. Do tipo, como vou pagar um voo para Itália ou pagar um hotel ou conseguir uma folga do trabalho... A ansiedade ressoa. — Ainda não sei — digo vagamente, dando uma trinca na tosta de passas.

— Bem, tens de ir o mais cedo possível — instrui Robyn. — Não podes adiar.

— Certo, sim, não posso adiar — murmuro, mastigando vagarosamente, a minha tosta, tentando não deixar de pensar em como a minha vida parece cada vez mais rapidamente a girar. Céus, isto começa tudo a parecer um bocado avassalador.

— E é claro, o Nate tem de ir contigo.

Quase me engasgo com a minha tosta de passas. — O quê? Estás a dizer que eu e o Nate temos de ir a Veneza, *juntos*? — Volto-me para ela, atónita. — Pensei que o plano era ver-me livre dele, não voar para Itália com ele!

Tirando calmamente outra torrada da grande pilha no seu prato, ela começa a barrá-la com manteiga. — Só funcionará se forem os dois — diz com toda a naturalidade.

— Diz quem? — brado eu, agitando a minha torrada em volta com exasperação. — Há algum livro de regras no que respeita às lendas?

A Robyn para de barrar e olha-me. — Ouve, se tu e o Nate fizeram isto acontecer, vocês têm de estar juntos para o desfazer. — Ela encolhe levemente os ombros. — É um senso comum.

— No teu mundo, talvez — replico eu, envolvendo os joelhos com o meu roupão e abraçando-os contra o peito. — Eu não vivo num mundo de magia e de feitiços, e de lendas antigas.

— Oh, a sério? — Robyn ergue as sobrancelhas e fixa-me com um olhar cético. — Podias ter-me enganado.

Indignada, abro a boca para argumentar, depois, soltando um suspiro, largo a minha torrada e enterro a cabeça nos joelhos. — Oh, céus, isto é inútil — gemo, a minha voz abafada nas dobras do meu roupão turco. — Eu tentei de tudo e tudo falhou. Continuamos

a arruinar a vida um do outro. O Adam nunca mais me vai falar e a Beth, provavelmente, também nunca mais vai falar com o Nate. Ir a Veneza não vai resultar. É uma ideia estúpida.

— Ouve, Lucy — diz Robyn, com uma súbita dureza. — Este é o teu momento. Assume-o.

— Hã? — Levanto os olhos para Robyn, que me fixa, o seu rosto vermelho de determinação.

— Mas como é suposto assumi-lo? O Nate nunca irá a Veneza, nem num milhão de anos. — Em fundo, consigo ouvir a canção que passa no rádio: Neil Sedaka a gorjear alegremente *Breaking Up Is Hard to Do*¹². Inclinando-me para ele, desligo-o.

— Como é que sabes?

A minha mente expele uma série de imagens embaralhadas: partilhando a cama em Martha's Vineyard, cantando *karaoke*, gritando um com o outro na cozinha quando ele me acusou de sabotar a sua relação com a Beth. — Acredita, a última coisa que ele quer fazer neste momento é ir em viagem comigo até Itália. Na verdade, provavelmente preferiria que lhe espetassem os olhos com um pau aguçado.

— Bem, vais ter de o persuadir — diz Robyn sem rodeios.

Fito-a. — Mas como?

— Não sei. — Ela inclina a cabeça de lado e mastiga pensativamente. — Terás de pensar em alguma coisa.

— E se não conseguir? — Fito-a, ansiosa.

— Ficarão juntos para sempre — diz ela, com simplicidade, e, terminando a sua torrada, agarra numa outra.

Com as palavras da Robyn a ecoar-me nos ouvidos, reúno a coragem para ligar ao Nate a caminho do trabalho. Conforme esperava, ele não fica muito feliz por me ouvir. Traduzindo: desliga-me várias vezes, chama-me algo que não vou repetir, depois finalmente concorda em ouvir-me «por trinta segundos». Chego aos dez antes de ele me cortar a palavra. Não, ele não vai comigo a Veneza. Sim, sou realmente louca e não sei que é a altura do Festival de Cinema de Veneza e que nunca vou arranjar onde ficar pois está tudo totalmente esgotado, por isso, boa sorte.

Depois, ele desliga.

— Portanto, basicamente, estou entalada.

É a hora de almoço e estou com a Robyn, na fila do *Katz's*, à espera para pedir.

— Tens a certeza de que ele está a dizer a verdade? Talvez seja um estratagema para te fazer desistir — sugere ela, com otimismo. Desembrulhando um *brownie* do seu bolso, dá-lhe uma dentada.

— Não, ele tem razão; eu pesquisei no Google. — Suspiro. — É a altura do festival, por isso os voos custam uma fortuna. Nunca poderei pagar.

— Isso é fácil; podes usar as minhas milhas. Tenho milhares das minhas viagens ao estrangeiro.

— Caramba, Robyn, és uma querida! — Olho-a com um espanto agradecido, depois franzo o rosto. — Mas mesmo que consiga arranjar um voo, não há onde ficar. Os hotéis estão completamente lotados.

— Todos?

— Todos — assinto. Fiz uma pesquisa *online* esta manhã, em todos os *websites* de viagens de que me consegui lembrar. Até inventei toda uma história sobre alguém que eu conhecia que queria pedir a namorada em casamento em Veneza e consegui que Marsha sondasse a filha da amiga que trabalha na agência de viagens, mas nada.

— Hmm, é verdade, essa parte é complicada. — Ela mastiga, pensativamente.

— De qualquer forma, não importa. O Nate não virá, por isso não adianta.

Robyn parece absorta. — Sabes o que isto é, não sabes?

— Desesperança?

— Não, é o universo a tentar manter-vos juntos — diz ela, conhecedora. — O poder da lenda. Não quer que tu e o Nate vão a Veneza e quebrem o feitiço do amor eterno. E está a levantar obstáculos no teu caminho para te impedir. — Ela mostra-se orgulhosa do seu trabalho de detetive.

— Fantástico. — Encolho os ombros enquanto nos arrastamos na fila. — Agora, quando pensar que o mundo parece estar contra mim, sei que, na realidade, *está* mesmo contra mim. E não apenas o mundo, mas todo o *universo*.

— Onde há amor, há esperança — opina ela, dando mais uma grande dentada no *brownie*.

— Quem disse isso?

— Acho que o li num autocolante — diz ela, arrastando os pés a meu lado. — Mas é verdade. Se amas o Adam, há esperança. Só tens de lutar por ele.

— Como tu lutaste pelo Daniel? — Ergo uma sobrancelha.

Ela cerra o maxilar, caindo em silêncio.

— O que andas a fazer, Robyn?

— A fazer? — replica ela, com irritação.

— A suspirar pelo apartamento, a ouvir o CD de tambores africanos que ele te comprou, a comer para te consolares...

Ela cora e enfia o resto do *brownie* no bolso.

— Porque é que o deixas ir embora assim?

— Ele não é a minha alma gémea — diz ela, com firmeza.

— Quem é que o diz? — brado eu. — A vidente que nem conseguia ver o seu próprio futuro? Mas que grande adivinha!

Robyn parece inquieta e começa a remexer nas suas pilhas de pulseiras de prata, evitando determinadamente o meu olhar.

Agora que comecei, não posso parar. — Eu já fui como tu. Estava convencida de que

saberia, quando encontrasse o Tal, de que simplesmente o *sentiria*. Todos nos dizem: «Tu saberás.» Amigos bem-intencionados, livros, filmes, a poesia. E embora não saibas o que é que procuras e não faças a mínima ideia do que é suposto sentires, convences-te de que, quando finalmente encontrares a tua alma gémea, alguma campainha mágica irá soar na tua cabeça e de que simplesmente saberás.

» Quando conheci o Nathaniel, passei por todas essas sensações incríveis e intensas e pensei, é isto. Ele é o Tal. Acreditei verdadeiramente nisso, razão pela qual fiquei destruçada quando terminámos. Eu tinha perdido aquela pessoa no mundo que me estava destinada e, sem essa pessoa, não poderia voltar a ser verdadeiramente feliz. Claro, haveria outros, tipos simpáticos, tipos engraçados, tipos encantadores, mas não outro Nate. Eu tinha-o perdido e pronto.

» Então, durante anos, segui em frente. Tive encontros, tive casos, alguns namorados, mas ninguém se comparava. O Nate estava sempre lá, no fundo da minha mente. Depois, por algum milagre, reencontrámo-nos e tivemos uma segunda oportunidade. E o que aconteceu?

Olho para Robyn com urgência. Ela está de pé ao meu lado, parecendo quase em estado de choque e eu não a censuro. Está tudo a jorrar cá para fora, uma década de sentimentos que se extravasam no meio de um *snack-bar* cheio de gente.

— Percebi que já não sentia o mesmo, nem ele sentia. Percebi que me tinha enganado. Tal como todos esses milhões de pessoas por aí que se casam e acabam por se divorciar. Eu tive sorte, porém. Se não tivesse tido uma segunda oportunidade com o Nate, ainda continuaria presa a ele. Teria passado toda uma vida a olhar para trás com uns óculos pintados de rosa e nunca teria reparado no Adam. Ele ter-me-ia passado ao lado. Porque o momento em que parei de me focar no Nate e no que eu pensava ser o amor, foi o momento em que vi o Adam.

— Ei, menina!

Ouçõ uma voz, mas, ignorando-a, exalo um suspiro. — Ouve, provavelmente não estou a fazer sentido nenhum, mas o que estou a tentar dizer é que muitas pessoas deixam fugir o verdadeiro amor, porque estão demasiado ocupadas à espera que o Tal apareça. Essa figura imaginária que as irá completar e que, provavelmente, nem sequer existe. Um sinal que diga «É isto». Tu focaste-te no Harold, na tua alma gémea perfeita, no estranho moreno e atraente do teu quadro de visualização. E estás tão concentrada nele que nem consegues ver que já tens algo de verdadeiramente fantástico.

Robyn parece quase estremecer, como se eu tivesse atingido um nervo.

— Não tem sempre de haver um sinal, Robyn. Nem sempre *simplesmente sabes*. Por vezes, demora algum tempo a ver o que esteve sempre à nossa frente. — Paro de falar e apercebo-me de que estou quase sufocada pela emoção. Mesmo que seja demasiado tarde para mim e o Adam, não quero que seja demasiado tarde para ela e o Daniel.

Ela fita-me como se houvesse um turbilhão a acontecer na sua cabeça, depois diz rigidamente: — O que tiver de ser será.

— Ugh! Mas que desculpa oca. — Arquejo, impaciente.

— Não, não é — protesta ela, com intensidade.

— É e a tua lógica é toda distorcida — argumento eu. — Dizes-me que eu tenho de desafiar o universo, como se fosse uma super-heroína, mas tu vais ficar sentada a ver o que acontece?

— Ei, ó menina, tem algum problema de ouvidos ou assim?

Uma voz sonora berra mesmo atrás de mim e eu viro-me, ligeiramente irritada, depois percebo rapidamente que é o homem carrancudo que recebe o meu pedido à hora de almoço. — Oh, certo, sim, desculpe — despejo. — Queria uma sopa e...

Ele não me deixa terminar. — Nã, esqueça a sopa — diz ele, rispidamente, abanando a cabeça. — Ouvi-a falar sobre Veneza.

Fito-o, boquiaberta. Todo este tempo, nunca ouvi este homem grunhir mais do que umas poucas palavras e agora ele está a falar comigo? Sobre Veneza?

— Hum, sim, é verdade — digo, incerta, perguntando-me onde raio aquilo poderá conduzir.

— Penso que a posso ajudar.

Não posso acreditar. Não apenas está a falar comigo, como quer *ajudar-me*?

— Pode? — entoa Robyn, falando por mim.

— O meu tio tem uma pequena *pensione* em Veneza — diz ele com um encolher de ombros. — Estou certo de que terão um quarto... se quiser que eu ligue.

Ainda o fito, incrédula. Mal consigo acreditar no que estou a ouvir.

— Uau, isso seria fantástico — diz Robyn, entusiasmada.

— Hum... sim, ótimo — murmuro eu, atordoada.

— Muito bem, deixe-me o seu número que eu ligo-lhe de volta esta tarde — instrui ele, puxando da caneta de trás da orelha. Pegando no bloco de notas do bolso do peito, passa-me ambos sobre o balcão e, depois, pela primeira vez desde sempre, oferece-me um sorriso.

Passo o resto da tarde na galeria ainda a recuperar do recente rumo dos acontecimentos. Não sei o que é mais chocante, o facto de ele me ter realmente sorrido ou o seu telefonema algum tempo depois a dizer que sim, tudo bem, o tio dele tinha um quarto e, não, não era caro.

O verdadeiro nome do Sr. Carrancudo é Vincent e, na verdade, é bastante conversador uma vez conhecendo-o. Agradecendo-lhe profusamente, anoto todos os detalhes e prometo passar pelo *snack-bar* quando voltar, para lhe contar como tudo correu. Então, isso está resolvido, penso, desligando. Tenho o meu voo. Tenho o meu hotel. Agora, tudo o que preciso é de convencer o Nate a vir comigo.

O que é um pouco como dizer «Tudo o que preciso é de um bilião de dólares», penso sombriamente.

Nas costas de um press release que estou a redigir sobre o Artsy, esboço uma lista de opções:

1. Rapto? Não. Impossível de introduzir clandestinamente no avião. Dá pena perpétua se for apanhada.
2. Ameaça? Com o quê? Os meus saltos-agulha? Uma revista de noivas?
3. Suborno? Não. Idem. Com o quê? Depois de pagar o quarto de Veneza, vou ficar nas lonas.

Estou a tentar pensar numa outra opção quando ouço a porta e levanto os olhos para ver Daniel entrar.

— Oh, olá, Daniel! — Aceno-lhe, escondendo rapidamente a minha lista. — Tudo bem?

É uma pergunta redundante. Ele parece completamente infeliz. Vestindo um amarrotado fato azul-marinho, com o qual parece ter dormido, tem a barba por fazer e círculos escuros à volta dos olhos. — Olá, Lucy. — Ele força um sorriso. — A minha mãe está aqui?

— Sim, está lá atrás. — Faço um gesto para o escritório. — Vão sair?

— Não. — Ele abana a cabeça. — Vim buscá-la para a levar para casa. Estou a ajudá-la a empacotar as coisas do apartamento.

— Ela vai deixá-lo? — Olho-o em desalento. — Já?

— É, receio que sim.

— Ela não me contou — murmuro.

Sinto uma onda de tristeza. Ao longo de todo o dia, Marsha tem estado infatigavelmente igual a si mesma, entretendo-me com histórias escandalosas, entusiasmada com a exposição do Artsy. Contudo, durante todo esse tempo, por dentro, estava a consciência de ter de empacotar a sua casa nessa mesma noite. De ter de deixar o lugar onde viveu nesses últimos vinte anos.

— Para onde é que ela vai? — pergunto, ansiosa.

— Vem viver comigo — responde Daniel, sorrindo, pesaroso. — Pelo menos é alguma coisa. Sabes que é um sonho dela viver com o filho.

Contra a minha vontade, não me posso impedir de sorrir.

— Então e como está a Robyn? — diz ele, passado um momento, tentando soar indiferente e falhando terrivelmente.

— Bem — digo, vagamente. Não sei o que dizer. Digo-lhe a verdade? Que acho que ela está a cometer um erro gigante e que tentei, mas falhei, em fazê-la ganhar juízo? Ou mantenho-me à margem e não interfiro? Arranco essa folha do seu livro e aceito que o que for será?

— Suponho que esteja verdadeiramente feliz por ter finalmente encontrado o Harold — avança ele, incitando a uma reação.

Olhamos um para o outro, nenhum de nós a dizer o que realmente pensa. — Pois, suponho que sim. — Encolho os ombros, de forma não comprometedora. Mordo o lábio. Oh, céus, isto mata-me! — Ouve, Daniel, eu acho que vocês os dois deviam conversar — expludo, antes que o consiga evitar.

Bem, lamento. Que se lixe o deixar as coisas nas mãos do destino! Se eu tivesse seguido a regra do que for será, teria o cabelo oleoso e sem graça e sobrancelhas grossas e espessas. Às vezes, temos de dar uma mãozinha às coisas, quer isso envolva produtos para o cabelo, pinças ou a interferência da melhor amiga na nossa vida amorosa.

Se estava à espera de que ele clamasse «Tens razão!» e corresse a declarar-lhe o seu amor eterno, enganei-me redondamente.

— Não. — Ele abana a cabeça, resignado. — Ela está apaixonada por outra pessoa. Não seria justo eu intrometer-me entre ela e a sua alma gémea.

— Mas ele não é a sua alma gémea! — brado eu, com uma sensação de desespero a crescer dentro de mim. — A Robyn não está apaixonada pelo Harold. Ela pensa que está, mas não está. Ela está apaixonada por...

— Daniel!

Sou interrompida por Marsha, que surge com um guincho de deleite.

— Olá, mãe. — Ele vira cor de beterraba quando ela se lança ao seu encontro, depois afasta-o para o ver melhor. — O que se passa? Porque estás tão triste?

— Não estou. — Ele exhibe um sorriso. — Está tudo ótimo.

— Maravilhoso! — Ela sorri radiante, o seu rosto corando. — E como está a Robyn?

Observando-os juntos, apercebo-me subitamente de que ele ainda não lhe contou.

— Ótima. Ela está ótima. — Ele assente com a cabeça, disparando-me um olhar como que a dizer, *Por favor, não digas nada*.

Passo os meus dedos pela boca, como que a dizer, *Os meus lábios estão selados*.

— Vês, se tivesses confiado nos meus dotes de casamenteira... — lamenta ela, lançando um olhar penetrante na minha direção. — Então, onde é que ela está? A Robyn vem ter ao apartamento?

— Ah, não, ela está ocupada.

— Ocupada? — Marsha começa a agarrar na sua pletora de malas e pacotes. — Não, vais ter de esperar. A mamã está ocupada — instrui ela *Valentino*, que lhe morde os saltos altos, querendo ser pegado. Volta-se para Daniel. — O que é que ela está a fazer?

— Eu... hum... — Daniel parece terrivelmente desconfortável. — Dá cá, queres que te ajude? — Baixa-se, mas Marsha enxota-o.

— Não com as tuas costas, Daniel.

— Mãe, eu estou bem.

— Lembras-te do que o médico disse sobre a tua ciática?

Valentino continua aos saltos tentando chamar a atenção. Daniel dobra-se para diante para agarrar numa mala e, não sei bem o que acontece, mas repentinamente ecoa um uivo estridente e Daniel parte em voo, juntamente com as malas e *Valentino*, que sai disparado de baixo dele como uma bala, com Daniel a aterrar num emaranhado no chão.

— Oh, não! — guincha Marsha, precipitando-se em ajuda do filho. — Estás magoado?

— Eu estou bem, mãe. — Lançando a *Valentino* um olhar furioso, Daniel começa a pôr-se de pé e a sacudir-se, enquanto Marsha se agita à roda dele. — A sério, eu estou bem. Não te preocupes... — Subitamente, interrompe-se. — Oh, porra!

— O que foi? — Marsha arqueja, os seus olhos imensos de preocupação. — São as tuas costas? Eu sabia que ias magoar as costas, eu sabia!

— Não, mãe, não são as minhas costas.

— Então o que se passa? — Ela está quase histérica. — Oh, não, é o teu coração? É o teu coração, não é? Vais ser como o teu pai.

— Não, é o quadro. — O seu rosto está pálido.

Marsha para de guinchar e franze a testa, confusa. — Que quadro?

Com uma expressão arrasada, Daniel aponta o embrulho que estava encostado ao lado, a par de algumas malas. É o quadro que a tia de Marsha lhe deixou. Obviamente, ela tinha-o trazido do escritório para o levar para casa de Daniel, mas agora o embrulho está todo rasgado e, por baixo, a tela também.

— Caramba, mãe, peço desculpa. Deve ter sido quando cáí... — começa ele a desculpar-se, mas ela detém-no.

— Oh, não te apoquentes com isso. — Ela afasta rapidamente as suas preocupações. — Era um quadro horrível.

— O que era? — pergunto, curiosa. Tenho estado a observar todo o desenrolar dos acontecimentos e, agora que Daniel pega no quadro, com o papel de embrulho em frangalhos, fito-o com interesse.

— Parece um palhaço — diz Daniel, examinando-o.

— Odeio palhaços. — Marsha estremece levemente. — São tão sinistros.

— Talvez possa ser reparado — digo eu, por cima do ombro de Daniel. — Estou certa de que podemos encontrar um restaurador. — Estendendo a mão com cuidado, puxo

para trás com os dedos o pedaço de tela arrancado.

— Não, não quero saber. Deita-o fora. — Marsha torce o nariz. — Eu nunca gostei dele.

— Mas era da tia-avó Irena — protesta Daniel. — Ela quis que ficasses com ele.

— Esperem, só um instante.

Ambos param de discutir e voltam-se para mim, expectantes.

— O quê? — pergunta Marsha. — O que foi?

— Vejam, por baixo — digo eu, sentindo um palpar de excitação. — Há uma outra tela escondida por baixo.

— Oh, uau, sim, tens razão — anui Daniel. — É uma outra pintura.

— Bem, quem diria — espanta-se Marsha. — A tia Irena sempre disse que as aparências podem iludir.

— Pergunto-me o que será — pondera Daniel.

— Bem, só há uma maneira de descobrir. — Olho para Marsha. — Posso?

Ela lança as mãos ao ar, como quem diz, *Claro, força*, e, assim, inspirando fundo, arranco a esfrangalhada tela do palhaço, com as suas cores berrantes e pinceladas inexperientes, revelando uma pintura totalmente diferente. Um retrato a nu de uma mulher, reclinada numa almofada, com querubins a dançar em volta.

— Até que é bonito — murmura Daniel, aprovador, mas eu não consigo responder. O meu coração bate tão forte aos meus ouvidos, que quase me sinto atordoada.

As distintivas tonalidades suaves. O familiar tema religioso. Não pode ser. Simplesmente, não pode ser... Com dedos trémulos, volto-o para a luz e estudo as iniciais no canto mais distante. É!

— Oh, meu Deus. — Arquejo, a minha voz quase um sussurro.

— O que foi? — pergunta Marsha.

— A sua tia tinha razão, as aparências *podem* iludir. — Voltando-me para ela, mal consigo articular as palavras. — *É uma obra de um Velho Mestre.*

Depois disso é um alvoroço. Daniel contacta de imediato um renomado especialista em arte de uma leiloeira, Marsha tem de se sentar antes que caia para o lado e eu, simplesmente, contemplo pasmada uma obra-prima inestimável. Nem consigo acreditar que esteve aqui todo esse tempo, encostada no escritório, completamente ignorada, e provavelmente teria permanecido enfiada algures longe da vista durante anos se o Daniel não tivesse caído sobre ela.

É como descobrir que temos o bilhete de lotaria premiado. Se for autêntica, valerá milhões. Quero dizer, imaginem só! Seria a resposta a todas as preces de Marsha. Mudaria tudo!

Com toda a excitação na galeria, perco a noção do tempo e só no último minuto me lembro de que a peça para a qual a Robyn me deu bilhetes é hoje. Quase me tinha esquecido. Recordada, deixo o trabalho e dirijo-me para o teatro.

Apesar de tudo, estou bastante desejosa de assistir. Consegui vender o outro bilhete

ontem por uns colossais cento e cinquenta dólares, pois parece ser uma boa peça e os bilhetes estão todos esgotados, por isso, será uma boa distração de tudo. Será agradável perder-me por umas horas, num mundo totalmente diverso.

Um que não envolva o Nathaniel Kennedy, reflito eu, relanceando para o telefone e jogando com a ideia de fazer mais uma tentativa. Verifico o meu relógio. Tenho uns minutos antes de a peça começar. Vale a pena tentar. Marcando o número dele, espero pela ligação. Provavelmente, não vai atender, digo-me, ouvindo-o tocar. Provavelmente está a filtrar as chamadas.

— Se é para me pedires de novo que vá a Veneza, a resposta continua a ser não — brada Nate, atendendo.

Há muito que dispensámos os «olás» e «como vais».

— Nate, por favor, ouve só... — tento persuadir, mas ele corta-me a palavra.

— Lucy, quantas vezes mais?

Exalo um suspiro, lutando por me manter calma. — Ouve, eu sei que tu achas que é uma má ideia.

— Acho que é provavelmente a pior ideia que já tiveste — ruge ele ao telefone —, o que quer dizer alguma coisa.

Sinto uma pontada de irritação crescer de intensidade. — Acho verdadeiramente que devias pensar melhor — argumento eu.

— Já pensei e a resposta é não.

Consulto o relógio. Bolas, a peça está prestes a começar. Tenho de entrar.

— Espera um momento — sibilo para o telemóvel e, escondendo-o debaixo do casaco, dou o meu bilhete ao arrumador e entro no teatro. Fico momentaneamente boquiaberta. Uau, é impressionante! Sinto uma agitação. Uma verdadeira peça da Broadway. Que excitação! — Desculpa, onde é que eu ia? — digo eu, recuperando o telefone.

— Ias desligar — diz Nate, sem emoção.

— É assim? Não vais mudar de ideias? — Começo a descer a coxia, verificando as letras de cada fila.

— Que parte de «Eu não vou a Veneza» não compreendes?

Encontrando a minha fila, começo a arrastar os pés até ao meu assento. Tenho de conseguir que ele mude de ideias, mas como? *Como?*

— Seja como for, tenho de desligar — dispara ele.

— Não, espera. Então e o táxi no outro dia? — Pedindo desculpa às pessoas que já estão sentadas, encaminho-me para o meio, onde vejo dois lugares vazios.

— O que é que tem?

— Temos de acabar com isso, de uma vez por todas, senão tu e a Beth...

— Lucy, para com isso. Tens de te controlar.

— Eu estou controlada — riposto eu, espreitando os números nas costas dos assentos. Vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro... Há um silêncio do outro lado da linha. — Nate,

estás aí?

— Sim, estou aqui.

Céus, que estranho. Por um momento, a sua voz não parecia vir do meu telefone, mas do meu lado. *Bingo!* Aí está o meu assento. Levanto o olhar e dou de caras com alguém que fez o caminho pela mesma fila, vindo da direção oposta.

— Nate! — Fito-o em choque. — O que estás aqui a fazer?

Seria de pensar que por esta altura eu já tivesse ultrapassado a parte da surpresa, não é? Mas não, aqui estou eu, a olhar para ele, de boca aberta.

— Como? — Ainda ao telefone, ele levanta os olhos, desnortado. — Eu vim ver a peça. Esse é o meu lugar. — Ele aponta para o lugar vazio ao meu lado.

Olho para o assento, atónita, depois de novo para Nate, quando finalmente encaixo. — Foste *tu* quem comprou o meu bilhete a mais no eBay?

— Era o teu bilhete a mais? — Ele olha-me, horrorizado.

Dá-se uma pausa enquanto nos entreolhamos, paralisados, até que as luzes baixam e somos forçados a ocupar os nossos lugares. A plateia fica em silêncio, à espera de que a cortina suba e a peça comece.

É então que ouço um sussurro no meu ouvido.

— Quando partimos para Veneza?

Veneza, Itália, 2009

Nada mudou. O calor do verão cria uma névoa tremeluzente, por entre a qual Veneza surge como um Canaletto ganhando vida. A cúpula da catedral de São Marcos ergue-se acima dos edifícios em tons pastel, com a sua pintura descascada e elegância envelhecida. *Vaporetti* zumbem. Turistas aglomeram-se. Na multidão, crianças correm pela praça, dispersando os pombos; homens de fatos elegantes e óculos escuros de marca sentam-se a fumar um cigarro; um guia com o seu guarda-chuva fala de História a um grupo de turistas alemães.

E ao fundo de um labirinto de ruelas, numa minúscula velha *pensione*, num quarto com uma colcha de cama rosa com folhos e um quadro da Virgem Santíssima, estão duas pessoas. Um americano stressado de fato a enxugar a testa e uma rapariga inglesa a tentar manter-se calma.

Sou eu e o Nate. De volta a Veneza, dez anos depois.

E, desta vez, *tudo* mudou.

— Bem, então qual é o plano? — diz Nate, rispidamente.

Tendo pousado a mala e pendurado o seu casaco na instável cadeira de madeira, vira-se para mim. O suor e o *stress* destilam dos seus poros. Mais valia ter «Não quero estar aqui» escrito na testa a grosso marcador preto.

— Hum, a questão é essa... — Vou até à janela e abro as persianas. A luz inunda o quarto, fazendo rodopiar as partículas de pó e paro um momento para me debruçar para fora e contemplar a pequena fatia de vida veneziana, na estreita ruela lá em baixo.

É também uma boa tática dilatória.

Porque, enfim, a questão é que não sei bem como o dizer ao Nate, mas ainda não acabei de formular o meu plano. Está quase lá. Simplesmente...

Oh, quem estou a querer enganar? Não há nenhum plano. A verdade é que não tenho a mínima ideia do que fazer a seguir.

— Lucy?

Viro-me para encontrar Nate ainda a fitar-me, só que agora o seu rosto está mais duro, como quando a comida começa a ficar fria e coagula no prato.

— Por favor, diz-me que tens um plano.

A sua voz soa fria e impaciente, mas consigo detetar uma pontinha de preocupação.

— Bem, não exatamente um plano como tal. — Tropeço nas minhas desculpas, enquanto os olhos de Nate me perfuram como *lasers*. — Está bem, não tenho um plano — confesso.

— Tu não tens um plano? — repete Nate, calmamente.

Como numa calma *sinistra*. Como no tipo de calma agourenta que sentimos ao abrir o

extrato do cartão de crédito, desdobrando-o lentamente, antes de o inevitável «Oh, meu Deus, *quanto?*» nos atingir como um camião de dez toneladas.

É *esse* tipo de calma.

— Ainda — acrescento, forçando um tom positivo. — Não tenho um plano, *ainda*.

Nate explode de fúria. — Mas que raio? — grita ele irado, lançando os braços ao ar. — Fazes-me vir até aqui, a Veneza, a Itália, e não tens um plano?

— Certo, certo, acho que ambos já percebemos. Eu não tenho um plano! — disparo, com impaciência. — O que é que vais fazer? Dar-me um tiro?

Exalando um suspiro, Nate senta-se na beira da colcha rosa com folhos e pressiona as têmporas. — Bem, pelo menos seria um plano — murmura ele, em voz baixa.

Disparo-lhe um ar furioso. Morte em Veneza não era o que eu tinha em mente. — Ouve... — Inspirando fundo, procuro focar-me. O que é que a Robyn disse? Ah, sim, algo sobre voltar à cena do crime. — Vai simplesmente ter comigo à Ponte dos Suspiros, ao pôr do sol — digo eu, num impulso.

— E depois o quê?

— Espera e logo verás — digo, com o máximo de confiança que consigo reunir. — Hei de pensar em alguma coisa.

Rolando as mangas para cima, Nate seca a testa com um lenço. — É bom que penses, porque saio daqui no primeiro voo de amanhã.

Pego nos óculos escuros e lanço a mala em volta do ombro. — Não te preocupes. — Estendo a mão para a porta. — Tenho tudo controlado.

Só que, é claro, não tenho.

Cambaleio lá para fora, para o radioso sol de Itália, o meu coração a bater fortemente no peito. A minha mente a mil. Porra. Maldita porra. Que raio é suposto fazer agora? Não faço *a mais vaga* ideia. A ansiedade arrepanha-me o estômago, como um carteirista a roubar-me o porta-moedas. Controlado, não haja dúvida! O que estou eu a dizer? Tudo está completamente *fora* de controlo. A minha vida saiu dos eixos. Caio de máquinas de ginásio quase partindo o tornozelo, faço feitiços mágicos e sou detida, quase me mato num acidente de carro e canto *karaoke*.

E agora, estou aqui, em Veneza, com o Nate.

E vou continuar com ele daqui a cem anos se não pensar em alguma coisa, e rápido! Um rasgo de medo trespassa-me enquanto parto pelos becos calcetados. Vou ficar presa ao meu ex-namorado para toda a eternidade. Vou morrer solteira e definhada, no leito de morte ainda a tentar livrar-me do meu ex.

Uma súbita visão de mim a grasnar, «Estás descartado!», e o Nate, um velho solteiro e murcho sem dentes, careca como um ovo, com os seus inauditos boxers, a grasnar de volta, «Não, tu é que estás descartada!», relampeja pela minha mente.

Estremecendo, procuro bloqueá-la. Quero dizer, por este andar ele vai sabotar a minha vida para sempre, penso em pânico. Uma memória do rosto de Adam surge-me na

mente — como se mostrara entusiasmado naquela noite no cinema, rapidamente seguido daquela mágoa, mais tarde, quando o Nate apareceu de repente. E eu também vou sabotar a vida do Nate, suspiro, pensando no meu telefonema com Beth, a sua ex-mulher. O Nate nunca vai poder tentar de novo, porque ela nunca o vai aceitar de volta.

Porque eu vou continuar com ele.

Um arrepio de frio apodera-se do meu coração. Vamos ficar prisioneiros um do outro.

Não vou conseguir ir a lado nenhum sem ele. Vamos ser como aqueles casais sobre os quais lemos que estiveram juntos por sessenta anos e nunca passaram uma noite separados e que nos fazem pensar: «Oh, que maravilhosa história de amor!»

Contudo, ninguém conhecerá a verdade.

Que não é nenhuma história de amor, é uma *história de horror*.

Talvez seja o mesmo com esses outros casais, penso, alarmada. Talvez esses casais sobre os quais lemos tenham passado os últimos sessenta anos a *tentar* desesperadamente passar uma noite separados e a sonhar ter um dia o edredão só para si. Talvez esses casais se tenham beijado debaixo de uma ponte em Veneza e tenham tentado livrar-se um do outro, ao longo de toda a vida.

OK, para, Lucy. Estás a ficar paranoica.

Voltando a esquina, vejo-me mergulhada numa massa de turistas. Abruptamente, percebo que estou na Praça de São Marcos. Estaco um momento para relancear em volta, a minha mente subitamente esvaziando-se de tudo, à parte a pura beleza e majestosidade de Veneza. O modo como os raios de sol rebatem nas pedras da calçada, uma brecha nas multidões revelando o brilho da água, os aromas densos a *espresso*, *aftershave* e fumo de cigarro, a toada apaixonada da língua que soa sempre aos meus ouvidos não-falantes-de-italiano como alguém que toca escalas num piano.

Céus, como adoro Veneza! Tinha esquecido o quanto, porque foi há muito. Como uma velha fotografia, esbatida pelo tempo, as minhas memórias da cidade ficaram embotadas. Com os anos, tornou-se simplesmente um pano de fundo, contra o qual se encenou a história mais importante de mim e do Nate e de como nos conhecemos. No momento em que partimos, foi como se Veneza parasse, deixando de existir. Como se estivesse só lá para nós, até voltarmos à faculdade, quando se voltou a dobrar e a ser arrumada de parte.

Sorrio com ternura perante a minha tola arrogância. Na minha mente adolescente, eu fora a primeira pessoa a descobrir Veneza e eu e o Nate tínhamos sido as únicas duas pessoas a apaixonar-se por entre os seus canais, *piazas* imbricadas e ruelas labirínticas. Nunca ninguém teria e poderia alguma vez sentir-se como nós.

Como estava errada, dou-me conta, atravessando a praça. Veneza tem uma vida própria, um sentido de História que eclipsa tudo o que eu e Nate possamos ter criado, uma magia que atrai os amantes, reflito, observando as dezenas de casais que se passeiam, de mão dada, sem dúvida sentindo exatamente o mesmo que eu e o Nate sentimos, num outro tempo. Como as duas únicas pessoas no mundo inteiro. Essa é a magia de Veneza — faz

todos sentirem-se especiais.

Virando outra esquina, penetro no labirinto de ruelas. É a primeira vez que aqui volto em dez anos e, embora eu tenha mudado, a cidade não mudou. Deambulo sem direção definida, apreciando a sensação de redescobrir o emaranhado de canais, *piazzas* umbrosas e os sons e cheiros que compõem Veneza.

Estive tão focada no Nate, em trazê-lo até aqui, em trazer-nos aos dois aqui, que nunca parei para pensar sobre *estar* realmente de volta a este lugar. Na minha cabeça, era simplesmente a cena do crime, a vilã, a causa de toda esta trapalhada, mas agora não consigo evitar apaixonar-me de novo.

Só que, desta vez, não é por Nate, é pela própria Veneza, medito, levantando os olhos para mais um magnífico edifício. Não sei o seu nome, mas todo um aglomerado de *paparazzi* apinha-se no exterior. É o festival de cinema e por todo o lado esvoaçam bandeiras, cartazes anunciam os filmes, os turistas mantêm as câmaras a postos na esperança de vislumbrar uma estrela. Ao que parece, a Penélope Cruz foi vista há pouco na Ponte de Rialto e o homem que nos fez o *check-in* jurou a pés juntos que o Tom Cruise estava hospedado no quarto doze.

Embora, de alguma forma, eu duvide. Todas as celebridades estão alojadas no grandioso Gritti Palace. Passámos por ele, mais cedo, vindos do aeroporto no *vaporetto* e havia uma grande extensão de passadeira vermelha desde o cais até ao bar de esplanada, mesmo em cima do canal. Via-se um fervilhar de atividade, dezenas de empregados em uniforme preto e branco, como um exército de pinguins, esvoaçando em volta a preparar tudo para a grande festa de estreia do festival, que terá lugar esta noite. Embora não faça a mínima ideia de que filme se trata.

O Adam saberia, entoa uma vozinha na minha cabeça.

Sinto um familiar sobressalto do estômago. Tenho tentado não pensar nele, mas agora o seu rosto assoma-me à consciência e a minha mente recua até à primeira vez que o vi na rua, com uma câmara e um microfone peludo. Até à noite no MoMA, a falar entusiástico da sua paixão pelos filmes. Até à noite em que nos encontrámos no cinema independente e em como ele estava excitado por partilhar o seu filme favorito comigo. Ele adoraria isto, refletiu, relanceando em volta, sentindo o burburinho do festival.

Por uma fração de segundo, penso em ligar-lhe, contar-lhe onde estou.

Mas é claro que é inútil, não é? Duvido sequer que atendesse. E mesmo que atendesse, como é que lhe ia explicar o que estou aqui a fazer? *Oh, olá, estou aqui no Festival de Cinema de Veneza com o Nate, a tentar quebrar uma velha lenda. Quem me dera que estivesse aqui!*

Pois, certo, Lucy. Que grande jogada.

Continuo a caminhar. A tristeza fere-me e procuro persuadir-me. Talvez uma vez tudo isto terminado, possamos recomeçar onde ficámos... mas eu sei que isso não vai acontecer. Ele nunca mais confiará em mim e porque haveria de confiar? Seja como for, sejamos realistas, acabou ainda antes de começar. O que foi? Uns poucos de beijos, dois

encontros, e pronto. Ele seguirá em frente, eu seguirei em frente. Não importa.

Só que *pareceu* importar muito. Não foram só uns poucos de encontros; foi mais do que isso. Foi ouvi-lo a falar e pensar que ele me lembrava alguém e perceber que era eu mesma. Foi a sensação que tive quando ele entrou na esquadra de polícia, naquela noite, e descobrir que não havia ninguém que mais quisesse ver. Foi vê-lo de pernas cruzadas no chão do meu quarto, a observar, entusiasmado, os meus cadernos de esboços e a dizer-me para seguir o meu sonho. Coisas pequeninas, simples, fugazes, que, contudo, deixaram uma impressão profunda em mim. Na altura, não o percebi, mas agora...

Agora, é demasiado tarde. O que quer que aconteça com o Nate, entre mim e o Adam acabou. Desta vez, não há segundas oportunidades.

Continuo a caminhar, as mãos enterradas fundo nos bolsos dos meus calções. Por todo o lado, à minha volta, há sons de riso e de excitação, que apenas acentuam ainda mais o contraste com a minha disposição.

Passados uns instantes, enveredo por um beco sombrio. Está silencioso aqui, não há sofisticadas galerias, bancas de *gelato* ou lojas de *souvenirs* para tentar os turistas, só o ocasional gato sentado à soleira de uma porta e uma corda de roupa estendida lá no alto. Lembra-me o Artsy e a sua corda de roupa artística. Penso na exposição iminente. Vai definitivamente acontecer. Falei com Marsha no JFK, quando estávamos a ponto de embarcar, e o quadro tinha sido examinado e era efetivamente um original de um Velho Mestre.

— O que, é claro, eu sempre soube! — declarara ela. — Como eu disse ao Daniel: «Eu sabia que a tia Irena não me ia deixar sem um centavo, eu sabia!»

O que não é exatamente verdade, mas o que interessa? Ela estava tão feliz e eu estou feliz por ela. O quadro vai ser posto em leilão e, com as receitas, Marsha poderá sem a menor dúvida pagar as suas dívidas e salvar a galeria. Mais, ela muito provavelmente poderá rodear-se de genuínos produtos de marca para o resto da sua vida. Ao que parece, tudo se resolveu pelo melhor para ela.

Chegando a uma pequena *piazza*, detenho-me. No centro, tem uma fonte com um peixe elaboradamente esculpido a jorrar água e um banco de madeira numa mancha de sol. Parece tentador. Estou cansada e as minhas sandálias começam a causar fricção com o calor. Apesar de ser o início de setembro, ainda parece verão. Grata, sento-me. Caramba, muito melhor. Descalçando as sandálias, agito os dedos dos pés e fecho os olhos por um momento, saboreando a paz e a tranquilidade. Só o som da fonte a gotejar.

— *Scusi*.

E de uma voz.

Abrindo de repente os olhos, vejo um homem que me espreita. Ele bloqueia o Sol e o seu rosto está na sombra, pelo que não lhe distingo as feições, mas consigo adivinhar os contornos do seu chapéu. Um chapéu de feltro branco.

Lá bem no fundo, uma memória agita-se e sinto um arrepio percorrer-me a espinha. Há alguma coisa nele. É-me familiar. Eu conheço-o, mas como?

Ele faz um gesto como quem diz, *Importa-se que me sente?*, e eu faço-lhe de volta um gesto como quem diz, *Não, é claro que não*. Enquanto se acomoda ao meu lado, o rosto vira-se para a luz.

E, subitamente, situo-o.

— É você! — digo, mais para mim do que para ele.

Ele olha-me, interrogativo.

— É o homem que me vendeu o pendente, que me falou da Ponte dos Suspiros. — Sondo-lhe o rosto sulcado por um sinal de reconhecimento. — Lembra-se? — Olho-o com ávida antecipação, aguardando a resposta. Pode ser isto. Pode ser a resposta que eu procurava. A esperança avoluma-se dentro de mim e sustenho a respiração no meu peito.

— Conto a muita gente essa história — confessa ele, os seus olhos enrugando-se num sorriso sombrio.

— Sim? — Sinto uma estranha pontada de desapontamento e baixo os olhos sobre o meu colo, para que ele não o veja no meu rosto. Todos estes anos, imaginara que eu e o Nate tínhamos sido especiais, contudo, agora, abruptamente, apercebo-me de que fomos apenas um entre centenas de casais a quem ele contou a história. Sinto o ferrão da insensatez. Eu ali a pensar que, de alguma forma, ele deteria o segredo, que poderia de alguma forma dar-me a resposta.

— E então, a lenda operou a sua magia? — Levanto os olhos, vendo-o a fitar-me com uma curiosidade divertida. — Ainda estão juntos?

— Pode dizer-se. — Encolho os ombros, pesarosa.

Ele franze a testa. — Desculpe... o meu inglês... — Ele ergue as palmas das mãos. — Não compreendo.

— É uma longa história. — Eu sorrio, apologetica.

Ele fita-me por um momento, os seus olhos procurando no meu rosto, procurando pistas. — Estão ambos apaixonados por outra pessoa? É isso?

— Sim, é isso — anuo, pensando em Nate. Mais cedo, no aeroporto, ouvi-o ao telefone com a Beth, ainda a tentar convencê-la a tentar de novo e o meu coração compadeceu-se dele. Ele está claramente apaixonado por ela e é ainda mais claro que só agora ele se começou a aperceber disso. Nunca o velho adágio «só damos valor ao que temos quando o perdemos» pareceu mais acertado. Mas, também, não é assim para tanta gente?, reflito com tristeza, pensando em Adam.

— Então e quanto a si?

Volto repentinamente à realidade. — Eu? Não — protesto, abanando a cabeça com determinação. — Não, não apaixonada... — As palavras ficam-me presas na garganta, enquanto a minha mente folheia imagens da minha breve relação com o Adam. Não era amor. É claro que não. Como podia estar apaixonada por alguém que mal conheci? E, contudo...

E, contudo, podemos passar toda uma vida com alguém e continuarmos a ser estranhos a essa pessoa, mas, por outro lado, podemos conhecer alguém de forma breve

que consegue ver dentro da nossa alma. Pode medir-se o amor em termos de tempo? Em termos do que seja? Ou será algo de inexplicável, sem lógica ou razão, sem explicação científica? Algo que simplesmente acontece. *Como por magia*.

Quando esse pensamento me atinge, apercebo-me subitamente de que não convenço ninguém, muito menos a mim mesma.

— Sim, estou — admito, voltando-me para olhar para o velho homem. A minha voz é sumida, mas firme. — Estou apaixonada por outra pessoa.

— Bem, então não se apoquente. — Ele sorri, tranquilizador. — A lenda é de facto poderosa, mas sabe o que é ainda mais poderoso? — Ele fita-me, os seus olhos escuros parecendo ainda mais escuros, e sinto os meus braços arrepiar, como todos esses anos atrás.

— *O amor* — diz ele, simplesmente. — O poder do amor.

Fito-o, um milhão de perguntas precipitando-se pela minha cabeça. — Mas...

— Adeus, Lucy. — Antes que eu possa terminar, ele levanta-se, inclinando o chapéu. — Diga olá ao Nathaniel por mim.

— Sim, eu digo — assinto, distraidamente, observando-o a virar costas e afastar-se. Então, atinge-me um pensamento. — Como é que ele se lembra dos nossos nomes?

Mas ele já se foi, desaparecendo por uma ruela, deixando-me com um emaranhado de pensamentos e de questões por responder.

Ainda estou sentada no banco, tentando dar sentido a tudo aquilo, quando o meu telefone toca. É a minha irmã, Kate. Atendo.

— Que tal Veneza? Já te livraste dele? — diz ela, com a sua característica frontalidade.

— Ainda não — digo, despreocupadamente, mas lembrada da razão de ali estar, sinto um aperto de inquietação. — Mas, enfim, como estás? — pergunto, varrendo-o para debaixo do meu tapete cerebral.

— Bem, queres as boas notícias... ou as boas notícias?

— Hã?

Segue-se uma pausa e depois...

— Está tudo limpo! — gritam o Jeff e a Kate em estéreo, as suas vozes tão sonantes que tenho de afastar o telemóvel do ouvido.

— Oh, meu Deus, isso é excelente! — exalo eu, sentindo uma imensa onda de emoções abater-se sobre mim: alívio, alegria, deleite... Quero dar um soco no ar, chocar a palma com um estranho, abraçar alguém, mas não há ninguém aqui, apenas eu, num banco, numa minúscula *piazza* em Veneza, a ouvir a minha irmã e o Jeff a mil à hora ao telefone, a contarem-me tudo sobre os resultados. Era de estádio um e ele não precisa de fazer quimioterapia. — Só de umas férias — diz Kate, entusiasmada —, umas belas e longas férias.

Ao ouvi-la falar, não consigo impedir-me de sorrir e não é apenas pela luz verde dada a Jeff. É pela mudança na minha irmã. Ouvi-la falar com entusiasmo de umas férias, é como uma nova Kate. Foi-se aquela irmã que gastava todos os momentos livres no escritório ou no ginásio, que estava tão focada em conseguir ser sócia ou correr na maratona, que perdera de vista quem e o quê são importantes na vida. Ela foi-se, naquele dia no hospital, e de alguma forma não penso que alguma vez vá voltar.

— Estamos a pensar em fazer um safari ou talvez mesmo mergulhar na Grande Barreira de Coral ou, disse o Jeff, porque não cometemos uma loucura e pedimos uma sabática do trabalho e fazemos ambas as coisas...

Enquanto ela fala, sou distraída por um casal que entrou pela *piazza*. Alheada, observo-os a tirar fotos um do outro à beira da fonte, antes de ele reparar em mim e se aproximar.

— Desculpe — começa ele, depois, percebendo que estou ao telefone, vacila. — Oh... perdão.

— Tudo bem. — Sorrio. O fulgor das boas notícias da minha irmã é contagiante. Quero dizer, aqui está um casal apaixonado, numa das cidades mais românticas do mundo, e querem tirar uma fotografia juntos. — Espera só um momento, Kate — digo à minha irmã, que agora se pergunta se deviam comprar bilhetes para dar a volta ao mundo, incluindo verem as Pirâmides também. — Tenho só de tirar uma foto.

— Não há problema. Falamos mais tarde — diz ela, alegremente, despedindo-se e desligando.

Não há problema? Fito, atônita, o meu telemóvel por instantes. Algo me diz que vou levar algum tempo a habituar-me a esta minha nova irmã.

— Muito obrigada.

Volto-me, vendo a rapariga do casal a sorrir-me e a estender-me a sua câmara. É uma daquelas grandes máquinas a sério, com lente de focagem manual, não como a minha pequena digital que simplesmente dispara.

— Importa-se de nos tirar uma aqui, contra o pôr do sol? — pede ela.

— Sem problema. — Sorrio, pegando na máquina e olhando para a lente.

Depois, subitamente, detenho-me. Rebobino. Ela acabou de dizer...?

— *Pôr do sol?* — Arquejo.

— Sim, não é maravilhoso? — O seu rosto ilumina-se enquanto gesticula na direção dele. — O céu parece fogo.

A voz dela é afogada pelo som do meu próprio coração a estrondear alto e desnorreadamente aos meus ouvidos, quando olho para cima. E aí está. Como um imenso cenário cinematográfico. Um céu cor de romã raiado de rosas e vermelhos e laranjas, e o Sol como um globo ardente a mergulhar atrás dos edifícios.

Oh, meu Deus!

A lenda. Tenho de ir ter com o Nate.

Viro-me. O casal continua a sorrir-me, os seus corpos a posar para a foto, mas agora eu sou toda dedos e polegares. Nem consigo focar. — Peço desculpa, mas tenho de ir — grasso, tirando rapidamente uma foto e passando-lhes a máquina. — Espero não vos ter cortado as cabeças. — Lanço-lhes um sorriso apoloético e, deixando-os a olhar-me, confusos, viro costas e começo a correr pela ruela fora.

Não me posso atrasar. Por uma vez na vida, não me posso atrasar. Tenho de chegar lá a tempo. Tenho de...

Raios, para onde estou a ir? Estaco, o meu coração disparado, a minha mente em desordem. Subitamente, no meio de tudo isto, apercebo-me de que não faço ideia em que direção devo seguir. Não faço a menor ideia de onde fica a Ponte dos Suspiros.

E fica pior. Nem faço ideia de onde estou, neste momento. Estou perdida. Sem um mapa. E nem sei falar italiano.

O pânico intensifica-se e, por um instante, permaneço imobilizada, como um coelho encandeado por faróis. Nem a minha rima da «Tremida Pua» me vai salvar agora. Vá lá, Lucy, *pensa*. Mas eu não consigo pensar, a minha mente está vazia e, em desespero, desato a correr por ruelas tortuosas, passando por lojas e restaurantes, por multidões de turistas e *paparazzi*.

— Desculpem, sabem onde fica a Ponte dos Suspiros? — pergunto sem fôlego a outros turistas, mas eles abanam a cabeça, apoloéticos.

Vislumbro um grupo de homens nitidamente italianos. — *Ponte dei Sospiri?* —

Arquejo desesperadamente.

— Ah, *sì, sì!* — Eles assentem e com uma série de gestos de mãos, apontam-me na direção certa.

Invade-me o alívio e, agradecendo-lhes profusamente, desato a correr pelas ruas apinhadas de gente. Está verdadeiramente movimentado agora. As festas do cinema preparam-se para a noite e *paparazzi* e equipas de filmagem agitam-se por todo o lado. Toda a cidade está iluminada. Até mesmo os canais, reparo, alcançando a água e vislumbrando uma gôndola mais adiante, as luzes intensas de uma equipa de filmagem apontadas a alguma celebridade ou assim.

E a ponte, apercebo-me, olhando para lá da gôndola e descobrindo o seu arco sobre o canal. É a Ponte dos Suspiros.

Sinto um ímpeto de antecipação e deslumbramento. É tão bonita. O mármore branco é como uma tela vazia, refletindo as tonalidades do pôr do sol e a ondulação da água em baixo e, por um instante, contemplo-a, hipnotizada. O efeito é quase mágico.

Porém, não posso ficar aqui toda a noite. Tenho de encontrar o Nate e, voltando à realidade, percorro a multidão. Avisto-o. A uns cem metros mais acima, ele está à espera junto a uma das pontes mais pequenas, onde se pode apanhar uma gôndola. Mesmo a esta distância, consigo perceber a expressão do seu rosto e não parece muito satisfeito. Descobrindo-me, fita-me furiosamente e lança os braços ao ar, como que a dizer: *Por onde diabo andaste?*

Apresso-me na sua direção. Raios, estou a ficar sem tempo. O Sol vai pôr-se. Eu vou chegar demasiado tarde. *Demasiado tarde para quê?*, entoa uma voz na minha cabeça. *Continuas sem ter um plano.* Ignoro-a. Ainda não terminou. Ainda tenho alguns minutos, digo-me freneticamente. Ainda há tempo para um milagre.

Pedindo licença para abrir caminho pela multidão, dirijo-me para Nate, mas é difícil. Há tanta gente reunida em volta a tirar fotografias à Ponte dos Suspiros, ao pôr do sol, à equipa de filmagem no canal.

— Oh, vejam, é aquele ator — sussurra uma voz, enquanto empurro para passar.

— Ele está na gôndola — grita outra voz, enquanto me espremo por uma brecha.

Olho de fugida para ver de quem falam e apanho um vislumbre da gôndola que vai mais cedo. É um qualquer jovem ator bonitão de Hollywood e luzes brilhantes incidem sobre ele. Um homem novo de boné de basebol está a entrevistá-lo.

Oh, meu Deus!

A respiração fica-me presa no fundo da garganta. Não pode ser...

Quando a gôndola desliza a passar, vejo-lhe o rosto.

— *Adam?* — Cambaleando com o choque, ouço a minha voz chamar o seu nome. Vejo-o olhar na minha direção.

— *Lucy?* — Ele arqueja, o espanto cruzando-lhe o rosto.

Os nossos olhos encontram-se por uma fração de segundo e, desequilibrada, não vejo por onde vou e, subitamente, sinto o pé escorregar. Vacilante, lanço os braços para me

agarrar a alguma coisa, mas só encontro o ar e sinto-me cair...

Consigo ouvir alguém gritar quando atinjo a água. Ou sou eu quem grita? Não sei dizer. Acho que bati com a cabeça. Tudo ficou turvo. Agora, engulo água e tento nadar, mas os meus braços debatem-se e estou a afundar-me. Consigo ouvir o coração a martelar nos meus ouvidos, sinto o pânico crescer-me no peito. Oh, céus, vou afogar-me. Vou...

Subitamente, do nada, um par de braços agarra-me e sinto-me ser içada da água para uma gôndola. Cuspindo e tossindo água, luto por respirar, mas é como se tudo se tivesse tornado um sonho, como se visse o mundo através de uma turva camada de vaselina. À minha volta, vejo as bocas de pessoas mexer-se, ouço as suas vozes abafadas, mas não sou capaz de responder. As minhas pálpebras tornam-se pesadas. Os membros não me parecem pertencer. O mundo parece recuar.

— *Fare la respirazione bocca a bocca!* — grita o gondoleiro insistentemente. — *Fare la respirazione bocca a bocca!*

— O beijo da vida — traduz uma voz. — Dê-lhe o beijo da vida!

O rosto de Adam lampeja sobre o meu, banhado pela luz dourada do pôr do sol. Notei o seu cabelo molhado, a água a escorrer-lhe pela cara, a sua expressão de urgência. Sinto a gôndola a entrar nas sombras, enquanto deslizamos sob a Ponte dos Suspiros. Estou tão cansada que só quero dormir. Exausta, fecho os olhos...

De repente, sinto os lábios de alguém nos meus, a sua boca pressionada urgentemente contra a minha. Despertando num ímpeto, abro os olhos e vejo Adam. O alívio cruza-lhe os olhos e ele para de me beijar. Por um momento, fitamo-nos simplesmente, sem dizer palavra, um milhão de perguntas suspensas entre nós.

Então, ouço-os, à distância, a ecoar suavemente. Ouço com mais atenção. Isso é...? Será...?

— *Sinos* — sussurro, enquanto Adam me observa, interrogativo.

— Já ouviram falar da lenda? — pergunta um forte sotaque italiano e ambos nos voltamos para ver o gondoleiro a sorrir-nos.

— Que lenda? — indaga Adam, ainda a segurar-me.

Esboço o maior dos sorrisos. — Oh, é uma longa história — e, lançando os braços em volta dele, inclino-me para mais um beijo.

Epílogo

Embrulhada no meu grosso casaco de inverno, gorro de pelo, cachecol de lã e luvas, apresso-me pela rua coberta de neve, o meu bafo formando nuvens brancas, como vapor soprado por um comboio. O crepúsculo desceu e está um frio intenso. Pingentes de gelo pendem como candelabros das bocas de incêndio e flocos de neve rodopiam em meu redor, como se estivesse dentro de um globo de neve da vida real.

Tiritante, envolvo melhor o casaco sobre mim. Provavelmente, devia ter apanhado um táxi, mas gosto de caminhar. Adoro esta altura do ano. Nova Iorque tornou-se num mundo invernosso encantado de decorações e luzes festivas a tremular nas janelas. A antecipação está suspensa no ar gelado. Nem acredito que será Natal daqui a poucas semanas. Parecem ter passado dois minutos desde que estive em Veneza, medito, a minha mente recuando à calidez do sol de Itália.

Foi há três meses que o Adam me beijou sob a Ponte dos Suspiros e, desde aí, não foram só as estações que mudaram. Ainda não consigo acreditar que ele estava lá para me salvar, quando caí ao canal. Depois disso, ele levou-me de volta ao seu hotel para nos secarmos e ficámos horas a falar sobre tudo.

Ele contou-me de como recebera um convite à última hora para voar até Veneza e filmar umas entrevistas. De como nunca parara de pensar em mim. De como sentiu tanto a minha falta, que pensou ter-me conjurado com a imaginação quando me viu na ponte. De como se sentiu quando me viu cair ao canal. Tudo isso jorrou para fora.

Depois, foi a minha vez. Eu tinha muito que explicar, sobre porque estava em Veneza com o Nate, como tínhamos estado juntos em Martha's Vineyard e como não, não tínhamos nenhum caso. Levei algum tempo a convencê-lo.

Três dias inteiros no seu quarto de hotel em Veneza, na realidade. Eu não fazia ideia de que convencer alguém pudesse ser tão prazeroso.

O meu salto desliza numa pedra escorregadia do pavimento e debato-me por manter o equilíbrio. Esse é o problema de usar saltos altos, reflito, descendo o olhar para os meus novos *stilettos* de cetim vermelho e sentindo uma onda de deleite. Totalmente impraticáveis, ridiculamente altos e absolutamente lindos. Mas, enfim, não podia usar umas galochas numa ostentosa exposição apresentando as obras do renomado artista Artsy, podia?

— Lucy, aí estás tu!

Chegando à galeria, sou recebida à entrada por um lampear de câmaras de *paparazzi* e por Marsha, resplandecente em *Gucci* dos pés à cabeça e com *Valentino* enfiado debaixo do braço.

— Peço desculpa pelo atraso — exalo eu, abraçando-a.

Por outro lado, nem tudo mudou.

No interior, a galeria agita-se numa atmosfera de excitação febril. A primeira exposição de

sempre de Artsy causou grande alvoroço e há uma multidão de pessoas, centenas de jornalistas e mesmo algumas celebridades a circular em volta das suas obras. A exposição foi o assunto do momento no mundo artístico e tivemos imensa publicidade. Marsha foi entrevistada pelo *New York Times*, a galeria apareceu na *Vogue* e há mesmo rumores de a *Vanity Fair* querer fazer um artigo.

Nas pontas dos pés, percorro rapidamente a multidão, os meus olhos procurando uma figura familiar. Então, vejo-o, a um canto, à minha espera.

Adam.

— Que engraçado ver-te aqui. — Ele sorri, desliza a mão em torno da minha cintura e dá-me um beijo.

Sinto um palpar de prazer. — Então, o que achaste da arte?

— Hum, bem, não estou muito certo em relação à roupa suja — ele gesticula na direção das cordas da roupa de Artsy —, mas acho que estes são incríveis — diz, avançando para uma série de esboços a carvão pendurados nas paredes.

— É mesmo? — Estudo-lhe o rosto com interesse. — E porquê?

— Adoro como captam as expressões das pessoas, as suas emoções, as suas esperanças. — Ele aponta um grande esboço de uma mulher, a dormir numa sala de espera de hospital, as contas de um rosário fervorosamente apertadas no colo. — Há toda uma história, toda uma narrativa, e isso foi captado na fugacidade de um momento com uns poucos traços a carvão.

— Sabes muito sobre arte — anuo, aprovadora, a minha boca torcendo-se.

— Tive uma boa professora. — Ele sorri, voltando-se para mim. — Além de que ajuda quando conhecemos a artista.

O orgulho cresce dentro de mim e o meu rosto abre-se no maior dos sorrisos. Porque aqueles são os meus esboços pendurados na parede da galeria. A exposição de hoje não é apenas sobre o Artsy, embora, evidentemente, ele seja a principal atração. É também a oportunidade de mostrar um novo talento. *Novo talento!* O meu coração sobressalta-se e quase tenho de me beliscar.

Foi o Adam quem me encorajou a seguir o meu sonho de me tornar artista, pelo que, quando regressámos de Veneza, comecei de novo a desenhar. Foi como se nunca tivesse deixado de o fazer. Em breve, não ia a lado nenhum sem levar o meu caderno, e as tardes e fins de semana eram passados a explorar a cidade, a capturar expressões, atmosferas, momentos. Até que um dia me enchi de coragem e os mostrei a Marsha, que lançou os braços ao ar, declarando-os «Maravilhosos!», repreendendo-me por esconder os meus talentos e propondo-me a minha primeira exposição.

Bem, digo «propor», mas foi mais um insistir, comigo sem palavras e a sorrir como uma tola. O que tenho feito bastante, recentemente. Vou a caminhar pela rua e, de repente, lembro-me de que estou numa exposição — *eu*, Lucy Hemmingway — e começo a sorrir para mim mesma. Já recebi alguns olhares curiosos. Estou certa de que outros novatos devem pensar que sou algum tipo de louca.

Mas não quero saber. Estou finalmente a seguir o meu sonho e nunca me senti tão feliz. Espero mesmo começar a trabalhar em *part-time* na galeria, para me poder concentrar na minha arte. Quem sabe o que pode acontecer! É assustador, mas é também empolgante, e aquela sensação incómoda desapareceu. Aquela parte de mim, que sentia sempre que alguma coisa faltava. Porque finalmente o encontrei. Encontrei isso e muito mais, reflito, olhando para Adam, que estuda um dos meus esboços, o seu braço ainda firmemente em redor de mim. Prova de que os sonhos se tornam de facto realidade.

— Boa, irmãzinha!

Ouvindo uma voz, rodo e vejo a minha irmã e o Jeff. Pelo menos, penso que é a minha irmã, porque está quase irreconhecível. Foi-se a palidez cinza — o seu rosto está tismado do sol e coberto de sardas — e o seu coque imaculado está em desalinho e raiado de um louro quase branco. Ainda mais chocante, o fato de mulher poderosa e saltos altos foram substituídos por um vestido de seda azul-claro e sandálias. E aquilo é um verniz *prateado* nas suas unhas dos pés?

— Voltaram! — exalo eu.

— Voámos de Bali, esta manhã. — Eles sorriem, entusiasmados.

— Como foi?

— Espetacular! Tens de vir lá a casa para ver as fotos — diz Jeff com entusiasmo, irradiando saúde e felicidade. — A foto da tua irmã a fazer *bungee jumping* na Nova Zelândia é incrível.

— A Kate? A fazer *bungee jumping*? — Fito-os aos dois, atónita. — Aliás, pensando melhor, tens a *certeza* de que és a minha irmã? — gracejo, lançando-lhe um olhar desconfiado, e Kate atinge-me a brincar.

— Bolhas?

Somos interrompidos por Marsha, que se aproxima com uma bandeja de flutes de champanhe. Apesar do turbilhão de empregados, ela insiste em servir ela própria as bebidas. — Quem quer bolhas?

Não é o tipo de pergunta que requeira uma resposta, empurrando um copo para a mão de cada um de nós. Acho que nunca a vi tão feliz. Não apenas salvou a galeria, comprou um elegante novo apartamento e está a organizar a mais solicitada das exposições na cidade, como se mimou com um *lifting* de sobancelhas, lipoaspiração e aumento dos lábios.

Ao que parece, a clínica de estética tinha uma oferta de três-por-dois. A Marsha pode ser milionária, mas gosta de uma boa promoção.

— Como vai? — pergunta Kate educadamente. — Está com bom ar.

— Estou maravilhosamente, maravilhosamente! — Marsha resplandece, lançando-se na sua narrativa do espantoso resgate da pintura, a qual, como todas as suas histórias, se tornou agora exagerada, envolvendo a Máfia e um possível rapto.

— Uau, isto é incrível! — brada Robyn, chegando e salvando-me de ouvir a história de Marsha pela enésima vez. Cumprimenta-me com um imenso abraço de urso. — Estou

tão orgulhosa de ti!

— Obrigada. — Sorrio, as minhas faces ruborizando.

— Não fazia ideia de que tinha uma colega de apartamento tão talentosa. Em breve-não-colega-de-apartamento — corrige ela, sorrindo largamente a mim e a Adam. Sinto um palpitar de excitação. Como eu disse, houve grandes mudanças desde que voltei de Veneza e uma delas é que eu e o Adam decidimos ir viver juntos. — Então, como está a correr a procura de apartamento?

— Neste momento, só conseguimos pagar uma caixa de sapatos em *Hell's Kitchen*. — Sorrio, pesarosa.

— Bem, pelo menos ficas com os sapatos arrumados. — Robyn sorri. — É o mais importante.

Adam revira os olhos. — Deixo-vos a pôr a conversa em dia. Vou buscar mais champanhe.

Rio-me. Há coisas que nunca mudam.

— Então, o que achas do Artsy, agora que finalmente o conheceste? — pergunto, excitada, assim que ficamos sozinhas. — Tenho estado toda a noite à espera de te perguntar.

— Acho que ele tem um namorado — responde ela, sem demonstrar emoção.

— O quê? — Olho-a, confusa, depois sigo o seu olhar até onde está Artsy, o braço deste firmemente entrelaçado em volta de um homem alto de cabeça rapada e braços tatuados. Nesse exato momento, inclina-se para ele e beija-o.

Por um ou dois segundos, entreolhamo-nos, nenhuma de nós dizendo nada, depois desatamos à gargalhada.

— O Harold tem um namorado? — Eu rio-me, abanando a cabeça diante da ironia.

— Exatamente. Estava a conversar com ele há pouco. Está interessado em juntar-se ao meu círculo de tambores, quando eles se mudarem para a cidade. — Robyn parece entusiasmada. — Parece que ele é incrível no *djembe*.

Olho-a, inexpressiva.

— É um tambor tribal africano — explica ela.

— Então, vais finalmente admitir que ele não é a tua alma gémea? — Ergo as sobrancelhas, enfaticamente.

Ela para de sorrir e esboça um ar acanhado. — Bem, sabes, a questão é essa — diz ela, lentamente, enrolando um caracol em volta do dedo. — Quando voltei a ouvir a gravação da minha leitura psíquica, a Suki nunca disse que o Harold *era* a minha alma gémea. Ela disse que eu ia *conhecer* a minha alma gémea e que devia estar atenta a um estranho moreno e atraente chamado Harold. Há uma grande diferença. — Ela interrompe-se de repente e vejo-a empalidecer.

É Daniel, num sobretudo azul-escuro, com flocos de neve ainda a reluzir-lhe no cabelo. Ele acabou de chegar e está a conversar com a mãe e Artsy. Não o vejo ou falo com ele há meses. Ninguém o fez. Aparentemente, esteve «fora em trabalho». Bem, essa é

a versão oficial. Embora, a julgar pela expressão de quando relanceia na nossa direção e avista Robyn, não tenha assim tanta certeza disso.

— Estás bem? — pergunto, voltando-me para ela, preocupada.

— Sim, estou bem. — Ela anui, claramente tudo menos bem. — Eu sabia que o iria ver esta noite. Estive a preparar-me para isso.

Olho-a, remexendo agitadamente nas suas pulseiras. Parece totalmente não preparada.

— Porque não lhe vais dizer olá? — sugiro.

Ela abana a cabeça. — Não acho que ele queira falar comigo — diz ela, num tom triste. — Passaram-se três meses e nunca me dirigiu palavra.

— E querias que o tivesse feito? — pergunto eu, suavemente.

Os seus olhos cintilam. — Fui uma total idiota, Lucy. Tu tinhas razão. Senti uma falta louca dele, mas agora acho que é demasiado tarde.

Ela parece desolada e eu aperto-lhe o braço em apoio. — Tu não sabes isso.

Soltando um suspiro, os seus olhos encontram os meus. — O que nos poderia voltar a juntar?

Mal ela acabara de o proferir, Artsy parte direito a nós e, depois de uma sessão de beijos no ar, anuncia num tom sonoro: — Robyn, quero apresentar-te uma pessoa. — Antes que eu consiga perceber o que se está a passar, vejo uma figura familiar num sobretudo azul-escuro, ao lado dele. — Robyn, este é o Daniel.

Por uma fração de segundo, eles trocam um olhar e coram.

— Olá. Prazer em conhecê-la, Robyn. — Alinhando no jogo, ele estende a mão.

Ela hesita por um momento, depois aceita-a. — Prazer em conhecê-lo também, Daniel.

Os seus olhos encontram-se e, ainda de mão dada, trocam um sorriso. O tipo de sorriso que acontece entre duas pessoas que se sentem as únicas duas pessoas numa sala.

E, repentinamente, atinge-me.

Não é o que os poderia voltar a juntar. *É quem!*

Artsy.

Também conhecido como Harold.

Mas é claro. O Harold nunca foi suposto ser a sua alma gémea; era simplesmente a pessoa que a iria reunir com a sua verdadeira alma gémea: *Daniel*.

Observo-os agora, sorrindo loucamente um ao outro. Sabem, se calhar a tal vidente vislumbrou alguma coisa...

Escapando-me discretamente, deixo Robyn e Daniel, e deambulo sozinha. A sós, bebo um trago de champanhe, saboreando aqueles instantes para relancear em volta da galeria, para Artsy, Marsha, Daniel e Robyn, Kate e Jeff, Adam... Sinto um fulgor de contentamento. Depois de tudo o que aconteceu, tudo se resolveu.

E o Nate? Não o voltei a ver desde Veneza. Reparei no Facebook que mudou o estado da sua relação para «casado com Beth» e indicou a sua morada como LA, mas isso foi há muito tempo. Desde então, ele desamigou-me, eu parei de dar de caras com ele e

acabaram-se as chamadas misteriosas.

Talvez seja simplesmente porque se mudou de novo para LA ou talvez seja, realmente, porque voltámos a Veneza e quebrámos o feitiço. Nunca saberei ao certo, mas se acreditarmos no destino como a Robyn, então tudo estava destinado a acontecer como aconteceu. Estava destinado que eu beijasse o Nate em Veneza há dez anos, que o voltasse a encontrar, rompesse com ele, depois *não* rompesse, o que me forçou a voltar a Veneza, porque foi assim que acabei com o Adam. Todos esses eventos conduziram-me ao Adam. Estava escrito nas estrelas desde o início.

Ou talvez sejam como a minha irmã e pensem que isso é tudo um monte de disparates. Que não existe tal coisa como a magia e as lendas e o Destino, que foi simplesmente uma série de coincidências que continuou a juntar-nos a mim e ao Nate, que me deixei arrastar pela imaginação.

Pessoalmente, penso que o velho italiano estava certo, que nada é mais poderoso do que o amor e, ao apaixonar-me pelo Adam, quebrei finalmente o feitiço que o Nate tinha sobre mim. Pude seguir em frente.

E a lenda? Será real? Ninguém sabe, mas se o é, o Adam e eu estamos agora juntos para toda a eternidade e nunca nos poderemos separar. Teremos de passar o resto da nossa vida, juntos.

Olho para ele que, ao ver-me, abre um sorriso.

E eu não poderia sentir-me mais feliz com isso.

Confissões de Uma Quarentona na M*rda

Alexandra potter

ALEXANDRA POTTER

confissões de uma quarentona na m*rda

~~#obençoada~~

~~#vencendonavida~~

~~#nãofaçotudoqueestouafaz~~

«Muito e rápido...
e tão simples»

Juliana

«A nova Bridget Jones
para os nossos tempos»

Isabel



Nell chegou aos quarenta e nada na vida lhe correu como planeado: o seu café-livraria faliu e o noivo trocou-a por uma mulher mais nova. É então que regressa a Londres determinada a esquecer a vida na Califórnia e a recomeçar de novo. Mas tudo mudou nos últimos dez anos: as rendas aumentaram, os amigos casaram e têm filhos, e Cricket, a sua nova melhor amiga, é uma viúva octogenária. Num mundo de vidas perfeitas partilhadas no Instagram, Nell sente-se mesmo uma quarentona na m*rda.

Mas Nell é uma mulher determinada e não se deixa abater. Com a ajuda de Cricket, ela acredita que consegue dar uma volta radical à sua vida e que as coisas serão diferentes no ano seguinte. Mas, primeiro, ela tem uma confissão a fazer...

Mais informações em

[*www.sde.pt*](http://www.sde.pt)



Alexandra Potter nasceu em Yorkshire e sempre teve o sonho de se tornar escritora. Depois de se formar em Literatura Inglesa na Universidade de Liverpool, mudou-se para Londres, onde trabalhou em várias revistas. A decisão de começar a escrever surgiu depois de elaborar um artigo para a revista *Vogue* sobre jovens escritores. O seu sentido de humor, os diálogos espirituosos e as personagens empáticas tornaram os seus livros em sucessos imediatos que foram traduzidos para 25 línguas e que são presença assídua na lista de *bestsellers*. Mais informações em alexandrapotter.com/.

Mais informações em
www.sde.pt